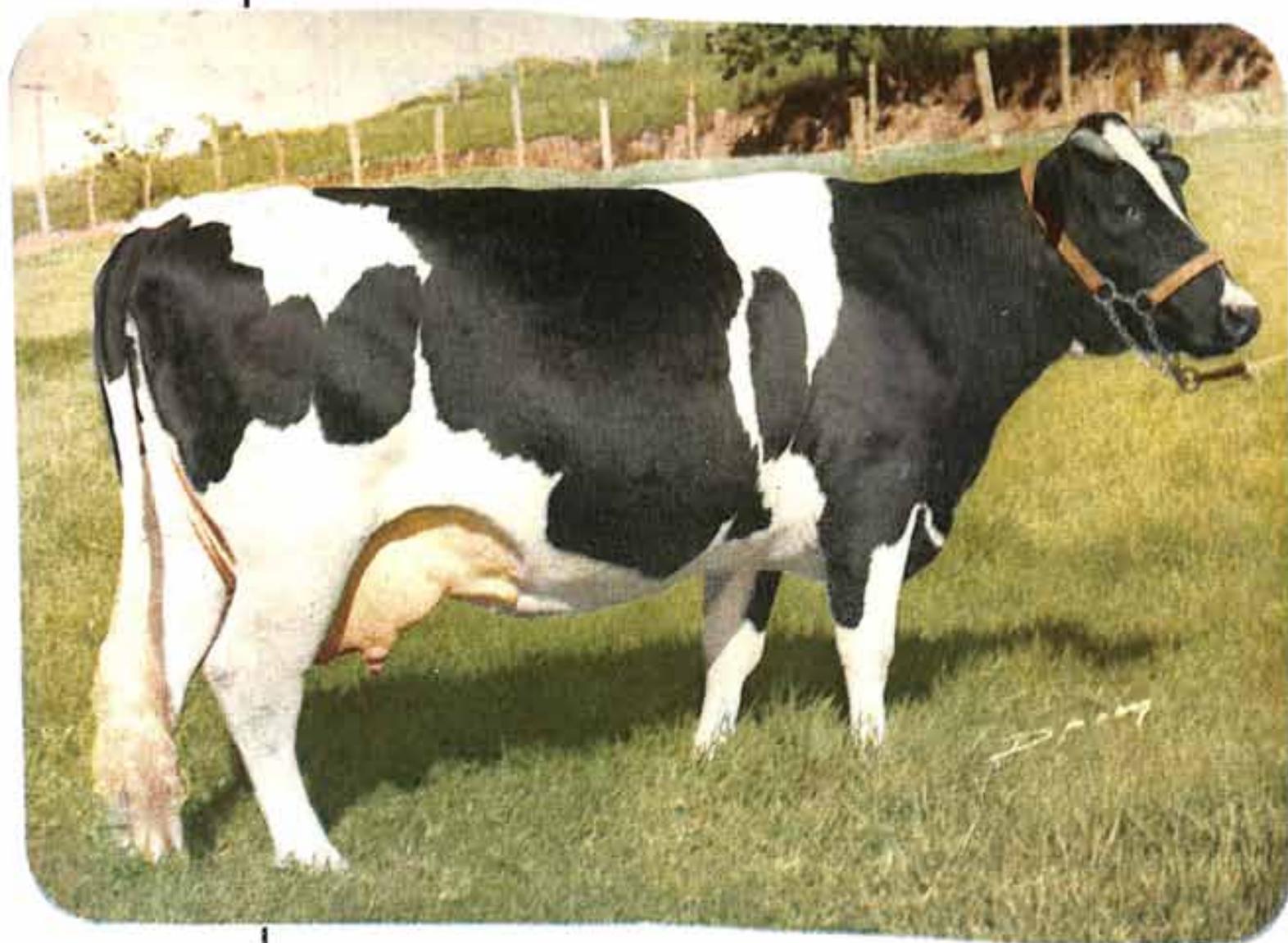


REVISTA DOS CRIADORES



NESTE NUMERO

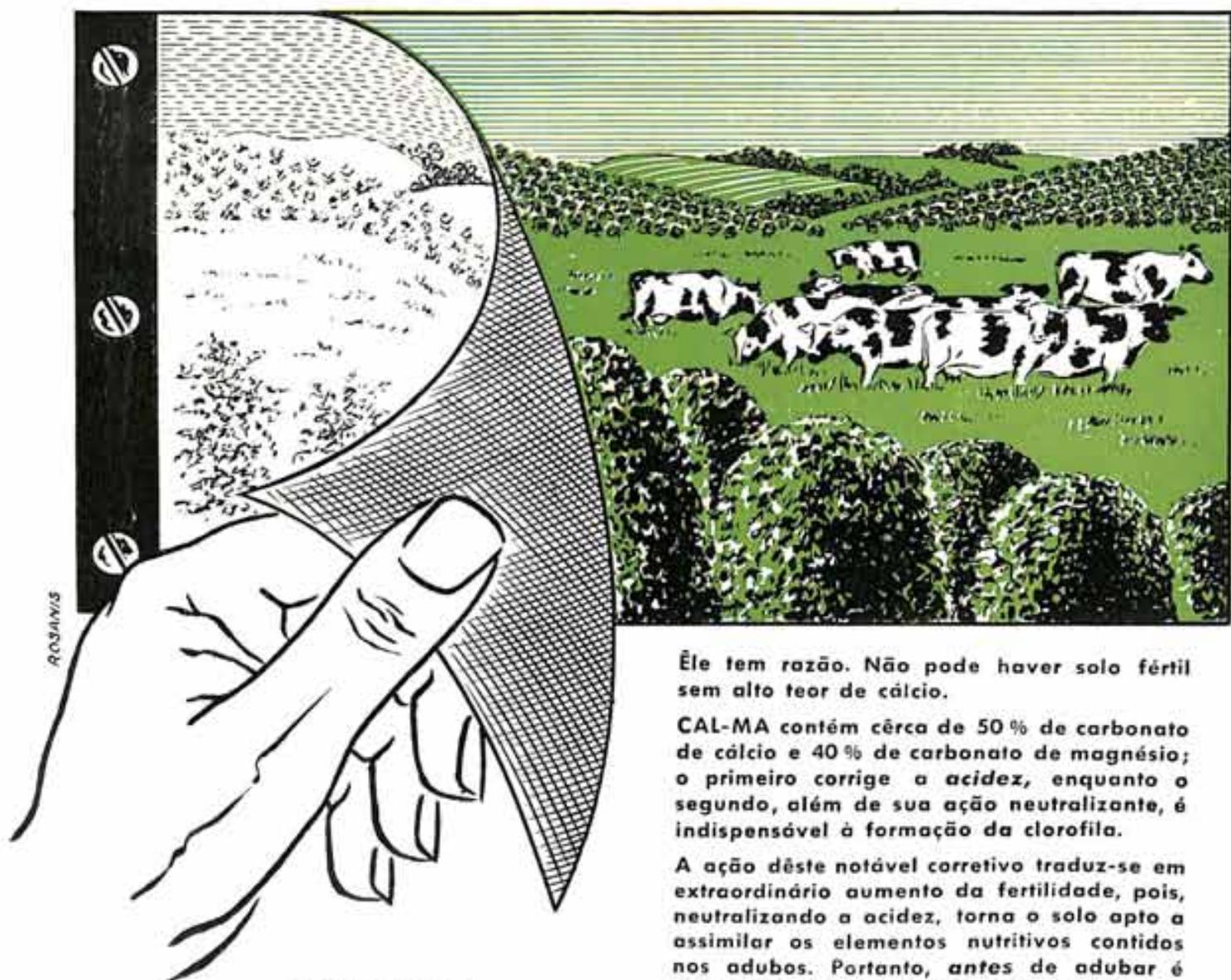
- ESTAMOS ESMORECENDO DIANTE DO PLANO DAS EXPOSIÇÕES ESPECIALIZADAS?
- ALIMENTAÇÃO PARA O GADO LEITEIRO — AVEIA E VÍCIA VILOSA
- AVICULTURA — PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA DAS RAÇÕES DE POSTURA EM RELAÇÃO AO CUSTO DE PRODUÇÃO DE OVOS
- O ZEBU NA ÍNDIA
- A CRIAÇÃO DE BÚFALOS
- O QUE SE DEVE SABER SOBRE O GARROTILO
- SERÁ PRÁTICO IRRIGAR A PASTAGEM?
- MERCADO DE CARNE E DO LEITE

Depois que comecei a usar
O CORRETIVO **CAL-MA***



minhas terras ficaram assim!

* à base de carbonato de cálcio e de magnésio



Ele tem razão. Não pode haver solo fértil sem alto teor de cálcio.

CAL-MA contém cerca de 50 % de carbonato de cálcio e 40 % de carbonato de magnésio; o primeiro corrige a *acidez*, enquanto o segundo, além de sua ação neutralizante, é indispensável à formação da clorofila.

A ação deste notável corretivo traduz-se em extraordinário aumento da fertilidade, pois, neutralizando a acidez, torna o solo apto a assimilar os elementos nutritivos contidos nos adubos. Portanto, antes de adubar é preciso corrigir a acidez, com CAL-MA.

PRODUTORES:

AMARAL, MACHADO & CIA. LTDA.

(Empresa de mineração autorizada a funcionar pelo decreto-lei n.º 30.102 de 26.10.51)
Av. João Conceição, 445 - End. Teleg. "CALMA" - Fone 674 - PIRACICABA, SP

DÊ NOVA VIDA ÀS SUAS TERRAS COM **CAL-MA**

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Luiz A. Penna

REDATOR

Dr. Fidelis Alves Netto

COLABORADORES ESPECIALIZADOS

Dr. José de Assis Ribeiro

Dr. Henrique Raimo

Dr. Rolando Lemos

REPRESENTANTE NO DISTRITO FEDERAL

Mario Land Ferreira Lima

Rua Paulo Barreto, 69

Tel.: 46-0589

VENDA AVULSA NO DISTRITO FEDERAL

José Fico

Rua da Constituição, 36 — 2.º

CORRESPONDENTE EM MOÇAMBIQUE

José Antonio Cardoso Vilhena

Médico Veterinário

REDAÇÃO

Rua Frederico Abranches, 37

Tel.: 51-6380

Endereço telegrafico:

«CRIADORES»

SÃO PAULO — Brasil.

ASSINATURAS

1 ano	Cr\$ 100,00
1 ano (sob registro postal)	Cr\$ 106,00
Semestre	Cr\$ 60,00
Numero avulso	Cr\$ 10,00
Numero atrasado	Cr\$ 12,00



Revista dos Criadores

ORGAO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO

PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

ANO XXV

NOVEMBRO - 1955

NUMERO 311

SUMARIO

	Pag.
Estamos esmorecendo diante do plano das exposições especializadas?	2
Alimentação para o gado leiteiro — Aveia e vicia vilosa — Guilherme Plichta.	4
Economia — O 24 de Agosto do povo — Brenno Ferraz do Amaral Avicultura — Produtividade e eficiencia das rações de postura em relação ao custo de produção de ovos — Henrique F. Raimo	8
Fenação — Luiz Paulin Netto	12
O zebu na Índia — J. Barrisson Villares	14
A criação de búfalos — II — Area geografica da especie — Alberto Alves Santiago	18
O que se deve saber sobre o garrotinho — Dr. Walter C. Battiston	24
Quanto sal precisa o gado leiteiro? — S. E. Smith	29
Será pratico irrigar a pastagem? — G. E. McKibben e H. A. Cate	32
O composto e seu preparo — Meios de fermentação — E. J. Kiel	36
Secagem artificial de alimentos e forragens	39
Bibliografia	45
O queijo de Granja (Cottage Cheese) — Uma solução para o aproveitamento do leite magro — P. Mucclolo e O. Barbuto	46
Secção Juridica — O imposto de sisa em doações de padrastrós para enteados — Rolando Lemos	47
O caso da carne — O plano de abastecimento e a liberação de preços	52
A subsolagem — Osiris Tolaine	53
Alteração dos alimentos	54
Épocas de plantio do café — Lauristan Pousa Bicudo	56
As arvores — José Assis Ribeiro	57
Conheça as doenças do seu alfafal — Earl K. Wade	60
A Fazenda Leiteira — Sobre escolha de raça — Clarence H. Eckles, Ernst L. Anthony e Leroy S. Palmer	61
Mercado de carnes	62
Mercado de laticínios	64
Calendario Agrícola — Dezembro em S. Paulo	65
Relatorio n.º 130 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B. ..	66
	68

NOSSA CAPA...

FAROLEZA SENTINEL — Campeã pura por cruzada da 1 Exposição Feira de Gado Leiteiro, realizada no Parque da Agua Branca, em Julho, ultimo e campeã em leite do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., na categoria de 4 a 5 anos, três ordenhas, com produção em 385 dias de 9.019,515 quilos de leite e 275,100 quilos de gordura com 3,05%. É filha do touro provado Carnation Sentinel que tem 29 filhas sob controle leiteiro oficial da A.P.C.B. e com produção de 5 a 9 mil quilos de leite em uma lactação. Sua mãe FORTALEZA, também sob controle oficial, pode ser considerada como a maior e melhor produtora nacional. Em 9 lactações produziu 44.348 kg de leite e está iniciando a décima lactação devendo, se não houver contratempo, alcançar os 50.000 quilos. Criação e propriedade do Colégio Adventista Brasileira, Santo Amaro, São Paulo.

Estamos esmorecendo diante do plano das exposições especializadas?

Com a realização da I Exposição-Feira de Gado Leiteiro inaugurou-se o plano de exposições especializadas no Parque Dr. Fernando Costa em São Paulo. O êxito dessa manifestação ainda está aí e ainda estão bem vivos os seus resultados; mesmo o filme colhido não foi projetado publicamente, nem foi realizada a reunião final da Comissão Organizadora.

No entanto, já se sente que está havendo algum atraso na programação das demais exposições do plano, da exposição do gado indiano prevista para Março e da de pequenos e médios animais, também prevista para Setembro. Desta última, nada se pode dizer, porque não só já se passou a época, mas também porque a realização tardia da exposição de gado leiteiro muito a prejudicou. Mas a de gado indiano em Março, a execução do plano na íntegra, em 1956, ainda é possível.

Quem deve tomar a iniciativa?

Todos olham para a A.P.C.B., sempre operante e decidida, colocada na vanguarda dos empreendimentos benéficos à pecuária. Assim foi com o registro genealógico, com o controle leiteiro, com os leilões especializados; etc. e assim todos esperam que continue acontecendo com o plano das especializadas que, em boa hora, ela amparou e resolutamente começou a realizar.

Sabemos que os resultados financeiros da primeira mostra foram máus; houve sério déficit, que alcançou a casa das quatro centenas de milhares de cruzeiros, golpe bastante duro para uma associação de criadores, que tem seu patrimônio feito com inauditos esforços e que muito pouco amter sido útil. Reestudada a organização do certame e conhecidas as razões do malogro, poder-se-á removê-las, o que, por certo, fará com que passem os resultados financeiros a acompanhar os resultados técnicos, que foram os mais animadores possíveis. Que melhor se apliquem as verbas de publicidade, as de despesas gerais, com pessoas de fóra e outras, que se limitem os gastos à receita previsível e tudo sairá bem. Não importa que a exposição tenha menos pompa que as exposições oficiais. Elas devem começar modestas mesmo, para poderem crescer. Temos certeza de que os benefícios que podem trazer aos criadores são tamanhos, que não recusarão eles a necessária colaboração a esse empreendimento, desculpando deficiências, que possam apresentar por motivos de ordem econômica.

O que importa é a decisão de resolver realiza-la, aproveitando já o que não custa muito agora, que é o tempo, enquanto dele se dispõe. Com tempo pôde-se programar, realizar e economizar muito: decisões de última hora tudo encarecem.

Todos esperam que a A.P.C.B., por sua operosa Diretoria, tome as primeiras providências. Pelas observações que vimos fazendo, estamos seguros de que a idéia tem grande receptividade, muitos estando prontos a colaborar. Se nem todos podem oferecer recursos para a realização, existem muitas formas de cooperar, que valem muito mais do que qualquer auxílio financeiro e podem conduzi-los a isso.

Outras associações e órgãos de classe, estamos certos de que irão colaborar com satisfação nêsse novo empreendimento, que afinal beneficiará a todos indistintamente, particulares ou elementos oficiais.

O "Parque Dr. Fernando Costa", em situação privilegiada na grande capital paulista, oferece vantagens não superadas por qualquer outro. Não aproveitá-las é deixar de trabalhar pelo progresso de nossa Pátria.

contra
a diarréia dos
bezerros



CURSEON
Hertape

em ampolas ou frascos

Outros produtos
Hertape:

Lombricin e
Zoovermil.

Laboratório
HERTAPE Ltda.

Rua Cardoso, 41
C. P. 692 - Belo Horizonte

OS PRODUTOS HERTAPE ACHAM-SE
À VENDA NAS PRINCIPAIS
CASAS DO RAMO.

ADUBAÇÃO EXATA ?

Exija de seu fornecedor
FORMULAS COMPLETAS
EQUILIBRADAS COM

POTASSA

o elemento indispensável para o bom
efeito do fósforo e do azoto

Informações e folhetos técnicos
gratuitos

**COMPANHIA BRASILEIRA
DE POTASSA E ADUBOS**

Praça da República 270 - 7.º andar

Salas 708/712 - Cx. 6082

SÃO PAULO

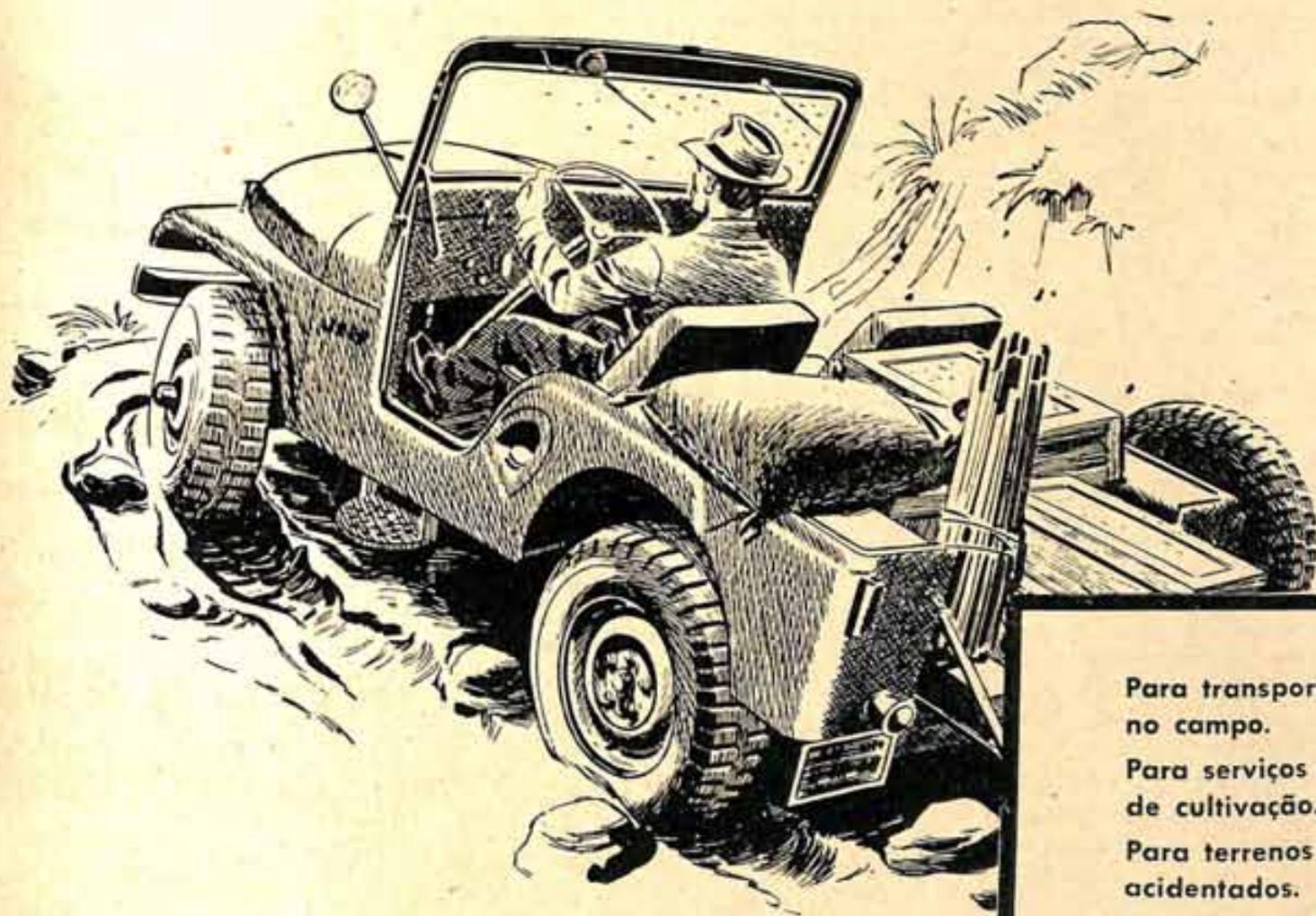
Mais espaço útil

Jeep

WILLYS-1955

Último modelo americano - Agora produzido no Brasil!

p.a.nascimento - 80-028



O "peão" para todo o serviço, na fazenda, no sítio e na granja, foi dotado de inovações e aperfeiçoamentos que multiplicam sua utilidade, em escala sem precedente. O espaço interior, foi aumentado na largura e no comprimento. Mais robusto e mais confortável, o novo Jeep-Willys 1955, de tração nas 4 rodas, é, mais do que nunca, o veículo ideal para a Lavoura.

Para transporte
no campo.
Para serviços
de culturação.
Para terrenos
acidentados.
Para estradas
intransitáveis.

serva-se do

Jeep
WILLYS-1955



WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.

FÁBRICA: SÃO BERNARDO DO CAMPO - ESTADO DE SÃO PAULO - DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

Alimentação para gado leiteiro

E' mais ou menos comum afirmarem os criadores norte-americanos de gado leiteiro uma verdade percebida por todos: "O bom criador é, antes de tudo, um competente cozinheiro, para suas vacas".

Há muito que isso é sentido entre nós, pois todos conhecem a luta permanente de todo criador ante o problema de como e com que alimentar seu rebanho. Em regra, os criadores bem sucedidos são aqueles que se dedicam com afinco à solução do problema da produção e da obtenção de alimentos para seus animais.

Todavia, nos dias de hoje, a alimentação de rebanhos leiteiros com resíduos industriais, cujos preços e cuja distribuição são controlados, tende a apresentar dificuldades cada vez maiores. A disputa dos resíduos aumenta dia a dia, não só porque cresce o número de interessados di-

retos ou de intermediários, mas também porque diminui ou se torna cada vez mais irregular a sua produção. Além disso, outros fatores conhecidos têm papel preponderante na questão, como o transporte, a organização dos serviços, a política, cuja flutuação e insegura orientação impedem que sejam traçados e seguidos a tempo e hora, adequados programas de forrageamento.

Por isso, cresce o número de criadores que começam a buscar em outras produções a estabilidade que não conseguem com os resíduos industriais. O melhor trato dos pastos, a produção de silagem de milho e de sorgo, as culturas de guandú, aveia, adlai, centeio, cevada, trevo, batata doce, mandioca, cana e tanta variedade de capineiras, são os recursos com que cada um isoladamente, vem buscando acobertar-se das deficiên-

cias decorrentes do abastecimento de resíduos industriais. Uma partida de torta de algodão ou farelo de trigo é esticada ao máximo, porque nunca se sabe quando virá outra. As rações balanceadas, também úteis e indispensáveis em muitas circunstâncias, trazem, porém, um onus que nem todos podem suportar ainda, determinado pelo seu preço.

Com o intuito de cooperar nesta luta constante, vamos começar neste número, com uma preciosa informação que recebemos da Agro-Pecuária Primavera Ltda., Fazenda Primavera, Jarinú, por gentileza do engenheiro agrônomo Guilherme Plichta, com a colaboração de Nelson Nobrega, sobre os resultados registrados no plantio de aveia.

Vejamos, o que nos diz o Guilherme Plichta, em resposta às perguntas que lhe dirigimos.

AVEIA E VÍCIA VILOSA

OBTENÇÃO DE MASSA VERDE NO INVERNO, DURANTE A SECA

Guilherme PLICHTA

Na Fazenda Primavera, propriedade da "Agro Pecuária Primavera Ltda.", situada no município de Jarinú, Estado de São Paulo, foi plantada este ano (1955), uma área de dois alqueires de aveia com o fim de obter massa verde para o gado leiteiro durante a época da seca. A metade foi plantada somente com aveia branca comum do Rio Grande do Sul, e a outra metade consorejada com Vicia Vilosa importada da Suécia.

A aveia é uma planta que exige bastante umidade, para desenvolvimento compensador. As terras preferidas são baixadas, sólo solto, profundo e fresco, onde, mesmo na época da seca, a planta alcança a umidade a mais ou menos 15 cm abaixo da superfície do sólo. Onde não existem estas condições, devem-se fazer irrigações artificiais por aspersão, à razão de 50 m/m de chuva artificial a cada 12 a 15 dias.

No preparo da terra é suficiente uma aração só, seguindo-se a gradeação.

Após a gradeação, segue-se a adubação, efetuada, na Fazenda Primavera, pela máquina adubadeira "Ezze-Flow", produto da firma Massey-Harris, que está fazendo um serviço perfeitíssimo. Onde não se tiver esta máquina, pode-se esparramar o adubo a mão, a lança.

Usamos como adubação, o seguinte, por alqueire:
2.000 kg de Calcáreo,
700 kg de Superfosfato,
150 kg de Cloreto de Potássio
150 kg de Salitre do Chile.

Em cima desta adubação, passa-se a segunda gradeação, para incorporar o adubo ao solo, seguindo-se a plantação.

O plantio foi efetuado com máquina semeadeira de 13 linhas (18 cm de espaço entre as linhas), da famosa marca "Massey-Harris", à razão de 200 quilos de semente de aveia limpa por alqueire. Foram misturados aveia e vicia vilosa em partes iguais.

A semente deve ter sido imunizada com "Neantina", (produto químico da Bayer), ou outro imunizador equivalente, para proteger a plantação contra fungo, e outros inimigos.

Onde não exista máquina semeadeira, pode-se jogar a semente a lança e enterrá-la com grade de discos.

A plantação de aveia dispensa qualquer capinagem até a época da colheita.

Recomendamos a plantação em dois talhões e em duas épocas diferentes, com o fim de ter massa verde durante os cinco meses da seca.

Pode-se semear metade nos últimos dias de Março,

e metade mais ou menos a 1.º de Maio, para evitar que a última aveia fique secando (amadurecendo).

O rendimento de massa verde varia de 120 a 180 toneladas por alqueire, resultado que depende da qualidade do solo, do preparo da terra, da adubação, das chuvas, etc.

Dois alqueires de aveia dão alimentação para cem vacas leiteiras durante quatro meses, contando-se vinte quilos de massa verde diariamente para cada vaca.

Tanto a aveia pura, como a consorciada com vicia vilosa, são aceitas com grande ávidez por bovinos, equinos, muales, e também suínos.

No ano passado, a Fazenda Primavera teve uma colheita extraordinária: 200 toneladas de massa verde, por alqueire, 60 % de aveia e 40% de vicia.

Este ano, a colheita é menor: 150 toneladas por alqueire, porque experimentamos terras inferiores.

A colheita pode começar três meses e meio após a semeadura, obtendo-se assim uma excelente massa verde, de princípios de Julho a meados de Novembro, justamente na seça mais brava.

Colhe-se a massa com uma ceifadeira ou com alfanque; um homem corta facilmente 2.500 a 3.000 quilos por dia.

Na Fazenda Primavera já estamos plantando aveia há dois anos (1954 e 1955), e observamos que a aveia só ou consorciada com Vicia é muito resistente à geada. Tivemos este ano (1955) na Fazenda Primavera, geadas fortíssimas, até 8 graus abaixo de zero. Todas as plantas de forragens morreram: Lab-lab, Guandú, Mucuna, Soja, Desmodium, etc. a aveia e a vicia resistiram galhardamente!

Todo ano, quando começamos a tratar o nosso gado leiteiro com massa verde de aveia e vicia, o leite vai subindo e as vacas apresentam um estado físico mais bonito.

Todas as granjas leiteiras deveriam plantar esta valiosa gramínea, para o tempo da seça, evitando assim a queda do leite e conservando as vacas em excelente estado físico.

Abaixo damos o custo da produção de aveia verde por alqueire e por quilo:

CUSTO DA MASSA VERDE DE AVEIA, POR ALQUEIRE		Cr\$
1 - Aração por alqueire		300,00
2 - Primeira gradeação		150,00
3 - Esparramação de calcário		150,00
4 - Esparramação de adubo químico		150,00
5 - Segunda gradeação		150,00
6 - 2.000 quilos de calcário incl. carretos		1.500,00
7 - 1.000 kg de adubo químico incl. carretos		3.500,00
8 - Plantio (Semeadeira) com máquina		185,00
9 - Semente - 200 quilos a Cr\$ 10,00		2.000,00
10 - Irrigação - 4 vezes a Cr\$ 800,00		3.200,00
11 - Colheita - 60 dias a Cr\$ 50,00		3.000,00
12 - Diversos		715,00
		<hr/>
		15.000,00

Despesas totais por alqueire
Contando com uma colheita média de 150 toneladas por alqueire, temos o custo baixíssimo de Cr\$ 0,10 (dez centavos), por quilo de massa verde.

NOVEMBRO DE 1955

Banco do Brasil S. A.

SEDE — Rio de Janeiro — Rua 1.º de Março, 66

FILIAL — SÃO PAULO

R. Álvares Penteado n. 112 e Av. São João, 32

(Nova Edifício)

★

METROPOLITANAS EM S. PAULO

Brás	— Av. Rangel Pestano, 1990
Bosque da Saúde	— Av. Jabaquara n. 476
Ipiranga	— Rua Silva Bueno, 181
Lapa	— Rua Anastácio, 63
Penha	— Rua João Ribeiro, 487

Endereço telegráfico para todo o Brasil — SATÉLITE

★

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Taxas de Juros para as contas de Depósitos

DEPÓSITOS POPULARES - Limite de Cr\$ 100.000,00	5%
DEPÓSITOS LIMITADOS - Limite único de Cr\$ 500.000,00	3%
DEPÓSITOS SEM LIMITE	2%
DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO - Retiradas mediante aviso	
prévio superior a 90 dias	4,5%
DEPÓSITOS A PRAZO FIXO - por 12 meses	5%
idem, com renda mensal	4,5%
LETRAS A PREMIO - De prazo de 12 meses	5%

★

O BANCO DO BRASIL S/A possui agências nas principais praças do País, além de duas no Exterior (Montevideo e Assunção), para todas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

Agências em funcionamento no Est. S. Paulo

Americana	Juá	Promissão
Andradina	Jundiaí	Rancharia
Araçatuba	Limpeira	Ribeirão Bonito
Araraquara	Lins	Ribeirão Preto
Araras	Lucélia	Rio Claro
Assis	Marília	Piraçununga
Avaré	Martinópolis	S. Cruz Rio Pardo
Bariri	Matão	S. José Rio Preto
Barretos	Mirassol	S. José dos Campos
Bauru	Mogi das Cruzes	S. José Rio Pardo
Bebedouro	Monte Aprozível	São Manoel
Birigui	Nova Granada	Santo Anastácio
Botucatu	Novo Horizonte	Santo André
Bragança Paulista	Olimpia	Santos
Cafelândia	Oriândia	São Caetano do Sul
Campinas	Paraguape Paulista	São Carlos
Catanduva	Pederneiros	S. João Boa Vista
Franca	Penápolis	Sorocaba
Garça	Piracicaba	Taquaritinga
Guaratatingueta	Piraju	Taubaté
Itapetininga	Pirajuí	Tupã
Itapira	Pompéia	Valparaíso
Ituverava	Pres. Prudente	Votuporanga
Jaboticabal	Pres. Venceslau	Xovantes

GANHEM

ATÉ 30% MAIS LUCROS COM OS

Siga o exemplo dos mais bem sucedidos criadores do Brasil, que conseguem até 30% mais lucros! Empregue também os Suplementos Pfizer para rações, à base de Terramicina, para obter mais carne, ovos e leite em menos tempo, para reduzir mortalidade e para aproveitar muito melhor as rações!

TM 3+3

Associação de Terramicina e Vitamina B-12,
em níveis de nutrição.

1 - ACELERA O CRESCIMENTO

Frangos de 12 semanas ganham 12% mais de peso
Perus de 24 semanas ganham 15% mais de peso
Leitões até a desmama ganham 30% mais de peso
Porcos de cova (210 dias) ganham 15% mais de peso
Bezerros até 12 semanas ganham 20% mais de peso

2 - ECONOMIZA RAÇÃO

Frangos de 12 semanas consomem 400 g menos
por quilo de peso vivo.
Perus de 24 semanas consomem 480 g menos
por quilo de peso vivo.
Porcos de 9 meses consomem 500 g menos
por quilo de peso vivo.
Bezerros até 12 semanas
APROVEITAM MELHOR as rações.

3 - REDUZ A MORTALIDADE

Frangos até 12 semanas 4% a mais — criados
Perus até 24 semanas 3% a mais — criados
Leitões até a desmama 20% a mais — criados
Bezerros — melhor saúde e estado geral pelo
controle das diarreias.

TM - 10

Terramicina em altos níveis
para controlar as doenças.

1 - Controlar estados anormais da criação, principalmente nos períodos críticos como: vacinações, mudanças bruscas de temperatura, meses quentes e chuvosos do ano, começo e fim da muda das aves e perus.

2 - Combater e controlar doenças dos aparelhos respiratórios e digestivos, principalmente as enterites dos porcos e bezerros, a enterite não específica das aves (Crista Azul) moléstia crônica respiratória das aves e a sinusite infecciosa dos perus.

3 - Recuperar os animais refugos e conseguir ainda um bom peso para o mercado. Estimular as poedeiras de baixa postura e obter ainda uma produção de ovos em base econômica.

TRATAMENTO

10 K de TM-10 por tonelada de ração. Alimentar os animais durante 7 dias seguidos, prolongando até 14 dias, caso persistam os sinais da doença. Como indicação de importância, recomenda-se o uso de rações contendo TM 3+3 em níveis de nutrição, após os períodos de prevenção ou tratamento.

Sempre consulte o seu veterinário, agrônomo, fabricante de ração.



SUPLEMENTOS PARA RAÇÕES

Alguns resultados no Brasil

TM 3+3

Pintos até 6 semanas — Departamento da Produção Animal de São Paulo — 42,5% de ganho extra em peso.

Leitões em engorda — Instituto Biológico de São Paulo — 57,2% de ganho extra em peso.

TM - 10

Pintos de um dia até 14 dias: Granja Tupy — São Paulo — Mortalidade baixou de 8% (média em 5 anos) para 1%.

Peruzinhos de um dia até 30 dias: Granja Itapeva, São Paulo — Pneumonia curada em 100% dos casos.

Poedeiras com baixa postura: Granja Tupy, São Paulo — Aumentou de produção de ovos em 20%.

Poedeiras reprodutoras: Cooperativa Agrícola de Cotia — Aumentou o peso dos ovos, melhor eclosão e pintos mais fortes e saudáveis.

LEITÕES-Criação do Estado de Santa Catarina: Mortalidade de 25% reduzida para 8%.

O antibiótico de maior campo de ação na nutrição e no tratamento das doenças da criação

Terramicina*

(OXITETRACICLINA)



DETALHES COMPLETOS sobre as vantagens dos Suplementos Pfizer, estão à sua disposição em um livreto com oito páginas de real valor.

Para recebê-lo gratuitamente escreva à

PFIZER CORPORATION DO BRASIL — Depto. A-107

Rua Dr. Cândido Espinheira, 143 - Tel. 51-0101 - Caixa Postal 3291 - São Paulo.

* Marca Registrada de Chas. Pfizer & Co. - New York.

O 24 DE AGOSTO DO POVO

Brenno Ferraz do AMARAL

Inesperadamente, deixou o ministério da Fazenda o sr. Dr. José Maria Whitaker. Venceram os advogados, com o ministro da Justiça, o dr. Prado Kely, à frente. Vencidos foram os economistas. Caso singular na história, a reforma cambial, que sóe ser feita em toda parte, de surpresa, foi mandada arrastar-se no Congresso, aos jorros de luz da ciência democrática. A preclara representação popular, bastante conhecida pelas origens e pelo amor ao saber, da mesma ordem daquela a que devemos a constituição socialista — socialismo e economia são antônimos — dirá a última palavra. As câmaras — é evidente — são

adversas ao encarecimento do custo de vida. Endossarão, pois, o parecer do governo Café Filho, contrário à reforma. Não é preciso dizer mais: a hiper-inflação aí vem.

No ato da demissão, tornou-se patente a opinião governamental: o cambio será aquilo que o poder público quizer. Não é preciso lembrar o desembaraço com que falou o sr. Munhoz da Rocha — santa ingenuidade — pronto a assumir a pasta. Recordemos, antes, o que disse um dos vencidos, o sr. Roberto de Oliveira Campos: não há alternativas à escolha; a baixa cambial é irrecorrível. Sallientou, a seguir, que não se quebraria o nível

de preços e aduziu sábias razões. Menos, porém, a principal, que ficou apenas subentendida: com o timoneiro emerito, que tínhamos, não sossobrarria a náu.

Eis aí. Nunca se viu tanta cegueira.

O Estado Novo tripudiou sobre as finanças da nação. A reação dutrista não durou. Era preciso forrar de papel-moeda o percurso Rio - São Paulo; e o monumento da Via Dutra aí está. O Ano Santo seria excepcional: todo mundo iria à Europa, com dolar de Cr\$ 18,00. Reservatório? Bobagem de teóricos. Equipamento. Equipamento. E' o que vale (Gudin, Aldo B. Franco e «tout le monde»). E um gigantesco saldo anual de cambiais do café alto desapareceu nessa voragem, para dar lugar aos «deficits» crescentes de 1951 (11%) e 1952 (43%)... Pouco importa. Quando fôr preciso, o colendo Conselho Nacional de Economia mudará o sinal de mais (+) para menos (-) — incrível, mas verdadeiro! — e a pátria está salva. O desastre seria em 1953, mas a circular 70 obviaria a tudo. E assim foi feito, como sabemos: o nível de preços vai naufragando. Eis a Escola Superior da Guerra e o memorial dos Coroneis. Gudin parecia o seu homem. Mas tudo estava travado. Foi preciso substituí-lo pelo Dr. Whitaker para a máquina andar: café às soltas e em alta, estancada uma grande fonte de emissões; e a normalização do crédito e da administração, como o melhor instrumento deflaconista. Tanto pôde um conhecedor. Pois, é nessa hora que os advogados acordam com a lei em riste e o poder a sopapear o cambio para pô-lo de pé. E' para rir...

Nesse intermédio, a Exposição de Onibus, em São Paulo, a pedir cambiais de exportação para importar peças. Equipamento! Equipamento! Nada de saldos em cambiais, nem em ouro. A verdadeira riqueza é o aparelhamento produtivo. E' a substancia. A fôrma pouco importa. Em caso de dificuldades, sopapos. E aqui estamos com o socialismo a entrar, por todas as fôrmas, a exportação e a obrigar os paulistanos a mudarem-se para os bairros operários, onde não faltam onibus. Vão vêr, nas linhas marginais da Celso Garcia, a maravilha dos onibus velhos de cinco em cinco minutos, para Vila Carrão, para Santo Estevam, para Vila Gomes Cardim.

A Exposição de Onibus Quebrados é o melhor documento da liquidação financeira do getulismo socialista. Nada de exportar. Antes de tudo, o mercado interno. Exportemos as sobras. Somente as sobras... Agora, as peças. As peças!

A C.M.T.C. não conseguiu uma consolidação de dívidas bancárias. Também o Brasil não obtém um «funding». Antes de tudo, a reforma cambial deveria prepará-lo. Essa, como vimos, corre as gavetas do parlamento. E faltam cambiais para a dívida externa flutuante, para o «petroleo nosso», para...

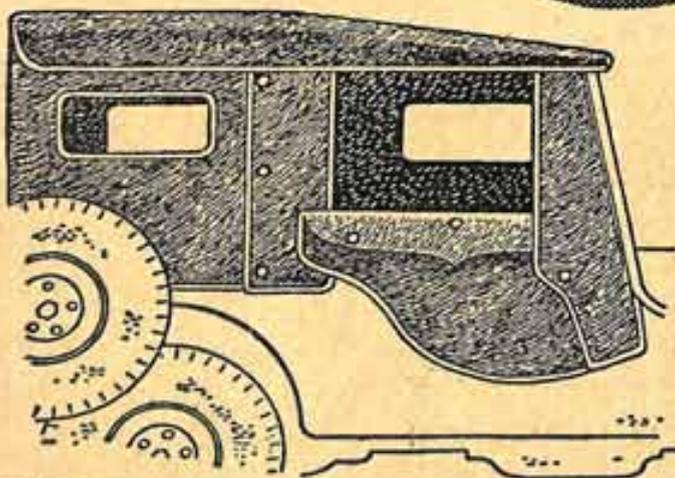
Preso a cidade tentacular, sem pés para mover-se, o custo da vida não subirá — afirmam os advogados, com os srs. Kely e Munhoz à frente. Quando o barco ameaça naufrágio, o que se quer é piloto e do bom. Ao Invez, nós alijamos o timoneiro e apelamos para a praia.

E' o getulismo que vai liquidar o getulismo. O 24 de Agosto do próprio povo.

REVISTA DOS CRIADORES



confôrtoto
garantia
segurança



- ★ Meia porta com cortinas de molas automáticas.
- ★ Hermeticamente impermeável à chuva e ao pó.
- ★ Inteiramente desmontável.
- ★ Lona locomotiva
- ★ Torniquetes e fivelas inoxidáveis.
- ★ Visores plásticos que não amarelam.

CAPOTAS PARA "JEEP"

Triunfo
CUNHA & COSENTINE

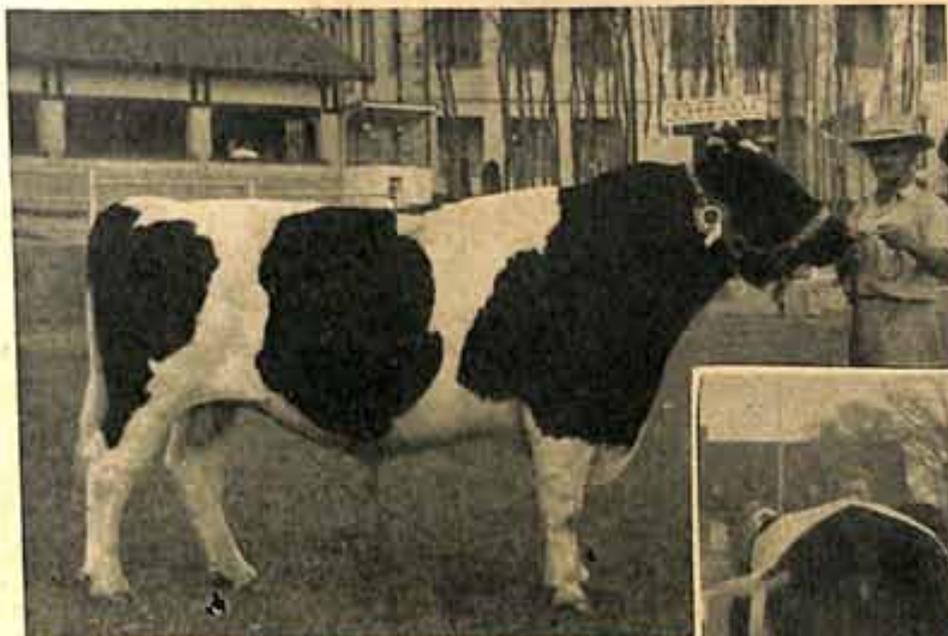
R. da Mooca, 2421 - S. Paulo - Tel. 9-2407

Solicite e receba gratuitamente nosso catálogo completo.

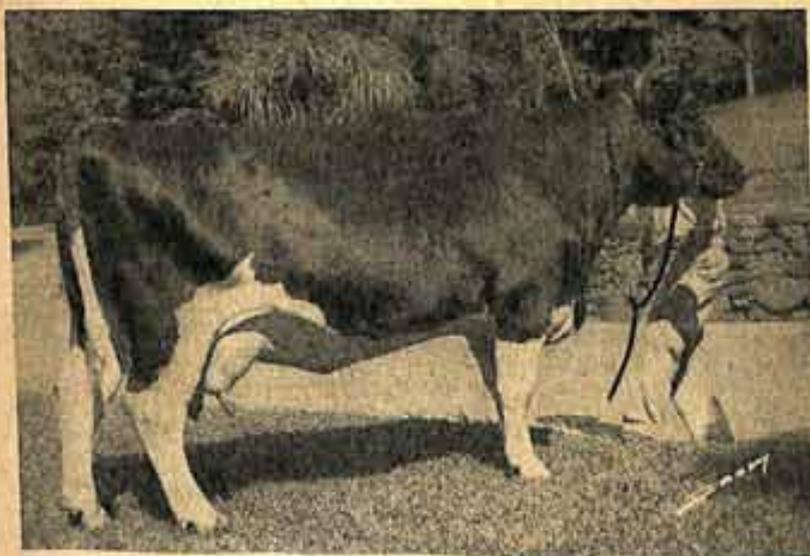
GADO HOLANDÊS DA SUÉCIA

TIPO — PRODUÇÃO — LONGEVIDADE — SANIDADE

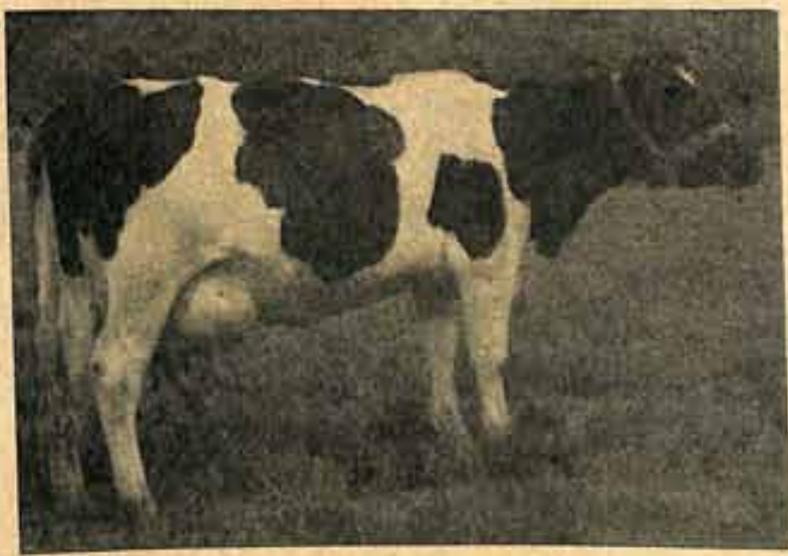
O gado suéco na sua origem é totalmente saudável, livre de doenças infecto-contagiosas. Todos trazem certificado de sanidade e fecundidade, fornecidos após rigoroso contróle. Considera-se na Suécia que a chave econômica da exploração do gado leiteiro consiste em que cada vaca tenha uma cria por ano.



RAY e ao lado um clichê de sua mãe, a mais bela vaca da Suécia. Nascido em 8 de outubro de 1951. Importado da Suécia para o criador Alberto Ferraz, de Agulhas Negras, Estado de São Paulo. Esse touro descende de uma das mais afamadas linhagens leiteiras suecas. Primeiro prêmio na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro, realizado em S. Paulo.



ZWARTE VAN DER MEER — Importada da Suécia pelo sr. Dario Freire Meirelles. Reservada de Grande Campeã, na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro, realizada em Julho deste ano no Parque da Agua Branca. Nesse mesmo certame, conquistou a segunda classificação em "Melhor úbere da raça". Além de ser um dos tipos mais perfeitos da raça, é também uma grande produtora: aos dois anos, em duas ordenhas, em 311 dias, produziu 4.845 kg de leite, com 4,27% de gordura. No quinto contróle da sua lactação, iniciada em Maio deste ano, está com produção média diária superior a 22,500 quilos de leite.



BACKA — Outra esplêndida produtora, importada da Suécia. Pertence ao selecionado plantel do criador sr. Paulo Mibielli de Carvalho, em Jundiaí, Estado de São Paulo. Está na primeira lactação, iniciada em Agosto deste ano, com a produção de 29,400 kg de leite e 0,912 kg de gordura com 3,0%. Sua produção leiteira vem sendo controlada oficialmente pela A. P. C. B., tendo acusado os seguintes resultados mensais: 2.º, 33,600 kg de leite e 1,176 kg de gordura com 3,5%; 3.º, 32,260 kg de leite e 1,067 kg de gordura com 3,30% e 4.º, 32,120 kg de leite e 1,050 kg de gordura com 3,30%. Essas produções mensais atestam de maneira eloquente a grande capacidade produtora desta vaca e do gado holandês suéco.

Informações sôbre importação com a representante da

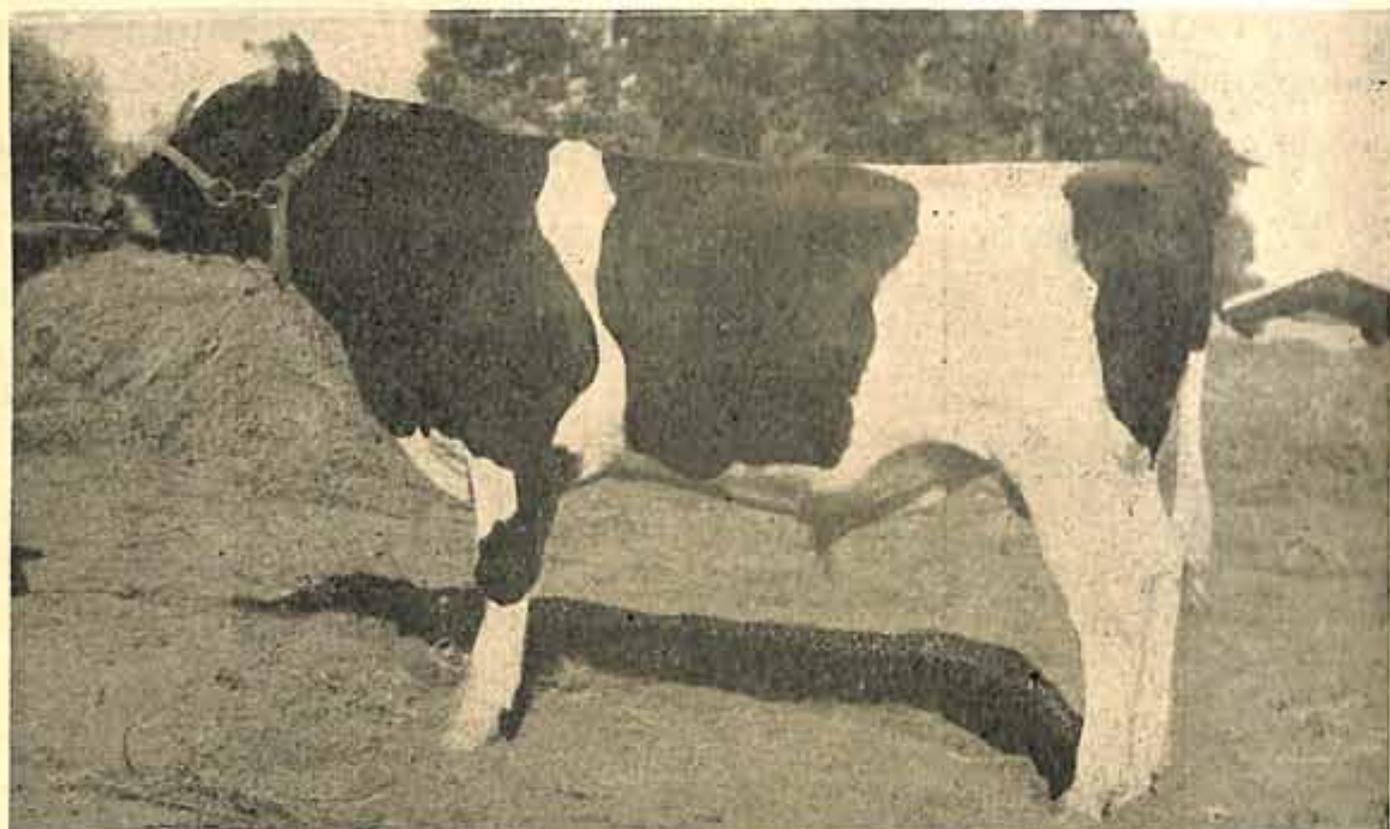
Avenida 9 de Julho, 556

FEDERAÇÃO AGRÍCOLA SUÉCA

Telefone 34-8881

SÃO PAULO

C A M P E ã O



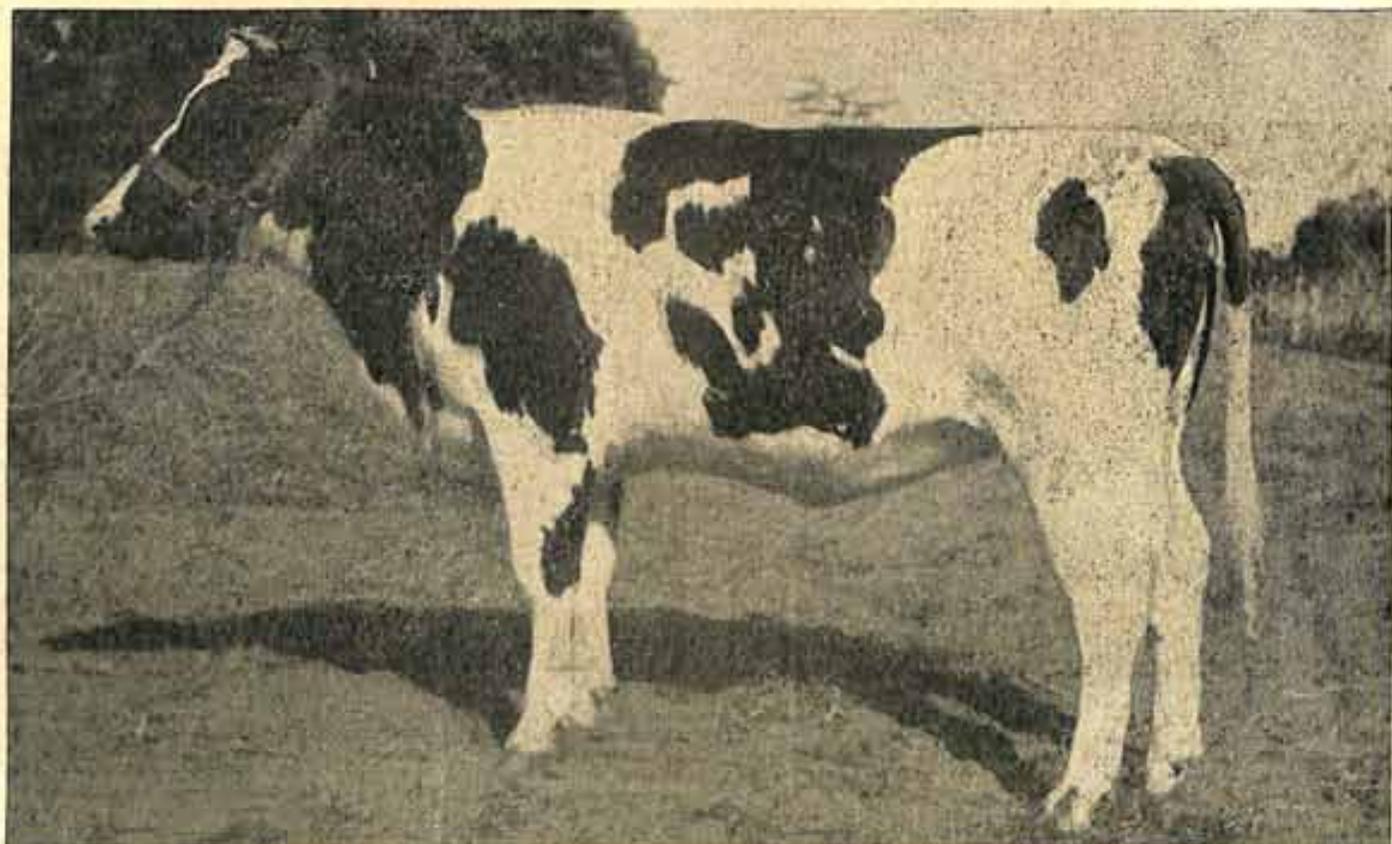
FAZENDA GUANABARA

JOSE' PROCÓPIO MEIRELLES

ALTINOPOLIS

EST. S. PAULO

GRACIOSO GUANABARA, reg. 21.833, 1.º prêmio entre os machos registrados de 18 a 24 meses e CAMPEÃO DA RAÇA HOLANDESA MALHADA DE VERMELHO na II Exposição de Franca - 1955. Nascido em 16-11-53, por CAMPEÃO GUANABARA e BRASILEIRA GUANABARA. É puro de origem. Formou com as três fêmeas que aparecem nestas páginas o MELHOR CONJUNTO DA RAÇA HOLANDESA e o MELHOR GRUPO DE FAMILIA no referido certame.



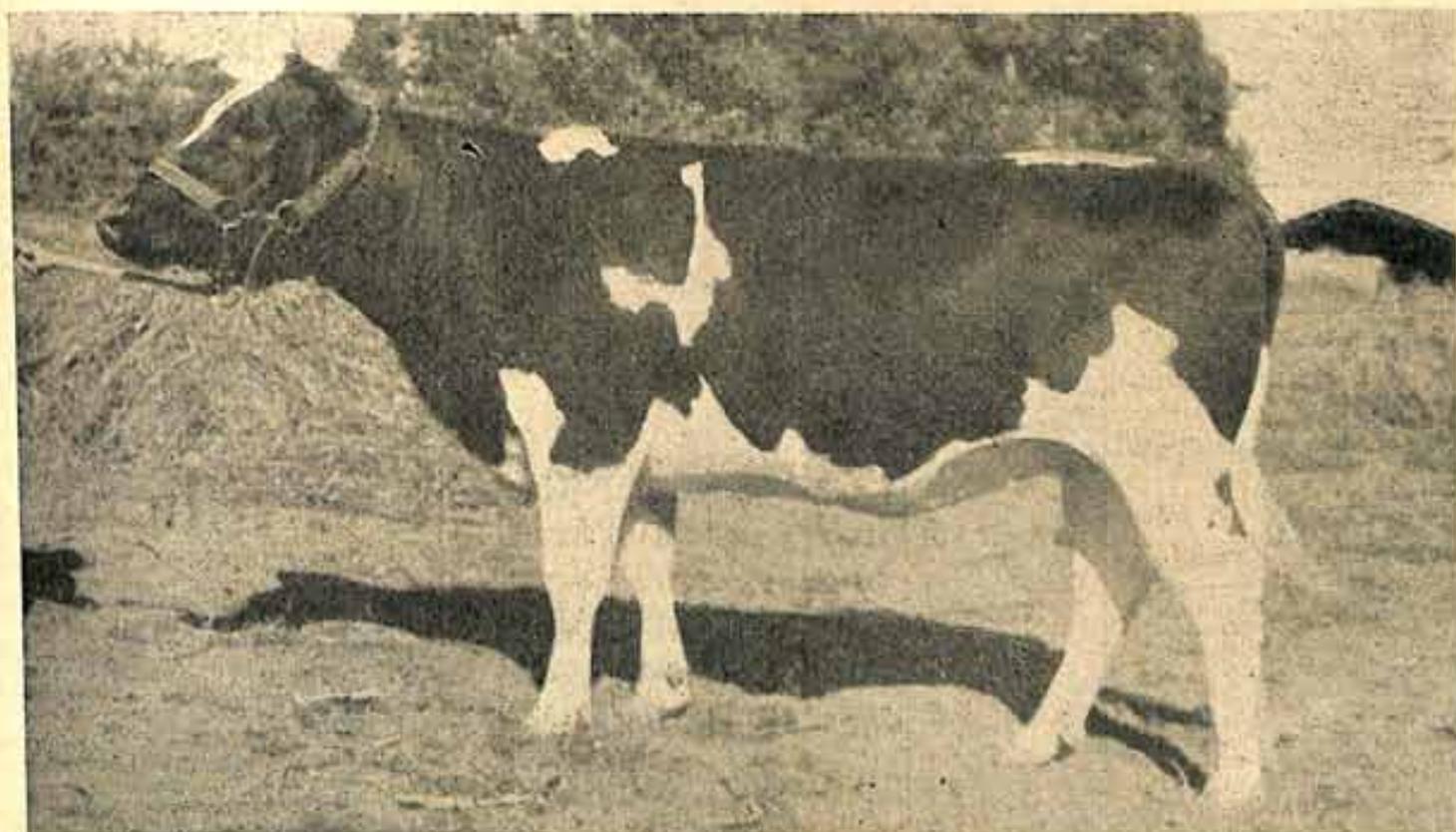
GENEBRA GUANABARA, reg. 21.810, 1.º prêmio entre as fêmeas de 24 a 30 meses, registradas, na II Exposição de Franca-1955. Nascida em 23-1-53, por CAMPEÃO GUANABARA e BATTINGA II GUANABARA. É pura por cruzamento.

C A M P E Ã



GIBIMBA GUANABARA, reg. 21.811, 1.º prêmio entre as fêmeas registradas de 18 a 24 meses e CAMPEÃ DA RAÇA HOLANDESA MALHADA DE VERMELHO, na II Exposição de Franca - 1955. É pura de origem. Pai: CAMPEÃO GUANABARA, Mãe: ACA-CIA GUANABARA. Nascida em 25-7-53.

**COM 4 ANIMAIS
OBTIVEMOS 8 PREMIOS
NA II EXPOSIÇÃO DE
ANIMAIS EM FRANCA**



FRISIA GUANABARA, reg. 21.809, 3.º prêmio entre as fêmeas registradas de 36 a 48 meses da raça Holandesa Malhada de Vermelho, na II Exposição de Franca-1955. É pura por cruzamento. Nascida em 2-4-52, por CAMPEÃO GUANABARA e NATALINA.

PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA DAS RAÇÕES DE POSTURA EM RELAÇÃO AO CUSTO DE PRODUÇÃO DE OVOS

Henrique F. RAIMO
Med. - Vet. - D. P. A.

A brusca e desordenada elevação dos preços das forragens mais usadas na alimentação das aves, associada à baixa no preço dos ovos, agora controlado por tabelas nas feiras e mercados, colocou a laboriosa classe dos avicultores diante de problemas até então relegados a um comodismo que não se ajustava à formação técnica dos integrantes dessa já numerosa e bem organizada classe de criadores.

Protegidos até então por favorável margem na relação entre preço do ovo e preço das rações de postura, deixavam de controlar tanto o consumo de ração, como o da postura das aves na base galinha-dia. Desse modo, a anotação da eficiência da produção oveira da granja perdia-se no balanço anual, diluía-se no conjunto da receita e da despesa, não permitindo o estudo dos pontos fracos do rendimento econômico de nossa avicultura.

Nos dias que correm, o panorama é bem outro. As rações desde 1954 vêm subindo diariamente de preço e os ovos, depois de elevação equilibradora de preços, vem-se mantendo muito aquém das previsões, com reação lenta do mercado ao novo ajuste da situação: preço da ração X preço do ovo.

Rompido o equilíbrio entre o preço das rações e o preço dos ovos, voltam-se os avicultores para medidas que possam reajustar o rendimento econômico da produção oveira, em bases comerciais. A primeira condição técnica a ser determinada é a tornar-se bem conhecida e controlada é a eficiência das rações de postura, tendo por base seu preço e produtividade.

A eficiência das rações de postura é medida, dividindo-se o total da ração consumida pelo total de ovos produzidos. O resultado dessa divisão, multiplicado por 12, fornecerá o total de ra-

ção por dúzia de ovos produzida, seja na base mensal, seja no período que o avicultor desejar controlar.

Procurando uma visão geral do problema da produtividade e da eficiência das rações de postura em relação ao custo da produção de ovos, estudamos as anotações da Divisão Avícola de conhecida Cooperativa de São Paulo.

A remessa dos ovos de 563 avicultores, explorando 530.909 poedeiras da raça Leghorn Branca foi considerada como produção média por cooperado. Os avicultores foram distribuído em classes A, B, C, D e E, de acordo com a média de produção de ovos em 12 meses de controle. O consumo de ração foi obtido de controles da venda da ração de postura e da anotação dos próprios cooperados.

O preço da ração de postura foi de Cr\$ 4,00 por kg e o preço por dúzia de ovos foi de Cr\$ 20,00, ou seja, preços médios para o ano de 1954.

Com os elementos técnicos obtidos, foram calculados:

- Porcentagem das diversas classes de avicultores em relação ao total de 563 registrados.
- Média de poedeiras por avicultor.
- Produção média de ovos por avicultor.
- Produção média em porcentagem.
- Valor da produção anual de ovos.
- Total da ração consumida por avicultor.
- Custo total da ração consumida.
- Eficiência da ração (Total de ração consumida por dúzia de ovos produzida).
- Custo da ração por dúzia de ovos.
- Porcentagem do custo da ração em relação ao preço por dúzia de ovos.
- Valor dos ovos produzidos acima do custo da ração consumida.

O quadro apresentado dá conta dos resultados obtidos e se referem a poedeiras da raça Leghorn Branca:

As poedeiras dos avicultores cooperados são obtidas anualmente da criação de pintos nascidos na mesma Central de Incubação, de ovos de reprodutoras escolhidas segundo um padrão mínimo de condições biológicas industrializáveis.

Pelo exame do quadro e diante das condições técnicas acima mencionadas, podemos chegar às seguintes conclusões:

1.º) É possível que as diferenças no alojamento, trato e manejo das poedeiras, expliquem a extensa variação na postura média anotada.

2.º) A produtividade média obtida (161,7 ovos ou 44,3% de postura), está a exigir uma campanha para o melhoramento das condições de alojamento, trato e manejo das poedeiras.

3.º) A eficiência da ração de postura nas classes A e B se enquadra nos melhores padrões de rendimento.

4.º) Nas classes C, D e E, a produção de ovos é anti-econômica.

5.º) Nas classes A e B, a porcentagem do custo da ração, em relação ao preço por dúzia de ovos, revela um desajuste no equilíbrio entre o preço da ração e preço do ovo. Para comprar 100 kg de ração (Cr\$ 400,00) são necessárias 20 dúzias de ovos (Cr\$ 20,00 por dúzia).

6.º) O presente estudo mostra uma pista segura para os nossos avicultores: aves de valor biológico conhecido e rações equilibradas terão seu rendimento econômico mascarado, nos aviários desprovidos de gerência ajustada às melhores condições de técnica avícola.

Um exame geral dos resultados mostra que nossa avicultura poderá se converter realmente em indústria rendosa, desde que se organize em bases técnicas, amparada por um mercado organizado e ajustado às contingências determinadas pelo progresso da criação de aves, em São Paulo e no Brasil.

De fato, a avicultura norte-americana tem como objetivo, neste ano, a obtenção do rendimento de 2.406 gramas de ração por dúzia de ovos, com uma produção média de 190 ovos por poedeira.

Este resultado é obtido por centenas de avicultores brasileiros e poderá ser ainda melhorado através do reajuste das formulas de rações e planos simplificados de seleção das aves reprodutoras.

O PRECEITO DO MÊS

VESTIMENTA E CLIMA.

O excesso de roupa ou agasalho dificulta a benéfica reação da pele às variações da temperatura ambiente. Do mesmo modo, o organismo se ressentirá dessas variações quando a pele não estiver convenientemente protegida. Uma e outra coisa podem favorecer o ataque das doenças infecciosas.

Use roupas adequadas ao clima e às estações; não se agasalhe demais, no verão, nem de menos no inverno. — SNES.

Numero de avicultores	A	B	C	D	E	Média Geral
% sobre o total: (563 avicultores)	24	148	199	131	61	—
N.º médio de poedeiras	4,2	26,3	35,3	23,3	10,9	—
Produção média de ovos por poedeira	818	—	1.078	1.022	861	943
% média de produção	227,4	197,4	166,8	131,7	87,9	161,7
Valor dos ovos — Cr\$ 20,00 por dúzia — Total em 12 meses — Kg.	62,3	54,1	45,7	36,1	24,1	44,3
Ração consumida — Total em 12 meses — Kg.	378,85	328,87	277,80	208,31	145,44	269,40
Custo total da ração — Cr\$ 4,00 por kg — Cr\$	43,250	40,800	38,900	36,300	33,500	38,550
Ração consumida por dúzia de ovos — Gramas	173,00	163,20	155,60	145,20	134,00	154,20
Custo da ração por dúzia de ovos — Cr\$	2,280	2,479	2,799	3,308	4,574	2,861
% do custo da ração em relação ao preço — dúzia de ovos	9,12	9,92	11,20	13,23	18,30	11,45
Valor dos ovos produzidos acima do custo da ração — Cr\$	45,6	49,6	56,0	66,1	91,5	57,2
	205,85	167,67	122,20	63,11	11,44	115,20

NO BRASIL O FILHO DA VICE-CAMPEÃ MUNDIAL DE PRODUÇÃO DE LEITE

O maior índice de produção materna existente no Brasil é o
do nosso reprodutor

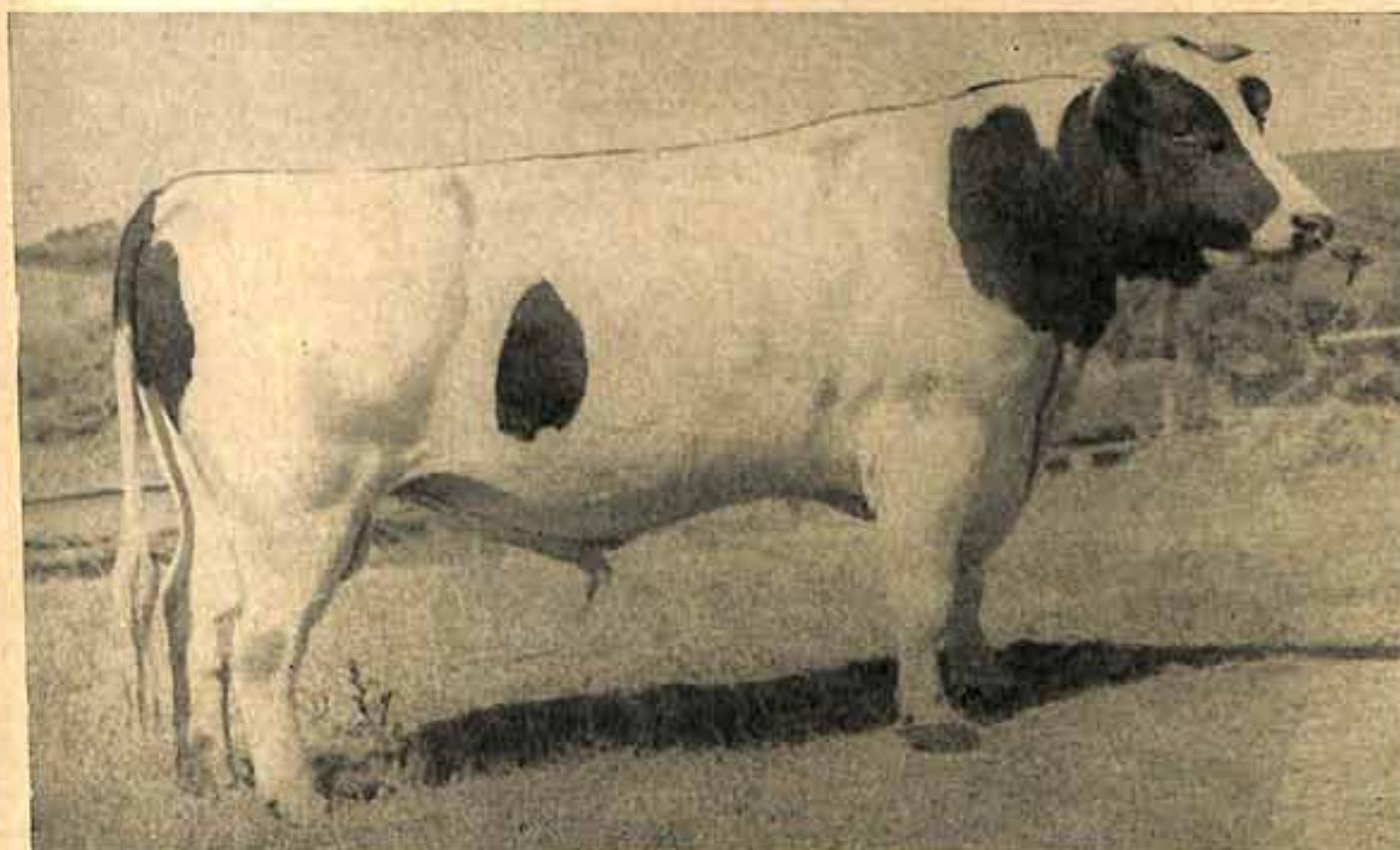
SANTABRI ESTRELLADO RAG APPLE POSCH

cuja mãe

SANTA BRIGIDA'S ESMERALDA POSCH SYLVIA

produziu a cifra de

14.626,950 kg de leite, 443,350 kg de gordura em 365 dias



SANTARI ESTRELLADO RAG APPLE POSCH, filho de All Canadian Elmcroft Lonchivar e da Campeã Sul Americana e vice-campeã mundial Santa Brigida's Esmeralda Posch Sylvia com produção de 14.62,950 kg de leite com 365 dias.

Na 1 Exposição-Feira de Gado Leiteiro, realizada em S. Paulo, apresentamos 4 filhas de ESTRELADO, concorrendo a 3 categorias e obtivemos com elas 3 primeiros prêmios e 1 segundo, não tendo elas perdido para filhas de qualquer outro reprodutor.

Temos à venda 1 bezerro filho de ESTRELADO com a vaca pura de origem importada MARTONA'S SENATOR ROBERTZ, que na sua primeira cria, em duas ordenhas, produziu em 365 dias, 5.000 quilos de leite.

GRANJA SÃO QUIRINO

FUNDADA EM 1917 POR PAULO DE A. NOGUEIRA
CAMPINAS — CAIXA POSTAL 297 — ESTADO DE SÃO PAULO

NOVEMBRO DE 1955

Trabalhamos com famílias
de gado Holandês selecionado por rusticidade desde
1917.

F E N A Ç Ã O

Luiz Paulin Neto
Eng. Agrônomo

Estudando as condições mesológicas do Estado de São Paulo, percebe-se claramente que duas estações se destacam, a do Verão (chuvosa) e a do Inverno (sêca), refletindo-se direta e acentuadamente sobre a maioria dos bovinos e propiciando-lhes épocas de fartura e épocas de escassês alimentar. A sêca é fenómeno certo entre nós e certo também o período chuvoso.

Por que essa escassês alimentar? A má distribuição das chuvas age diretamente sobre os vegetais, quer acelerando seu ciclo biológico, quer travando novas brotações. Condicionadas a essa falta d'água, nossas forrageiras mobilizam suas reservas para entrar em floração e sementeira. Minerais, vitaminas e mesmo proteínas emigram dos colmos e folhas para as partes reprodutivas, ocasio-

nando naquelas regiões um empobrecimento acentuado. A máquina viva, alimentando-se dessas pastagens já pobres pela frutificação, celulósicas e pouco palatáveis, por conseguinte, não encontrará o mínimo necessário para satisfazer, na maioria das vezes, suas necessidades mesmo de manutenção. O criador póde e deve lançar mão de diversos recursos, para atenuar os efeitos da sêca e, dentre êles, citamos a administração de feno, como auxílio alimentar.

Fenar é conservar forragens, com seus principais elementos nutritivos e elevado índice de palatabilidade, para distribuição ao gado sempre que se fizer necessária uma suplementação de pastagem. A forrageira sofre uma dessecação lenta e parcial ao ar, baixando seu teor de umidade de 60 a 85% na forragem verde para 10 a

18% no feno. Prática agrícola antiga e simples, para constituição de reservas destinadas ao inverno, é mais econômica nas regiões cobertas de neve ou desprovidas de cobertura herbácea na sêca, embora não afaste a necessidade de ministração de concentrados aos animais de elevada produção, em crescimento ou engorda rápida. O feno constitue apenas um substituto para a ração básica, volumosa em essência e constituida comumente pela pastagem.

TERRA — A terra destinada às pastagens não deve ser pobre nem esgotada, evitando-se que o binômio planta-animal sofra as consequências dessa má orientação. Existe uma dependência harmônica entre os diversos nutrientes que a planta pode retirar do solo e os animais dela.

Quasi a totalidade dos minerais



A média deve ser construida no próprio campo, a fim de poupar despesas do transporte.



No falta de forragem verde, o gado vai em busca do veículo transportador do feno.

necessários à nutrição animal são fornecidos, em quantidade satisfatória, pelas plantas, desde que provenham de solos ricos. Ora, solos deficientes de um ou mais elementos minerais poderão refletir na constituição química da planta, diminuindo sua capacidade produtiva, baixando o suporte dos pastos a um número reduzido de cabeças por alqueire, dificultando o crescimento, predispondo o aparecimento e agravando o decurso de várias moléstias a animais que se supram exclusivamente dessas pastagens, ou quando reduzidas a feno. Por conseguinte, nas terras geralmente denominadas "cansadas", seria de grande vantagem a formação de prados adubados com estêreo e fertilizante de maneira racional, obtendo-se um feno rico em sua composição química. Já, em nossa Noroeste, a capim é plantado logo após a derrubada dos matos, em terras novas, onde a capacidade de suporte dos pastos é bem maior que nos de terras esgotadas, erodidas. Feno plantas provenientes de solos ricos é obter feno rico; a recíproca é verdadeira.

CLIMA — O crescimento e o desenvolvimento das plantas estão, também, condicionados pelas condições climáticas predominantes. Os fatores chuva, sol, temperatura, vento — devem ser favoráveis, para que o agricultor obtenha o máximo rendimento na colheita de forragem, e que o feno seja rico em nutrientes para

o gado. Assim, o excesso ou a falta de chuva pode dificultar a assimilação dos minerais do solo.

FORRAGENS INDICADAS — Uma variedade enorme de plantas se presta para feno. Salienta-se que capins folhudos, talos finos, dão melhor feno que os ásperos, grossos e, tanto melhor e saboroso quanto melhor a forrageira.

Dentre as gramíneas, destacam-se, como produtores de bom feno, o capim de Rhodes, o colônio de Tanganica, jaraguá, quicuin, gordura, marmelada, etc, e dentre as leguminosas, a alfafa, soja, guandú, eudzu, caupi, marmelada de cavalo, etc. Mas, são as leguminosas que produzem feno mais rico de matérias nutritivas, gerando a proteína de que o gado tanto necessita.

ÉPOCA DO CORTE — De maneira geral, a composição química e a digestibilidade de uma planta forrageira variam de acordo com o ciclo evolutivo: quanto mais nova, mais rica e digestível. E, sabendo-se que, para florescer e frutificar, elas mobilizam todas as suas reservas nutritivas, principalmente do caule e folhas, conclui-se que, para total aproveitamento das boas qualidades de uma forrageira, o corte deve ser efetuado antes que tal aconteça.

Dependendo da topografia e da área do terreno, no corte podem-se usar máquinas simples de grande

rendimento, denominadas segadeiras. Às vezes um simples alfange ou foice, resolverá o problema.

CURA OU SECA — Deve ser tão rápida quanto possível, diminuindo com isso a possibilidade de deterioração conseqüente do orvalho, da chuva e do sol. Algumas forrageiras, como o capim jaraguá e o de Rhodes, fenam num dia; outras requerem muito maior tempo de exposição, como a marmelada de cavalo, a mucuna, que levam dois, três e até cinco dias para se transformar em feno.

O comum é fazer a dessecação em pleno sol, ou então à sombra, utilizando-se galpões ou fenís. A ação do sol e do vento, após o corte, faz com que a forrageira perca água até atingir o ponto de feno, devendo-se revirá-la periodicamente, para um dessecação uniforme. Todavia, não devemos deixá-la excessivamente exposta ao sol, evitando-se a perda da cor, a maior parte dos carotenóides, além do esfarelamento das folhas, sem dúvida a parte mais valiosa do feno.

Uns julgam que o feno atingiu o ponto ótimo de cura quando, torcendo fortemente alguns talos, não resuma umidade; outros apertam a unha contra o colmo e, se o sinal por ela deixado ficar amarelecido, estará pronto para o armazenamento. O exame feito nas horas de grande calor poderá redundar em completo malogro. Em verdade, a garantia única, são a prática e o olfato educado.

ARMAZENAMENTO — Deve ser feito imediatamente após o termo da dessecação, diminuindo as possibilidades de prejuízos. Três são as maneiras de guardá-lo: em fenís ou galpões, pelo enfardamento e em medas.

A primeira é rara entre nós; geralmente, é realizada quando o feno se destina ao consumo da própria fazenda.

O *enfardamento*, não muito comum também, é usado quando se quer transportar o feno a longa distância.

O meio prático e econômico é armazená-lo em medas, próximo ao local de consumo. Constroem-nas em lugar limpo de qualquer substância orgânica em decomposição, tomando-se a precaução de separar, uma das ou-

●
A segadeira facilita
o corte da forragem
destinado a fenação.



tras, de três a quatro metros, como prevenção contra incêndios. As formas mais encontradas são as de sólidos, e destes os que tenham a base retangular, quadrangular e principalmente circular.

No terreno já limpo, finca-se um mastro liso de 30 a 40 cm de diâmetro, com a altura que se desejar. No caso de base circular, com um cordel traça-se um círculo da base, de raio variável com a altura desejada. A forma preferida é a de uma pera; assim, a meda deve ter, a 1/3 da

altura, um diâmetro igual a 1,5 vezes o diâmetro da base. Sobre o círculo da base, vai-se dispondo o feno de tal sorte que as hastes da forragem fiquem cruzadas, garantindo uma perfeita amarração, além do pisoteamento de cada camada de feno, alargando-se gradativamente até mais ou menos 2/3 da altura, momento em que a meda deve começar a se estreitar suavemente, até se fechar por completo. Para melhor proteção contra a chuva, coloca-se no tópo da meda um chapéu de palha

e passa-se o garfo na superfície, de cima para baixo, retirando as pontas e dando às hastes da forragem uma direção mais favorável ao escoamento d'água.

Sendo a perda por exposição proporcional à superfície exposta e atingindo a profundidade de 5 cm. temos que, quanto menores as medas, maiores serão as perdas porcentuais, advindo que os limites dos tamanhos das medas serão determinados pela dificuldade de construção (carga e descarga) e, conseqüentemente, pela elevação do custo.

É de boa norma cercar as medas, quando prontas, a fim de que o gado não possa utilizá-las antes do tempo, sendo abertas, paulatinamente à medida da necessidade.

RESUMINDO — Temos que, para se produzir feno de alta qualidade, são necessários: 1) ter planta que seja apropriada à fenação; 2) ser ela proveniente de terra fértil; 3) desenvolver-se dentro de boas condições climáticas; 4) corte em época precocizada; 5) secamento ou curação rápido, com mínimo de perdas; 6) armazenamento com pouco conteúdo de umidade.

PRECISA-SE: FRIOLITO

O LABORATÓRIO FRIOLITO precisa de um representante exclusivo em cada Cidade do Brasil, para o já afamado produto veterinário — FRIOLITO — eficientíssimo na cura das FRIEIRAS.

"FRIOLITO é a mais feliz associação que a Medicina Veterinária poderia conseguir em nossos dias". "Usei o preparado FRIOLITO em uma rez atacada de frieira antiga e com três aplicações ficou curada completamente". São estas, algumas impressões sobre este grande produto.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

João Theodoro de S. Filho — Rua 4, N.º 59
Goiânia - Est. de Goiás

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS na Capital de São Paulo

Para os Estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Sta. Catarina e Maranhão ainda não há representantes.

Representante para todo Brasil:

CILENO VILELA DO CASTRO

Caixa Postal, 150 — PASSOS — M. Gerais



NOVO SUPLEMENTO ALIMENTAR REVOLUCIONA a INDÚSTRIA PECUÁRIA!

aurofacs

AUROFAC acelera o crescimento!

Aurofac contém AUREOMICINA® e Vitamina B-12 - por isso acelera o crescimento dos animais, protegendo-os, ao mesmo tempo, contra as doenças que, frequentemente, são fatais. AUROFAC é fruto de vários anos de investigação científica da American Cyanamid Company.

AUROFAC é fácil de usar!

AUROFAC pode ser adquirido já em mistura com as rações, ou puro para ser misturado em sua própria fazenda, de acordo com uma fórmula muito simples, não exigindo máquinas especiais.

AUROFAC assegura maior economia

Através de rações bem balanceadas: 1) os animais crescem mais depressa e adoecem menos, 2) consomem menos alimento para a engorda, 3) pesam mais e dão maior rendimento.

Já está à venda no Brasil

AUROFAC*

...pequena despesa e grandes lucros!

Exija rações enriquecidas com AUROFAC ou reforce-as, você mesmo, com esse magnífico suplemento alimentar que opera milagres de saúde em sua criação!

Escreva-nos e teremos prazer em enviar informações detalhadas.

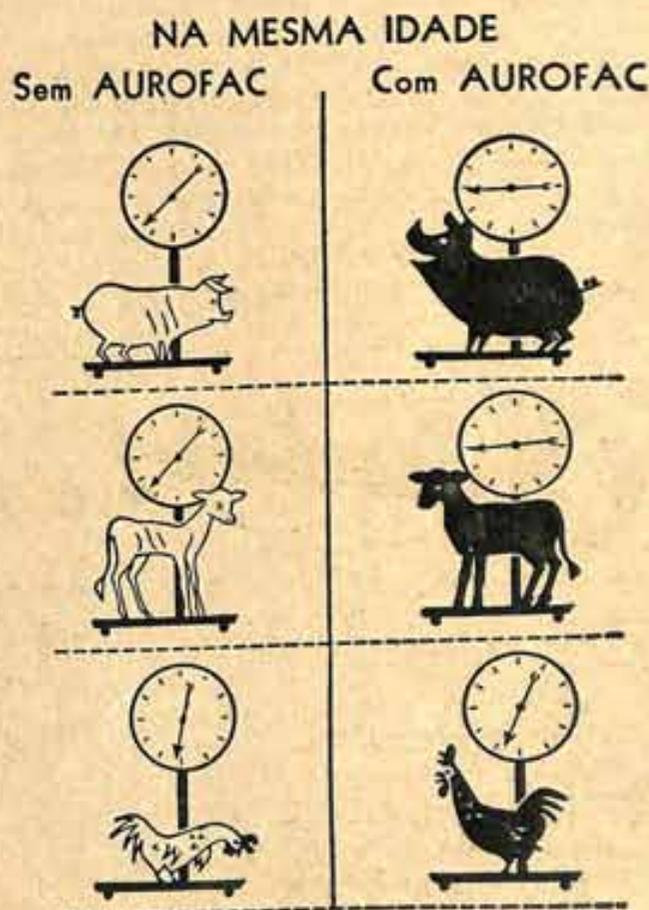


*Marcas registradas

umenta seus lucros na criação de porcos, bezerros e aves.

Maiores lucros e menores preocupações

Para você ter uma idéia dos resultados excepcionais que AUROFAC lhe pode proporcionar, veja as diferenças deste confronto!



Distribuidores exclusivos

LABORATÓRIOS LEDERLE DO BRASIL S. A.

RIO: Rua 1.º de Março, 9

S. PAULO: Rua Lavapés, 326

RECIFE: Rua do Hospício, 71 - loja

B. HORIZONTE: Av. Olegário Maciel, 579

P. ALEGRE: Rua Senhor dos Passos, 280

SALVADOR: Av. 7 de Setembro, 142 - 1.º andar

O ZEBU NA INDIA

— II —

J. Barrison VILLARES

Diretor do Departamento da Produção Animal do Estado de São Paulo

Desde tempos remotos, quasi pré-históricos, em cada área geográfica se encontram agrupamentos de animais domésticos que o meio ecológico admite: na Palestina, os jumentos; na Arábia, os camelos; na Índia, o zebú. Nas ruínas de Mohenjo-Daro e Harapã, na Índia, acharam os arqueólogos esqueletos e baixo relêvo do boi de giba, datando de 5000 anos passados. Atualmente, a Índia dispõe de 170 milhões de zebuínos, que representam o maior rebanho do mundo. A potência colocada em segundo lugar, com 80 milhões de bovinos, tem, no entanto, quasi o dôbro da superfície da Índia. O Brasil possui cerca de 55 milhões de bovinos, mas, para ter densidade igual à da Índia, deveria possuir seis vezes mais, ou 330 milhões de zebuínos. Esses dados dão idéias de quão densa é a população bovina da Índia.

Durante seu domínio na Índia, os ingleses cuidaram de dar nomes aos diversos agrupamentos de gado, seguindo o seu tradicional critério de obedecer à nomenclatura geográfica. Na Inglaterra, o gado da região de Devon chama-se raça Devon; o da ilha de Jersey, raça Jersey; o do condado de Hereford, raça Hereford; havendo raças geográficas de carneiros para cada vale, montanha ou planalto. Na Índia, chamaram raça Nelore ao zebú do distrito de Nelore; Gir, ao gado das colinas e florestas do Gir; Guzerá, aos animais da zona onde se fala a língua Guzerathi; Thar, ao gado das bordas do deserto de Thar; e assim sucessivamente, para trinta ou quarenta grupos de bovinos nesse imenso país. É lícito dizer que houve verdadeiro abuso nesse batismo de gado, pois nomes diferentes foram dados a agrupa-

mentos iguais como etnia. Há ainda raças que são conhecidas por vários nomes, numa rica sinonímia. Acresce que o termo raça usado na Índia não corresponde à conceituação zootécnica do vocábulo. É possível reconhecer que essas trinta ou quarenta raças, sub-raças ou ecotipos, derivem de alguns troncos gerais básicos. Olver tentou reunir essas dezenas de raças em quatro ou cinco tipos básicos, tentativa bem recebida pela crítica, e que realmente parece corresponder à origem desses grupos, segundo as várias ondas de invasões de arianos da Ásia Menor, ou aos tipos próprios da Índia.

As atuais raças de zebú da Índia, desde há séculos ou milênios, localizam-se em certas regiões do país. A raça Gir é absoluta na Península de Kathiawar, no Estado de Saurashtra. A raça Ongole é, no centro do novo Estado de Andra, o único agrupamento. A raça Kankreja, no norte do Estado de Bombay, na área de Mehsana, nas bordas do deserto de Rajastan, não encontra competidora. Lá, não acontece o que ocorre entre nós, onde um município tem várias raças de zebú, como é o caso de Barretos, onde há notáveis núcleos de raça Gir, de raça Nelore, de raça Guzerá, lado a lado. Inúmeros criadores de Uberaba criam e selecionam na mesma fazenda duas ou três e até quatro raças de zebú. Na Índia, a raça regional é única.

Esse isolamento geográfico contribuiria para que as raças conservassem a pureza original, se outros fatores não tivessem entrado em jogo. Um conjunto de fatores fez com que tais agrupamentos raciais, geograficamente segregados, lentamente perdessem, no de-

Criador!

O SEGURO DÁ TRANQUILIDADE!

Com apenas Cr\$ 0,14 diários (por Cr\$ 1.000,00 de valor), V. S. terá o seu gado segurado contra a morte ocasionada por acidentes, envenenamentos ou doenças, tais como: tuberculose, febre aftosa, carbúnculos, brucelose e outras.

INFORMAÇÕES:

CIA. NACIONAL DE SEGURO AGRÍCOLA

Av. Ipiranga, 1.216 - 8.º andar - C. P. 6646

End. Telegr.: "Seguragri"

S. Paulo - Capital

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 100.000.000,00



curso de séculos, a antiga pureza. Uma das causas mais importantes da marcha para a miscigenação de raças é a inexistência de cercas de arame na Índia: há cercas de espinhos, há cercas de tabuas, de pedras, mas restritas e efêmeras; as únicas cercas de arame delimitam campos de aviação e nada mais. Um touro poderia sair do Himalaia, no norte, e atravessar o país, até perto da ilha de Ceilão, caminhando 3.000 km, sem que nenhum tapume embargasse seus passos. Nessas condições, em pouco tempo as raças teriam desaparecido; tal não ocorre, porém, devido à presença de pastores.

Não há rebanhos de bovinos ou caprinos, búfalos ou carneiros, jumentos ou dromedários, que não estejam invariavelmente acompanhados de pastores. O pastor vive, convive, dia e noite, com os animais; condu-los ao bebedouro, leva-os aos campos de pastoreio, trá-los à casa para a ordenha e coleta de fezes. Todavia, há grupos que não voltam à casa. É comum, à noite, observar-se o pastor, debaixo da árvore da hospitalidade, com o rebanho deitado ao redor, à luz de pequena fogueira. Dois ou mais pastores juntam seus animais e reúnem-se nas vigílias noturnas. Às vezes, são rebanhos de raças diferentes, em pontos de confluência de vizinhos, onde a promiscuidade se estabelece. Os carneiros são marcados a tinta vermelha no dorso, a fim de que, pela manhã, os pastores possam dividir os animais.

Durante as secas prolongadas, os pastores vão de uma área para outra ou invadem regiões de outras raças, à procura de alimento para o gado. Às florestas do Gir, os rabaris de Guzerá levam os rebanhos de Kankrej, daí resultando o aparecimento de animais semelhantes ao nosso Indubrasil. Nas florestas comuns do sul, pastam bovinos de raças Alambari, Ongole e Halikar.

A ausência de cercas de arame, o aconchego noturno dos pastores e a pastagem comum nas florestas provocaram a mistura de raças, durante milênios. Assim, compreende-se a dificuldade de se encontrar na Índia grupos puros das diversas raças. Na área do Ongole, do Gir, do Kankrej e das outras raças, o gado tem respectivamente apenas sangue dominante de Ongole, de Gir, de Kankrej, estando muito longe de ser, em conjunto, animais de pura raça. Restam apenas raros núcleos de resistência, tidos como raça pura.

O gado na Índia pouca oportunidade tem de pastar erva verde. Durante alguns meses permanece nas colinas. Que são colinas na Índia? Qualquer modificação da topografia da planície, por leve que seja, é tida como colina, não se prestando à agricultura, porque pedregosa. Colinas pedregosas, com pedras soltas, rolantes. Às vezes, a pedra é removida para dar lugar aos cultivos. Entre as pedras, aparecem espinhos e plantas forrageiras. Arbustos espinhosos, cujas folhas são derriçadas pelo cajado do pastor, para o gado comer. Uma publicação oficial afirma que não há muitas terras de pastagens na Índia, com exceção das colinas, onde, durante as chuvas de monções podem ser vistas manchas de gramíneas.

Nas fazendas oficiais, cultivam-se plantas exóticas, mediante irrigação, como capim Pará, Colômbio, trevo Alexandrino, alfafa e outros. Quasi nada de plantas nativas.

Sempre nos surpreendeu que, com o zebú da Índia,

LATÕES PARA LEITE

Senhores Fazendeiros Pecuaristas

Antes de fazer suas compras, consultem sem compromisso os preços e qualidade de nossos produtos

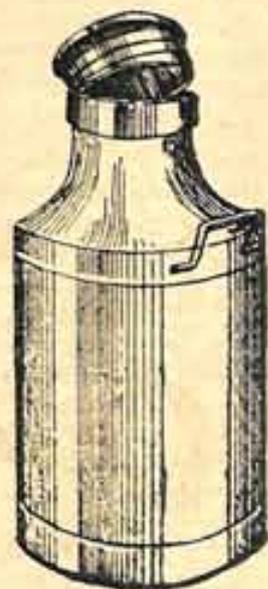
★ DURÁVEIS

★ HIGIÊNICOS

★ ECONÔMICOS

E MAIS ESTA LINHA DE PRODUTOS ESPECIALIZADOS :

LIRAS - FÓRMAS PARA GÉLO - DEPÓSITOS PARA CREAMES - FORMAS PARA QUEIJO E RICOTA - TANQUES ESTANHADOS DE AÇO INOXIDÁVEL - RESFRIADORES - PASTERIDOR A VAPOR - TACHOS CÔNICOS COM FUNDO DE COBRE ESTANHADO - MUFAS - TODOS TRIPLoS ESTANHADOS, C/ ESTANHAGEM VIRGEM DE ACORDO COM O D. C. A.



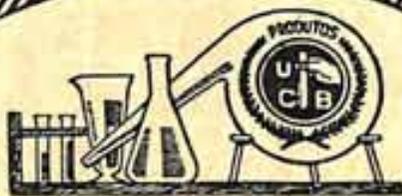
Peçam orçamentos sem compromisso à

Fábrica de Latões São José

FABRICA E ESCRITÓRIO :

R. Costa Aguiar, 2.437 - Fone: 63-1910 (Ipiranga)

SÃO PAULO



**Há 25 anos que vem distribuindo
Saúde e vigor em todos os
Rebanhos do Brasil**

- SOROLINA** — Evita a sangria nos equinos.
- BENZOPHENOL-AZUL** — A saúde do gado.
- COLARGOLINA** — No curso de sangue.
- FARINHA CALCIO FOSFATADA "SAÚDE"** — Recalcificante.
- FENAZON-AZUL** — (via bucal) Pneumo-enterite dos bezerros.
- FOSIRON** — O fortificante poderoso.
- LINIMENTO SANADOR** — A fricção que elimina a dor.
- PHENODRAL** — Reconstituente arsenical-injetável.
- PETRO-LANO** — Antisséptico Cicatrizante.
- PLACENTINA** — Retenção da placenta. Partos difíceis.
- PÓ ANTI-CURSO** — Anti-diarréico.
- SAL DIGESTIVO VITAMINADO** — Protege a saúde dos animais.
- TIMBACO** — Sarnicida.
- TRISTEZINA (injetável)** — Contra a Pneumo-enterite dos bezerros.
- KALCEINO** — Recalcificante para aves.
- KARABÉ** — A saúde das aves.
- SABÃO NELZINA** — A higiene dos cães.
- TIMBOLINA** — Contra carrapatos e pulgas.
- ANTI-FEBRIL** — Botedeira dos porcos.
- ASEPTOLINA (injetável)** — Sulfanilamida a 20%.

PEDIDOS: Associação dos Criadores
VENDEDORES AUTORIZADOS

Fabricantes:

UZINAS QUÍMICAS BRASILEIRAS S.A.

A Especialista Veterinária

C. Postal 74 - JABOTICABAL - E. S. Paulo

não tivessem vindo plantas forrageiras para o Brasil. A extraordinária visão do homem brasileiro que, estando ali no começo da século, soube eleger, dentre tantas raças, as melhores para a aventura da importação, porque terá fechado os olhos para as gramíneas e leguminosas da Índia? Ou as teria trazido sem resultado?

Cuidamos das plantas forrageiras com o mesmo interesse do gado, tendo trazido amostras de cerca de vinte espécies botânicas diferentes. Em toda a parte examinamos as forrageiras. Dadas as diferenças de clima e solo, não temos esperanças, senão em duas plantas: uma da Índia e outra da África. A primeira pareceu-nos interessantíssima, com caráter de invasora, pois suas sementes aladas o vento as dissemina. Tendo sementes de alto poder de germinação, é planta capaz de crescer em solos tão duros, como o barro queimado de uma telha. Planta pouco exigente, forma densa massa de 30 cm de altura, em cima dos telhados, que parecem prados verdes. A cada ano, o capim é removido, os telhados limpos, mas, ao fim da estação, os prados se restabelecem. Só os telhados de folhas de zinco estão livres da planta forrageira. Não é justo depositar esperanças nessas forrageiras para as terras pobres, depois de cuidadosas experiências? Com exceção da área desta planta, no resto de nossa excursão, só vimos colinas cobertas de pedras e espinhos.

Outra fonte de alimentos é a pastagem na floresta. As florestas de tipo seco, ralas, deixam penetrar luz à vontade, e então se desenvolvem plantas herbáceas sob as árvores sem fronde. Essas gramíneas e as próprias folhas caducas de algumas árvores servem de alimento para o gado. Muitas florestas são públicas, outras particulares, onde o gado pasta, mediante pagamento, no período de seca. Para se avaliar a importância dessas florestas, basta dizer que a região do Gir, no Estado de Saurashtra, em relação à zona de Kankrej, é tida como privilegiada, porque naquela há florestas, as famosas florestas do Gir, para abrigar o gado, ao passo que, nas bordas do deserto do Rajastan, faltam árvores e alimentos na seca.

Alimenta-se também o gado — e, a nosso ver, é esta, pelo volume, a fonte mais importante — de todos os sub-produtos de agricultura: as partes vegetativas das plantas de arroz, de trigo, de milhetes, de algodão e outras, num total de 260 milhões de acres cultivados, são guardadas em grandes medas pelo campo. Palha dos grãos, resíduos de tortas, tudo que o homem despreza, o gado consome. Há um ativo comércio de feno nas vilas. Onde há agricultura, há resíduos para o gado e o gado melhora. Apesar do feno ser muito seco pelo sol e calor, parecendo de cor dourada e lenhoso, dá idéia de rico, ao exame, pois provem de solos bons.

O gado da Índia tem poucas oportunidades de ingerir forragens verdes; talvez o consiga apenas em três ou quatro meses do ano, a não ser em prados irrigados. As forragens verdes são raras, resultando deficiências de vitamina A. A simples administração de forragem verde eleva de 30% a produção leiteira.

O zebú é na Índia sagrado pelo Hinduísmo. Há 330 milhões de hinduístas, 35 milhões de mussulmanos, 8,5 milhões de católicos e 1,5 milhões de jainistas. O Hinduísmo, religião predominante, com seus templos e deu-

ses, sagrou o zebú e outros seres vivos. Há muitos templos de deus Shiva, artisticamente trabalhados, tendo o zebú como motivo central. O touro Nundi é adorado no seu interior pelas multidões. O deus Krishna patroniza a vaca. Outras coisas são também sagradas, como a árvore da hospitalidade, o leão, o macaco, o pavão, etc. A própria constituição da Índia, no seu artigo 42, proíbe a matança da vaca, por que é sagrada pelo Hinduísmo.

Dentre as razões apontadas pelos próprios zootecnistas da Índia, para explicar a falta de melhoramento zootécnico dos rebanhos, menciona-se em primeiro lugar o impedimento de destruição de vacas velhas ou doentes. Não obstante, existe na Índia uma série de doenças extremamente graves, como a peste bovina e o septicemia hemorrágica, que agora se combatem, doenças de que o gado do Brasil está livre. A proibição de sacrificar o gado velho ou doente é mais nociva para a Índia do que a própria falta de alimentos ou a promiscuidade dos rebanhos. Um comitê de estudos de utilização do gado concluiu que há na Índia 11,5 milhões de animais para o sacrifício. O primeiro plano quinquenal (1951-54), criou verdadeiros asilos, chamados "gosadans", para recolher o gado. Está prevista a construção de 160 "gosadans", para abrigar 320 mil animais velhos ou estropiados. Visitamos dois desses recolhimentos.

A seleção de zebú na Índia visa trabalho e leite.

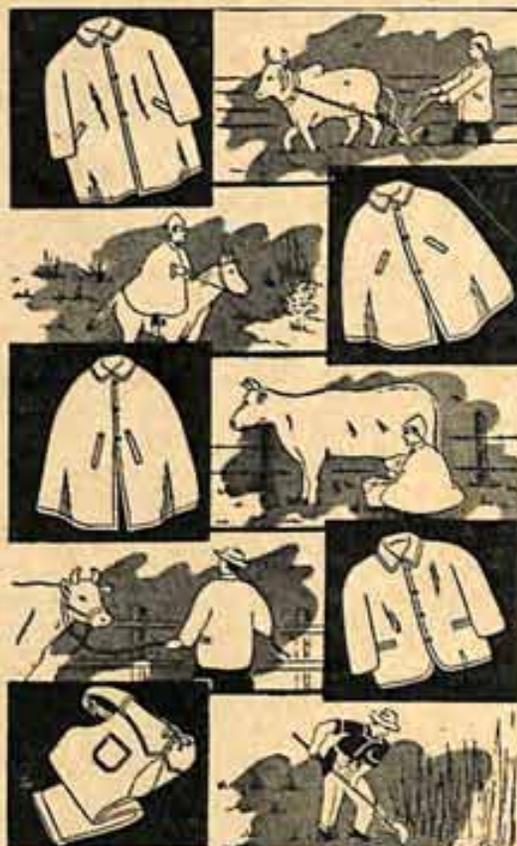
Há 45 bois de trabalho para cada 100 pessoas. São os carros de bois usados no transporte de pessoas. Há 43 bois de trabalho para cada 100 acres de terras cultivadas. Os carros de bois fazem pequenos e grandes transportes. Há 106 bois de trabalho para cada milha quadrada do país. Os carros de bois alinham-se em longos comboios pelo asfalto. Há 60 milhões de bois de trabalho na Índia, sendo uma população maior do que todo o gado do Brasil. Um veículo puxado por um cavalo é espetáculo raro. Os búfalos também trabalham.

Os bois de trabalho na Índia são lindos, pois sofreram processo de seleção: boa conformação dorso-lombar, garupa bem feita, aprumos certos, umbigo reduzido. Constituíam-nos uma surpresa a boa conformação geral do gado de trabalho, seja Ongole, ou Kankrej, Hissar ou Myssore ou outros, isto porque a seleção para trabalho é, até certo ponto, paralela à seleção para o corte ou, pelo menos, não tem antagonismo marcante.

A seleção leiteira preocupa o criador. Em geral, a produção de leite é das mais baixas, estimada em 150 litros por ano e por animal, quando na Bélgica é de 1.800 litros e na Dinamarca 2.000 litros. Como há naquele país 70 milhões de vacas ou búfalos em idade de produzir leite, o volume obtido fornece 125 gramas por dia e por pessoa, o que é pelo menos o dobro do consumo brasileiro. Na Índia, o leite é a única fonte de proteína animal, ao passo que no Brasil o consumo de carne cresce cada dia. Dos 70 milhões de vacas, 30% são búfalos e produzem 54% de leite; 70% são zebú e fornecem 42%. O zebú produz pouco leite, apenas para uso doméstico. As granjas de búfalos têm aspectos muito pobres e nada higiênicos. A maior granja leiteira do mundo, perto de Bombay, é perfeita e moderna, com 15.000 animais, possuindo 14.900 búfalos e apenas 100 vacas zebuínas. A produção média por produtor não atinge

NOVEMBRO DE 1955

PROTEÇÃO PARA SEUS TRABALHADORES



CAPAS AGRO-PASTORIS

2 tipos — SOBRETUDO com mangas, e PONCHE sem mangas. Ótimo acabamento e com proteção dupla nas costas

EM LONA 10

Capa de 1,20 e 1,30 m. com manga Cr\$ 415,00

Capuz, cada Cr\$ 30,00

PONCHES PARA ORDENHADORES

Sem manga, de 1,20 e 1,30 m. Cr\$ 415,00

PALETOTS

Com ou sem manga, de 0,90 m. ... Cr\$ 290,00

CALÇAS

Tipo boiadeiro

Especiais contra a humidade, para serviços de capinas, canaviais, etc. Indispensável para serviços de cargas e descargas de mercadorias, pessoal de Estrada de Ferro, etc.

Tipo Unico - Cada a Cr\$ 250,00

Aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES

Rua Frederico Abranches, 37 — SÃO PAULO

a 1 litro por dia. O leite chega à cooperativa de todos os modos, até mesmo transportado em latões, que o homem traz sobre a cabeça.

Nas fazendas experimentais e granjas militares, há progressiva seleção de raças leiteiras, como Red Sindi, Tharparkar, Sahiwal e outras, muitas vacas dando 18 litros em 300 dias de lactação.

Observando o conjunto dos rebanhos gerais de zebú na Índia, como agrupamentos econômicos, chegamos a concluir que eles são decididamente inferiores ao gado dos prados e campos do Brasil, por motivos demográficos, religiosos, zootécnicos, econômicos e outros. Apesar de tudo isso, há, naquele país, plantéis de diversas raças de zebú, sobre cuja pureza original, ou sobre cujas qualidades zootécnicas, ninguém honestamente pode pôr dúvidas, mesmo conhecendo-os por provas fotográficas ou documentos cinematográficos. São pequenos núcleos segregados, isolados, controlados pelo registro negealógico. Na região de Andra, há ainda agricultores zelosos, que dispõem de gado Ongole da mais fina qualidade, como tipo e como raça. Na área de Mehsana, há pastores profissionais, que guardam

pequenos plantéis de gado Kankrej de indisputável valor. Na península de Kathiawar, há rebanhos inteiros, pertencentes a antigos príncipes, nos quais os reprodutores de elite de raça Gir superam em número aos de raça Ongole e Kankrej. Os melhores reprodutores desses núcleos equivalem aos mais finos exemplares encontrados no Brasil.

Esses núcleos de reprodutores de alta classe não promovem, todavia, o melhoramento dos rebanhos gerais da Índia, dada a falta de organização comercial e de iniciativa. Castram-se animais valiosos nos plantéis de seleção e usam-se touros inferiores em toda a parte, como se os reprodutores de elite não existissem.

Findo o domínio britânico, grande animador da seleção de animais; extinto o milenário regime de príncipes, poderosos preservadores de raças; expandindo-se a agricultura pelo aumento da área cultivada; continuando o desinteresse e a incapacidade gerais da iniciativa privada, a nosso ver (e queira Deus estejamos equivocados) esses núcleos raros de raças zebuínas puras e melhoradas entraram em fase de liquidação: está ameaçada a preservação das raças Ongole, Gir, Kankrej e outras.

Presenciamos a desintegração de um núcleo secular da raça Gir, pela distribuição de touros de alta classe a instituições de caridade, onde serviriam a vacas comuns. Anotamos a existência de vacas excelentes, padreadas por touros comuns, num processo de destruição de equipamentos genéticos. Raros são os lugares, onde as raças sobreviverão. Pelo seu imenso valor biológico, essas raças constituem um patrimônio da humanidade e não devem perecer. O governo da Índia é a única força capaz de salvar as raças zebuínas, embora a atuação oficial tenha muitas limitações, sobretudo nesse setor.

Hoje mais do que nunca, acreditamos em que cabe a nós, brasileiros, a salvaguarda desses preciosos animais para o mundo tropical, que compreende 33% da superfície da terra. Se permitem a nossa intromissão, apreciaremos poder despertar a consciência e a responsabilidade dos criadores brasileiros para a sua grande missão de preservar e aprimorar o zebú para o mundo. O zebú deverá ser a base do aproveitamento das terras de segunda e terceira qualidade, de que estão cheios o Brasil e as demais regiões tropicais. O zebú deverá contribuir para o povoamento do oeste brasileiro, desbravando as terras como elemento civilizador. O zebú deverá operar na conservação dos recursos naturais, como refertilizador de solos e estabilizador da difícil agricultura nas áreas de clima quente. O zebú produzirá toda a série de artigos de origem animal: carne, leite, gordura, couro, etc., para elevar os índices de nutrição, saúde e capacidade de trabalho de nossa gente, com sobras ainda para exportar para outros povos. É este o alcance da nossa missão. É esse o destino desses bois que, com muita razão, na Índia, são tidos como sagrados.

Se, para o exercício da simples obra de selecionar zebú, era mister um grau de devotamento, doravante, em face do que possa suceder na Índia, assumem os criadores do Brasil a responsabilidade de depositários das raças zebuínas, para a sua preservação e seu aprimoramento zootécnico.



Proteja seu cafezal contra a "broca", polvilhando-o com

GAMATEROZ

1,5% ou 2% de BHC

Evite também os ácaros, usando

GAMATEROZ

1,5-25 ou 2-25 com BHC e 25% enxofre

Nosso engenheiro agrônomo está à sua disposição para instruções sobre o emprego destes ou de outros produtos de nossa fabricação.

PRODUTOS QUÍMICOS "ELEKEIROZ" S. A.



Garanta uma ração sadia!...

e adequada aos animais,
em qualquer época do ano.

A CORTADEIRA "PENHA"



Desfibra - mói - tritura - corta

sem exprimer o suco de todo e qualquer vegetal usado na alimentação de animais. — Ideal para o preparo do "SILO". Toda construída em ferro batido e aço, com mancais de rolamentos. — Produção horaria: 5 toneladas!! — Superioridade absoluta sobre qualquer similar nacional ou estrangeira.

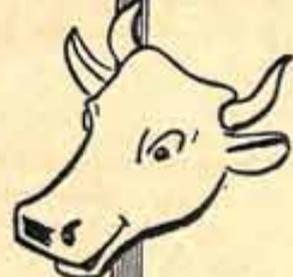
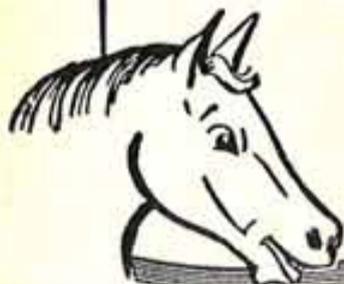
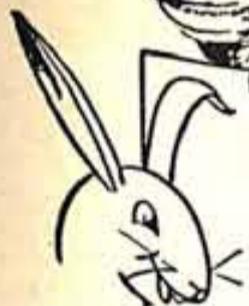
NOTA: Fornecemos informações detalhadas para construção de "silos" por processo simples, eficiente e ao alcance de todos

Para maiores detalhes solicitem informações e folhetos a



R. HAMA

RUA FLORENCIO DE ABREU, 464 - FONES 33-1325 e 33-9654 - CAIXA POSTAL 1817 - S. PAULO



A CRIAÇÃO DE BUFALOS

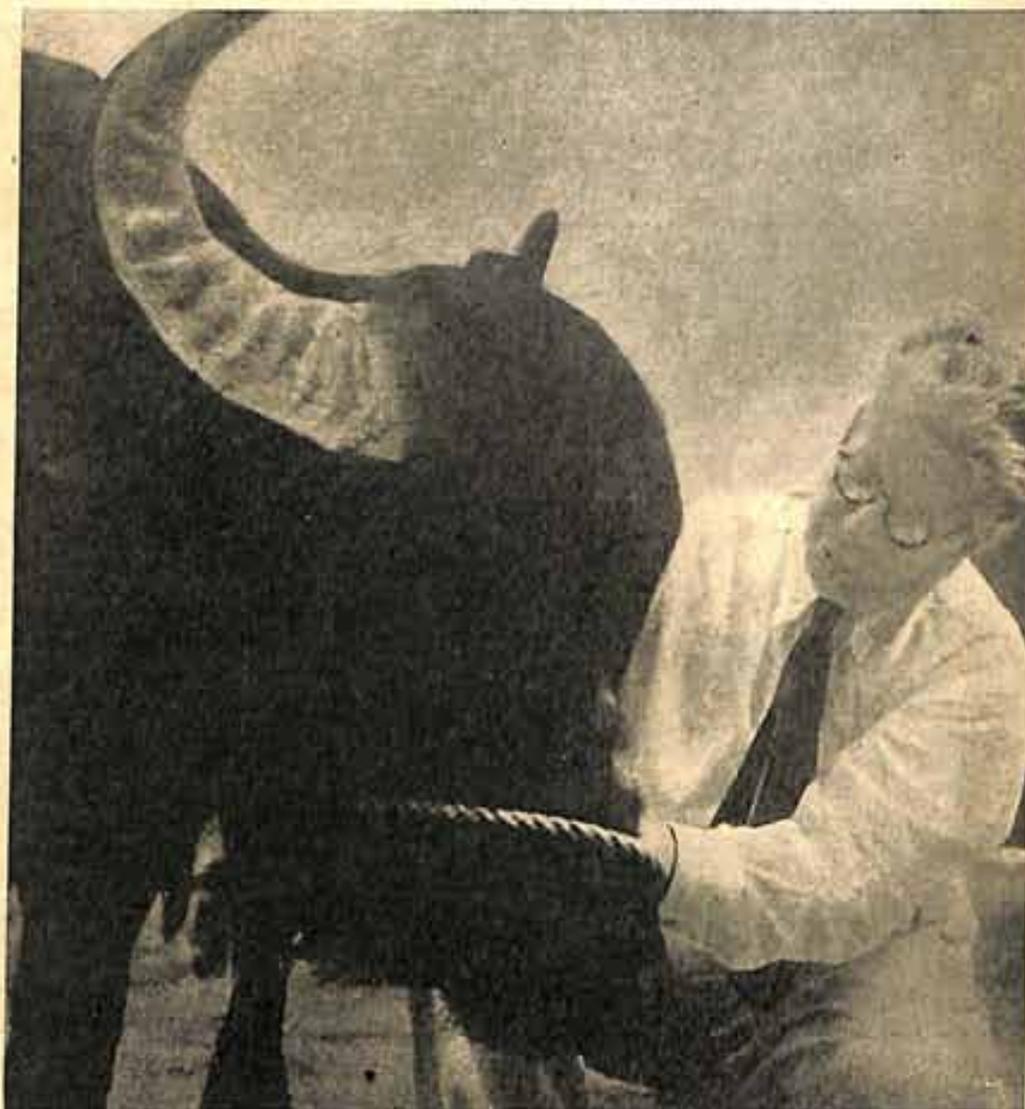
II - Área geográfica da espécie

Alberto Alves SANTIAGO

Eng. agr. - Zootecnista do Dep. de
Prod. Animal e ex-diretor do Regis-
tro Genecológico das Raças Indianas.

Torna-se difícil, pela falta de dados exatos, determinar a época em que se deu a domesticação do búfalo, mas está fóra de dúvida que a maioria das raças domésticas atuais descende dos búfalos selvagens da Índia. É notável a semelhança entre o búfalo doméstico indiano, assim como do resto da Ásia, e o seu prototipo selvagem das selvas do Assam, o *Bos arni*. Este tem a fronte maciça, com corno de secção elíptica, grossos, em armação sólida e baixa. Observa-se também certa semelhança entre a raça doméstica Jaffarabadi, originária da província de Kathiawar, na Índia, e o búfalo selvagem do Cabo, do sul da África, o *Bos caffer*, que apresenta fronte estreita e convexa, com chifres maciços, de base grossa, geralmente encurvados para baixo.

Há provas históricas de que os búfalos indianos (mais tarde conhecidos por búfalos aquáticos — *water buffaloes* — denominação dada pelos ingleses devido ao costume de mergulharem nos charcos e cursos d'água) foram primitivamente levados para o Egito e mais tarde, no século VI, para a Itália. Os espanhóis, ao darem com eles pela primeira vez nas Filipinas, adotaram o nome malaio: *carabao*. Outras migrações se verificaram, em diferentes épocas e a espécie se foi disseminando pelos países do Oriente, até a Birmania, Sião, China, Malaia, Java, Sumatra e Borneo. O movimento de penetração, no sentido do Ocidente, prosseguiu pelo sudoeste da Ásia, alcançando o Iraque, Arabia, Siria e Turquia, desta passando para o sul da Europa, principalmente para a Grécia, Bulgária, Rumânia, Iugoslávia e até a Hungria. Na Itália, os búfalos são relativamente comuns, inclusive na região dos antigos pantanos pontinos. Através do istmo de Suez, passaram os búfalos para o Egito, onde se multiplicaram por todo o vale do



O dr. Felisberto de Camargo, antigo diretor do Instituto Agrônomo do Norte, com séde em Belterra, no Amazonas, ao lado de um búfalo importado para melhorar o rebanho daquele instituto.

Nilo e se estenderam até a zona de Tunis. É provavel que dali tenham passado para a Sicília. Búfalos da variedade Jaffarabadi foram introduzidos na ilha de Trindade, no mar das Caraíbas, pelos imigrantes hindus que o utilizam como animal de tiro. Segundo Ralph Phillips, que coligiu dados estatísticos de numerosos países membros da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, calcula-se a população mundial de búfalos em cêrca de 78 milhões de cabeças. A Índia, como é natural, possui o maior contingente, com uns 48 milhões, e a China ocupa o segundo lugar. Grande parte do rebanho se encontra na Ásia. O rebanho africano e o europeu são bem mais reduzidos. O rebanho existente na América, quase não tem expressão, alcançando apenas alguns milhares de cabeças, para os milhões distribuídos pelos países asiáticos. O

Brasil, em que pesem as manadas do norte e os pequenos plantéis sulinos, não figurou na relação apresentada pela F.A.O., fato que deve ser atribuído à inexistência de trabalhos nacionais, ou referências bibliográficas sobre esta útil espécie doméstica.

Entrada do búfalo no Brasil

Se é certo que o Zebu penetrou no Brasil já no período colonial, a introdução do búfalo é relativamente recente, pois se verificou somente nos últimos anos do século passado. Não encontramos qualquer citação ou notícia relativa à existência de búfalos, no tempo do Império. Criadores marajoaras, que ficamos conhecendo por ocasião da exposição de animais de Uberaba, em 1950, nos informaram que esse gado vem sendo criado na grande ilha da foz do Amazonas, provavelmente, desde 1890,

mas não puderam determinar o ano exato. Os manuais de zootecnia silenciam sobre este ponto, muitos nem ao menos se referindo à existência desta espécie indiana em nosso meio.

O sr. Luciano Beder, médico veterinário suíço, estabelecido há mais de trinta anos na ilha de Marajó, como fazendeiro e erador, informa que a introdução de búfalos nessa região é devida ao sr. Vicente Miranda, antigo proprietário da Fazenda das Dunas, que, em data anterior a 1900, importou da Itália 60 búfalos. Tendo deixado a propriedade, seguindo para o sul, ficaram seus animais abandonados à lei da natureza, acabando por se tornarem bravios e, conseqüentemente, perigosos. Calcula-se que o número de animais selvagens se eleve a duas mil cabeças. Outro tanto corresponde aos exemplares mansos, que podem ser encontrados em grande número de fazendas. Por motivos que ignoramos, os búfalos selvagens são ali conhecidos pela denominação de "rosideos", o que não deixa de causar estranheza, porquanto não é essa sua cor. Não se trata evidentemente de variedade distinta da que pertencem os exemplares mansos. Uns e outros são de cor cinza escura, quase negra, notando-se nas manadas grande variação no tocante ao perfil cefálico, assim como na forma e disposição dos chifres, o que nos leva a supor não serem de raça pura os indivíduos importados. Há indivíduos peludos, ao lado de outros quase desprovidos de pêlos, e os chifres ora se apresentam curvos ou retorcidos, ora retilíneos. Torna-se evidentemente difícil classificarlos em uma das raças indianas, dada a falta de uniformidade nesses caracteres básicos. Que são do tipo doméstico não resta dúvida, pois se habitantes da ilha procuram liquidar os machos bravios, cuidam de aprisionar as fêmeas e os produtos novos, de ambos os sexos, a fim de amansá-los, passando a explorá-los em suas fazendas como animais de leite, sela ou tração.

No sul do País

No início deste século, a Sociedade Nacional de Agricultura, fundada no Rio de Janeiro por um grupo de fazendeiros cultos e dedicados à profissão, lutava pelo progresso do País, através do desenvolvimento de sua agricultura e pecuária. Suas reu-

niões eram muito concorridas e nelas se debatiam os problemas da época. O Brasil gozava de tranquilidade, após os anos de lutas e de desassossego, que caracterizaram os primeiros anos do novo regime instituído em 15 de Novembro. Havia ambiente para trabalho e o lema "Ordem e Progresso" parecia ter sido sentido. Na administração federal, bem como na esfera estadual, os governantes cuidavam da criação dos serviços técnicos destinados a orientar lavradores e pecuaristas. O Ministério da Agricultura era organizado e neste Estado, a secretaria da Produção se desenvolvia com os primeiros técnicos saídos das Escolas Agrícolas de Piracicaba e de Pinheiro, no Estado do Rio de Janeiro. Na Politécnica, eram conferidos os primeiros diplomas de engenheiro-agronomo, alguns dos quais correspondem aos mais antigos professores de Piracicaba, ainda instituto de grau médio.

Técnicos contratados no estrangeiro, como os mestres Athanassof, Misson e Raquet, preconizavam a importação de animais de raça das diversas espécies, a fim de se promover o melhoramento do gado crioulo. Animados, criadores adiantados e

sentantes das raças europeias aperfeiçoadas, então quase desconhecidas de nosso povo.

Datam, portanto, do decênio 1900-1910 as primeiras importações de animais de raça, feitas por intermédio de casas comissárias da capital da República, especialmente pela Hopkins, Causer & Hopkins e pela não menos ativa casa Herm. Stoltz & C. Esta, que era a representante no Brasil da Karl Hagenbeck, de Hamburgo, foi a maior promotora da vinda de gado fino ou exótico. Em nosso arquivo, possuímos recortes de jornais e revistas da época, como o "Jornal da Agricultura" e "Lavou- ra", órgão da Sociedade de Agricultura, pelos quais ficamos sabendo que, em 12 de Novembro de 1907, a Herm. Stoltz & C. inaugurou uma Estação Zootécnica, no antigo Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo anunciava a venda de reprodutores bovinos, equinos, suínos, caprinos e ovinos, além de animais selvagens de várias espécies e raças. Entre os primeiros, eram oferecidos zebuínos das raças Nelore, Guzará, Hissar e Misore e, dentre as espécies exóticas, zebras e os que mais nos interessam no momento, búfalos leiteiros vindos da Índia. Como vemos, a



O sr. Virmondes Martins Borges possuiu, na Fazenda Boa Esperança, em Uberaba, um plantel de búfalos iniciado com alguns exemplares por ele trazidos da Índia, na sua viagem em 1917-1919.

de maiores recursos faziam encomendas de gado europeu ou exótico, para suas fazendas. Por isso, alguns anos depois, o governo federal conseguia organizar a grande exposição nacional de animais, a primeira no País, por ocasião dos festejos comemorativos do centenário da abertura dos portos. Na Praia Vermelha, os visitantes puderam admirar repre-

Estação Zootécnica estava em condições de atender todo e qualquer criador, tanto os que preferiam as raças europeias, como os que começavam a tomar o partido do grupo que somente acreditava no gado da Índia, como o mais adequado às nossas condições de país em grande parte tropical. Todavia, à falta de dados exatos, somos levados a calcular o



Fotografia tirada na Índia, em 1920, na qual se vê, ao lado de gado zebu, da raça Guzerá, um casal de búfalos, adquirido por criadores patricios e em vias de ser embarcado para o Brasil.

número de búfalos importados naquela época em cerca de duas dezenas, o que fazemos baseados nos anúncios, referentes a casais ou simples reprodutores. É possível que alguns exemplares tenham sido levados para o norte do País, e os demais perecido sem ter deixado descendência, pois não encontramos notícias posteriores sobre eles.

Novas importações

Os criadores mineiros, que foram à Índia, não se limitaram a trazer reprodutores Zebus. Encontrando no oriente ovinos e caprinos de tipo diverso dos aqui existentes, sobretudo na forma e tamanho das orelhas, decidiram adquiri-los e embarcá-los juntamente com o gado. E' a razão pela qual, no Triângulo Mineiro e em algumas zonas de São Paulo, como a de Barretos e Alta Mogiana, são frequentes os carneiros e cabras que, pelas suas características e origem, são vulgarmente denominados "zebus". Angelo Costa e Alaôr Prata trouxeram também cavalos arábicos, de criação indiana. A existência de grande quantidade de búfalos na Índia, não podia deixar de impressionar os criadores patricios, levando-os a incluir alguns casais nos lotes importados. Em Uberaba, Virmondos Martins Borges possuiu um pequeno plantel de búfalos, descendentes dos animais por ele trazidos em 1919. É muito conhecida de todos quantos se interessam pelo Zebu a história da famosa viagem de 1917, organizada por aquele criador, com seu irmão João Martins Borges e um primo, Otaviano Borges Junior. A expedição pagou elevado tributo uma vez que um dos integrantes, João Martins Borges, faleceu e foi enterrado

na Índia. Da terra dos marajás despacharam duas partidas de animais da raça Guzerá e, em número reduzido os primeiros representantes da Gir. Com estes vieram alguns búfalos, base do plantel da Fazenda Boa Esperança, em Uberaba.

Dois anos mais tarde, verificou-se nova importação de gado indiano. Cacildo Arantes que de há muito sonhava com uma viagem ao oriente, em busca do "rei" Zebu, procurou o apoio de um grande criador de Cássia, o comendador Antenor Machado de Azevedo, que se dispôs a financiar o arrojado empreendimento. Em Setembro de 1920, partiu de Santos o criador mineiro, tendo como companheiros Moacyr de Mello Azevedo, filho do proprietário da Fazenda Cidreira e outro "zebuzeiro", Josias de Almeida, que, por ter estado na Índia em 1918, seguia como técnico. Fizeram longa viagem, via Gibraltar, Mediterrâneo, atravessando o canal de Suez e desembarcando em Bombaim, de onde se dirigiram para Amedabad, onde procederam às compras auxiliados por

vaqueiros mussulmanos, os "raba-ris". Reuniram cerca de 340 animais, sendo 2/3 da raça Gir, e o restante reprodutores Hissar, Nelore e alguns Kankrej. Trouxeram ainda carneiros e cabras indianos. Para o sr. Antenor Machado de Azevedo vieram dois casais de búfalos, que deram origem ao maior e melhor rebanho do sul do Brasil. Descendentes desses casais são os diversos plantéis de Cássia e de Franca, dos quais têm saído reprodutores para a formação de novos núcleos de criação.

Importações recentes

O surto de peste bovina em 1921, nos arredores de São Paulo, atribuído ao gado zebu importado, fez com que se encerrasse, por força de disposições legais, o ciclo de entradas de gado da Índia. Posteriormente, em 1930, haveria, a título de exceção, promovida por Francisco Ravisio Lemos e Manoel de Oliveira Prata, a que seria a última viagem de criadores brasileiros à terra de Gandhi, com o fito de adquirir reprodutores zebuinos. Todavia, entre as 192 cabeças de gado, não figurava nenhum representante da espécie bubalina.

Decorreram cerca de vinte anos sem que se registrassem novas entradas de gado indiano, até que o Ministério da Agricultura, muito a contragosto, permitiu que o sr. Felisberto de Camargo, diretor do Instituto Agronomico do Norte, no Estado do Amazonas, fosse à Índia e ao Paquistão, de onde trouxe o gado Red Sindhi. Poucos anos antes, esse ilustre técnico havia importado alguns búfalos para o rebanho localizado em Belterra, mas não sabemos quantas cabeças foram adquiridas na Índia e na África do Sul, mas supomos que em número muito reduzido.



Um aspecto do curral da Fazenda Cidreira, em Cássia, onde se vêm visitantes observando búfalos da antiga e famosa criação.

Nas Plantações Ford, transferidas para o governo brasileiro, foram reunidos cerca de mil búfalos do tipo comum no norte do País, como parte do plano de trabalho do agrônomo Piraciurbano, no qual se incluía a importação de reprodutores leiteiros das raças Murrah, e de suas variedades Ravi e Nili, como elementos melhoradores da manada crioula. Justificava ele esta medida, alegando que os búfalos brasileiros haviam perdido a aptidão leiteira, ou não a tinham; daí a necessidade da introdução de animais selecionados. Sempre considerou o búfalo Murrah como o animal ideal para a produção de leite na região amazônica.

O dr. Felisberto de Camargo, em sua viagem ao oriente, em 1952, pretendia trazer, além do Red Sindhi,

os referidos búfalos. Infelizmente, a política débil do Ministério da Agricultura capitulou ante a pressão de certos círculos contrários a novas importações de gado da Índia. E, não fosse a atitude energética e o espírito combativo do diretor do Instituto Agronômico do Norte, o Ministério teria mandado incinerar os 31 representantes da quinta raça zebuina, no Brasil, com evidente prejuízo para os trabalhos em prol de nossa pecuária bovina. Em vista das dificuldades opostas ao seu trabalho, o dr. Felisberto de Camargo teve que abandonar o plano de importação de búfalos selecionados e o Brasil perdeu excelente oportunidade de melhorar o já apreciável rebanho de tão útil espécie doméstica.

LABORATÓRIO "CYBAPIS" LTDA.

BELO HORIZONTE

VACINA CONTRA A FEBRE AFTOSA

VACINA CRISTAL VIOLETA

VACINA ANTIIRÁBICA

VACINA CONTRA A DIARRÉIA DOS LEITÕES

VACINA CONTRA A MANQUEIRA

VACINA CONTRA A DIARRÉIA DOS BEZERROS

Representante no Estado de S. Paulo e Mato Grosso:

CASA DO VETERINÁRIO

R. do Aroucho, 126 - 1.º andar - s/6
São Paulo

Vendas também na ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES: Rua Senador Feijó, 30 - sobreloja 1 São Paulo



UNEXAN — MATA POR CONTACTO

UNEXAN — A BARREIRA DA SAÚVA

O FORMICIDA IDEAL, RESIDUAL E PREVENTIVO PARA
O COMBATE À CORTADEIRA EM TERRENO ABERTO

UNEXAN — PARA QUALQUER
OPERAÇÃO ANTI-SAÚVA

Fórmula original da CELA - Alemanha

DIQUI LTDA — R. José Antônio Coelho, 409,
Telefone 70-3376 — São Paulo

Êle está com a vida feita...



porque usa

RHODIATOX



A marca de confiança

COMPANHIA QUÍMICA RHODIA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO AGROPECUÁRIO

Rua Líbero Badaró, 119 - 4.º andar - Cx Postal 1329 - São Paulo, SP

O que se deve saber sobre o garrotilho

Dr. Walter C. BATTISTON
Veterinário da A.P.C.B.

O garrotilho, também conhecido por "adenite equina", "gurma", "coriza contagiosa dos equinos", "mormo" e "acira", é uma moléstia infecciosa aguda, altamente contagiosa, febril, particular à espécie equina, podendo atacar muaras e asininos e manifesta-se por inflamações da mucosa nasal e focos de supuração nos gânglios ("glândulas") linfáticos da cabeça, podendo tais focos aparecer nos demais órgãos.

A causa dessa doença é o *Streptococcus equi*, micróbio que ataca de preferência os animais jovens e está presente nas aglomerações de equinos (exposições, feiras, etc.), onde pode manter-se com vida durante muito tempo, a menos que se faça rigorosa desinfecção.

A infecção natural aparece pela ingestão de água e outros alimentos contaminados pelo corrimento nasal, pela tosse ou pelo pús dos abscessos dos gânglios; esse material, entrando em contato com os cochos, bebedouros, escovas, arreios, mãos dos tratadores etc., pode disseminar o mal entre os demais animais. Alguns fatores, tais como a idade, ferimentos no couro, resistência orgânica, feridas de castração e outros, facilitam o aparecimento da moléstia.

SINTOMAS — O garrotilho pode-se apresentar sob as formas típicas e atípicas. Em qualquer uma delas, inicialmente há febre alta, falta de apetite, modificação do ritmo respiratório; nos casos típicos ou simples, há corrimento pelas narinas (no princípio líquido e aquoso, tornando-se espesso e purulento, de coloração esbranquiçada) que o animal expele quando tosse. Inicialmente, a inflamação se localiza na parte interna das narinas (pituitária), mas, com a evolução da moléstia, o "inchaço" vai atingindo a garganta e os gânglios ("glândulas") localizadas nas proximidades, que se tornam quentes, duros e dolorosos; logo depois, forma-se um abscesso, a pele ao redor se afina, rompe-se e dá saída ao pús branco amarelado, cremoso e rico em germens da doença. O pús, com o decorrer do processo, vai-se tornando mais líquido e transparente e acaba desaparecendo.

Durante o período que decorre entre o início da inflamação, até o rompimento do abscesso (cerca de uma semana), o animal sofre muito; logo que o pús principia a sair, há sensível "alívio", voltando o apetite e outros sinais.

Quasi sempre, os casos como o acima descrito, são benignos, raramente terminando pela morte (1 a 3%); o mesmo, entretanto, não acontece com as chamadas formas atípicas ou graves, as quais, dependendo da resistência orgânica, produzem grande mortalidade. Fato semelhante ocorre quando há casos isolados do mal, os quais, em geral, terminam por cura; havendo epizootia, isto é, muitos animais atacados de uma só vez, em geral, a morte aparece em grande número de casos.

Nos casos atípicos, às vezes, surgem vários abscessos nos órgãos vizinhos ao ponto de penetração do germe (faringe, laringe e glândulas parótidas), os quais podem levar à morte por asfixia (sufocação); em outros, os abscessos atacam outros lugares mais distantes, tais como pulmões, gânglios intestinais etc., causando broncopneumonias, cólicas intestinais, peritonites etc.; essas formas internas quasi sempre são mor-

ELETROPISTOLA



- sem compressor

A MAIS SIMPLES E PRÁTICA
ATE' HOJE FABRICADA

Para pintura com qualquer tipo de tinta — Para pulverizações de desinfetantes em currais, chiqueiros, galinheiros, etc. — Para pulverização de carrapaticida no gado — Equipada com motor elétrico de 110 ou 220 volts — 100 watts — 14.000 rotações por minuto — Montada com poucas peças inteiriças e de grande resistência.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DO RAMO
ORLANDI S. A. Indústria e Comércio
Rua Piratininga, 288 - (Santa Amara)
Caixa Postal, 4224 — SÃO PAULO

tais. Podem surgir, também, focos na paleta, pernas, articulações e outras localizações externas, sempre como formas atípicas do mesmo mal.

Quanto mais localizada a inflamação, tanto mais fácil a cura.

O período de incubação vai de 4 a 8 dias, podendo ser menor (1 ou 2

O Caruncho pode roubar até 75% de sua colheita



Evite esse prejuizo com polvilhamentos de

Gesarol 33

Uma única aplicação garante a proteção eficiente e econômica dos grãos armazenados — milho, feijão, arroz, etc. — contra o ataque de carunchos, gorgulhos e traças (mariposinhas, borboletinhas).

- AÇÃO SEGURA
- CONSERVAÇÃO PERFEITA
- INOFENSIVO AO HOMEM E AOS ANIMAIS
- NÃO DEIXA CHEIRO NOS PRODUTOS TRATADOS

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES! GESAROL 33 encontra-se à venda somente em embalagens originais. Recusem embalagens abertas ou pacotes que não trouxerem impressa a marca registrada de GESAROL 33.

Solicitem folhetos e amostras!

GEIGY DO BRASIL S. A.
Produtos Químicos

Matriz
RIO DE JANEIRO
C. P. 1329



Filial
SÃO PAULO
C. P. 2544



Temos em estoque:

Pasteurizadores de placas FISCHER
Resfriadores " " SCHMIDT
Material para Laboratorio FUNKE

Desnatadeiras BALTIC
Batadeiras ROTH
Compressores SABROE
de amônia

Grupos e Motores Diesel SIMMERING

Consultem-nos sem compromisso

SOCIEDADE IMPORTADORA SUÍSSA LTDA

RIO DE JANEIRO
Av. R. Branco, 14
Cx. Postal, 1404



Federico Telegrafico
"SISLA"

SÃO PAULO
Rua 7 Abril, 264
Cx. Postal, 7939

dias), quando há deficiências orgânicas.

TRATAMENTO — Apesar de ser moléstia facilmente curável com o emprego dos antibióticos modernos, o garrotilho deve ser tratado com atenção, para que se evitem as conseqüência de uma cura mal feita ou não terminada, que muito depreciam e mesmo invalidam o animal.

Geralmente, a vítima mal medicada fica com a respiração difícil, tosse e revela outras conseqüências pelas vias respiratórias, o que a impede de fazer grandes caminhadas, exercícios pesados etc.; ou apresenta ferimentos no couro (abscessos) que demoram a cicatrizar ou não cicatrizam, depreciando-a.

Antes da era da penicilina e das sulfonamidas, o tratamento era feito por meio de fumigações, vesicatórios, cataplasma e outros processos, que hoje, embora em desuso, podem ser empregados no tratamento sintomático para "ajudar", pois facilitam a eliminação do catarro, a desinfecção dos abscessos, o "amadurecimento" das inflamações, etc.

Modernamente, diziamos, empregam-se a sulfanilamida e o sulfatiazol, por via bucal e a penicilina, por meio de injeções; os primeiros são dados na proporção de 1 grama do produto para cada dez quilos de peso vivo do doente, como dose diária repetindo-se nos dias seguintes, até

que desapareçam os sintomas (em geral, entre o quarto e o sexto dia).

A sulfanilamida, ou outro derivado semelhante, também pode ser empregada em injeções, parecendo não ser muito útil por essa via.



Brucelose do bovino significa aborto infeccioso, o aborto infeccioso alastra-se rapidamente no rebanho e impede a reprodução, a falta de reprodução do rebanho representará um tremendo prejuízo na sua economia de criador. Sendo moléstia incurável, só lhe resta uma solução: EVITÁ-LA. E, felizmente, você o pode fazer, aplicando uma vacina de alta confiança e resultados seguros:

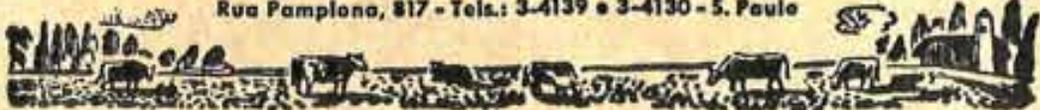


VACINA CONTRA A BRUCELOSE "VITAPEC" (AMOSTRA B-19)

Peça literatura completa para:

PRODUTOS VETERINARIOS VITAPEC LTDA.

Rua Pamplona, 817 - Telex: 3-4139 e 3-4130 - S. Paulo



A penicilina é usada na dosagem de um milhão de unidades no primeiro dia e meio milhão nos dias imediatos, até que cessem os sintomas.

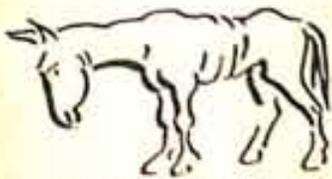
Recomenda-se, para melhor efeito da sulfanilamida, tanto quanto da penicilina, dividir a dose do dia em tres ou quatro porções, para serem dadas a cada cinco ou seis horas; atualmente, existem preparações de penicilina que têm ação para 48 horas e mais, não sendo necessário fracionar as doses.

Como tratamento preventivo (para evitar o aparecimento do mal), existem vacinas eficientes, que dão resultados, principalmente nas manadas de animais jovens.

Muitos laboratórios vendem produtos biológicos idôneos, tanto preventivos como curativos, para combater o garrotilho, e são preparados em cavalos com aplicações de culturas de *S. equi*.

O Instituto Biológico de São Paulo, tem à venda um bacteriófago curativo, que vem obtendo resultados como agente de cura dessa doença.

Nos casos atípicos ou complicados, convem sempre chamar um médico veterinário, que melhor poderá resolver a situação.



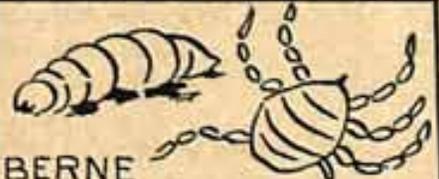
MAGREZA

contra

DIARRÉA POR
VERMES
POUCA RESISTÊNCIA
AS DOENÇAS



BICHEIRA



BERNE
CARRARATÓ



FRAQUEZA



FRIEIRA CORTES



PIOLHO SARNA



MOSCAS VERMES

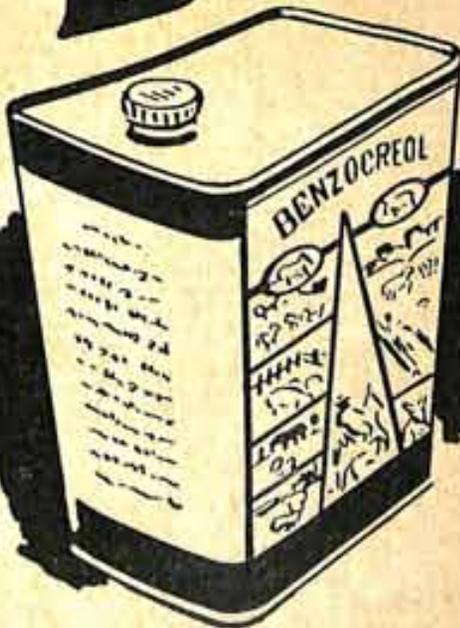
CONSEQUÊNCIAS
DA
AFTOSA



SUINOS AVES CAPRINOS

BENZOCREOL

CICATRIZANTE
GERMICIDA
FORTIFICANTE



E' surpreendente o Benzocreol. Com as mesmas notáveis qualidades antigas, enriquecido de novos valores terapeuticos graças à sua formula aperfeiçoada, Benzocreol está impressionando os criadores. Efeitos rapidos, ação perfeita. Conheça o Benzocreol, licenciado para USO EXTERNO E INTERNO. Peça gratis o interessante livro: "O Guia do Criador", à Caixa Postal, 1.002 — São Paulo.



INDS. J. B. DUARTE S/A

QUANTO SAL PRECISA O GADO LEITEIRO

O gado leiteiro pode suprir suas necessidades diretamente nos blocos de sal, mas é aconselhável adicionar-se um pouco de sal às rações de grãos

S. E. SMITH

Nas provas de um curso de Bromatologia Animal, solicitado um plano de ração completa para vacas leiteiras, muitos alunos deixaram de incluir sal na ração. Em consequência, obtiveram nota mais baixa, o que motivou a indignação de alguns: achavam que, como o sal seria implicitamente administrado, não deviam fazer referência a ele.

Este fato explica bem a maneira pela qual o sal é encarado por muitos fazendeiros: consideram-no elemento implícito na alimentação do gado, o que pode ocasionar sua ausência nas rações, ou então uma ministração inadequada.

Stephen A. Babcock, largamente conhecido pelos seus testes sobre o conteúdo gorduroso do leite, foi um dos primeiros a estudar o sal na alimentação da vaca leiteira. E é baseado em observações na Universidade de Wisconsin, no começo do século, que fazemos as seguintes recomendações sobre o sal na alimentação: 25 gramas por 500 quilos de peso vivo e mais 10 gramas por 5 quilos de leite produzidos diariamente.

Recentemente, as estações experimentais de agricultura têm devotado renovado interesse ao estudo da questão e assim têm aumentado consideravelmente nossos conhecimentos acerca das necessidades de sal que apresentam as aves, os suínos, os ovinos, o gado de corte e o gado leiteiro.

O QUE SE SABE SOBRE O SAL EM PEDRA

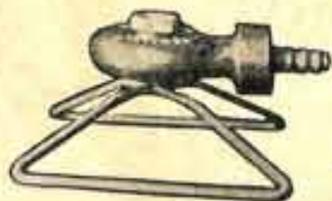
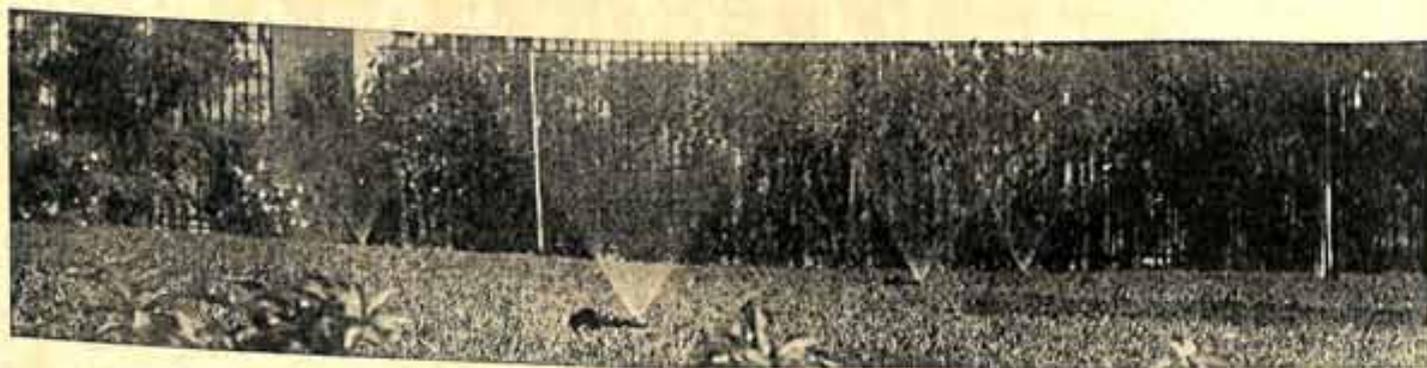
Vez por outra muitos fazendeiros têm discutido os méritos do sal em pedra, criticando desfavoravelmente seu emprêgo, com alguma afirmação dêste quilate: "O sal em pedra é muito duro e as vacas não podem lamber o bastante para suprir suas necessidades". Verificar a procedência desta asserção foi um de nossos primeiros estudos com vacas leiteiras.

Com êsse objetivo, 24 vacas leiteiras foram divididas em três lotes e cada lote foi colocado em um determinado tipo de pastagem.

Em cada um dos tipos de pastagem foi oferecida às vacas, em caixas à prova de intempérie, alternadamente,

CHUVISCO

PATENTEADO — JATO GIRATÓRIO — MARCA REGISTRADA — PARA IRRIGAÇÃO EM GERAL
ECONOMIZA AGUA — ECONOMIZA TEMPO



• Indispensável na rega de jardins, parques, estufas de orquídeas, chácaras e viveiros em geral. O único próprio para irrigação de composto (adubo) e esterqueiras, por manter a umidade constante e necessária. Não entope e não há desgaste em nenhuma de suas peças por serem fixas, pois o jato é giratório por meio de recochetes internos. Com pressão normal rega por igual um círculo de 5 metros de diâmetro no mínimo. Ligado a canos de irrigação em série, é o mais aconselhável e o único prático.

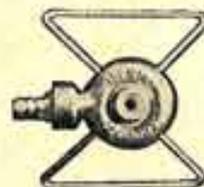
DADOS TÉCNICOS SOBRE O "CHUVISCO" — PRESSÃO: 20 metros = 30 libras = 2 atmosferas. CONSUMO: 15 litros por minuto. DIÂMETRO: círculo de 6 metros; mais ou menos 28 metros quadrados. QUANTIDADE: 1/2 litro por metro quadrado por minuto.

Garantia absoluta. Próprio para mangueiras (tubo de borracha) de 1/2" ou 3/4". BRONZE diâmetro do bojo 6 1/2 cms. — Peso da peça 450 grs.

Procure-o nas boas casas do ramo

L. W. SEABRA

Caixa Postal 167 — Telefones: 35-8366 - 70-2720 — S. Paulo





Associação Paulista de Criadores Bovinos

27 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente
Dr. João de Moraes Barros
Vice-Presidente
Dr. João Baptista Lara
1.º Secretário
Dr. Bernardo Gavião Monteiro
2.º Secretário
Paulo Eduardo de Souza
1.º Tesoureiro
Dario Freire Meirelles
2.º Tesoureiro
Antonio Calo da Silva Ramos

DIRETOR-GERENTE

Dr. Arnaldo de Camargo

CONSELHO CONSULTIVO

Dr. Mario Masagão
Dr. Lafayette Alvaro de Souza
Camargo
Eliseu Teixeira de Camargo
Orlando Barros Pereira
Dr. Naur Martins
Carlos Alberto Willy Auerbach
José Procopio do Amaral
José C. Moraes
João Laraya

SUPLENTES

Dr. Francisco Pereira Lima
Dr. Fernando Leite Ferraz
Dr. Franklin Siqueira
Antonio Matos Ribas
Arnaldo Borba de Moraes
Manuel Carlos Gonçalves

MEDICOS VETERINARIOS

Dr. Celso de Souza Meireles
Dr. Walter Batiston

TÉCNICOS

LEITE E DERIVADOS E CONTROLE LEITEIRO

Dr. Fidélis Alves Netto
AVICULTURA
Dr. Henrique Raimo

GERENTE COMERCIAL
Virgílio de Almeida Penna

Rua Frederico Abranches, 37 - SÃO PAULO - Tels.: 51-6380 e 51-6963

sal em bloco e sal granulado, sendo-lhes administrada de acôrdo com a produção, uma mistura típica concentrada de milho, cereais, palha de trigo moída e fosfato dicálcico.

Indubitavelmente as vacas alimentadas com o sal granulado comeram muito mais que as alimentadas com sal em bloco. As vacas de 3 anos consumiam voluntariamente mais de 62 grms. de sal granulado por cabeça, diariamente, ao passo que apenas consumiam 31 grms. do sal em bloco.

Surge, pois, naturalmente a seguinte pergunta: teriam as vacas alimentadas com sal em bloco obtido o bastante para satisfazer suas necessidades para a produção de leite? A resposta é positiva. O sal granulado extra consumido pode ser tachado de simples gula, isto é, como quantidade mais do que a necessária. O fato dos animais comerem mais sal do que realmente necessitam constitui uma incógnita; talvez aconteça a mesma coisa que às crianças que comem doces. O doce naturalmente é rico em calorias, quando ingerido em excesso supera as necessidades do organismo em elementos energéticos.

QUAL A QUALIDADE DE SAL QUE AS VACAS PREFEREM?

Surge outro problema dentro do mesmo assunto. Que farão as vacas quando chamadas a escolher entre o sal em bloco e o granulado? Os resultados foram mais impressionantes do que nunca. Em uma pastagem contendo ambas as formas de sal as novilhas optaram "in totum" pelo sal granulado, numa proporção diária de 31 grms. de granulado para 2 grms. do sal em pedra, por cabeça.

A interpretação geral dessas experiências é a de que as vacas leiteiras consumiram voluntariamente mais sal granulado do que em pedra, obtendo, em qualquer caso, o necessário para as suas exigências orgânicas.

Além disso, foi observado que nunca perdem muito tempo à procura do sal. Outros estudos consideram mais

detalhes das necessidades de sal. Um rebanho de 30 vacas foi dividido em quatro grupos, cada um dos quais foi alimentado com uma quantidade diferente de sal. Um grupo não recebeu sal extra; outro obteve cerca de 15 grms. diárias por cabeça; o terceiro grupo cerca de 62 grms. e o quarto 128 grms. Fora isso a ração era comum e, tipicamente correta, constante de feno, silagem de milho, uma mistura de cereais e fosfato dicálcico. Dentro de uma semana as vacas sem sal extra demonstravam um tremendo desejo de obtê-lo. Chegavam a lamber a porta do estábulo, as roupas do encarregado, comendo também a terra do estábulo, ou onde parecesse estar aquele mineral. Uma dos pontos interessantes dessas observações foi o que ocorreu quando todas as vacas foram levadas juntas para fora, após a ordenha matinal. Uma vaca transtornada pela falta de sal bebeu a urina de outra. Pouco depois, outra vaca urinou, desta vez, porém, o líquido foi rejeitado. Mais tarde ainda outra urina foi bebida por uma terceira vaca. Ora, a primeira e a terceira vacas estavam sendo alimentadas com quantidade extra de sal, enquanto o mesmo não se dava com a segunda, que, em consequência, possuía pouco ou nenhum sal na urina. O que é ainda incompreensível é a maneira pela qual a vaca ávida por sal conseguiu perceber a urina salgada simplesmente pelo olfato.

Tenho certeza de que os químicos que se dedicam ao estudo do sal dariam tudo para saber o segredo da rápida análise olfativa da vaca. As vacas alimentadas com 15, 60 ou 120 grms. de sal diariamente, não demonstram nenhuma avidez pelo sal.

AS VACAS RECUPERAM-SE RAPIDAMENTE

A despeito da fome progressiva pelo sal, as vacas não apresentaram outros efeitos adversos antes que um ano se escoasse. Por este tempo algumas perderam o apetite, o peso, caindo verticalmente a produção de leite. A quebra do peso foi severa em alguns casos, isto é, de

Reprodutores SCHWYZ

IMPORTADOS E NACIONAIS

Temos alguns para pronta entrega, já servindo, aclimatados, de alta produção leiteira e com todas as garantias.

Aceitamos pedidos de reserva para animais Puros de Origem e Puros por Cruzamento, filhos de Tauros Importados dos Estados Unidos e de alta produção leiteira, incluindo, entre eles, o célebre touro A. A. REGINALD. A. N.º 116.771, o melhor touro já entrado no Brasil, com produção média em 7 gerações de 10.757, 61 quilos de leite, 413,12 quilos de gordura e a média de 4,13% de matéria gorda. Preços bastante razoáveis.

Informações: José Pires Comargo - Fazenda São Bento, Atibaia - Estado de São Paulo ou com Dr. Celso de Souza Meirelles - Rua Frederico Abranches, 37 - Fone 51-6963 e 80-6079 - Capital.

150 a 200 quilos. O coração começou a apresentar anormalidades e, conforme a sentença do veterinário, os animais estavam "moribundos". Mesmo nesse estado extremo de deficiência por carência de sal, a recuperação dos animais alimentados com 250 grms. de sal foi deveras notável. Em questão de horas o apetite e a disposição reagiram e com uma alimentação contínua de sal houve um revigoramento completo dos animais.

Em termos práticos, o que significam os sintomas mencionados? A falta de sal na ração é sentida, mas a produção não decai senão alguns meses ou mesmo um ano mais tarde. Destarte, os fazendeiros não devem se preocupar se ocasionalmente as vacas não recebem a quantidade ideal de sal. A carência longa e contínua de sal leva a conseqüências sérias, até à morte, mas o sal, administrado nos casos mais extremos, permitirá uma volta completa à saúde e produção normais.

ADICIONE 1/100 DE SAL À RAÇÃO

Esses estudos permitiram-nos também calcular o sal exigido pela lactação mais precisamente do que nos primeiros estudos. Foi verificado que 15 grms. de sal por dia não era o bastante durante períodos dos mais longos, enquanto que 31 a 62 grms. provaram ser mais do que o necessário.

Em outra experiência fixamos em 30 grms. de sal por dia a quantidade ideal para prover a necessidade das vacas com produção de 6.000 litros de leite por ano. Este sal é dado sem considerar-se o já contido

naturalmente nos alimentos. A produção em níveis mais elevados precisaria de mais sal, já que o leite é normalmente rico em sal. As necessidades de sal das vacas são pois bem providas pela prática comum de se adicionar 1/100 de sal à mistura de grãos, desde que neste nível 3 quilos de concentrados fornecem aproximadamente 30 grms. de sal.

O sal naturalmente não é um alimento unitário. Compõe-se de sódio e cloro, um exemplo interessante de dois elementos violentos ou venenosos, os quais, quando combinados, formam uma alimentação suplementar segura. Desde há muito tem-se procurado saber se os animais precisam do sal por causa do sódio ou do cloro nele existentes. Felizmente fomos capazes de encontrar uma resposta coerente a esta questão, usando vacas deficientes em sal para a experiência.

Quando animais deficientes em sal recebem este nutriente o apetite, o ganho de peso e a produção de leite são prontamente aumentados. Quando são alimentados com cloro de magnésio, isto é, uma fonte de cloro sem sódio, eles continuam a decair. Se no entanto, recebem bicarbonato de sódio, uma fonte de sódio sem cloro, reagem como se estivessem recebendo o próprio sal. Isso mostra, pelo menos sob as condições de nossos estudos, comparáveis às boas práticas de alimentação em muitas granjas, que a necessidade essencial das vacas leiteiras é o sódio, o qual é felizmente fornecido muito mais barato em sal do que em qualquer outro composto.

Aumenta o Consumo de Leite e Ovos

Tomando-se um período recente — os anos de 1951 a 1953 — observa-se que, no decorrer desse triênio, o nosso consumo de ovos aumentou, aparentemente, de 62 para 76 unidades por ano e por pessoa, e o de leite, de 46,5 litros para 60,7 litros por ano e por pessoa. Conjugadas essas quotas a outras há pouco divulgadas em comunicado do Conselho Nacional de Estatística, tem-se que, nesse ano, cada brasileiro estava consumindo por mês (média aparente): 2,58 kg de açúcar tipo usina, 3,21 kg de arroz, 2,07 kg de feijão, 1,73 kg de carne, 5 litros de leite e 6 ovos (mais um por trimestre). No citado triênio, a produção nacional de ovos, segundo o Serviço de Estatística da Produção, cresceu de 277.437 mil dúzias para 352.822 mil dúzias. Desse quantitativo, 47% eram provenientes de Minas Gerais e São Paulo. É de notar-se que, nos três anos, referidos, a produção mineira aumentou de 44.890 mil dúzias para 73.300 mil, e a paulista, de 66.810 mil para 93.500 mil. Procediam também de Minas e São Paulo aproximadamente dois terços (62,5%) do leite nacional, destacando-se o montante do primeiro, que ascendia a 1.232 milhões de litros em quatro unidades estavam produzindo acima de 100 milhões de litros anuais: Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Goiás e Santa Catarina, com 300 milhões, 186 milhões, 144 e 114 milhões de litros, respectivamente. A produção da Bahia e do Paraná era da ordem dos 90 milhões de litros. Nos seis Estados mencionados, também a produção de ovos se desenvolvia em grande escala, indo além de 25 milhões de dúzias nos dois primeiros, e de 10 milhões de dúzias, nos demais.



...toneladas de Cálcio, Fósforo e Iodo
dos seus pastos!



O Cálcio, o Fósforo e o Iodo são indispensáveis, como o próprio ar que o animal respira. O Iodo, reunido na glândula tiróide, defende contra doenças. O Cálcio e os Fosfatos formam os ossos e a carne. Uma rês contém em seu peso cerca de duas arrobas de Cálcio e Fosfatos e 200 miligramas de Iodo. Assim, cada boiada vendida leva de nossos pastos — reconhecidamente fracos — toneladas dessas preciosas substâncias, empobrecendo-os cada vez mais para as futuras gerações.

Portanto, se deseja um gado forte e sadio, se quer um lucro maior em carne, leite, ovos, lã e tração, complete o alimento de sua criação com a

MISTURA IODO CÁLCIO FOSFATADA

PEDIDOS A

FEDERAÇÃO
DE CRIADORES

R. Frederico Abranches, 37
São Paulo

Econômico no custo

	Cr\$
Sacos de 40 quilos	500,00
" " 10 "	150,00
" " 1 "	18,00

- generoso nos resultados!



Vista parcial aérea de um conjunto de irrigação de mais de 50 quilômetros de linha de borrifadores, numa plantação de batatas, na Califórnia. Trata-se de um dos maiores empreendimentos nesse gênero, levado a efeito por uma firma agrícola nos EE. UU. Seu valor é superior a 250 mil dólares, ou seja, no câmbio livre, aproximadamente Cr\$ 17.000.000,00. A Bryan Smith Farms, Bakersfield, Califórnia, irrigando essa grande área de cultura de batatas e cebolas, espera aumentar a produção, melhorar o produto, conservar a umidade do solo e proteger-se contra os efeitos da geada. Somente com o aumento de produção, em um ou dois anos, espera pagar a instalação.

SERÁ PRÁTICO IRRIGAR A PASTAGEM?

Uma das maiores vantagens da irrigação é a distribuição uniforme da produção de forragem na estação fria

G. E. McKibben e H. A. Cate

Há um provérbio que diz: "Não sentimos a falta d'água até que o poço seque". No que se refere às plantas, o poço seca em muitas fazendas, no verão. Com um bom programa de adubação, as plantas aproveitam mais a umidade, seja natural ou fornecida pela irrigação. No caso do milho, a umidade adequada, em determinados períodos, pode ser tão importante quanto um alto nível de umidade em toda a estação de engorda.

Será prático irrigar a pastagem onde o índice normal de chuvas por ano seja de 45 polegadas, com a metade das chuvas ocorrendo de maio a outubro? Talvez não, se a distribuição pluvial fosse boa ou se a chuva média exprimissem o ano típico. A distribuição pluvial e a intensidade das tempestades individuais, durante a estação de engorda, podem ser muito mais importantes do que a chuva normal.

No estado de Illinois, calculou-se que, num período de dez anos, em sete são necessárias no mínimo doze polegadas de água suplementar. A carência de água, assim como de fertilizantes, limita o progresso da pastagem. Enquanto não possa haver dúvidas quanto ao incremento da produção das pastagens por meio da irrigação, discutir-se-á o custo da prática de irrigação. Uma das maiores vantagens da irrigação resulta da distribuição uniforme da produção de forragem por toda a estação de inverno, assegurando constante armazenamento.

São concebíveis situações em que a falta de pastagem possa implicar em dispendiosa alimentação suplementar ou no sacrifício de animais de valor.

A irrigação tem outras vantagens, que são difíceis de apreciar. Mas, de qualquer forma, elimina o perigo da falta de umidade em novas pastagens. Por outro lado, os trêvos são mantidos na pastagem, reduzindo-se o custo de fertilizantes de nitrogênio e o da renovação de leguminosos. Em resumo, a irrigação prolongará a vida produtiva da pastagem, constituindo um meio de aumentar o tamanho de sua fazenda verticalmente, sem contudo distendê-la horizontalmente.

QUANTIDADE DE ÁGUA NECESSÁRIA

A primeira pergunta que surge, quando se fala em irrigação refere-se à quantidade de água necessária. Os solos arenosos ou de barro consistente, com baixo índice de matéria orgânica requerem irrigação mais frequente, com menor quantidade de água do que os profundos e de sedimento fértil. No primeiro caso, sendo o subsolo barrento, a água é absorvida mui lentamente, razão pela qual o suprimento de água deve equiparar-se à necessidade máxima de irrigação, descontada a quantidade que se perde por evaporação e outros usos.

Para maior conservação da água e melhor aproveitamento do trabalho, é conveniente que a irrigação seja tão

rápida quanto a absorção pelo solo, sem que se formem correntes de perdas. O ritmo máximo de absorção em Illinois, por exemplo, é de meia polegada por hora.

De modo geral, as necessidades da pastagem são melhor supridas por aplicações de duas polegadas em cada irrigação, o que resulta em economia de trabalho. Em alguns solos, ritmos mais elevados talvez sejam desejáveis.

VALEU A PENA A IRRIGAÇÃO

Experiências realizadas com bovinos e ovinos demonstraram que a pastagem irrigada produziu 40% mais de forragem, aumentando de 46% o desenvolvimento do animal: ao mesmo tempo, a capacidade de lotação do pasto aumentou de cerca de 70%.

O ganho de peso dos animais foi de 125 a 180 quilos por alqueire, enquanto a produção de forrageiras aumentou de 3.125 a 4.400 quilos por alqueire. Os dias de pastagem de cada animal por alqueire foram aumentados de 160 a 276. Os ganhos do animal aumentaram na mesma proporção que a produção de forragem; contudo, a média diária de ganho por unidade, num período de sete anos, foi de 1.55 no campo não irrigado e de 1.31 no campo irrigado.

Em uma média de quatro anos (1945-1948), no estado de Tennessee, verificou-se a possibilidade de lucro na irrigação da pastagem permanentemente adaptada para vacas leiteiras, onde se encontre suprimento adequado de água. A experiência indicou ainda que a produção de leite, no fim do verão, pode ser mantida por um período em que muitos fazendeiros têm que lançar mão de pesada alimentação suplementar. A pastagem irrigada ofereceu 41% mais em dias de pastagem, 43% mais em produção de leite tendo a renda total aumentado 43% (\$1.200,00 por alqueire), computados os custos da alimentação e irrigação.

Uma boa pastagem pode ser mantida por muito mais tempo com o trêvo branco, quando for irrigada. Entretanto, a fertilidade é de suma importância para as pastagens e deve ser considerada antes da irrigação, por meio de conveniente tratamento do solo. De fato, com uma adubação anual de cerca de 200 quilos por alqueire, de 20% de superfosfato e 100 quilos de 60% de potássio, obtiveram-se nos E. U. A. resultados de aumento de forragem equivalentes aos da aplicação de água ao tratamento básico.

Bons resultados com adubo de fosfato apareceram apenas quando, ao mesmo tempo, foi usada a quantidade necessária de nitrogênio, suprido quer por aplicações comerciais, quer por certas leguminosas. À medida que a produção de forragem foi aumentada pela irrigação, as mudas da leguminosa foram também mantidas e, após sete anos, até 30% permaneceram nas zonas irrigadas, ao passo que nada ficou nos campos sem irrigação. A leguminosa utilizada na cobertura dos campos irrigados forneceu o equivalente a 155 quilos de nitrato de amônio aplicados anualmente.

O êxito na produção de forrageiras depende consideravelmente do cuidado dispensado à pastagem e seus objetivos são os de manter a composição desejada com capim e leguminosas de alta produção: usar a forragem quando

esta for mais nutritiva e conservar a vegetação da pastagem crescendo com vigor durante o período de engorda.

O maior ganho obtido em pastagem irrigada, no estado de Illinois, resultou de serem pastoreados bovinos e ovinos simultaneamente, observando-se também que estas duas espécies consomem a forragem com maior eficiência quando juntas. Essa eficiência, medida em "quilos de matéria seca necessários para produzir um quilo de ganho por animal", indica um proveito maior no pastoreio simultâneo, no caso da pastagem contínua.

O ritmo de crescimento pode servir de guia para se determinarem os dias no ciclo da rotação, quando se usa esse tipo de pastoreio, que também contribui para a eficiência do ganho. A não ser no primeiro ciclo na primavera, o pastoreio em rotação pode ser planejado para colher-se a forragem em um estágio desejável de crescimento. Na primavera, quando o crescimento é rápido e a forragem não pode ser adequadamente usada, a vegetação de um ou dois piquetes pode ser transformada em silagem ou feno.

QUAIS SÃO AS DESPESAS

Os custos de combustível e de mão de obra acompanham naturalmente o número de irrigações. Nas experiências aqui referidas, 5 1/2 horas de mão de obra e 38 galões de gasolina para cada irrigação, em cinco alqueires com duas polegadas de água. Despesas como a depreciação e a conservação não foram incluídas neste cálculo, bem como o custo inicial da aparelhagem necessária não entrou em tais cogitações, posto que muito variável de acordo com cada caso particular.

Para que a irrigação seja bem sucedida é necessário conhecer os solos, o suprimento de água, as possíveis necessidades de água que poderiam sobrevir e, sobretudo, procurar a orientação de um engenheiro competente.

Se o suprimento de água for adequado, podem-se reduzir as despesas, aplicando-se o sistema de irrigação em maior área na fazenda.

A irrigação assegura pastagens produtivas e de qualidade durante a estação de engorda.

JACAZINHOS DE LAMINAS DE PINHO PARA REPLANTE E PROTEÇÃO DE MUDAS DE CAFÉ, EUCALIPTUS, CITRUS, ETC.:



JACAZINHO DE LAMINA DE PINHO

— É possível resolver(em) de uma vez para sempre o angustiante problema dos JACAZINHOS, sendo os de LAMINAS DE PINHO usados hoje em larga escala com ótimos resultados e com reais vantagens sobre todos os seus similares, inclusive o balaicho de Bambu, por ser muito mais barato, mais prático e rápido no uso. Facilmente transportável, não ocupa espaço, cabe maior volume de terra, tem boa resistência ao tempo, protege a planta contra enxurradas e areia, e na rega a água fica empoeada na superfície, infiltrando-se aos poucos até a base, tornando mínima a perda de mudas.

MADEIRAS "SIT-FAZ" LTDA.
LAMINADOS, COMPENSADOS E JACAZINHOS
Rua Visconde de Inhomirim, 860 - Tel. 9-9366
SÃO PAULO

Compre com poucos cruzeiros...

...NOSSA EXPERIENCIA DE MUITOS ANOS.

Planos PRÁTICOS, CÔMODO e ECONÔMICOS cuidadosamente estudados para você adotar em suas CONSTRUÇÕES RURAIS.



PLANTAS	Cr\$
Abrigo Misto	20,00
Abrigo para Touros ..	40,00
Aparelhos de Contenção para Estabulos — 5 Modelos	40,00
Aprisco p/ 70 Carneiros	20,00
Banheiro Carrapaticida	40,00
Banheiro para Suinos	20,00
Camara de Fermentação de Esterco	40,00
Cavaliçã Mista	40,00
Cocheira	60,00
Cocho coberto para dar sal ao Gado	20,00
Curral	40,00
Curral Circular	60,00
Currais com Apartação e Tronco para Ordenha	40,00
Estabulo com Baias Individuais e Galpão para Ordenha	40,00
Estabulo Cruzeiro	40,00
Estabulo Economico ..	40,00
Estabulo Granja	40,00
Estabulo de Madeira para 12 Vacas	40,00
Estabulo Modelo	40,00
Estabulo para 60 Vacas	40,00
Estabulo tipo Vila Brandina	40,00
Estrumeira	20,00
Fabrica de Manteiga ..	40,00
Fabrica de Manteiga — Capacidade 100 litros diarios	60,00
Fabrica de Manteiga — Capacidade 300 litros diarios	60,00
Fabrica de Manteiga — Capacidade 500 litros diarios	60,00
Galpão Esterqueira ...	40,00

PLANTAS	Cr\$
Instalações Economicas para Suinos	40,00
Instalações para Ordenha	40,00
Instalações para Banho Carrapaticida	20,00
Maternidade para Suinos	40,00
Paioi	20,00
Pequena Pocilga	20,00
Posto de Resfriamento de Latões por Circulação — Capacidade de 200 litros	60,00
Posto de Resfriamento — Capacidade para 200 litros diarios	60,00
Posto de Resfriamento — Capacidade para 500 litros diarios	60,00
Posto de Resfriamento — Capacidade para 200 litros diarios	60,00
Posto de Resfriamento e Engarrafamento — Capacidade para 500 litros diarios	60,00
Rolo de Faca	20,00
Silo Elevado Aereo ...	40,00
Silo Economico	40,00
Silo de Encosta — Cap. 50 Toneladas	40,00
Silo de Encosta — Cap. 100 Toneladas	40,00
Silo Subterraneo	20,00
Silo de 130 Toneladas	40,00
Silo trincheira	40,00
Tronco para Apartação	40,00
Tronco para Cobertura	20,00
Tronco para Contenção de Bovinos	40,00
Tronco para Ordenha	20,00



Atendemos pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL

PEDIDOS:

Associação dos Criadores
Rua Frederico Abranches, 37 - São Paulo

O composto e seu preparo

MEIOS DE FERMENTAÇÃO

E. J. KIEHL

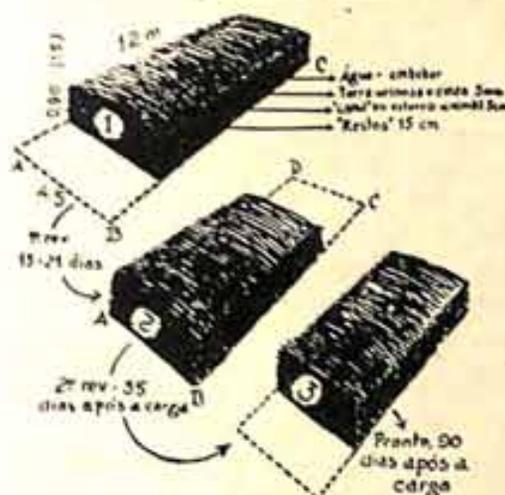
Assistente da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - Universidade de São Paulo

Meios de fermentação são as camas dos animais ou palhas frescas de café, elementos ricos de hidratos de carbono ou glúcidos e celulose, amido, gomas, resinas, etc., substâncias que fornecem as energias necessárias ao desenvolvimento e multiplicação dos microorganismos que vão inocular o restante da massa, servindo de "meio" de fermentação para os "restos" orgânicos. São as camas dos animais e a palha de café fresca a fonte energética indispensável; e o esterco animal, o portador dos microorganismos que, desse conjunto, se propagam à massa toda.

ESCOLHA DO LOCAL PARA PREPARO DO "COMPOSTO"

A transformação de restos em humus pode ser feita em fossas ou em montes ao rés-do-chão. Faz-se em fossa quando a massa em fermentação estiver sujeita a ressecamento ou a resfriamento muito rápido, restando este processo em economia de água. Apresenta a desvantagem de encharcar-se com as chuvas intensivas, as enxurradas, a água do solo, etc. Devemos preferir o processo rés-do-chão, escolhendo um local alto, para evitar a penetração da enxurrada no monte, que pode ser protegido por uma valeta, que desvie as águas da chuva. Este local deve ser suficientemente espaçoso para acumular os materiais e permitir livre trânsito de veículos.

Como o "composto" deve ser irrigado, é preciso que seja fácil a obtenção de água; depois de eleito local para o preparo do "composto", este deve ser mantido indefinidamente para esse fim, pois, o solo se vai enriquecendo em bactérias, minhocas e pequenos insetos, que atuam eficazmente nas formações seguintes do "composto". Deve-se evitar os solos contaminados pelo "composto", que pode ser disseminado pelo "composto". Também não deve ser preparado debaixo de árvores, pois as raízes destas penetram no



METODO HOWARD (Indore)

ESTRATIFICAÇÃO OU MONTAGEM DO "COMPOSTO"

Há diversos métodos de preparo do "composto"; inicialmente vamos tratar do processo "Howard". Um bom "composto" se faz juntando-se camadas de restos vegetais e de esterco de animais com água e, algumas vezes, terra. Como a matéria orgânica, ao decompor-se, se torna ácida, costuma-se juntar matérias alcalinas, tais como cinza de madeira, cal extinta ou outros calcários moídos, para evitar uma acidez acentuada.

Um monte de "composto" deve ter as dimensões de 12 metros de comprimento por 4,5 metros de largura, por 90 centímetros de altura, até 1,5 metros. Como o ar só penetra a uma profundidade ao redor de 0,45 a 0,60 centímetros, quando se preparar um monte de altura maior, devem ser feitos respiradores verticais, para uma aeração extra; isso se consegue introduzindo na massa uma barra de ferro, a que se vai dando movimento rotativo, para modelar no "composto" uma espécie de chaminé.

A primeira camada de um monte deve ser constituída de "restos" vegetais, com 15 centímetros de altura, dispostos em cruz pela superfície do terreno (12 x 4,5 metros). Segue-se uma camada de "cama animal" ou

estrupe com 5 centímetros de espessura, a qual deve ser polvilhada com uma mistura de terra urinosa e cinza de madeira, ou terra sômente, tendo-se o cuidado de não se distribuir mais do que uma película de 3 milímetros de espessura. A terra em excesso prejudicaria a aeração. Esse "sandwich" é agora regado com água, em jato fino, até embeber todo o material. O processo de construção do monte e irrigação continua, até que se atinja a altura de 1,50 metros.

O autor deste processo acha que pode com vantagem montar a pilha por secções, isto é, dividindo em cinco partes a superfície a ser ocupada pelo "composto" e preparando uma por vez, montando 5 montes de menores dimensões, em vez de um grande. A fermentação começaria de uma vez em cada secção, não havendo perda de tempo e a massa, uma vez em seu lugar, não seria pisada. Os respiradores para a aeração podem ser feitos cada vez que se complete uma secção, sem interromper a mistura.

Quando os restos a ser distribuídos forem de natureza muito diversa, como palha de feijão, de trigo e de milho, pode-se fazer a estratificação na seguinte ordem: palha de feijão, de trigo e "meio"; isso em vez de palha de feijão, "meio"; palha de trigo "meio"; palha de milho, "meio". Este processo simplifica a distribuição e poupa boa quantidade de "meio", em proveito de outras quantidades de "restos". O monte poderá levar uma semana para ser erguido.

CINZAS

A função da cinza na formação do "composto" é muito importante. Durante o processo de decomposição da matéria orgânica, pode haver formação de ácidos orgânicos e minerais, que acidificam exageradamente a massa, dificultando a formação de um bom produto. As cinzas podem combinar com esses áci-

dos formando sais minerais úteis às plantas.

Sendo as bactérias as principais responsáveis pela digestão da matéria orgânica, é de todo interessante alcalinizar a massa, adicionando pequenas porções de cinza ou cal extinta entre as camadas. Com isto não se pretende impedir o desenvolvimento dos fungos, um tanto intenso no início da fabricação do "composto", de aspecto esbranquiçado e filamentososo, que observamos ao levantar a parte superior do monte. Em meio levemente alcalino, com o tempo as bactérias tomarão incremento e passarão a predominar na massa em decomposição, operando a humificação de toda a sua matéria orgânica. A cinza, além de agir como corretivo da reação do "composto", sendo um elemento rico de bases, formará, com a água de irrigação, lixívias, com propriedades corrosivas, as quais, penetrando e destruindo os tecidos das plantas, contribuirão para sua desintegração.

A incorporação da cinza pode ter interessante utilidade. Quando em um "composto", depósito de lixo, esterqueira ou outras montueiras, notarmos moscas, suas larvas ou ovos, como as moscas depositam seus ovos a poucos centímetros da superfície dos monturos, espalhando-se uma leve camada de cinza nessa superfície e revolvendo-a um pouco, com um rastelo, provocaremos um desprendimento de gás amoníaco suficiente para matar ovos e larvas e afugentar as moscas.

A presença exagerada de vegetação branca filamentosa de fungos até o final da formação do "com-

posto", indica acidez excessiva, o que nos leva a empregar mais cinza, na nova pilha de "composto" que formamos. Na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", têm sido empregados 60 a 80 quilos de cinza de fornalha por monte de "composto", com ótimo resultado quanto à alcalinização.

O EMPREGO DA TERRA

Na maioria dos trabalhos sobre o "composto", não tem sido citada nem recomendada a distribuição de uma leve camada de terra entre as de "restos" e "meios". Howard, que trabalhou na Índia, em condições de solo e clima muito semelhantes às nossas, era adepto do seu emprego, razão pela qual achamos que também devemos empregar. D'Utra diz: "com emprego da terra, tem-se em vista utilizar o seu poder absorvente para impedir o desprendimento do amoníaco, misturando-a com 10 % de cal, em volume".

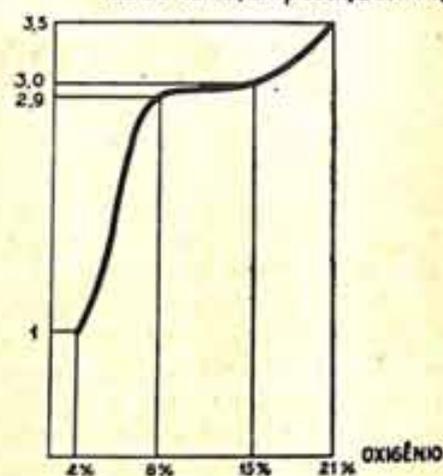
A terra juntada ao "composto", principalmente se fôr urinosa, contribuirá com os milhões de bactérias que ela contém e auxiliará muito o processo fermentativo. Basta lembrar que um único centímetro cúbico de solo pode conter vinte milhões de bactérias.

A IMPORTANCIA DO AREJAMENTO

A decomposição vem a ser a transformação de substâncias orgânicas em compostos mais simples: carbono em anidrido carbônico; hidrogênio em águas; azoto em ácido nítrico e enxofre em ácido sulfúrico, na presença do ar, graças aos organismos aeróbios. Putrefação é a transformação de substâncias orgânicas, levadas a efeito por organismos anaeróbios, que, na ausência do ar, retiram a energia necessária à sua vida das substâncias orgânicas complexas, transformando-as em corpos mais simples.

Daí a necessidade do arejamento das camadas de que se compõe a pilha de "composto". Se existir pouco ar, total ou parcialmente — com todas as outras condições favoráveis — os micro organismos roubam dos nitratos, o oxigênio de que necessitam, reduzindo-os a nitritos, óxidos de nitrogênio, amoníaco ou nitrogênio elementar, cuja perda se dá pela

CO₂ (EXPERIÊNCIA DE WOLLNY)
Areia e turfa, em presença de nitrogênio

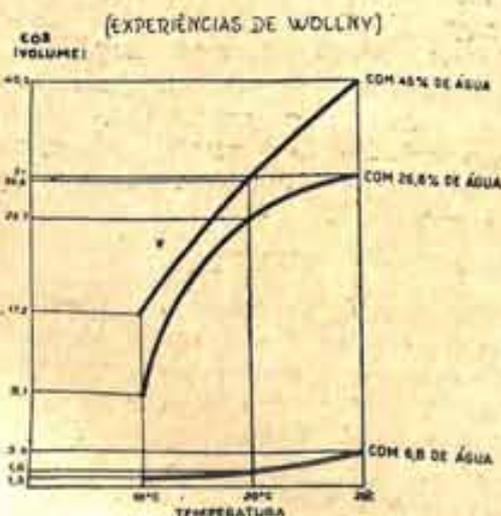


Influência do ar atmosférico na decomposição da matéria orgânica

volatilização, verificando-se uma desnitrificação. Como o processo da decomposição do "composto" é fermentativo e como a rapidez dessa decomposição cresce em presença de abundante oxidação, é necessário que haja importante trabalho de arejamento da massa. Para que haja essa aeração, são preconizados os seguintes recursos:

- não pisotear o material ao estratificá-lo;
- não encharcar a massa com excesso de água;
- abrir orifícios respiradores, para penetração de ar, por meio de barras de ferro, como foi explicado atrás; colocar duas folhas de zinco, separadas por um pedaço de madeira e retirar tudo após a montagem do "composto";
- instalar o "composto" num estrado rústico, 30 a 40 centímetros acima do piso;
- revirar o "composto" de tempos em tempos, como veremos mais adiante.

Não há dúvida que grande número de bactérias anaeróbias desenvolvem-se no "composto", apesar da penetração do ar, pois os microorganismos aeróbios protegem-nas contra a ação do ar. Daí a possibilidade do aparecimento dos produtos da putrefação em "composto", mesmo quando arejados.



Influência da humidade na decomposição da matéria orgânica



Noticiário

Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

Santo Anastácio, 21 de outubro de 1955

À

TORTUGA - Cia. Zootécnica Agrária

Av. João Dias, 1.360

Capital - S P.

Prezados senhores :

Como Vv. Ss. sabem, há tempos que venho usando na alimentação de meus animais os Complexos Minerais Iodados e os Polivitamínicos Tortuga.

Verdadeiramente surpreendentes têm sido os resultados :

as vacas holandesas elevaram sensivelmente a produção leiteira, aumentaram de peso e apresentam magníficas condições de saúde ;

o plantel zebuino, que recebeu o Complexo Mineral Iodado no cocho, misturado ao sal comum, atravessou a seca e a geada em bom estado de saúde e nutrição; a fertilidade das vacas aumentou e os bezerros se criam com facilidade e sem distúrbio algum ;



A Sra. Mario Zoppi segura um esplêndido espécime campeão, apresentado pela nossa Fazenda em uma exposição regional.

os porcos agora se desenvolvem rapidamente e engordam mais depressa; as porcas parem leitões mais pesados e em maior número ;

nos cavalos e burros, desapareceram os casos, antes freqüentes, de cara inchada, notando-se aumento da energia muscular e melhora do estado geral de saúde e nutrição.

Cordialmente

(a) Mario Zoppi

Fazenda Sta. Rosa



Reprodutores Gir, crioulos do Sr. Mario Zoppi



O Sr. Mario Zoppi mantém uma esplêndida criação de suínos

ALIMENTAÇÃO DAS VACAS



bovinos

IV GORDURAS

As gorduras, como os carboidratos ("Noticiário Tortuga", de outubro de 1955) fornecem ao organismo energia calorífica, muscular etc. O seu valor energético, porém, é maior, pois 1 kg de gordura produz tanta energia quanto 2,25 kg de carboidratos.

As gorduras têm importância toda particular, devido às vitaminas nelas dissolvidas: as vitaminas lipossolúveis (solúveis na gordura) A, D, E. Nos animais alimentados com rações totalmente desprovidas de gorduras, manifestam-se distúrbios do crescimento e alterações da pele (crostas e escamas). Juntando-se à ração pequena quantidade de alguns ácidos graxos (linoleico, linolênico e araquídico), essas perturbações desaparecem rapidamente.

A prática da alimentação sempre demonstrou que o rendimento de uma ração é maior e que o estado de nutrição dos animais é muito melhor, quando ela contém um mínimo de 3 a 4% de gordura.

Também na produção de leite as gorduras influem, segundo demonstraram 17 experiências realizadas em Nova York (Morrison). As pesquisas desse autor permitiram observar que vacas alimentadas com rações balanceadas, contendo 6,5% de gordura, produziram 4% mais de leite que as que receberam rações balanceadas com apenas 2,7%.

VITAMINAS

As vacas leiteiras, como ruminantes, não sofrem de avitaminose B, pois sintetizam no aparelho digestivo todas as vitaminas deste grupo.

Quanto à vitamina D, também não constitui problema entre nós, devido ao sistema de criação no campo e à abundância de sol que as vacas recebem (a vitamina D se forma por irradiação do ergosterol existente embaixo da pele dos animais).

A vitamina, que geralmente falta na ração das vacas leiteiras e especialmente na das grandes produtoras, é a vitamina A. São fontes comuns deste importante fator:

- as pastagens verdes de leguminosas e, embora menos ricas, as demais pastagens verdes;
- os grãos do milho amarelo, nos quais se encontra boa quantidade de caroteno;
- a cenoura e a batata doce amarela.

As tortas de algodão, de amendoim, de soja etc. possuem quantidade insignificante de vitamina A, assim como os farelos de trigo e de arroz, os tubérculos, a mandioca e demais raízes. Os capins secos, que constituem as pastagens da "sêca", praticamente não contêm caroteno.

IMPORTANCIA DA VITAMINA A

A vitamina A é também chamada vitamina do crescimento. Ainda não estão bem esclarecidas as suas funções. Uma delas, sabe-se que é a de manter a pele e as mucosas íntegras, bem nutridas e com elasticidade normal, assim capazes de proteger o organismo contra a penetração dos micróbios provocadores de doenças e de permitir aos intestinos um perfeito aproveitamento dos alimentos. Por isso, os animais carecedores de vitamina A facilmente apanham moléstias da pele, as quais logo se estendem aos tecidos subjacentes. Moléstias deste tipo são a coriza e a bôba das aves sensibilizadas por uma alimentação falha de vitamina A.

Ao mesmo tempo, o endurecimento da mucosa que reveste os intestinos torna-as pouco porosas e pouco elásticas. Como conseqüência, a assimilação dos alimentos pelas vacas leiteiras e pelos bezerros, que recebem ração com insuficiente quantidade de vitamina A, fica seriamente prejudicada. Fato que explica, em boa parte, a queda da produção leiteira, especialmente na segunda metade da "sêca", quando as vacas não encontram caroteno suficiente no pasto e já estão com suas reservas esgotadas (fígado). Neste momento, mais se agrava a economia do criador, com os gastos elevados, acarretados pelas doses excessivas de ração (tortas, mandioca, farelos e outros produtos paupérrimos de caroteno).

Quando a ração contém milho desintegrado ou quando os animais dispõem de boa silagem deste cereal, não ocorrem esses contratemplos. A boa silagem é feita de milho verde, mediante fermentação correta.

A grande pobreza de vitamina A dos nossos pastos de gramíneas, na época da "sêca", é responsável pela irregularidade do cio, pelos abortos de origem não infecciosa (brucelose) e pelo nascimento de bezerros extremamente fracos, condenados a morrer. Estes casos, infelizmente, são comuns no gado de campo, que, juntamente com a carência de vitamina A, sofre de carência mineral. Ambas, provocando fraqueza e sensibilidade às doenças, podem ser responsabilizadas por mais de 50% dos bezerros mortos. Em verdade, o bezerro de vaca com falta de vitamina A, além de nascer fraco, irá mamar um leite também pobre deste fator; então, bastará o sereno de uma noite ou uma chuva, para provocar a pneumonia, que, com a enterite ou curso, o levará à morte.

Contudo, se dermos aos bezerros, desde o primeiro dia de vida, doses elevadas de vitamina A, conseguiremos criá-los facilmente, graças à prevenção da pneumonia e do curso, que normalmente acarretam a morte a 80% dos bezerros.

CONCLUSÃO

Há, pois, necessidade de suplemento vitamínico, nos seguintes casos:

- vacas de alta produção (quando se deseja realmente obter o máximo de produção e protegê-las do perigo da esterilidade);
- vacas em geral (quando não se dispõe de pasto verde ou de feno de alfafa);
- bezerros nos primeiros dias de vida (especialmente quando criados com pouco leite e quando não se dispõe de capim verde e tenro);
- touros;
- nos períodos de convalescença, após aftosa, pneumonia, etc.

F. Fabiani

ALIMENTAÇÃO DOS REPRODUTORES



aves

O OVO E SUA FERTILIDADE

Biologicamente o ovo contém todos os elementos necessários à formação do novo sêr, isto é, do pinto.

Daí, a complexidade e a variedade das substâncias que o compõem. Além das proteínas, são fundamentais à nova vida as vitaminas e os minerais, já estando demonstrada a relação existente entre a fertilidade e a quantidade destes elementos no ovo. De outro lado, se analisarmos várias partidas de ovos, verificamos que, enquanto o teor de água, proteínas, gordura, carboidratos etc. é constante, o teor de minerais e vitaminas varia de acordo com a alimentação da ave. Por isso, dois lotes de galinhas podem ter a mesma produção, mas, se na alimentação de um deles houver carência de vitaminas e sais minerais, os seus ovos apresentarão deficiência e, daí, maior infertilidade. Por infertilidade, devemos entender, desde a ausência de fecundação até à morte do embrião na chocadeira, a falta de eclosão por fraqueza do pinto para romper a casca do ovo e a morte no primeiro período de vida, circunstâncias estas diretamente subordinadas às reservas alimentares do ovo.

As vitaminas agem, não só direta, mas também indiretamente na reprodução, aí desempenhando papel importantíssimo. A carência de qualquer uma dentre as vitaminas A, D, E, B₁, B₂, PP, H, B₆ etc, afeta a ferti-

lidade dos ovos. E se lembrarmos que as reprodutoras necessitam de taxas mais elevadas destes fatores que as poedeiras comuns, verificaremos que elas recebem normalmente uma alimentação carente de vitaminas. Por isso, não basta preocuparmos com a seleção dos galos e galinhas; não basta escolher e cuidar dos ovos para incubação; é indispensável, ainda, proporcionarmos aos reprodutores uma alimentação adequada. Esta poderá ser a mesma das poedeiras, porém, adicionada de um suplemento vitamínico e mineral completo e estabilizado, que previna qualquer deficiência na composição da ração.

Compensando largamente o pequeno aumento de despesa, grandes são as vantagens que a adição deste suplemento proporciona ao avicultor:

- 1.º) menor consumo de ração, devido à melhor assimilação dos alimentos suplementados com minerais e vitaminas;
- 2.º) maior porcentagem de eclosão;
- 3.º) maior robustez dos pintos.

Estas vantagens permitirão, naturalmente, resultados muito mais satisfatórios, numa demonstração patente de que o êxito da reprodução depende principalmente da riqueza mineral e vitamínica da alimentação dos reprodutores.

Guido Gatta

Perguntas

A Seção Técnica
da Tortuga
São Paulo

e Respostas

Recebemos do Sr. ANTONIO WAGNER (Travessa Agnelo, n.º 22) Curitiba — Paraná, a seguinte consulta técnica:

"POSSUIDOR DE UMA VACA MAGRA E ENFRAQUECIDA, PEÇO A ESSA CONCEITUADA ORGANIZAÇÃO INDICAR-ME O TRATAMENTO MAIS ADEQUADO PARA A RECUPERAÇÃO DA MESMA."

RESPOSTA

Inicialmente, é necessário descobrir a causa do enfraquecimento. Para ciência do consultante, enumeramos a seguir as hipóteses que podem ocorrer e o respectivo remédio.

1.º Quando a vaca deu cria, não se retirou totalmente a placenta, verificando-se ligeira elevação da temperatura do animal. Para que suceda isso, será suficiente que tenha ficado no útero um pequeno pedaço de placenta. Em caso positivo (o que se verifica controlando a temperatura e observando o muco vaginal), precisar-se-á remover a causa, mediante irrigações vaginais e injeções de antibióticos.

2.º Se a vaca foi ordenhada até poucos dias antes do parto, uma racional e abundante alimentação contribuirá para rápida melhora do estado de saúde.

3.º Se a vaca está em grave estado de carência mineral, aplicando-se a fórmula de ração que daremos em seguida, facilmente se resolve o caso.

4.º Se a vaca está atacada de verminose, será necessário destruir os vermes com Fenotiazina ou Sulfato de Cobre.

5.º Se a vaca está tuberculosa, a solução é eliminá-la.

Citamos as causas mais frequentes, porque, não tendo visto o animal, não podemos afirmar com certeza do que se

trata. De qualquer maneira, porém, a boa alimentação promoverá rápida melhora.

RAÇÃO PARA VACA ENFRAQUECIDA

1) Farelo ou farelinho de trigo ..	36,0%
2) Fubá fino	35,0%
3) Torta de amendoim ou de algodão ..	25,0%
4) Complexo Mineral Iodado TORTUGA para bovinos	3,0%
5) Sal comum	1,0%

A parte, ministrar Polivitamínico "Tortuga" para bovinos, misturado à ração, na proporção de 100 gr nos primeiros 15 dias e de 50 gr, do 15.º dia até à completa recuperação.

Este produto é absolutamente necessário, pois, geralmente, a carência de Vitamina A (Caroteno) contribui para o enfraquecimento, que se verifica mais comumente na segunda metade da época da "seca", quando se esgota, nos animais, a reserva desta importante e fundamental vitamina. Esta não é encontrada nem no capim seco, nem nas rações de concentrados, cujos elementos são paupérrimos de caroteno (farelos de trigo e de arroz, tortas de algodão ou de amendoim, raspa de mandioca etc).

Quantidade diária de ração — 1 kg da ração acima, para cada 2 litros de leite produzido e ainda capim verde à vontade. Dispondo-se de mandioca, batata doce, batata, ou similares, poder-se-á administrá-los na quantidade de 3 a 4 kg por dia.

É preferível administrar a ração em duas vezes: metade pela manhã e metade à tarde.

Dr. Fabiano Fabiani
Diretor Técnico



V. sabia que ?

... uma pequena lâmpada vermelha, que deixa o chão em penumbra, permite maior e mais regular desenvolvimento dos pintinhos, porque, especialmente os mais fracos, poderão alimentar-se também à noite?

o farelo de amendoim, quando sem casca, é um produto portador de elevada porcentagem (50%) de pro-

teínas de boa qualidade, que pode ser usado, com vantagem, na alimentação das vacas leiteiras, em substituição ao de algodão?

... não é aconselhável, pelo gossipol que contém, usar torta de algodão em porcentagem superior a 4 ou 5%, na alimentação dos leitões e a 8 ou 10% naquela dos porcos adultos?

SEM MINERAIS NÃO HÁ VIDA

Os

Complexos Minerais Iodados
e os Polivitamínicos
TORTUGA para



bovinos
suínos
equinos e
aves

são produtos preparados de acordo com as últimas descobertas da ciência.

PROPORCIONAM :

- a) Produção elevada
- b) Resistência às doenças
- c) Mínimo de mortalidade dos animais novos
- d) Desenvolvimento rápido
- e) Maior fertilidade
- f) Economia de rações

EXPERIMENTE - OS



COMPLEXOS MINERAIS IODADOS
E POLIVITAMÍNICOS

TORTUGA

Produtos da Ciência para o Aumento da Produção

TORTUGA Cia. Zootécnica Agrária

Av. João Dias 1.360 - Tel.: 61-1712 - S. PAULO

REVISTA DOS CRIADORES

Secagem artificial de alimentos e forragens

Desde tempos imemoriais, o processo de secagem tem sido empregado pelo homem na conservação dos alimentos e das forragens para os seus animais domésticos. O sol, o fogo, o vento têm fornecido os elementos de desidratação parcial dos alimentos para homens e animais. Onde há já longos períodos de inverno ou de estiagem, o homem é obrigado a armazenar alimentos nas épocas de fartura para prover o seu sustento nas épocas de escassez. Mesmo no Brasil, com seu clima tropical e subtropical, regiões há onde o homem enfrenta longos períodos de estiagem e onde seria a fenação uma exigência categorica. Assim, como a forragem em forma de feno, isto é, capim sêco, pode ser conservada praticamente inalterada durante longos meses, também certos alimentos do homem podem ser conservados quase indefinidamente passando pelo processo de secagem. Em regiões de abundante colheita de batatas, mandioca, verduras, etc, muitas vezes a falta de meios de conservação obriga à venda de produtos por preço vil. Para um sem numero de produtos agrícolas, a secagem evita esta calamidade, que tanto prejudica o produtor quanto o consumidor, privado de grande parte da produção, que se deteriora por falta de transporte e pela impossibilidade de armazená-la convenientemente nos centros produtores.

No caso específico da conservação de forragem para o gado, enfrentamos ainda uma situação característica e que anualmente se repete, com pequenas variações. Na época das chuvas, as pastagens e capineiras produzem abundante massa de forragem, rica de proteínas do mais alto valor para o organismo animal, mas, com o decorrer de tempo, se linhifica e empobrece o seu valor nutritivo, que garantiria durante os meses de estiagem a continuação da produção elevada dos rebanhos.

O processo mais em uso nos países de inverno rigoroso é a fenação, isto é, seca-se ao ar livre, pelo sol e pelo vento, o capim verde cortado. Este processo ainda é pouco empregado no Brasil, porque a época de capim novo e nutritivo é, geralmente muito chuvosa, dificilmente permitindo um feno de boa qualidade. O feno lixiviado pela chuva perde parte substancial do seu valor nutritivo, a qual pode ser até 50% do valor do capim verde. Esperando a época das secas para a fenação, o capim já se tornou mais pobre de proteínas e de carboidratos assimiláveis, dando uma forragem menos nutritiva e mais rica de celulose. O feno nestas condições é uma forragem mais grosseira, que não provê às necessidades de vacas leiteiras de elevada produção nem garante bom crescimento de animais novos. Por conseguinte, as forragens concentradas de elevado custo e muitas vezes de difícil aquisição se tornam indispensáveis. No entanto, secando as gramíneas e leguminosas novas e tenras por processos artificiais, que independem do tempo, pode-se conseguir uma forragem e minerais que

podem ser considerados forragem concentrada. Alguns quilos desta forragem, junto com silagem, batatas doces, mandioca e algum pasto, garantem elevada produção leiteira das vacas, sem necessitar de forragens concentradas adquiridas fóra.

Na criação de suínos, aves e coelhos, esta forragem de gramíneas e leguminosas secas pode entrar largamente na ração de farelada, substituindo perfeitamente outros produtos semelhantes comprados a alto preço.

No caso dos alimentos humanos, como verduras, frutas, raízes e tuberculos e mais uma série de produtos agrícolas tropicais, é evidente a vantagem de uma secagem rápida e independente do tempo para seu preparo comercial e sua conservação, reduzindo ainda o custo e o volume de transporte, que representa no Brasil um dos fatores de maior importância.

Uma das empresas mais importantes, das que se dedicam a pôr à disposição da agricultura as máquinas necessárias à solução de seus problemas de secagem e das que constantemente cuidam do aperfeiçoamento e da apresentação de máquinas novas, é a firma Buttner-Werke AG, na Alemanha. Dos diferentes secadores produzidos por esta firma, desejamos mencionar aqui apenas tres, que mais se prestam à introdução no Brasil:

1) O secador movel de tambor "Buettner", que é um secador agrícola universal. Consiste numa fornalha, onde se queima carvão ou coque ou uma mistura dos dois combustíveis e que fornece calor para o aquecimento do ar contido num cilindro horizontal ou tambor de 0,80 m de diametro e 4,5 m de comprimento, continuado por um outro tambor para refrigeração do material sêco, já rapidamente superaquecido. Na saída, o material beneficiado é diretamente ensacado. O tambor, afim de efetuar a circulação do material nele contido, é acionado por um motor elétrico de 10 HP a 1.450 rpm. Este secador tem capacidade para secar 50 toneladas de cereais ou 5,5 toneladas de forragem verde ou 6 toneladas de batatas em 24 horas, exigindo somente o serviço de um homem durante o seu funcionamento.

SR. CRIADOR :

VACINE SEUS ANIMAIS COM AS

Vacinas Manguinhos

- ★ CONTRA A PESTE DA MANQUEIRA - (corbúnculo sintomático)
- ★ ANTICARBUNCULOSA - (corbúnculo hemático, verdad.)
- ★ CONTRA A PNEUMO-ENTERITE DOS BEZERROS
- ★ CONTRA A PNEUMO-ENTERITE DOS PORCOS

★

Peça ao seu revendedor ou aos

PRODUTOS VETERINÁRIOS MANGUINHOS LTDA.

CAIXA 1420

RIO DE JANEIRO

2) O secador de circulação rápida "Buettner", para produção de forragens verdes concentradas. É construído em sete tamanhos padrões: BL 18 para 900 kg de forragens verde por hora; BL 30 para 1.500 kg; BL 40 para 2.000 kg; BL 60 para 3.000 kg; BL 90 para 4.500 kg; BL 120 para 6.000 kg e BL 150 para 7.500 kg de forragem verde por hora. O tipo mais empregado é o BL 60, para transformar 3.000 kg de forragem verde por hora em 600 kg de forragem seca concentrada. O consumo de carvão deste secador é de 260 kg por hora, sendo o carvão de 7.400 kcal/h. O consumo de força motriz elétrica é 38 KW/h. Este secador é de muito maior capacidade do que o precedente e se presta principalmente a cooperativas agrícolas, servindo tanto para a secagem de forragens verdes como para batatas, mandioca ou outras raízes e tubérculos.

3) O secador a turbinas "Buettner", com coluna de tabuleiro guiada helicoidalmente, para secagem de frutas e hortaliças. Consiste num tambor, disposto verticalmente, com 5m de altura e igual diâmetro, em cujo centro giram as turbinas, que circulam o ar aquecido pela parte periférica, onde se acham dispostos tabuleiros em camadas sucessivas, perfazendo uma área total de 250 m² para a colocação do material a secar. Como o ar frio entra em baixo e é aquecido ao subir e o material a secar entra em cima e se movimenta juntamente com os

tabuleiros para baixo, o material, ao sair do secador, fica resfriado e pronto para ser ensacado. O acionamento exige um motor de 12 HP; o peso do aparelho é de 25 toneladas e o aquecimento é feito por baterias de aquecimento, colocadas entre os tabuleiros e a parede externa por onde circula o ar a ser aquecido. Este secador se presta principalmente a fábricas de conservas, pois seca toda espécie de frutas e hortaliças, nas quantidades de 5 a 10 toneladas em 24 horas, podendo a temperatura ser regulada para cada tipo de produto, conservando assim o aroma e o sabor intatos do material. Este mesmo secador tem também sua aplicação em estabelecimentos agrícolas, pois se presta para secagem de chá, copra, sisal, ramie, linho, soja, café em cereja, cacáú, fumo, etc.

BIBLIOGRAFIA

Gregório Bondar — O DENEZEIRO — Edições Melhoramentos.

No volume n.º 55 do "ABC do Lavrador Prático", o prof. Gregório Bondar sintetiza em 32 páginas o essencial para perfeito conhecimento do "Dendezeiro", seu cultivo e suas utilidades na África e no Brasil, sua produção, vida e desenvolvimento em solo baiano, as exigências para sua proliferação e eficiente produção, o fruto e sua utilização industrial, a importância da escolha do solo e sequência de cuidados até o período da exploração do óleo, e, afinal, as moléstias e pragas a que estão sujeitas as plantações.

Paulo V. C. Bittencourt — A CULTURA DA NOGUEIRA PECA — Edições Melhoramentos.

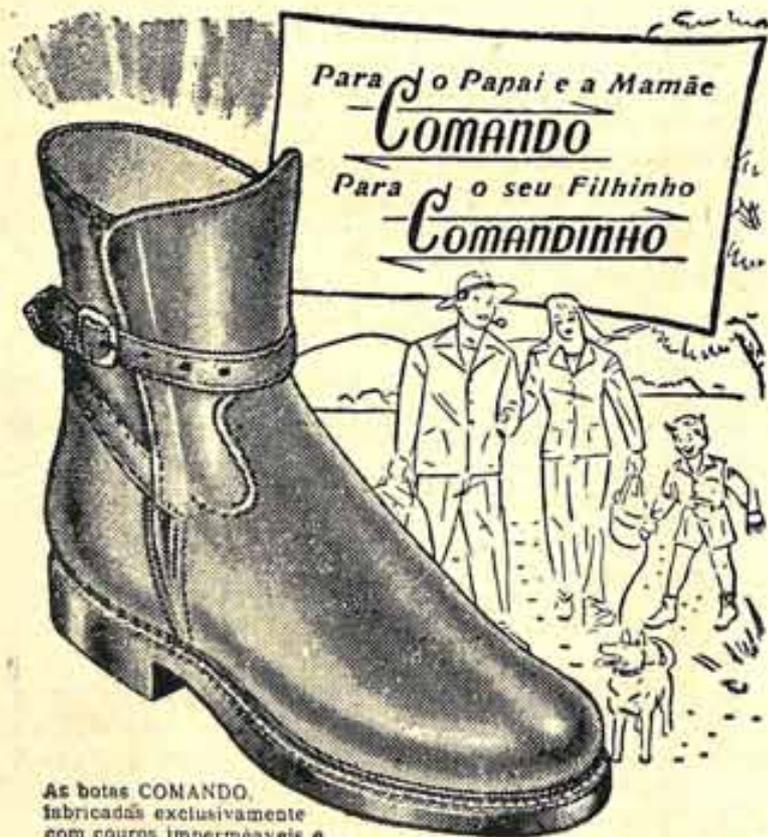
As nozes nacionais já superam as européas: possuem maior porcentagem de óleo e sabor agradável, com vantagem de não deixar resíduo taninoso, característico da européia.

Sobre o assunto, acaba a Melhoramentos de lançar um volume da Série ABC do Lavrador Prático, de Paulo V. C. Bittencourt — "A CULTURA DA NOGUEIRA PECA". O autor descreve a planta e o fruto, menciona sua origem e expansão por outras regiões, detendo-se particularmente nas espécies Piracicaba, Mahan, Frotcher, Schley, Sucess, Stuart, Money-maker e Burkett. Em outros capítulos, trata da polinização, localização da cultura, adubação, culturas intercalares, combate à erosão, produção colheita e secagem, conservação e comércio, pragas e moléstias, etc.

GADO INGLÊS PARA A AMÉRICA LATINA

O gado Shaggy Highland, criado no Reino Unido, está recobrando fama depois de um período de quasi esquecimento. Tanto assim que a rainha Elizabeth II, há alguns meses, adquiriu exemplares desse gado para as fazendas da Coroa situadas na Escócia. O sr. J. Corbett, de Cordoba, Argentina, adquiriu um touro de 16 meses dessa raça — Laird of Fordie — criado pelo sr. D. M. Stuart e negociado pelo exportador inglês sr. Schofield.

O Shaggy Highland tem algumas características comuns com a Shortorn: a largura das patas, o lombo reto e a boa qualidade de sua carne. Mas, quanto ao restante, é bem diferente: tem chifres longos e pêlo duro; dá-se bem em terrenos altos de pastos escassos e pode resistir à vida inteiramente ao ar livre, mesmo nos invernos mais rigorosos.



As botas COMANDO, fabricadas exclusivamente com couros impermeáveis e selecionados, são ideais para o campo, pescarias e caçadas. COMANDO proporciona 100% de proteção e conforto.

UM PRODUTO *Independencia*

★ A VENDA NAS BOAS CASAS DO BRASIL ★

QUEIJO DE GRANJA (COTTAGE CHEESE) - UMA SOLUÇÃO PARA O APROVEITAMENTO DO LEITE MAGRO

P. MUCIOLO e O. BARBUTO

O excesso de produção de leite constitui sério problema que, anualmente, põe em jogo a sagacidade do industrial de laticínios não aparelhado tecnicamente para enfrentar a situação.

O fenômeno não diz respeito apenas ao leite de consumo, mas atinge em cheio os setores da industrialização, como é o caso da manteiga que, na época das águas, atinge os níveis mais altos de produção. Como consequência, verificam-se excedentes na produção de leite desnatado que, mesmo em condições normais, representa para o industrial de manteiga um sub-produto de escassa utilização. Ora, como ao aumento da produção de manteiga correspondem níveis mais baixos de preços, todo o interesse do industrial deveria orientar-se para o melhor aproveitamento do leite magro a fim de equilibrar os rendimentos econômicos da industrialização.

Nesta ordem de idéias, sugerimos a fabricação do queijo de granja (cottage, dos americanos) cuja matéria prima é o leite magro, que, dessa forma, passaria a ter destino mais útil e econômico, crescendo em importância, como derivado da indústria mantegueira.

Deixando de lado as considerações de ordem econômica que a fabricação do queijo de granja poderia suscitar, e que são indiscutíveis no barateamento dos preços de produção da manteiga, desejamos acentuar o valor desse novo produto no enriquecimento da dieta e do abastecimento de nossas populações. Ainda mais que, entre nós, como regra, o leite desnatado raramente é empregado na fabricação de caseína ou como suplemento da alimentação animal, constituindo, para a maioria dos fabricantes de manteiga, sub-produto fatalmente destinado ao desperdício.

A transformação do leite magro em queijo de granja, como solução econômica ideal para o aproveitamento integral desse sub-produto, depende, a nosso ver, de dois fatores principais: o primeiro, da entrada do novo produto para os hábitos alimentares do povo e o segundo, do uso mais generalizado da frigorificação em laticínios, desde a fonte de produção até a casa do consumidor. Tantos e tão grandes seriam os benefícios da introdução deste novo laticínio em nossos mercados que acreditamos ser obra patriótica a tentativa que vise eliminar os óbices acima apontados.

Vejam, pois, em linhas gerais, como seria transformado o leite desnatado em um queijo de apreciável valor nutritivo e que, difundido o seu consumo, contribuiria muito para valorização de um sub-produto que quase sempre representa peso morto para os laticínios nacionais.

O queijo de granja (cottage cheese), preparado a partir de leite magro pasteurizado, cuja coagulação é provocada pela acidez de fermentos selecionados exclusivamente (coagulo ácido) ou combinada com a ação do coalho (coagulo doce), é produto mole de mesa, de consumo rápido, que se caracteriza pelo aroma fresco, suave e agradável de manteiga, aliado a gosto ligeiramente ácido. O conteúdo de água do produto pronto



Acondicionamento do queijo de granja (Cottage Cheese) em coixos de papelão parafinado.

não pode ir além de 80% e, nas variedades cremosas, a quantidade de gordura mínima deve ser de 4%. A fabricação do queijo de granja comporta dois processos: um chamado rápido, cuja duração é de cinco a seis horas e outro, lento, que exige 16 horas ou mais para dar por terminado o produto.

EQUIPAMENTO E MATÉRIA PRIMA

Este tipo de queijo não exige outro equipamento senão o habitualmente usado nas queijarias e que pode

O maior e o mais antigo produtor de



Madeiras **BOREP** *Limitada*

CAPITAL — Cr\$ 2.000.000,00 — Prédio próprio

Estoque permanente para uma, duas, quatro e seis mudas. Aceitamos pedidos para qualquer tamanho. Lâminas selecionadas — Quantidade e bitolas exatas - Rua Catarina Braida, 350 e 358 - começa no fim da R. Bresser - Fone 9-4535 - Teleg. "BOREP". S. Paulo - Revendedor autorizado: ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES

mesmo ser considerado dos mais simples, pois, apenas exige tanque de paredes duplas, peneiras, liras, agitador metálico ou de madeira (grade), espumadeira grande, fôrmas metálicas perfuradas ou placas também perfuradas, termómetro e acidímetro. Não se exigem, portanto, tanques para salgar, câmaras de maturação e outras instalações impreseindíveis para a fabricação de outros queijos.

O leite desnatado, fresco e de boa qualidade, constitui a matéria prima. Deve ser submetido à pasteurização, como se fôra leite de consumo, isto é, as fórmulas "temperatura-tempo" devem ser rigorosamente observadas, porque o calor excessivo, desnaturando a caseína, dificulta a coagulação. Podemos, pois, usar a pasteurização lenta de 63°C por 30 minutos ou o processo de curta duração em aparelhos de placas, aplicando temperaturas de 72-73°C por 15 a 20 segundos.

Com o intuito de facilitar a coagulação e obter coágulo mais firme, aconselha-se juntar ao leite desnatado até 0,02% no máximo de cloreto de cálcio.

FERMENTAÇÃO

O mesmo fermento empregado na fabricação de manteiga serve para o queijo de granja. Deve ser de boa qualidade e muito ativo, a fim de produzir coalhada firme e conferir ao queijo as características de aroma e sabor desejáveis. O fermento, que é uma cultura mista (*Streptococcus lactis*, *S. cremoris*, *Leuconostoc citrovorum*, *L. dextranicum*) deve receber tratamento cuidadoso, porque dele depende grande parte do êxito da fabricação.

Nos países onde o queijo de granja está muito difundido, observa-se o abandono e o emprego exclusivo do fermento para coagulação do leite desnatado (coágulo ácido), dando lugar à ação conjunta de fermento mais coalho. Todavia, ao passo que a proporção de coalho é sempre a mesma, o fermento deve ser adicionado em porcentagens diferentes, segundo se deseje seguir a técnica de fabricação lenta ou a rápida. Neste último caso, em que o produto está terminado entre 5 e 6 horas, a quantidade de fermento pode chegar até 10% enquanto, no processo lento, que exige em média 16 horas para a fabricação, empregam-se apenas 2 a 3% de fermento.

COAGULAÇÃO

Como dissemos, a coagulação do leite magro, pela técnica mais em voga, decorre da ação conjunta do fermento e do coalho. Vimos que a quantidade de fermento varia com o processo de fabricação adotado, enquanto a de coalho é a mesma, a menos que o leite magro seja muito pobre em sólidos desengordurados, caso em que a quantidade de coalho deve ser um pouco maior. A quantidade ideal de coalho depende de sua força e as indicações constam do rótulo ou da bula que acompanham o produto. De qualquer forma, aconselha-se empregar a mesma quantidade, trate-se do processo lento ou rápido de fabricação. É de boa prática diluir o coalho em água limpa e fria, usando recipiente limpo.

A adição do fermento e do coalho é feita, separadamente, mantendo-se em agitação o leite desnatado, para que haja boa distribuição em toda a massa.

O corte da coalhada, quando esta se apresenta firme, uniforme e soltando sôro facilmente, se fará com acidez de 52 a 53° D, utilizando primeiro a lira horizontal no sentido do comprimento do tanque e, depois, cruzando essa direção, com lira vertical. A lira vertical será, finalmente, dirigida também no sentido do comprimento do tanque.

AQUECIMENTO

Após o corte, a coalhada é aquecida para facilitar a expulsão do sôro. Esse aquecimento é feito, de preferência, indiretamente, quando se dispõe de tanque de paredes duplas. Na falta deste, porém, podemos fazê-lo com água quente ou mesmo usando jacto de vapor. Em qualquer caso, o aquecimento só será iniciado 10 a 15 minutos após o termo do corte, devendo atingir 46°C lenta e uniformemente.

A duração do aquecimento varia com o processo de fabricação em uso, posto que, em última análise, o período de aquecimento depende de muitas condições, inclusive da própria natureza da coalhada. Assim, quando a coagulação for efetuada a 23°C (processo lento), o aquecimento pode durar de 60 a 80 minutos, ou se estender para 120 minutos ou mais, quando o leite for coagulado à temperatura de 30°C (processo rápido).

Uma primeira agitação deve ser feita depois de 10 a 15 minutos de iniciado o aquecimento da coalhada, fazendo deslizar a grade lentamente de um a outro lado do tanque. Este procedimento, lento e cuidadoso, é repetido com intervalos de 10 a 15 minutos, e, somente quando a temperatura de 46°C fôr alcançada e a coalhada tiver adquirido alguma firmeza, é que poderá ser contínuo. A agitação vigorosa pode ser realizada ape-

**OS MELHORES TECIDOS DE ALGODÃO
SÃO VENDIDOS PELAS AFAMADAS**

Casas PERNAMBUCANAS

A MAIOR ORGANIZAÇÃO BRASILEIRA NO COMÉRCIO DE TECIDOS

As últimas novidades em côres e padronagens!

Preços fixos

Seriedade absoluta

Casas PERNAMBUCANAS

ONDE TODOS COMPRAM



Muitas vezes a embalagem do queijo de granja é feita em recipientes, que depois têm utilidade para o consumidor. Este é o caso da figura, em que aparecem conecos de plástico (polistimeno).

nas nos últimos momentos do aquecimento, isto é, na fase final da operação.

O objetivo do aquecimento é facilitar a expulsão do soro, fixando, dessa forma, o conteúdo de umidade da coalhada, mas utilizando temperaturas tão baixas quanto possível. Esse tratamento considera-se terminado quando os grãos da coalhada se apresentarem livres de alveolos de soro, de consistência uniforme e não se amassarem ao serem ligeiramente apertados na mão, mas se partirem facilmente sem a mínima tendência à aglutinação.

Depois do aquecimento, a coalhada é reunida num canto do tanque e o soro convenientemente drenado, para se proceder à lavagem. Em geral são feitas três lavagens sucessivas com água, a temperatura cada vez mais baixa: a primeira a 26-27°C, a segunda a 18-20°C e a última a 8-10°C. Em cada lavagem, ao despejar a água, em quantidade tal que se obtenha, aproximadamente, o volume original, a coalhada é ligeiramente agitada, para ficar, depois, em repouso pelo espaço de dez minutos.

No próprio tanque de fabricação, pode o queijo ser salgado e receber o creme, de acordo com as exigências do mercado. A seguir, a coalhada é transferida para câmaras frigoríficas (4-5°C) sendo colocada em bandejas ou fôrmas perfuradas, para permitir melhor drenagem do soro.

A salga pode ser feita misturando diretamente 1% de sal à coalhada. Alguns preferem salgar o creme que vai ser incorporado à coalhada, opinando que, com esta técnica, se consegue melhor distribuição do sal sem manusear demasiadamente a coalhada. De fato, a incorporação do creme já salgado à coalhada se obtém mais pelo contacto prolongado (até 12 horas) em câmara fria, do que pela agitação que, se não for lenta e espaçada, pode determinar a deformação dos cubos.

ACONDICIONAMENTO E CONSERVAÇÃO

O queijo de granja é acondicionado em continentes de papel parafinado, de matéria plástica, de metal ou de vidro, de tamanhos e formatos variáveis com as condições de mercado e as preferências do público.

A conservação pelo frio, em temperaturas ao redor de 0°C, é a ideal. Mas, em geral, pode-se afirmar que o queijo de granja cremoso é de mais difícil conservação. Dispondo-se de câmaras de congelamento, consegue-se guardar a coalhada, antes de receber o creme, por alguns meses a temperaturas que oscilam entre 18 e 30°C, com a vantagem de poder, depois de descongelada, ser misturada a coalhada fresca.

A coalhada sem creme também pode ser conservada por dois a três meses em câmaras frigoríficas (2 a 3°C), desde que inteiramente imersa em salmoura a 4%, que se renove ocasionalmente.

ESQUEMA DE FABRICAÇÃO

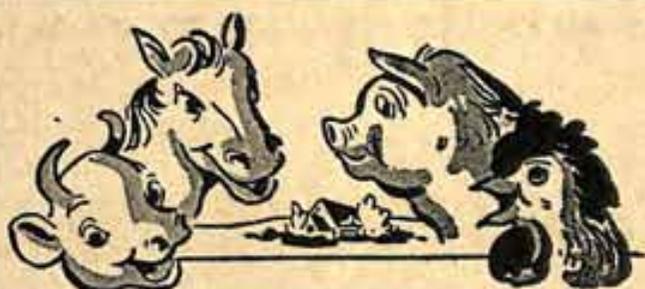
Para maior facilidade, descreveremos, a seguir, as etapas de fabricação do queijo de granja pelo método rápido, apontando as diferenças que se fizerem necessárias para o método lento.

1 — Pasteurizar o leite desnatado nas condições que indicamos e transferi-lo para o tanque de fabricação.

2 — Ajustar a temperatura do leite desnatado para 30-32°C para o método rápido ou 20-21°C, se se desejar trabalhar pelo método lento.

3 — Juntar fermento na proporção de 5 a 10% do peso do leite desnatado para o método rápido e de 1% para o lento, agitando o conteúdo do tanque. Repetir a agitação duas ou três vezes, com 10 minutos de intervalo.

4 — Depois de 45 minutos da adição do fermento, juntar coalho em quantidades variáveis com sua força, indicação que deve constar do rótulo do produto (em



Bichol

O SALVADOR DOS ANIMAIS
MARCA REGISTRADA

GRACIAS AO BICHOL OS ANIMAIS
ESTÃO FORTES E SADIOS

REMÉDIO INFALÍVEL
PARA A CURA DE
BICHEIRAS, FERIDAS
BERNES, PISADURAS, ETC

CUIDADO COM
AS IMITAÇÕES



FABRICAÇÃO DA
INDÚSTRIA QUÍMICA VENTURACCI
FÁBRICA E ESCRITÓRIO

RUA FAUSTOLO, 898 - SÃO PAULO - TEL. 5-0791

À VENDA TAMBÉM NA
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA SENADOR FEIJÓ, 30 - SOBRE LOJA

média 30 g para 500 litros de leite). Convém diluir o coalho em cinco vezes seu volume de água limpa, fria e neutra, que deve ser despejada aos poucos, sob agitação contínua, ao leite desnatado para assegurar boa distribuição.

5 — Controlar a temperatura e ajustá-la, se necessário.

6 — Cobrir o tanque e deixar o leite desnatado em repouso até a coagulação. Aconselha-se controlar o desenvolvimento da acidez, principalmente depois da formação da coalhada.

7 — Proceder ao corte da coalhada, quando esta mostrar as características já apontadas e a acidez for de 52 a 53°D.

8 — Após o corte, a coalhada deve permanecer em repouso por 15 minutos ou mais. Junta-se, cuidadosamente, água quente (46°C) para iniciar o aquecimento e aumenta-se ligeiramente (de 5 a 6°C) a temperatura da água ou vapor que circula nas paredes do tanque. A quantidade de água quente adicionada é pequena, pois apenas deve elevar o nível do conteúdo do tanque de 4 a 5 centímetros. O aquecimento deve ser lento e uniforme, até que os cubos da coalhada tenham adquirido firmeza. Sua duração, como vimos, é variável com a temperatura adotada para a coagulação, com a acidez, a eficiência de aquecimento e o tamanho dos cubos. A coalhada é agitada muito pouco nos primeiros momentos do aquecimento e somente quando estiver firme poderá ser agitada continuamente. Terminado o aqueci-

Camisas
Gravatas
Meias e
Lenços

CASA KOSMOS

mento, é de bom aviso deixar a coalhada em repouso por 20 a 30 minutos.

9 — Drenar o soro com auxílio de peneiras.

10 — Proceder às lavagens da coalhada, na forma indicada. Depois da última lavagem, trabalhando-se em tanque de duplas paredes, convém fazer circular água fria, em vez do vapor, pelas paredes do tanque.

11 — A coalhada pode ser salgada ou receber o creme no tanque.

Com o objetivo de estudar as condições de fabricação do queijo de granja entre nós, aguardamos a oportunidade de poder realizar as experiências que se tornam necessárias e das quais, a seu tempo, daremos conhecimento aos interessados.

PARA PRONTA ENTREGA... TRATOR UNIMOG



Fabricação alemã Mercedes Benz, com levantadores dianteiros e trazeiros, tomado de força trazeira, dianteira e lateral com polio, apoio em 3 pontos independentes e trava diferencial. Motor a óleo diesel, 4 cilindros, 25 HP, consumo de 10 lt de óleo diesel por 100 km. Força de tração até 60 toneladas.

Distribuidores para o Estado de S. Paulo:

BRAMASA S.A.

Rua da Mooca, 1615/25 - Tel. 9-2725 - Rua Barão de Campinas, 762
SÃO PAULO

Você Receberá

EM SUA CIDADE
PELO REEMBOLSO POSTAL
QUALQUER ARTIGO DESTA PAGINA

PULVERIZADOR MANUAL "SPRAYER"

Primo, eficiente 100%. Serve para pulverizar o gado e para pulverizar árvores, jardins, galinheiros, estábulos etc.
Cr\$ 280,00

ESCOVAS DE RAIZ E DE PELO

Em formato oval são ótimas para lavar animais.

A ovalada é usada em seguida para lustrar os animais. Ótimas - reforçadas - duráveis.

Escovas de raiz - ovalada .. Cr\$ 39,00
Escovas de raiz - retangular 35,00
Escovas de pelo 40,00

MUSFARINA

A base de Warfarin. Mata ratos e camundongos sem lhes causar dor e desorientação aos sobreviventes. Não possui gosto, cor e nem cheiros especiais. Seguro aos demais animais domésticos e seres humanos.

Cartucho de 1 quilo Cr\$ 65,00
Cartucho de 125 grs. 27,00

LIVRO - REGISTRO DE GADO

Livro prático, eficiente e que não deve faltar em sua fazenda. Contém 200 páginas, sendo 4 destinadas ao controle geral mensal e as outras 196, ao registro individual de cada rês. Ai se registra a linhagem do animal, dia, mês e ano em que nasceu e outras anotações. Data em que foi vacinado contra o carbúnculo sintomático e hemático. Há ainda um retângulo para fotografia do animal Cr\$ 300,00

CONJUNTO "INTERNACIONAL" PARA CASCO

Consta de três peças:

Alicate para aparar casco. Artigo recomendado de procedência inglesa. Groza S.K.F. — americana, usada para limpar e acertar o casco.

Wunete — artigo sueco — cortando nos dois lados da lâmina, é usado para desbastar e limpeza do casco. — Conjunto Cr\$ 300,00

BAROESTIL

É o medicamento moderno e 100% eficiente nos casos de empanzinamento. Sempre de lado em sua fazenda o trocar, usando somente o Baroestil.

Caixa com 20 comprimidos Cr\$ 30,00



NEOCIDOL P.

O terror dos carrapatos. Combinação de B.H.C. com D.D.T.. Solúvel em água, de grande poder molhante e aderente. Ideal no combate aos carrapatos, piolhos, sarnas etc..

Pacotes de 1 quilo Cr\$ 60,00
Pacotes de 5 quilos 275,00

BOTÕES DE ALUMÍNIO

Para marcação e identificação do gado bovino, suíno e ovino. De um lado do botão pode-se gravar números e do outro lado, marcas, nomes, endereços (no máximo até dez letras). O botão colocado na orelha não pode ser retirado, sem destruição. O alicate fura a orelha e rebita o botão.

Botões numerados e marcados 190,00
Botões só com n.º 165,00
Botões lisos (s/ n.º e s/ marca) 145,00
Alicate 140,00

D. D. T. — puro 100%

É ainda o inseticida mais procurado e eficiente no combate ao carrapato, moscas, piolhos, pulgas, baratas etc. Cada pacote contém uma bula com diversas fórmulas para serem preparadas, conforme o que se deseja combater.

Pacote de 1/2 quilo Cr\$ 65,00
Pacote de 1 quilo 120,00

LIVRO — CONTROLE, PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE LEITE

Aqui está outro livro simples em que o criador tem diariamente, em colunas separadas, o controle geral da criação, podendo num simples olhar, saber quantas vacas, bezerros, garrotes e novilhas tem e o total de cabeças existente no fim de cada dia. Além disso, existe uma coluna para o controle da produção do leite.

Cada livro com 24 páginas, para uso durante 2 anos Cr\$ 80,00

TORQUES PARA CASTRAR

bovinos de todas as idades. Construção sólida, niquelada e aperfeiçoada. Mesmo com chuva, frio ou calor e poeira, os animais podem ser castrados e mesmo com o pasto infestado de moscas.

Torques com bico n.º 42 Cr\$ 980,00
Torques com bico n.º 52 1.150,00
Torques sem bico n.º 42 950,00
Torques sem bico n.º 52 1.100,00

BIBETOX

Seus animais ficarão livres dos bernês, graças ao Bibe-tox, bernicida a base de B.H.C. Cicatrizante seguro, prático e eficiente. Latas de 500 grs. Cr\$ 26,00.

O imposto de sisa em doações de padrastos para enteados

Rolando LEMOS

Queixa-se o consulente da atitude do Fisco Estadual, que pretende cobrar-lhe o imposto de sisa, ou imposto de transmissão "inter vivos" numa doação em vida, que quer fazer ao seu enteado, obedecendo à tabela de doação a não parentes, na qual, pelo valor das terras doadas, atingem-se 52%.

Com isso não quer se conformar o consulente, pois entende que esse imposto deveria ser cobrado na linha reta, como se fôsse pai do donatário, seu enteado.

Tem o doador toda razão; senão, vejamos.

Dispõe o Código Civil Brasileiro que cada cônjuge é aliado aos parentes do outro pelo vínculo da afinidade" (artigo 334).

Pelo que se vê, o consulente, tendo sido casado com a mãe do que vai receber a doação, mantém, em relação a este, um parentesco igual ao que existia entre ele enteado e o cônjuge (mãe de seu enteado).

Nem se argumente com o fato de já ter a mãe do donatário falecido, pois o artigo 335 do Código Civil é expresso: "A afinidade, na linha reta, não se extingue com a dissolução do casamento, que a originou."

Logo, nenhuma razão assiste ao Fisco Estadual, exigindo tributação pela doação que se quer fazer, invocando a tabela de não parentes entre os interessados, padrasto e enteado, como se eles nunca fôssem parentes por afinidade.

Não é possível que a tentação da diferença da porcentagem de 12% para 52% obstrua o bom senso dos órgãos fiscais, a ponto de não quererem ver o que é tão claro na nossa lei civil. Afinal, o Fisco não pode dizer-se excluído dos efeitos da lei civil, para procurar a maior tabela porcentual, a que, conseqüentemente, recolha maior numerário aos cofres públicos.

Não temos dúvida em ver um

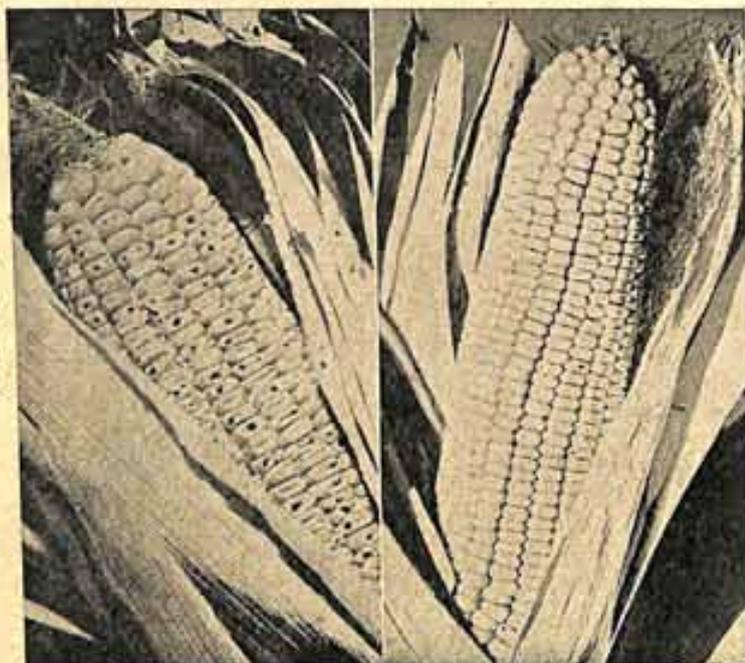
(Conclui na pag. 61)

Sensacional!

Não faça mais experiências com outros produtos

Assegure positivamente a armazenagem do seu milho contra insetos — polvilhando-o com

PYRENONE



Milho
não
tratado
com
PYRENONE

Milho
tratado
com
PYRENONE
na base de
1:1.000

Eis aqui algumas das razões porque você deve aplicar PYRENONE em seu milho armazenado:

- PROTEÇÃO comprovada contra insetos daninhos que destroem milho armazenado no valor de bilhões de cruzeiros por ano.
- DURANTE toda a estação, proteção duradoura com uma só aplicação.
- NÃO É TÓXICO para o homem ou animais... desnecessários cuidados especiais ou limpeza dos grãos.
- Pode ser esparramado com as mãos, polvilhadeira ou sacudindo-se um saco de aniagem.
- NÃO deixa cheiro nos produtos tratados.

Não dê chance aos insetos. Comece a aplicar AGORA o novo protetor de grãos PYRENONE. Não fumigante, este é um pó que pode ser misturado diretamente com o seu milho quando você o armazena. Sem perigo à sua saúde ou de seus animais. Assim você também previne a propagação de insetos.

ALÉM DO MILHO, PYRENONE OFERECE PROTEÇÃO EFICAZ CONTRA OS INSETOS DO ARROZ, FEIJÃO, GRÃO DE BICO E TODOS OS DEMAIS CEREAIS EM GRÃOS.



"A RIQUEZA DA FAZENDA"

S. PAULO - End. Telegráfico: SABLALIMIT
Pedidos e informações à
Importadora e Exportadora
SABLA LTDA.

MATRIZ: Rua 15 de Novembro, 228 - 4.
and. - S. 404 - Fones: 35-6438 e 35-6025

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

REVISTA DOS CRIADORES

O CASO DA CARNE

O PLANO DE ABASTECIMENTO E A LIBERAÇÃO DE PREÇOS

estabelecimentos de matança: em pleno período de entressafra, o rendimento obtido, a qualidade das carcaças e sua cobertura indicam meridianamente que, não obstante todos os tropeços, a disciplina de matança foi solução feliz, para conter a depredação desordenada de nossos rebanhos.

Voltando vistas para um dos aspectos do plano de abastecimento, aquele que obriga, na entressafra, ao consumo de quotas de carne congelada, verifica-se que esta medida salutar e patriótica veio sendo burlada por várias formas. Sob alegações diversas, das quais sobressai a da pouca receptividade do público por esse tipo de carne, jamais foi integralmente obedecido o plano de abastecimento. E a verdade é que a carne congelada sempre se prestou para nefastas demagogias ferindo profundamente o patrimônio econômico nacional.

É interessante salientar que, com as modificações introduzidas pelos estabelecimentos de abate no sistema técnico de congelação, não há dúvidas quanto às qualidades tecnológicas do produto congelado, cujas condições higiênicas já foram suficientemente demonstradas.

Bem ponderadas tôdas as circunstâncias, impõe-se, a nosso ver, mais do que nunca, a liberação do comércio da carne, em toda a sua plenitude, desde a produção até o consumo, para aproveitar os benefícios oriundos da aplicação, embora irregular, dos planos de abastecimento. Seria esta mais uma tentativa de livrar o problema da carne das amarras políticas, deixando à mercê de sua própria sorte os preços que a própria população, com as restrições que já se acostumou adotar, controlaria de modo mais eficiente e, sobretudo, mais honesto. Por outro lado, a carne congelada, que nunca provocou alardes bombásticos de imprensa leiga, certamente deixaria de ser o bode espiatório que tem sido e passaria a representar recurso essencial para as épocas de escassez.

Depois de terminado o segundo conflito mundial, perceberam as nossas autoridades que medidas enérgicas se tornavam necessárias para acudir à situação de verdadeira calamidade em que ficara a pecuária de corte. E que, tendo sido solicitadas ativamente, os rebanhos nacionais experimentaram desfalques de ordem a alarmar os mais otimistas. Não foi certamente a matança exagerada a única razão desse decréscimo abrupto de população bovina: a desenfreada inflação e o ensilhamento do zebú vieram agravar sensivelmente a situação. Sem entrar na indagação das causas determinantes do fenômeno, impunha-se modificar o curso dos acontecimentos, levantando sólida barreira à onda de extermínio do nosso rebanho, a qual, na opinião unânime dos técnicos, não poderia recuperar-se pelos métodos normais e naturais de reprodução, porque a capacidade reprodutiva, nas condições desfavoráveis de criação extensiva, jamais poderia vencer e anular o desgaste sofrido.

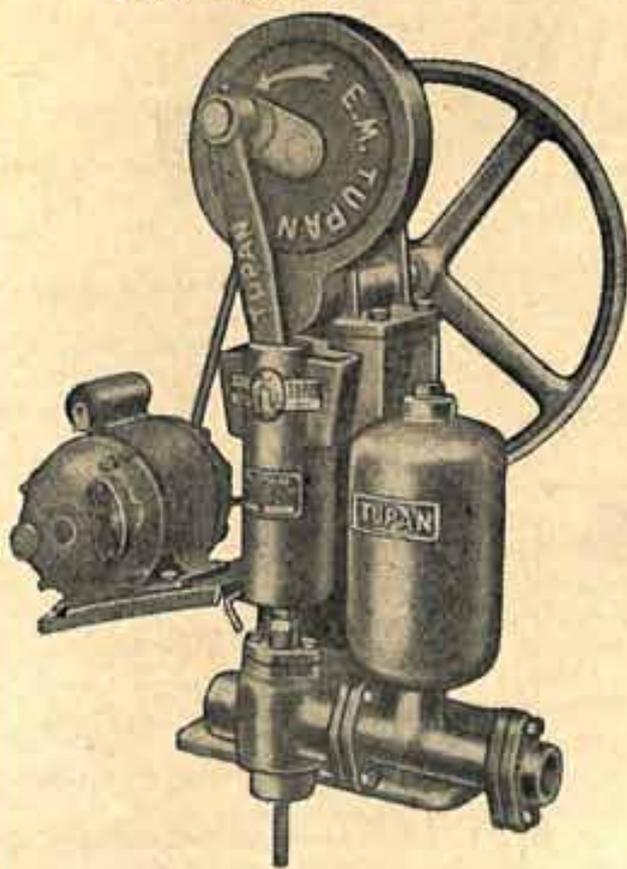
Um remédio heróico surgiu adotado pelas autoridades responsáveis pela produção agrícola: medidas coercitivas aqui, disciplinadoras ali, orientadoras sempre. Previa-se o restitudo anual dessas medidas dando-se-lhes um sentido mais liberal, à proporção que aparecessem resultados positivos e práticos em defesa dos rebanhos nacionais. E tudo por via de um plano de abastecimento.

Depois de quase um decênio da vigência dessa política, já se pode dizer que, apesar da irregularidade na aplicação das medidas constantes dos planos, a pecuária de corte se refez e conseguiu atingir índices normais de produção e rendimento.

Claro está que, se os esquemas traçados tivessem sido obedecidos à risca, outra seria a situação, no que se refere ao índice da população bovina na Brasil Central. Todavia, a verdade é que desde os primeiros momentos, o chamado "caso da carne" se revestiu de tôdas as características de um caso político, servindo a interesses escusos e menos escrupulosos. Com isso, apenas podemos usufruir parte dos benefícios que seria de esperar.

Nada melhor para atestar a veracidade dessa afirmativa de que a qualidade das boiadas que, neste altura do ano, são abatidas em nossos

ESTABELECEMENTO Mecanico TUPAN SÃO PAULO BRASIL



— PRODUTOS TUPAN —

Modelo A-5, curso de 4" a 5 1/2". Com motor elétrico, trifásico ou monofásico, 50 ou 60 ciclos. Para profundidade até 40 metros. Cilíndrico especial internamente, de bronze. Rendimento horário: 950 a 1200 litros. — Nossa Organização possui o mais eficiente serviço técnico. — Nossos bombas tem eficiência e durabilidade — Peças substituíveis facilmente, sem o uso de ferramentas especiais. — Grande estoque de peças sobressalentes

Rua Padre Raposo, n. 377
Telefone: 9-77-34
S. PAULO

A SUBSOLAGEM

Osiris TOLAINE

As camadas da crosta terrestre, do ponto de vista agrícola, compreendem, segundo a classificação tradicional, o solo, o subsolo e o substrato, sendo a primeira, até recentemente, a única levada em consideração na agricultura. A técnica do preparo do solo já encara as camadas mais profundas da terra com mais interesse, pois o subsolo convenientemente preparado contribui para melhor sustentação da vegetação, funcionando também como reserva ponderável de elementos nutritivos em estado potencial, além de exercer influencia marcante na melhora das propriedades físicas do solo agrícola. A movimentação das camadas do subsolo, sem, contudo, trazê-las à superfície, é pratica das mais recomendáveis, pelas seguintes razões primordiais:

1 - aumenta a capacidade do solo na absorção da água;

2 - reduz as enxurradas devido á melhor infiltração das águas pluviais;

3 - atenua os efeitos maleficos da erosão eólica e pelas chuvas;

4 - aumenta a aeração das camadas, melhorando assim o ambiente para a vida microrganica;

5 - diminui a evaporação, dispondo os vegetais de maior quantidade de umidade que fica retida no solo;

6 - aumenta o campo de ação do sistema radicular das plantas.

Com os constantes trabalhos de aração, quer com arados de aivecas, quer com os de discos, efetuados ano após ano, forma-se geralmente uma

camada endurecida na base inferior dos sulcos, a qual aos poucos se transforma numa zona impermeavel á agua e ao ar. Devido a esse obstaculo á penetração, a agua das chuvas logo satura as camadas superiores e, atingindo o limite de absorção, o excesso escorre pela superficie, provocando a erosão que tantos maleficios tem causado á agricultura. De outro lado, a umidade inferior a essa camada, durante a estiagem, encontra dificuldades para elevar-se pela capilaridade para abastecimento do vegetal.

Do mesmo modo, as raizes vegetais têm seu campo de desenvolvimento sensivelmente limitado, principalmente no caso das plantas de sistemas radiculares pivotantes, que encontram na camada endurecida do solo um entrave ao seu aprofundamento, ocasionando, em geral, distorções no sistema com reais prejuizos á planta.

Por meio da subsolagem, essa camada endurecida é fragmentada, aumentando a permeabilidade e a capacidade de retenção da umidade, que encontra, dessa forma, maior facilidade em se movimentar pela capilaridade, redundando em melhor abastecimento da planta nas diferentes estações do ano.

A subsolagem na lavoura canavieira vem tendo resultados excepcionais, como tem sido observado na Usina Tamoio, onde o rendimento por área foi sensivelmente aumentado através dessa prática muito simples, mas de efeitos surpreendentes. A cana, pela sua propria natureza, é uma cultura que tem que atravessar todo o periodo do inverno, caracteristicamente seco como em geral é em nosso Estado, servindo-se quase exclusivamente da agua retida no solo. Funciona aí a subsolagem como fator preponderante na melhoria do abastecimento da agua imprescindivel ao desenvolvimento da planta, como já há alguns anos se tem observado em Tamoio.

Um artifício interessante (fig. 2), idealizado pelo engenheiro agronomo Antonio Carlos Penteado, da Usina Tamoio,

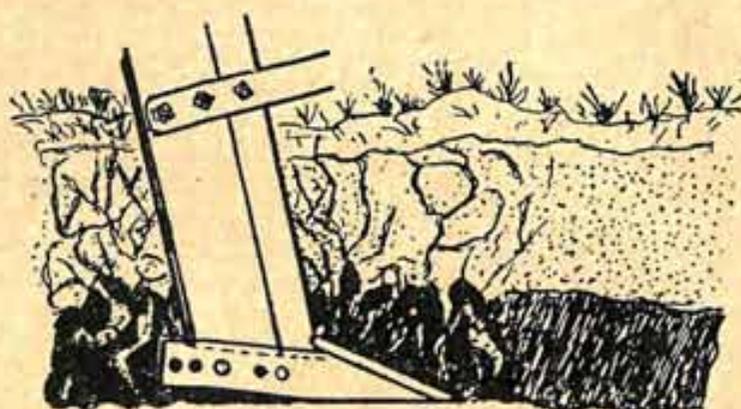


Fig. 1 — Efeitos do subsolador fragmentando as camadas endurecidas do subsolo.

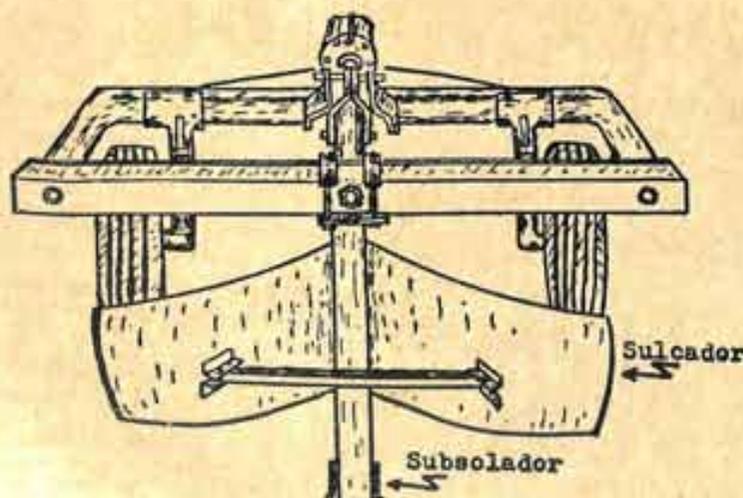


Fig. 2 — Sulcador conjugado com subsolador idealizado pelo agronomo Antonio Carlos Penteado, da Usina Tamoio.

portante propriedade, consiste na conjugação de um sulcador com um subsolador, implemento esse que realiza simultaneamente as operações de sulcação para o plantio dos roletes de cana e da mobilização do subsolo.

As maleficas consequências das estiagens prolongadas, tão comuns no Estado de São Paulo, são atenuadas de maneira muito significativa por esse elementar processo de movimento do subsolo sem invertê-lo à superfície. Como as culturas na Fazenda Tamoio são realizadas dentro das mais modernas técnicas agrícolas, obedecendo a criterioso zoneamento, e a planos conservacionistas, a pratica da subsolagem se tem mostrado com apreciáveis resultados. Ainda os benefícios da subsolagem fazem-se sentir da maneira mais desejavel possível na aplicação da vinhaça e de outros resíduos da usina como fertilizante, sendo a sua incorporação, dessa forma, mais eficientemente realizada.

Referindo-se a essa moderna pratica agrícola, o tecnico britânico Fried Sykes, de modo muito oportuno assim se expressa: "O uso do subsolador torna a adubação artificial coisa do passado, porquanto se o agricultor emprega esse implemento não restam argumentos a favor daquela, tão vastos são os depósitos de minerais e elementos que esse implemento agrícola coloca a descoberto, os quais não eram disponíveis antes". A esses conceitos poderíamos acrescentar ainda a influencia decisiva da subsolagem na melhoria das propriedades físicas do solo que, como complemento à adubação, tanto contribui para o exito da cultura.



IRRIGAÇÃO



Conjuntos completos, bombas, tubos de alumínio com engates rápidos, aspersores, etc. Garantia de máxima eficiência. Projetos e orçamentos sem compromisso.

Bombas HIDRAULICAS

Bombas de pistão, rotativas e centrífugas de baixa, média e alta pressão: para indústrias, agricultura, abastecimento e residências. Bombas para poços profundos e de engrenagens para líquidos viscosos.



Cia. Fabio Bastos



Rua Florêncio de Abreu, 828 - Fone 35 2111 - S. Paulo
RIO DE JANEIRO • B. HORIZONTE • PÓRTO ALEGRE • JU Z DE FORA • CURITIBA

CAMPANHA EDUCATIVA DO D.P.L.

12 informações úteis ao esclarecimento do público, divulgadas p/ Departamento de Profilaxia da Leprosia

- 1 — O MAL DE HANSEN, TRATADO NO INICIO, É CURÁVEL.
- 2 — AS SULFONAS CURAM O MAL DE HANSEN INICIAL.
- 3 — O MEDICO LEPROLOGISTA DESCOBRE O MAL DE HANSEN INICIAL E O TRATA CORRETAMENTE.
- 4 — O DEPARTAMENTO DA LEPROLOGIA TEM MEDICOS LEPROLOGISTAS COMPETENTES, À DISPOSIÇÃO DO PÚBLICO.
- 5 — O DEPARTAMENTO DA LEPROLOGIA TRATA GRATUITAMENTE DE TUDO O QUE SE REFERE AO MAL DE HANSEN.
- 6 — EXISTEM DUAS FORMAS DA DOENÇA: UMA CONTAGIANTE E OUTRA NÃO CONTAGIANTE.
- 7 — O MAL DE HANSEN CONTAGIANTE DEVE SER ISOLADO E TRATADO NO SANATÓRIO.
- 8 — O MAL DE HANSEN NÃO CONTAGIANTE PODE SER TRATADO FORA DO SANATÓRIO.
- 9 — O MAL DE HANSEN CONTAGIANTE OFERECE GRAVES PERIGOS À FAMÍLIA DO DOENTE E À SOCIEDADE.
- 10 — SOMENTE O LEPROLOGISTA PODE DECIDIR SOBRE A NECESSIDADE OU NÃO DA MOLESTIA SER TRATADA NO SANATÓRIO.
- 11 — ENCAMINHAR AO LEPROLOGISTA OS SUSPEITOS DE MAL DE HANSEN É ATITUDE ESCLARECIDA.
- 12 — DESCOBRIR SE TEM OU NÃO MAL DE HANSEN, É DEVER DE TODOS OS SUSPEITOS QUE ZELAM PELOS SEUS INTERESSES.

(Contribuição de "Revista dos Criadores")

ALTERAÇÃO DOS ALIMENTOS

Diversos fatores são capazes de transformar ou alterar as substâncias alimentares: agentes biológicos, como os microorganismos e as diastases; agentes químicos, como o oxigênio e a água; agentes físicos, como a luz e o calor.

Depois da era pasteuriana ficou bem patente que aos microorganismos cabe papel essencial nessas modificações sofridas pelos alimentos, passando os outros agentes a representar papel secundário.

Todos os alimentos são suscetíveis de alterações, porém os de origem animal são muito mais sensíveis que os de origem vegetal. São os germes os responsáveis pela putrefação que constitui a transformação mais temida, porque torna os alimentos impróprios para o consumo. Os produtos oriundos dos animais, principalmente a carne, pelo fato de sofrerem mais intensamente a ação dos germes que causam a putrefação, encontram proteção segura contra esse ataque nefasto nos meios de conservação.

Muitos microorganismos agentes de contaminações dos alimentos são

saprophytas, isto é, não produzem doença no homem nem nos animais, si bem que haja alguns generos com espécies que podem causar ao homem as chamadas intoxicações alimentares. Estes últimos germes, entretanto, instalados na carne, não determinam alterações do tipo de putrefação, nem mesmo modificam sensivelmente os caracteres organoléticos do alimento.

Os germes responsáveis pela putrefação encontram-se no ambiente e alcançam a carne por via de contaminações trazidas pelas manipulações defeituosas. A carne constitui meio de cultura excelente para esses microorganismos que, na dependência de certas condições do ambiente, se desenvolvem ativamente e cumprem sua ação deletéria estragando o alimento. As manipulações defeituosas se referem à negligência com que são trabalhadas as carcaças dos animais abatidos, à falta de asseio de mesas, instrumentos e vasilhames ou aos hábitos pouco higiênicos dos operários que lidam com a carne.

Como resultado do desenvolvimento de germes da putrefação na car-

ne, ha extraordinárias modificações nos caracteres organoléticos e nos princípios nutritivos desse alimento, a ponto de torná-lo repugnante e até mesmo insalubre, em certos casos. Tendo em vista evitar as corrupções que a carne póde sofrer, quando abandonada à própria sorte, visando dessa forma prolongar a sua vida útil e proveitosa para o homem, nasceu a idéia de sua preservação. A conservação dos alimentos, tendo passado da fase de ensaio, puramente doméstica, para se revestir de cunho nitidamente industrial e economico, porque a ciência lhe garantiu bases científicas, não deixou, contudo, de obedecer a princípios básicos e fundamentais. Isto porque a técnica de conservação deve sempre corresponder a duas exigências: 1) inalterabilidade das propriedades organoléticas e dos princípios nutritivos do alimento e, 2) remoção dos agentes de alterações. Por isso é que todos os autores são concordes em afirmar que "assegurar a conservação de uma substância alimentar é fixá-la momentanea ou definitivamente em seu estado físico, químico e biológico inicial."

A Cia. Eletroquímica Paulista
apresenta seus produtos



MATA-ERVAS

Ervidas para todos os fins

Especialmente estudados para as plantas e os terrenos no Brasil.

- Tipo 2, 4 - D para culturas de arros, trigo e milho
- " CIPC " " " de algodão, batatas, feijão, hortaliças e flôres
- " 245-T Contra serrados, amendoim, leiteiros etc.
- " "A" Desfolhador das batatas e do algodão
- " "B" Contra ervas de fôlhas largas
- " "C" " a tiririca
- " "MG" " gramas e capins

I N O F E N S I V O

Para os terrenos

Para as plantações

Informações detalhadas

À venda em tôdas as principais casas do ramo

Não atendemos pelo reembolso postal.

Para os homens

Para os animais

"Cx. Postal 3827 — São Paulo"

Épocas de plantio do cafeeiro

Lauriston POUSA BICUDO
(Eng. Agrônomo)

Para o replantio das falhas dos cafezais antigos ou para a formação de pequenas culturas em moldes racionais, a tendência predominante é utilizar mudas de café preparadas em viveiro. E a grande prática já está consagrando a melhor época para levar ao terreno as mudas, no Estado de São Paulo: fins das chuvas. Os meses ótimos são março, abril e maio, podendo ainda aproveitar-se o fim de fevereiro e o começo de junho, este apenas em caráter excepcional. Trata-se de época de dias curtos, frescos e com umidade satisfatória. Ao contrário, os meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro são desfavoráveis, porque frequentemente ocorrem veranicos, os dias são longos e a insolação demasiado intensa.

Sem embargo, mencionar qual é a época correta para plantar mudas de café é muito fácil. O «x» do problema é providenciar MUDAS BOAS, VIGOROSAS, NEM «PASSADAS» NEM MUITO NOVAS, PARA SEREM USADAS EXATAMENTE NESSA ÉPOCA. Ao estabelecer viveiros, ao semear nos canteiros ou jacázinhos, o cafeicultor deve ter em mira, antes e acima de tudo, a estrita observância dessa contingência. Disto é que iremos tratar, a seguir.

A melhor época para a semeadura do café nos viveiros começa em agosto e vai até novembro, inclusive. É essa a ocasião em que se consegue a maior porcentagem de germinação e germinação mais rápida. O rumo será este: obtêm-se as sementes em julho ou agosto e semeia-se, sem perda de tempo, em agosto e setembro, DETERMINADAMENTE, nos jacázinhos e a partir de outubro e em novembro, inclusive, nos canteiros, para posterior transplante. O preparo da terra desses canteiros ou de enchimento dos «cartuchos» é que é muito importante: deve ser feita uma mistura, bem calcada, da terra do mato (60%), esterco bem curtido (30%) e pó calcáreo (10%), acrescentando-se porções adequadas dos adubos químicos devidos (farinha de ossos, cloreto de potássio e um azotado). Todos os trabalhos nos viveiros devem ser feitos com o maior capricho possível, desde a distribuição das sementes, as operações de irrigação, o transplante, quando for o caso, até as aplicações profiláticas ou curativas contra pragas e moléstias. O objetivo é conseguir breve germinação, dentro de 20 a 35 dias após a semeadura, e propiciar às plantinhas condições excelentes de desenvolvimento. Mudas assim preparadas estarão no ponto ideal de serem usadas no fim de 5 ou 6 meses de germinadas as plantas, o que quer dizer que serão plantadas no terreno definitivo na época certa.

Em agricultura, não se pode estabelecer propriamente um critério de idade: uma muda de 5 ou 6 meses pode ser melhor, maior e mais vigorosa que outra de um ano, porém, preparada sem os necessários cuidados técnicos. O que interessa é que a muda de café, ao ser plantada, tenha de 20 a 25 centímetros na parte aérea, ainda contenha o par de folhas cotiledonares (orelhas de onça), serve o par de folhas cotiledonares (orelhas de onça), apresente-se ereta, vigorosa e de verde intenso, sem que o seu «pião» tenha ultrapassado, a não ser muito ligeiramente, o limite inferior representado pela base do recipiente.



ENRIQUEÇA SUAS
TERRAS, CULTIVANDO
LEGUMINOSAS

Se suas terras estão fracas, o caminho certo é o cultivo de leguminosas, que possibilitarão maiores rendimentos em suas culturas. Temos sementes selecionadas de feijão Guandu - feijão de porco - feijão soja - feijão mucuna, anão e trepadeira - lupinus ou tremoço - crotolárias - cow-pear, etc.

DIERBERGER - Agro-Comercial Ltda.

Avenida Anhangabaú, 392/394 - Tels:

36-5471 e 36-3612 - Cx. Postal, 458

SÃO PAULO



Av. Rio Branco, 108 - 4.º - 404 - Rio de Janeiro
VENZA — Prods. Quims. Farms. Ltda.

Semeando-se cedo e facultando ao viveiro condições excepcionais de trato, obtêm-se, em 5 ou 6 meses, mudas tão boas quanto as de um ano, porém, trabalhadas sem maiores cuidados. E assim procedendo, ganha-se tempo, conseguem-se mudas de custo, mais baixo, e ter-se-á à disposição, para o plantio definitivo, a melhor época do ano. O plantio nessa época conduzirá a um mínimo de perda, dará cafeeiros mais bem formados e mais viçosos e ficará mais econômico, por não ser necessária a proteção das covas. Em outubro ou novembro, as mudas plantadas em março, abril ou maio já estarão, por assim dizer, formadas e melhor aproveitarão a estação quente e chuvosa que se inicia em outubro, pois o sistema radicular de cada planta teve, durante a estiagem, oportunidade de se desenvolver e bem assim as plantas estarão completamente adaptadas ao novo ambiente. Estes cafeeiros, de todos os pontos de vista, levam a melhor sobre aqueles que, embora semeados nos viveiros mais ou menos na mesma ocasião, permaneceram durante um longo ano em ambiente artificial, para somente serem levados ao terreno no início das águas.

Além do mais, quando se plantam mudas no começo da estação quente, é mister uma proteção adequada, sempre onerosa; as perdas são maiores; frequentemente ocorre queda de folhas, acabando por determinar atraso no desenvolvimento da cova e não raras vezes um patente desequilíbrio vegetativo entre as plantas da mesma cova. Esses fatos, não somente são facilmente compreensíveis, com estão fartamente demonstrados na grande prática cafeeira.

Use
SALADEIRA
ESTERILIZANTE



protegendo sua saúde!

Indústria e Comércio
Antonio Nogueira Ltda.

Av. Guilherme, 11 - Tel. 3-8066 - Cx. Postal 1438



APARENTEMENTE
TODOS OS AVIÕES
TAMBÉM SÃO IGUAIS

O QUE OS DISTINGUE É
O SERVIÇO DE MANUTENÇÃO

A CRUZEIRO DO SUL 
*é inconfundível graças ao seu sempre
perfeito e eficiente serviço de manutenção*

PASSAGENS:
Rua 14 de Maio, 276
Fones: 33-4686, 36-4764 e 33-8436
Rua Alvares Penteado, 221
Fones: 32-9842 e 33-4794

CARGAS, ENCOMENDAS,
EXPRESSOS:
Rua do Carmo, 115
Fones: 32-7919 e 33-2580

Alguns lavradores menos avisados, embora não ignorando a melhor época de plantar mudas de café, não se orientam acertadamente quando estão cuidando de preparar suas próprias mudas: semeiam, em outubro, novembro ou dezembro, sem maiores preocupações e sem a adoção rigorosa dos preceitos aqui recomendados no preparo dos canteiros e dos recipientes. Nessas condições, aguardam o porte normal e ideal das mudas, para então usá-las. Em geral, tais mudas estarão no ponto em outubro ou novembro seguintes... São as mudas de um ano, que podem ser muito boas, mas precisam ser plantadas logo, para não ficarem passadas. Difícilmente essas plantas resistirão até março do ano seguinte. Então, terá forçosamente que ser adotada a pior época (início das águas), com todo o cortejo de inconvenientes já referidos acima. Menciona-se, a propósito, que a muda de um ano é evidentemente mais dispendiosa para o produtor, do que a muda de seis meses. E se essas mudas vão ser plantadas na época de intensa insolação, necessitam de proteção, o que implica não somente em despesas, mas também no consumo do mão de obra escassa e preciosa nessa altura, para os demais trabalhos agrícolas da fazenda.

Todo o esforço, a organização e o controle do cafeeicultor devem ser no sentido de que as mudas por ele preparadas estejam prontas para ser plantadas em março, abril ou maio. Este é o lema geral a seguir. Não quer isto dizer que seja tecnicamente proibitivo plantar mudas de café em outros meses.

Receba EM SUA CIDADE PELO REEMBOLSO POSTAL QUALQUER ARTIGO DESTA PAGINA

CABRESTOS - para touro, vaca e bezerro. Artigo de sola e todo reforçado com correntes.

Para touro Cr\$ 130,00
 Para vaca 120,00
 Para bezerro ... 110,00

PEIA PARA ORDENHAR - prática, oferece todas as vantagens para ordenhar com facilidade, evitando o uso de cordas e outras amarras que tanto machucam as pernas da vaca.

Preço Cr\$ 45,00

PULVERIZADOR MANUAL — TIPO SPRAYER

Muito prático, qualquer criança pode manejá-lo. Além de servir para pulverizar o gado, serve também para pulverizar plantas, árvores, galinheiros etc.. Rápido — eficiente 100% — econômico Cr\$ 360,00

MÁSCARA CONTRA INSETICIDA E POEIRA

Eficaz na proteção do empregado no polvilhamento do café, algodão etc. O seu uso evita que o pó seja aspirado, prejudicando o aparelho respiratório.

Máscara c/ algodão Cr\$ 180,00
 Máscara s/ algodão 120,00

NEOCIDOL P. — o terror dos carrapatos. Maravilhosa combinação de B. H. C. com D. D. T. solúvel em água. De grande poder molhante e aderente. Ideal no combate aos carrapatos, piolhos, sarnas, baratas etc..

Pacotes de 1 quilo Cr\$ 60,00
 Pacotes de 5 quilos 275,00

FORMAS PARA QUEIJOS — Artigo reforçado, prático, todo de alumínio e ferro estanhado.

Formas para queijo tipo mineiro Cr\$ 45,00
 Formas para queijo tipo criador 56,00

CORRENTE para estábulo. Para prender touros e vacas. Tem 1,80 de comprimento em 3 pedaços de 60 cms., com argolas giradores e travessas.

Para touros n.º 50 Cr\$ 40,00
 Para vacas n.º 40 35,00

ARGOLAS PARA TOURO — artigo reforçado, inteiramente de cobre e inquebrável. Não deixe que seu touro ou garrote torne-se bravo, argolando-o. Preço Cr\$ 48,00

RATICIDA - MUSFARINA é fabricada com Warfarim e é um raticida ideal porque: 1.º) mata ratos e camundongos, sem causar dor e nem desconfiança aos sobreviventes; 2.º) não possui gosto, cor e cheiro especiais, conservando apenas os que são próprios dos cereais de que se compõe; 3.º) é totalmente inócua aos demais animais domésticos e seres humanos.

Papelatas de 1 quilo Cr\$ 60,00
 Papelatas de 200 gramas 25,00

PASTA PRETA "CALOÁ" - desinfeta e protege o umbigo dos bezerros. Eficaz no tratamento das escoriações, feridas em geral e bicheiras. Cicatrizante — eficiente — econômica. Latas de ½ quilo .. Cr\$ 55,00

LAÇOS — procedentes do Rio Grande do Sul, fortes, resistentes, macios e feitos de 4 tentos. Temos nos tamanhos de 9 a 12 braças. Preço de 1 braça .. Cr\$ 35,00

COALHO ESTRELA E FRISIA — as marcas preferidas em todo o Brasil, por todos os fabricantes de queijo. Absolutamente puros, livres de sedimentos e utilizáveis até a última gota. Qualidade uniforme e inalterável.

Estrela - garrafa de 400 gramas Cr\$ 55,00
 Frisia - garrafa de 400 gramas Cr\$ 38,00



AS ARVORES

José Assis RIBEIRO

Passou quase despercebida da maioria do nosso povo a efeméride que tão gratas recordações me traz da meninice, que é o Dia das Árvores, comemorado no dia 21 de setembro.

No meu tempo de escola primária — que já vai bem longe — este dia era condignamente festejado, com homenagens ao reino vegetal, incutindo-se no espírito da criança noções da estreita relação que há entre a vida humana e a das árvores. A festa terminava sempre com o plantio de uma árvore por um dos alunos. Numa das vezes, coube-me plantar um pé de eucalipto. Hoje, passados mais de seis lustros, quando me é dada a rara e grata oportunidade de passar pela longínqua e esquecida cidade onde fiz meu curso primário, é com lágrimas de saudade que fico por momentos à sombra da árvore que há mais de trinta anos plantei! Um pai que revisse seu filho querido, há anos ausente, não ficaria mais emocionado!

As coisas evoluíram, mas as árvores se acabaram. A impressão que hoje se tem é de que os donos das árvores e os responsáveis pelas coisas públicas se esqueceram de que a vida animal e, em particular, a vida do homem é função da vida das árvores!

A árvore não é simplesmente a fonte da madeira do berço em que nascemos, de casa onde moramos, das ferramentas com que trabalhamos, de ataúde (cruz, credo!) que nos levará para o outro mundo, nem muito menos a lenha — esse pobre combustível tão avidamente devorado pelas caldeiras de locomotivas e de fábricas e — é bom salientar — em maior escala, pelos fogões domésticos! A árvore tem uma função mais elevada, que é a de manter a vida de uma região! A função menos nobre da árvore é a de produzir lenha — e é justamente esta a que mais a tem destruído. As caldeiras e fogões são os grandes fazedores de desertos! A

destruição lenta e progressiva das matas determina também o lento e progressivo empobrecimento da terra. Fixada no terreno, a árvore, pela sua fisiologia, não só purifica o ar, como mantém a umidade e a fertilidade do solo, condições básicas para a insurgência de água nas fontes, da caudal dos rios, da amenidade da temperatura ambiente, do grau higrométrico do ar, da normalidade do regime das chuvas, da inexistência de erosões e, por fim e o que é o principal, da manutenção da própria vida do homem e dos animais! É que da presença das matas depende a salubridade do clima de uma região. E quem diz salubridade de clima diz logo a própria vida!

A situação de penúria do Nordeste Brasileiro, nas imensas áreas do agreste e do sertão, lá está como exemplo dos extremos a que pode chegar a ação predadora do homem perante a floresta. Da exploração inicial do Pau Brasil; das grandes derrubadas para cultivo da cana; das imensas queimadas, que duraram séculos, resultou imensa devastação e, como consequência, lá estão as secas periódicas, que assolam toda aquela pobre região nordestina, onde uns milhares de condenados à vida a suportam num estoicismo digno de lástima!

— Digam da consideração que você tem pelos árvores e eu lhe direi o grau da sua educação.

Este é um quadro vivo que denuncia a situação para a qual uma região como o Sul de Minas está indo a passos largos! Nossas matas, ou melhor, as poucas que nos restam, já estão esgotadas. Nossos rios — os piracaras que o confirmem — ano a ano têm suas águas mais baixas, e, o que é pior, cada vez dão menos peixes. Nossa fauna já está longe de apresentar a riqueza de variedades e de número que nossos avós conheceram. Nosso clima já não tem a amenidade de há trinta anos. Isso tudo, mera consequência do desaparecimento das nossas florestas!

No Brasil, duas coisas impressionam, neste particular: de um lado, a derrubada de matas, que há séculos vem sendo feita, às vezes, simplesmente por instinto de destruição, outras vezes, para simples extração de lenha, madeira ou carvão; e antepondo-se a isso, a ausência de mentalidade de reflorestamento. Não há reflorestamento! Nenhum fazendeiro, por adiantado que seja, se considera na obrigação de plantar o mesmo número de árvores que tenha derrubado. O que os poderes públicos fazem é simples arremedo — e está a quilométrica distância daquilo de que o País realmente precisa. Só em relação ao pinho, aspecto em que o reflorestamento está mais adian-



NOVO ENDERÊÇO

E' com satisfação que comunicamos aos nossos freguezes e amigos a mudança de nosso estabelecimento para prédio próprio na

RUA DR. COSTA AGUIAR, 330

Esquina da Senador Saralva

FONE 3477

CAMPINAS - S. P.

COMISSÕES
REPRESENTAÇÕES
CONTA PRÓPRIA

onde teremos toda a satisfação no atendê-los e receber suas prezadas ordens.

Produtos veterinários em geral — Rações Balanceadas — Materiais agrícolas
— Artefatos de couro — Sementes de capim, inseticidas, fungicidas e desinfetantes — Seringas, agulhas, pulverizadores e polvilhadores.

tado, está-se plantando seiscentas vezes menos do que se deveria!

Leio nos Anais do Primeiro Congresso Florestal Brasileiro, reunido em Curitiba, a aprovação de planos de realização de uma campanha nacional de proteção às matas, considerando-as fator fundamental do equilíbrio climático, da conservação dos solos, de preservação da fauna, da regulação dos mananciais e cursos de água. Dever-se-ia demarcar, na área territorial de cada município do Brasil, umas tantas glebas a serem mantidas cobertas de vegetação arbórea, quantas fossem necessárias para constituir uma superfície total correspondente a 25% da área do município, recomendada como mínimo pela ciência florestal.

Qual a divulgação que se fez desta medida? Quais as providências oficialmente adotadas para sua execução? A resposta terá que ser o silêncio.

—o—

Calculando-se que, em lenha, cada pessoa consome, em média duas árvores por ano, somente para cocção dos seus alimentos e para aquecimento de água para banho, facilmente se depreende a imensidade do consumo de uma região. As locomotivas das estradas de ferro, as caldeiras das fábricas não consumirão muito menos. Daí o deserto que surge em nosso Interior, à medida que o homem avança na conquista do País.

O emprêgo do óleo combustível nas locomotivas e caldeiras resolveu o problema ferroviário e industrial, e, aos poucos, seu uso vem-se tornando norma. Todavia, para os fogões domésticos, a solução só agora está sendo atingida, com a aplicação do chamado "gás engarrafado", resíduo da destilação do petróleo, grande parte do qual ainda está sendo perdida nas grandes refinarias do País, em Cubatão, Capuava, Mataripe, Ipiranga, etc. Mediante liquefação, obtem-se o chamado "gás líquido" que, depois de engarrafado, pode ser transportado a longas distâncias. O "botijão" instalado em fogões próprios, permite chama de intensidade controlável, podendo servir para fins domésticos de aquecimento e cocção de alimentos. Como se trata de gás inodoro e inócuo, sua acção tem sido integral.

—o—

NOVEMBRO DE 1955

Assim as árvores estão de parabéns! O seu inimigo número 1, o machado, tende ao desaparecimento, superada que está a lenha pelo óleo combustível e pelo gás engarrafado.

Se as autoridades e os proprietários de terras se interessarem pelo reflorestamento nos moldes aconselhados pela ciência florestal, em

breve teremos novamente clima ameno, chuvas regulares, matas e campos de fartas caçadas, ao lado de rios de abundantes pescarias superadas apenas pelas de há 20 ou 30 anos, contadas por velhos caçadores e pescadores, todos dignos da mais absoluta fé...

CONHEÇA AS DOENÇAS DO SEU ALFALAL

Earl K. WADE

Entre as doenças que podem atacar o alfafal, veremos primeiro a que se traduz por pequenas manchas arredondadas, de cor marron, nas folhas, que se tornam denteadas e acabam caindo.

Manchas amarelas podem aparecer distribuídas em tiras nos bordos das folhas, constituindo o principal sintoma de outra doença. As áreas amarelas assumem forma de V e caminham para a margem da folha, entre duas nervuras, mostrando pequenos pontos escuros, que representam corpúsculos de frutificação.

Quando o amarelecimento das folhas e hastes é acompanhado de queda e deformação dessas partes da planta, trata-se de uma infecção bacteriana. Nesse caso, cortando-se transversalmente a raiz, nota-se coloração amarelo-escuro, em forma de anel, logo abaixo da casca, sintoma que pode ser observado muito antes do aparecimento das alterações que atingem folhas e hastes. É muito comum verificar-se esta infecção bacteriana em áreas na plantação.

As manchas nas folhas e as infecções pretas nas hastes são causadas por cogumelos ou fungos. No inverno, os fungos atacam folhas velhas caídas, vegetação rasteira e outros resíduos vegetais. A infecção bacteriana é determinada por bactérias do solo que vivem nas raízes velhas e já anteriormente afetadas. A planta se infecta através de ferimentos das raízes, causadas por insetos, frio intenso ou máquinas agrícolas.

As infecções por fungos são difíceis de dominar. Se houver manchas nas folhas, convém fazer a colheita antes que a infecção se torne tão grave a ponto de caírem todas as folhas. Assim procedendo, reduzem-se as proporções de infecção e consegue-se manter o teor proteico do

feno. A prática de queimar as folhas e a vegetação rasteira logo no início da primavera constitui medida eficiente de combate, mas recurso pobre de conservação. Já se estão desenvolvendo amostras de alfafa resistentes a este tipo de infecção. Variedades como a Ranger e a nova Vernal, além de resistentes à nova infecção, também resistem aos rigores do frio.

O imposto de sisa...

(Conclusão da pág. 52)

comportamento inconstitucional do Fisco Estadual, nos moldes daquele em que se pretendia cobrar pelo dóbros a sisa em doação com vínculos.

Finalmente, resta-nos aconselhar ao consulente que, no caso de se negar o fisco a apor seu visto à guia para recolhimento desse imposto, impetire um mandado de segurança, porque, do contrário, ficará coagido a fazer o recolhimento de imposto, em face de seu desejo de lavar aquela escritura de doação. Evidentemente, está ele sofrendo uma coação ilegal, das que classifico das mais graves: a que obriga arbitrariamente a pessoa a recolher dinheiro aos cofres públicos, como condição para a prática de um ato livre garantido por lei.

São essas dificuldades, feitas ao arripio da lei, que, na maioria das vezes, aguçam simulações àqueles que não querem esperar um pronunciamento judicial.

Portanto, aconselhamos ao consulente a ir avante, recorrendo ao Judiciário, caso o Fisco persista no propósito conhecido.

Esse é o nosso parecer.

A FAZENDA LEITEIRA

SÔBRE A ESCOLHA DE RAÇA

CLARENCE H. ECKLES, ERNST L. ANTHONY E
LEROY S. PALMER

A escolha da raça — A primeira questão que se apresenta, ao iniciar as atividades de uma fazenda, é a escolha da raça a ser criada. A capacidade e o tirocínio do fazendeiro, mais do que a raça, determinam o sucesso. Todos os fatores devem ser pesados e medidos, a fim de se fazer uma escolha acertada. Escolha de raça que seja afeita às condições ambientais. Atenção deve ser dada a cruzamentos, pois esta é uma prática que não raras vezes tem levado mais à perda de qualidades de rebanhos do que a melhoramentos.

As principais raças leiteiras já estão bem definidas e facilmente se identifica a que mais convenha. Se um fazendeiro não for feliz com gado leiteiro, ao lado de outro que teve sucesso em o criar, a diferença geralmente se atribui a erro de escolha da raça. Entretanto, o homem que falhou com uma raça, o mais certo é falhar também com outra. O sucesso ou o malogro na criação de gado leiteiro raramente se atribui à raça escolhida, e sim, a outras causas, tais como erro na seleção de vacas, manutenção de fêmeas improdutivas no rebanho; aplicação de métodos impróprios na alimentação e no trato do gado, etc.

Fatores que devem orientar a esco-

lha — Há muitos fatores a considerar na escolha da raça. Entre eles, os principais, na ordem da importância, são os seguintes:

1. Raça de gado mais criada na região.
2. Modalidades de venda dos produtos.
3. Rendimento médio de leite e de gordura.
4. Custo da produção e colocação dos produtos na safra.
5. Clima, obtenção de alimentos e topografia da fazenda.
6. Possibilidade de exploração econômica do gado leiteiro.
7. Porcentagem de nascimentos de bezerros.
8. Vigor dos bezerros. Porcentagem de letalidade.
9. Valor de vacas velhas para o corte e aceitação de vitelos.
10. Preferência do fazendeiro.

Mercado como fator de seleção — Onde haja pagamento do leite pelo teor de gordura, a tendência deve ser para o Jersey e Guernsey. Para produção de leite, que se destine ao consumo em natureza, a escolha deve ser para a Holandêsa, Schwyz e Ayrshire,

mais indicadas pela sua maior produção e custo mais baixo. Se a localização da fazenda for onde se venda somente creme, as raças das Ilhas do Canal são as preferidas, em virtude da sua capacidade de produzir leite de alto teor de gordura. Nestas condições, o indiscutível valor do leite desnatado para alimentação de porcos e bezerros pode levar à preferência pela Holandesa, por causa da maior quantidade deste sub-produto obtida do seu leite. Quando se vende creme, a porcentagem de gordura é o fator mais importante. Para fabricação de queijos e para venda ao consumo, o teor de extrato seco total é elemento tão importante quanto a porcentagem de gordura.

Adaptação à região — A criação depende dos fatores que se relacionam com a abundância de pastos, com pastagens ricas, com clima próprio, etc. A produção econômica do leite e de gordura está subordinada a estes fatores. É bom lembrar que vacas de maior produção são as que dão leite mais barato. A qualidade de procriação da vaca e o vigor dos bezerros são condições que merecem atenção. A aceitação de vacas velhas no açougue e a criação de bezerros castrados para a venda como vitelo são de menor importância, numa fazenda

PULVERIZADORES MOTORIZADOS "PONY"



Da afamada marca alemã FRICKE

Temos diversos tipos e tamanhos para todas as plantações

Especial para pulverizações carrapaticidas

Distribuidores exclusivos:

AGROMOTOR

Praça Júlio Prestes, 141 - Fones: 51-3523 e 52-6933

SÃO PAULO

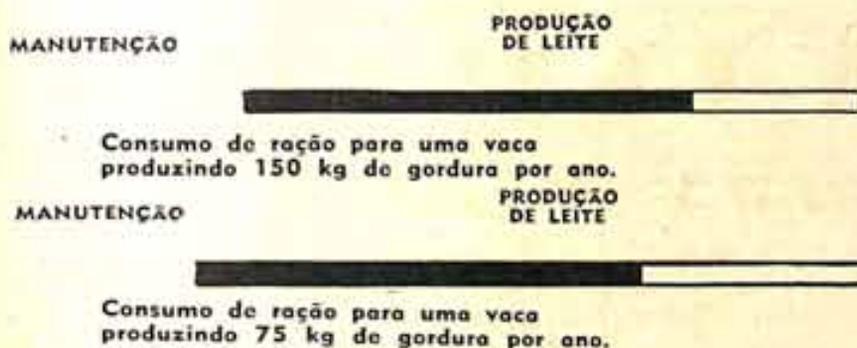


FIG. 1 — Produção econômica de gordura. Uma vaca boa produtora, dando 150 kg de gordura por ano, consome somente mais 25% dos alimentos necessários a uma má produtora, do mesmo peso vivo, que produz somente 75 kg de matéria gorda, anualmente.

exclusivamente leiteira, embora auxiliem na redução do custo de produção do leite.

Relativa eficiência das raças — Baseando-se no mérito das raças, os fazendeiros frequentemente consideram o rendimento em leite e em gordura, como elemento básico. Aceita-se que umas raças aproveitem melhor os alimentos que outras.

Para melhor entendimento das questões focalizadas, é preciso não esquecer o seguinte:

Vacas de grande e de pequena produção — Mesmo em raças leiteiras, há vacas de alta e de baixa produção. Ambas exigem a mesma quantidade de alimentos para produzir um litro de leite ou um quilo de gordura. Uma vaca que produza, num ano, 150 quilos de gordura, apresenta um custo de produção por quilo muito inferior ao de outra, do mesmo tamanho, que produza somente 75 quilos. A grande produtora consome um pouco mais de alimentos, porém, em proporção muito menor, por unidade de produção. A explicação é que o alimento consumido para manter o animal (ração de manutenção) é o mesmo para ambas as vacas. A boa produtora, tendo grande capacidade de rendimento, de-

pois de satisfazer suas próprias necessidades, destina os alimentos à transformação em leite, o que não acontece com as más leiteiras.

A figura 1 dá idéia exata do fato. Este gráfico representa as partes componentes da ração de manutenção e de produção de leite de duas vacas Holandesas, uma com a produção de 150 kg de gordura anualmente, e outra somente com 75 kg.

Um pouco mais de ração para uma boa leiteira fá-la apresentar o dobro da produção de uma má leiteira.

Ração exigida para manutenção em função do peso — Sabe-se que o alimento necessário para a manutenção de uma vaca leiteira, isto é, a ração necessária para manter uniforme seu peso vivo, varia com o tamanho do animal. Por isso, uma vaca pesando 400 kg. requer somente 3/4 da ração de manutenção de outra, que pese 530 kg.

Digestão diferente em raças diferentes — A raça do animal não tem relação com a capacidade de digerir os alimentos. Experiências feitas com amostras de ração dadas a vacas leiteiras de raças diferentes apresentaram os seguintes resultados:

O PRECEITO DO MÊS

NUTRIÇÃO E DENTES DE LEITE

O aparecimento dos dentes de leite, faz-se, com certa regularidade, desde o sexto mês de vida, completando-se em torno dos dois anos. As perturbações da nutrição podem retardar o aparecimento desses dentes.

Se, aos seis meses, não começam a surgir os dentes de seu filho, consulte o dentista e o médico de crianças. — SNES.

RAÇAS	Porcentagem de digestão
Holandêsa	65,34
Ayrshire	64,31
Jersey	66,27
Shorthorn leiteira	65,52

Variação do custo de produção de gordura em função da raça — Já está accito que a Jersey e a Guernsey, em média, são capazes de produzir gordura com um custo ligeiramente inferior ao da Holandêsa e Schwytz. Há duas razões para isso; a mais importante é que a Jersey e a Guernsey, sendo animais pequenos, requerem menor ração de manutenção que a Holandêsa e a Schwytz. As duas primeiras raças produzem leite mais gordo, ou melhor, produzem menos leite, contendo maior quantidade de gordura.

Experiências com vacas lactantes Holandesas e Jersey revelaram os seguintes dados:

Estes dados mostram que uma Jersey, comparada a uma Holandêsa, consome menos alimento para produzir um kg de gordura. E' que a Holandêsa, pesando 560 kg (por ser grande) requer maior volume de ração de manutenção que a Jersey (que pesa somente 435 kg). Isto na figura 2, na qual a parte em preto representa a porção da ração de manutenção, e a outra, em branco, a da produção de leite. A diferença entre 7,39 kg de digestíveis nutrientes consumidos pela Holandêsa por kg de gordura e a de 6,47 da Jersey é atribuída à combinação do menor tamanho da Jersey e a sua capacidade de produzir menor volume de leite desnatado, contendo grande quantidade de matéria gorda.

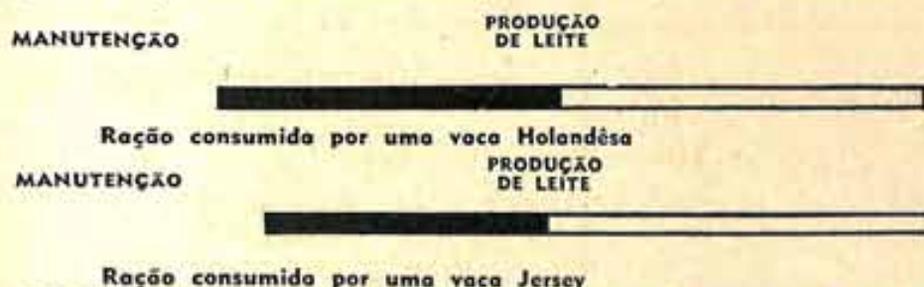


FIG. 2 — Este desenho dá idéia da influência do tamanho do animal na produção econômica do leite. Se duas vacas produzem a mesma quantidade de gordura, a menor, consumindo menos ração de manutenção, dá gordura mais barata.

RAÇAS	Peso vivo kg	Produção		Kg de nutrientes digestíveis por kg de gordura
		de leite kg	de gordura kg	
Holandêsa	560	5.500	186	7,390
Jersey	435	2.770	168	6,470

MERCADO DE CARNES

O panorama do mercado de carne assumiu todas as características de franca expectativa, como reflexo da atual conjuntura econômica que atravessamos. Não constitui fato especial porque acompanha o movimento de retração geral que se observa em todos os setores econômicos da vida nacional. As notícias que nos chegam dos principais centros de negócios são de molde a concluir pela quase completa paralisação do mercado e, isto, não obstante se manterem os preços vigentes em níveis altos. Bolidas magras são cotadas até a 4.000,00 cruzeiros quando boa era a procedência e os poucos lotes gordos, remanescentes da última safra, entram para negócio em bases que se avizinham da casa dos 6.000,00 cruzeiros.

E' interessante frizar que as chuvas, embora irregulares, este ano se anteciparam em muitas regiões do Brasil Central. Nesta altura, em anos anteriores, a seca ainda fazia sentir seus efeitos, porém, agora o fato de melhora das pastagens já se observa mais ou menos extensivamente. Tal condição favorável não veio animar o movimento de povoar as invernadas como era de se esperar.

Não havendo dúvidas de que os últimos acontecimentos político-militares abalaram sensivelmente o mercado de carnes, não se pode deixar de admitir que grande parte da retração de negócios cabe ao fenômeno de elevação de preços que, por sua vez, determinou parcimônia da população na aquisição do produto. O mercado consumidor, embora não deliberadamente organizado para o caso, está resistindo aos preços altos pela aquisição mais controlada.

Primeiro assistimos ao aumento das sobras nos tendais e redução de mantanças e, se perdurar a pouca movimentação dos negócios de gado, para a safra que se aproxima poderemos ter surpresas em todos os setores do mercado de carne.

COTAÇÕES DO MERCADO DE BARRETOS NO PERIODO DE 15 A 30 DE NOVEMBRO

	Por cabeça Cr\$
Bovinos para engorda (gado magro) Mercado: firme, frouxo, estavel, calmo, etc.	4.000,00 a 4.500,00
Bovinos para abate (gordos)	
Novilhos especiais	370,00
Novilhos tipo consumo	—
Carreiros e marrucos	330,00
Conservas	—
Vacas	330,00
Vitelos	—
Mercado: frouxo, estavel, calmo, etc	
Suínos magros (média 6 arrobas)	1.080,00
Suínos gordos	
Enxutos	410,00
Gordos	425,00
Especiais	435,00
Mercado: firme, frouxo, calmo, etc.	

FRIGORIFICO ARMOUR DO BRASIL S.A.

	Posto Frigorifico 25-11-55 Cr\$
Preços de compra:	
Bois consumo	380,00 por arroba
Carreiros consumo	365,00 < <
Vacas gordas	365,00 < <
Gado tipo conserva	240,00 < <
Vitelos gordos	315,00 < <
Suínos enxutos, média 70 quilos	420,00 < <
Suínos gordos, média 75 quilos	440,00 < <
Preços de venda:	
Couro de boi	14,00 por quilo
Couro de vaca	13,00 por quilo
Banha em rama	40,00 por quilo
Banha em latas 3/20	2.400,00 a caixa

FRIGORIFICO WILSON DO BRASIL S. A.

	Posto Frigorifico Cr\$
Preços de Compra:	
Novilhos gordos	380,00 por arroba
Carreiros gordos	365,00 < <
Vacas e torunos gordos	365,00 < <
Gado tipo conserva	240,00 < <
Vitelos gordos	315,00 < <
Suínos enxutos 70 kg. acima	420,00 < <
Suínos gordos	440,00 < <
Preços de Venda:	
Couro de boi	14,00 por quilo
Couro de vaca	13,30 por quilo
Banha em lata — 30/2	2.450,00 a caixa

SAL — p/ criação — "Kadez" grosso, quítera e moído. Importação direta (marca registrada).

ARAME — para cercas, farpado "Chavantes", liso, oval, aço — extra-resistencia — "Catieland Wire" — (marca registrada) — incomparavel para cercas de criação (n. exclusividade).

- **GRAMPOS** — p/ cerca — Carrapato — (n. exclusividade) — Pás de ponta e Ferrões de pua para cercas.
- **FIVELAS** — Veda-tudo, p/ balancim e armar tela no local.
- **INSETICIDAS** — Arseniato de Chumbo e Rhodiatox p/ combater pragas de algaço, mascaras, palvilhadeiras.
- **CREOLINA** — Pearson, Bichol, Aphto (p/ Aftosa), Mataberne, Benzofenol Azul, Vacinas, Seringas Vet., etc.
- **ALICATES** — p/ marcar orelha de bezerras e torquesas cost.
- **FORMICIDA** — Blenco — Apar. portatil (comprovada eficiencia) matar formigas; Imunizantes — Carbolunium etc.
- **ARADOS** — Semeadeiras, Carpideiras, Desmatadeiras, Engenhos — Stamato, moínhos para quíteras, etc.
- **MACHADOS** — Collins; Faíces, Enxada, Enxadões, Serrates, Ancinhos, etc.
- **SEMENTES** — Alfafa, Colônia, Gordura (roxo e cabelo negro), Jaraguá, farinha de ossa.
- **ENCERADOS** — "Chavantes" — Tocos os tamanhos e para todos os fins, sacos de colheitas.
- **TELHAS** — Onduladas p/ coberturas — refratarias ao calor, Caixas d'agua, Canos, Ferrões para construções, Cimento.
- **MATERIAL ELETRICO** — Enceradeiras, Liquidificadores — Painéis de pressão, Talheres (foqueiros), Lanternas, Pilhas, lampadas, fios elétricos, etc.

SOCIEDADE COMERCIAL S. PAULO-M. GROSSO

Fones 33-4053 e 33-1548
ARAÇATUBA — Osvaldo Cruz, 42
Fone 330
CAMPO GRANDE — 14 de Julho, 668
Fone 146
Teleg. KADEZ — Firma de fazendeiros para S. PAULO — Rua S. Bento, 484 - 2.º andar
fazendeiros diretamente ao consumidor.
Preços especiais.



CARBOLINEUM

O afamado preservativo das madeiras, protegendo-as contra podridão e ataques de cupim. — Fornecido de acordo com as especificações da I.P.T. — Impermeabilizantes em geral

Industria de Impermeabilizantes

"BIANCO" Limitada

SÃO PAULO
Escritório e Loja: Al. Barão de Limeira, 1051
Caixa Postal 2158 — Telefone 52-2549

MERCADO DE LACTICÍNIOS

Os jornais tiveram muita matéria para publicar, no referente a leite e derivados, o que consideramos sinal da importância cada vez maior que este ramo da produção animal está tendo em nosso meio.

Primeiro, foi o interessante trabalho de caráter puramente econômico divulgado pela "Folha da Manhã", em sua edição do dia 7 de outubro, cuja leitura recomendamos a todos os interessados em assuntos comerciais de leite e derivados. Com dados das próprias firmas citadas, publicados no Diário Oficial da União, divulgam-se o aumento de capital e a relação entre patrimônio líquido e lucros líquidos de três dos maiores estabelecimentos de laticínios do Estado de S. Paulo, sendo duas grandes usinas de beneficiamento de leite de consumo e uma grande fábrica de leites desidratados. A ótima situação econômico-financeira destas organizações, evidenciada pelos números tão bem concatenados pelo comentarista da "Folha", vem comprovar o que repetidamente temos afirmado nesta coluna: a firmeza em que se encontra o mercado de laticínios em nosso meio, o que justifica a ampliação e a racionalização da nossa ainda muito incipiente indústria leiteira.

Como que em consequência da divulgação das ótimas condições do desenvolvimento da indústria de desidratação do leite, os jornais publicaram que o Governo Federal aprovou planos e especificações segundo os quais será construída, em Pelotas, uma grande fábrica de leite em pó. Serão observadas as mesmas condições do estabelecimento já projetado em Leopoldina, Minas. Em ambos os estabelecimentos, o equipamento técnico será fornecido pelo FISI (Fundo Internacional de Socorro à Infância). Sabemos que os estudos para instalação destas fábricas, em nosso País, datam já de mais de cinco anos, e, até agora, ainda se publicam notícias com os verbos no futuro...

Observou-se no Rio e em S. Paulo que o leite em pó evaporou-se... por uns tempos. Reajustados os preços, com ligeira alteração, tornou a aparecer. Também, pudera. Com o preço cada vez pago mais caro ao produtor, em franca concorrência com outros industriais, os fabricantes de leites desidratados só poderiam manter as compras elevando os preços de venda. É interessante observar que as notas mandadas publicar pela COAP mais parecem tópicos de propaganda comercial dos referidos produtos.

Nosso povo já se acostumou com o uso do leite em pó, mórmente na alimentação infantil. Não fossem as dificuldades de importação de máquinas já estariam com muito mais fábricas, além das já projetadas para Bragança Paulista, Itamonte (Sul de Minas), Formiga e outras, para citar as mais recentes.

Em contraste com a evaporação do leite em pó no mercado carioca, o leite das carrocinhas, no Rio, aguçou-se tanto que até um sapo nele foi encontrado! (Ver jornais do dia 26 de outubro). Em consequência, não só se negou o aumento de Cr\$ 0,70 por litro de leite vendido nessas carrocinhas, como se estuda a proibição da venda de leite a granel, na Capital da República. O povo espera com ansiedade o início do funcionamento do imenso entreposto de leite de Triagem, da Cooperativa Central dos Produtores de Leite, cuja inauguração se espera para até o fim do ano. Já estão instaladas máquinas para engarrafamento de mais de 200 mil litros de leite por dia. Sómente o engarrafamento total do leite libertará o carioca da persistente venda de leite com água, o que, a nosso ver, constitui uma das maiores afrontas ao povo do Rio, às autoridades sanitárias, mas, diga-se a verdade, constitui também uma ótima fonte de renda para os leiteiros.

COTAÇÃO DE LACTICÍNIOS NA PRAÇA DE SÃO PAULO

	Para o atacadista Cr\$	Para o varejista Cr\$	Para o consumidor Cr\$
QUEIJO MINAS			
Comum	30 — 32	35 — 37	42 — 45
Pasteurizado (Vituzo e Boa)	40 — 42	43 — 44	55 — 60
Duro (Araxá)	48 — 50	55 — 60	65 — 70
REQUEIJÃO — Catupiry	—	12 — 15	18 — 25
QUEIJO PRATO			
e variedades — Cabocó, Lanche e Bola 1ª	52 — 54	60 — 62	68 — 72
Idem 2ª	43 — 45	50 — 54	58 — 62
QUEIJO TIPO PARMEZÃO			
Comum	54 — 60	65 — 70	75 — 85
Vigor e Dolar	—	75 — 85	90 — 100
PROVOLONE			
Fresco	—	48 — 50	55 — 58
Mussarela	—	50 — 52	58 — 60
Curado	—	55 — 60	63 — 65
Polenghi	—	65 — 70	75 — 85
MANTEIGA			
Extra	—	85 — 90	95 — 105
1ª qualidade	65 — 70	75 — 80	85 — 90
Comum	60 — 65	65 — 70	75 — 80
LEITE CONDENSADO			
Caixa c/ 48 latas	530		12,50 cada lata
LEITE EM PÓ			
Caixa c/ 24 latas de libra	820		38,30 cada lata
LEITE		P/produtor	P/consumidor
Tipo C		3,80	6,70
Tipo B		5,50 — 6,00	10,00
Tipo A		—	15,00
Cru — Capital		—	8-10
Cru — Interior		—	5-7
LEITE PARA INDUSTRIALIZAÇÃO			P/produtor
Zona abastecedora de S. Paulo, Santos e Campinas, excesso de quota		Mínimo	3,80
Nas demais zonas		3,80	a 4,50
Sul de Minas — para queijos		3,80	a 4,40
Quilo de gordura butirométrica de 1ª		63	a 68
Idem — de 2ª		50	a 55
Litro de leite desnatado na fazenda		2,30	a 2,50
CASEINA		27	— 28
LACTOSE BRUTA			s/cotação

Vacino c/ aftosa LEIVAS LEITE Cr\$ 3,80. Motores. Conjunto geradores. Dinamos. Alternadores. Wincharger. Bombas para irrigação, para poço, para pulverizar com ou sem motor. Polvilhadeiras. Moquinas para picar cano, verduro, palho, capim. Para triturar raízes. Desintegradores. Moinho para fubá dina marquês, inglês e nacional. Lanterna "Aladim", "Petromax", "Sonambulo", "Tupan". Lotões para leite. Coadores. Coalho. Brometo de metila. Formicida "Blenco", "Totú", "MM 33". Aplicadores para brometo de metila. B.H.C. a 12%. D.D.T. Deenote. Lexone. Gamerial. Gamexane. Sablavita (Vit. B-12). Sablavina (comp. B). Sablacina (antibiótico). Oleo de fígado de bacalhau e cão. Delsterou. Sulfato de manganês. Sulphamezatine. Sulfamerazino. Sulfanilamida. Sulfatiazol. Sulfaguanidina. Sulfadiazina. Fenatox. Cuprosan. Perenox. Parzate. Calda sulfocalcica Dupont. Enxofre. Talco. Pratt's. Termômetros para chocadeiras e animais. Criadeiras Brower. Debulhadores de milho. Lanço chamas. Sementes. Tesouras para poda. Torquezo "Burdizzo" e "Hauptner". Seringas "Hauptner e outras. Agulhas.

Todos os produtos veterinários e agrícolas nacionais e estrangeiros VENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL LOJA: Rua Direita, 191, 6.º and.

MULTIFARMA

SÃO PAULO

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a classe de madeira contra a podridão e cupim, principalmente as madeiras brancas de pequena resistencia.

OTTO BAUMGART

ENGENHEIRO
RUA FLORENCIO DE ABREU, 352
CAIXA POSTAL, 3492
SÃO PAULO

ALIMENTOS PARA AVES E ANIMAIS

Criadores e avicultores, peçam cotações à Casa Especializada em Ferragens

GUILHERME D'AMICO

Depósito permanente de alfafa, milho, aveia, cevada, farelo, linhaça, trigoilho, farinha de carne, ossos, refinazil, ostras, etc.

Rua Brigadeiro Galvão, 996

Fone 52-6770

SÃO PAULO

DEZEMBRO EM SÃO PAULO

LAVOURA

Poucas são as culturas que se iniciam este mês. Pode dizer-se até que, em dezembro, o lavrador sómente emprega sua atividade nos tratos culturais, notadamente capinas, pois o tempo favorece o desenvolvimento das ervas daninhas, que ele denomina mato. Por causa dos aguaceiros constantes, torna-se indispensável zelar pela boa conservação dos «regos mestres», nos locais onde foram realizadas as curvas de nível.

Convém repassar com o sulcador os regos entupidos pelas terras que as águas trouxeram.

Há quem, neste mês, ainda tente semear algumas plantas, mas tais culturas devem ser consideradas tardias e assim sujeitas aos inconvenientes das grandes chuvaradas e até dos temporais e, ainda, arriscadas a uma precoce entrada do frio, que lhes prejudicará a frutificação.

Efetua-se replantas nas lavouras novas de café, capinas e escarificações.

Na cultura do fumo, além de capinas, é também boa época para transplantações e replantas. Nesta cultura, empregam-se adubos químicos de solubilidade imediata. As sementeiras e os canteiros de fumo são pulverizados contra o aparecimento de «besouro das sementes» (*Lasioderma serricornis*) e a «pulga do fumo» (*Epitrix parvula*).

Cultiva-se com vantagem a batata doce, preferentemente a chamada de grêlo rôxo, por ter os brotos e folhas novas arroxeadas, a qual é a melhor para o mercado.

Prossegue o plantio do abacaxi e do Chá da Índia; termina o plantio de café, gergelim e rami.

Continua o combate à «broca do algodoeiro». O combate ao «curuquerê» deve ser intensificado, pois daqui em diante seus ataques se tornam mais perigosos. Procede-se, também, à inspeção no algodão, colhendo-se as maçãs atacadas pela «antracnose» e «lagartas». Os «pulgões do algodoeiro» ainda são combatidos, assim como os «besouros aquáticos» e as «lagartas do arroz».

As lagartas vulgarmente conhecidas por «curuquerê das pastagens» e «lagarta militar», que atacam o milho, alfafa, amendoim, cana de açúcar, trigo e batatinha, ainda são, igualmente combatidas. Combatem-se as «cochonilhas» do café.

Inicia-se a colheita do feijão das águas, melão, tungue, uva (precoce).

Colhem-se abacaxi, amendoim das águas, aveia, batatinha das águas, cevada e melancia. Última-se a colheita do tomate.

POMAR

A época é excelente para a instalação de novos pomares e o transplante de mudas. Plantam-se ainda algumas frutei-

ras, tais como: abacate, laranja, amora. Termina o plantio da ameixa amarela, banana, cajá-manga, cajú, cambucá, carambola, condessa, fruta de conde, graviola, grumixama, jaca, jambo, lúxia, maçã, mamão, manga, maracujá, noqueira pecã, pêra, pêssego, pitanga, sapoti, tâmara e tamarindo.

Ainda neste mês são retirados os invólucros dos pêssegos de maturação tar-

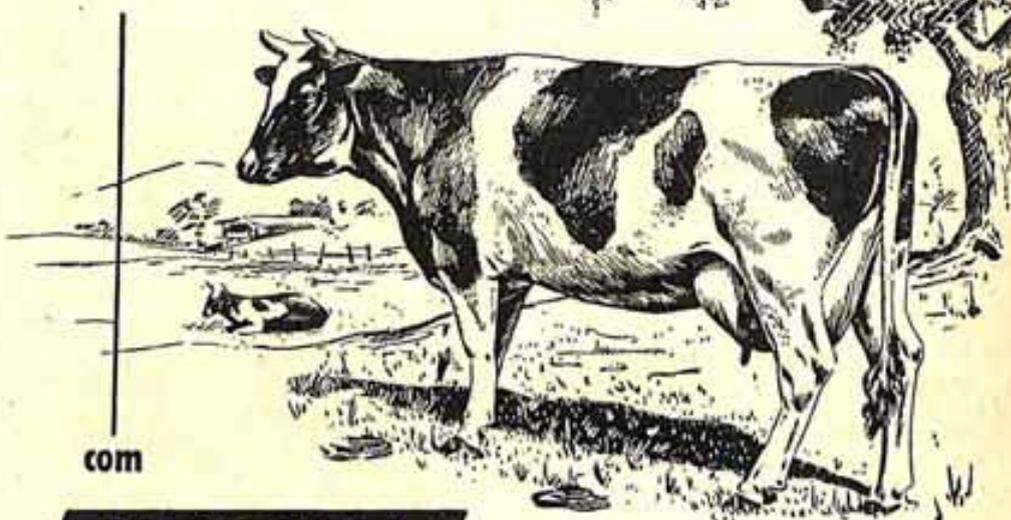
dia. Contra os «cácaros» e «pulgões» das árvores cítricas o lavrador deve usar pulverizações.

Inicia-se a colheita de ameixa do Japão, jaca, lúxia, maçã, manga e pêra.

Colhem-se abacate, banana, goiaba, pêssego e pitanga.

Última-se a colheita do araçá, cajú, condessa, grumixama, jabuticaba, mamão e do sapoti.

MAIS LEITE MAIS CARNE



com

GADOVITA o melhor alimento para o gado

GADOVITA é uma ração balanceada e prensada do Moinho Fluminense, preparado cientificamente segundo as mais modernas descobertas da técnica alimentar e controlada em laboratório especializado.

GADOVITA fornece, em dosagem certa: proteínas (aminoácidos essenciais), carboidratos, vitaminas, sais minerais e demais elementos nutritivos necessários à alimentação eficiente do gado.

Administrando-se metódicamente GADOVITA, obtém-se com economia: um rebanho saudável e máxima produção!

Existem 7 tipos de GADOVITA especialmente dosados para:

- bezerros de 2 a 5 meses
- bezerros de 6 a 9 meses
- novilhos em engorda
- vacas produzindo até 10 litros de leite por dia
- vacas produzindo mais de 10 litros de leite por dia
- reprodutores
- gado em repouso

Peça folheto explicativo

**MOINHO
FLUMINENSE S. A.**

RIO DE JANEIRO:

Seção Rações Balanceadas
Rua Uruguaiana 118 - loja
Caixa Postal 1.350
Tel.: 43-3906

REVISTA DOS CRIADORES

HORTA

Semeiam-se em lugar definitivo, azedinho, beldroega, cardo, cebolinha, cenoura, chuchu, mostarda, pepino, rabanete, salsa. Termina a semeadura de abóbora.

Semeiam-se em alfofres ou caixões bem abrigados contra as aguadas: aipo-rábano, aipo-tronchudo, alface, alho-porro, couve-flor de verão, aspargo e repolho. Última-se a semeadura da berinjela, do funcho e pimentão.

Transplantam-se as mudas de novembro, quando o tempo permitir e o solo não estiver demasiado úmido. Termina o transplante do jiló.

Abriam-se as mudas transplantadas contra os ardores do sol e contra as chuvas fortes.

Inicia-se a colheita da menta japonesa e inglesa, milho doce e quiabo.

Colhem-se: agrião d'água, aipo-rábano, aipo-tronchudo, alface, alho-porro, azedinha, beldroega, beterraba, cebolinha, cenoura, chuchu, couve-rábano, mostarda, pepino, rabanete, repolho e salsa.

Última-se a colheita de abobrinha (de moita), alcachofra, couve, feijão verde (vagem) morango, rábano e tomate.

SILVICULTURA

Florescem os angicos, notadamente o do Ceará, o vermelho e o do cerrado, a paineira e a pimenteira.

Acham-se frutificando: fava de Santo Inácio, mulungu, taiuveira, munguba, pau-brasil, Ingá marginata, ingá feijão.

INDUSTRIALIZAÇÃO

Para a grande indústria de conservas, iniciam-se as atividades, com o começo da colheita do marmelo, que, aliás, se prolongará até maio.

Há frutas em abundância para o preparo doméstico de conservas alimentícias, vinhos, licores, jeropigas e vinagres. Abacaxi, amora, cajú, grumixama, jabuticaba, manga, marmelo, pêssego, tamarindo e uva são exemplos de frutas que se prestam à industrialização em dezembro.

Há, também, fartura de hortaliças, abóbora, maxixe, pepino, pimentão, quiabo e repolho, que nos fornecem colorau, picles, chucrute, doces, etc.

Para o agricultor, que armazenou bastante milho no paiol, continua a industrialização de fubás, canjicas, canjiquinha e farinha de milho.

Termina a safra de cana de açúcar e com ela a fabricação de melado, rapadura, açúcar bruto, aguardente e vinagre.

Do leite, o fazendeiro poderá elaborar creme, manteiga, queijo, requeijão, doce de leite e sorvetes.

CRIAÇÃO

Em dezembro, termina a estação de monta para os rebanhos bovinos, equinos e asininos. São, portanto, os machos afastados das fêmeas, durante 5 a 6 meses, para se refazerem.

E' a pior fase para o nascimento dos bezerros. Os bois magros ainda podem, no decorrer deste mês, ir para as invernadas.

AVES: - Em razão das péssimas condições meteorológicas, todas as atenções do avicultor devem estar voltadas para os cuidados higiênicos, já que esta quadra mostra-se imprópria para a criação.

NOVEMBRO DE 1955

ARAME QUE CERCA...

("NON NOVA SED NOVE") — Não é novidade mas é de nova forma



... a criação e védo, resistindo à investida da rês sem machucá-la. Não arrebita: aço ovalado, extra-resistente "Cattleland Wire", regula 80 centavos o metro.

... com balancim do próprio arame, economizando: mouroes, tempo, dinheiro e perdura como cerca definitiva. Únicos distribuidores dessa marca. Só atendemos consumidores. Firma de Fazendeiros para Fazendeiros. — SOCIEDADE COMERCIAL S. PAULO-MATO GROSSO. — Rua São Bento, 484 - sala, 11 - Fone: 33-4053. Em Araçatuba:

Rua O. Cruz, 179. Em Campo Grande, (Est. Mato Grosso): Rua 14 de Julho, 668

QUAL A RAPIDEZ DE CRESCIMENTO DO FETO ?

J. A. NEWLANDER

Você já imaginou qual seja o peso de um feto de bovino, de acordo com o tempo de gestação? As probabilidades são de que na maioria das vezes, você tenha exagerado no calculo. Senão, vejamos:

Abatidas mais de cem vacas leiteiras, analisou-se seu conteúdo de nutrientes e minerais. E, como muitas delas traziam feto de idade vária, foi possível analisá-los nos diferentes estágios de desenvolvimento.

Um bezerro médio nascido com 42 quilos, apresentou, durante o crescimento fetal, os seguintes pesos:

Idade, em meses	Peso, em quilos
2	0,01
3	0,250
4	1,250
5	3,600
6	9
7	16
8	33
9	42

O que se verifica e que não ha grande desenvolvimento do feto nos primeiros seis meses de gestação. Nesse período, a vaca não requer senão um pequeno acréscimo de alimentação, pois o feto se compõe de 85% de água e apenas 15% de matéria sêca. Nos últimos três meses aumenta bruscamente de peso, chegando a mais de quarenta quilos, 75% dos quais são água. Há, portanto, nesta fase final do desenvolvimento fetal, um aumento da matéria sêca, comparável à contida em cerca de 200 quilos de leite ou em 45 quilos de

grãos. Destarte, se a vaca receber meio quilo de grãos a mais, durante os três últimos meses de gestação, as necessidades do feto estarão perfeitamente supridas.

Estes dados mostram que a principal preocupação na alimentação de um animal em gestação devem visar uma boa produção de leite, mais do que o desenvolvimento do feto. Se uma vaca fôr mantida em boas condições, o feto receberá nutrientes suficientes, pois suas necessidades são relativamente pequenas.

FAZENDA

BELA VISTA

ALBERTO FERRAZ

RESENDE, R. J.

Gado puro de origem importado diretamente

Guernsey - Schwyz

Jersey



RELATÓRIO N.º 130
SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO
 da
Associação Paulista de Criadores de Bovinos
 Em cooperação com o Departamento Nacional de Produção Animal do Ministério da
 Agricultura

SETEMBRO DE 1955

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome da vaca	Grau de Sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de Lactação	Produção		%	Proprietário
					Leite kg	Gordura kg		
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca								
Lactações de 305 e até 365 dias (II Divisão)								
Três ordenhas (3 x)								
Classe A — até 3 anos								
Bela Vista Madcap - 20501 - LM	PC	2-1	3410	365	5018,8	173,4	3,45	Col. Adventista Brasileiro
Duas ordenhas (2 x)								
Classe A — até 3 anos								
Garropa S. Martinho - 18840	PC	2-11	3342	365	3685,8	126,3	3,42	Dr. Sergio de Lima e Silva
Argentina Oak Colantha - LM	3/4	2-8	3421	338	3482,4	146,0	4,19	Norremóse & Cia.
Bilker 40 F5/2450	PO	2-6	3507	365	2988,3	122,6	4,10	Alberto Boessenkool
Classe B — 3 a 4 anos								
Fidia S. Martinho (973) LM - 18839	PD	3-10	3281	353	5548,8	222,0	4,00	Dario Freire Meirelles
Greta Daisy - LM	NR	3-9	2357	362	4740,0	155,3	3,27	Refinadora Paulista S. A.
Amazonas B - 301 - 17085	PD	3-9	2445	365	3803,3	119,7	3,32	Agrindus S. A.
Figança S. Martinho 18812	PD	3-9	3341	365	3420,8	112,8	3,29	Dr. Sergio de Lima e Silva
Classe C — 4 a 5 anos								
Janeta III Inkiye (Londrina) LM	NR	4-0	3520	365	4462,9	175,6	3,93	Alcino Ribeiro Meirelles
Amazonas Nagã 15252	PD	4-0	2454	365	3584,3	126,3	3,52	Agrindus S. A.
Classe D — 5 anos e mais								
Apia LM	NR	-	3415	365	5673,9	213,2	3,75	Dr. João P. Chaves
Danny - LM	-	-	3439	365	5546,9	230,7	4,15	Foppe de Jong
Dama U. M. A. 13617	7/8	-	1846	351	5387,5	158,0	2,93	Refinadora Paulista S. A.
Laura	NR	6-8	3509	365	4293,9	154,4	3,59	Alcino Ribeiro Meirelles
Cachopa 15516	PD	6-2	2255	365	4174,9	152,2	3,64	Dr. João Pacheco Chaves
Mocha Colombo Sentinel - LM	3/4	6-3	3309	352	4155,0	177,4	4,26	Norremóse & Cia.
Argentina	PD	7-3	3378	335	4096,4	151,8	3,70	Cia. Gessy Industrial
Dalva 15524	PD	5-1	2319	365	3737,6	147,8	3,95	D. João Pacheco Chaves
Fineza Colombo Sentinel	7/8	5-1	3308	365	3505,3	141,6	4,03	Norremóse & Cia.
Malva 645	NR	-	3366	365	3304,0	118,6	3,59	Cia. Agrícola Maristela
Boa Sorte Colombo Sentinel	3/4	5-4	3420	365	3222,2	138,7	4,30	Norremóse & Cia.
Lactações de 305 dias e menos (I Divisão)								
Três ordenhas (3 x)								
Classe D — 5 anos e mais								
Amazonas Iuguenota (956)	PD	5-7	2132	305	5365,3	179,7	3,34	Dr. João Moraes Barros
13787 LM								
Duas ordenhas (2 x)								
Classe A — até 3 anos								
Helvetia S. Martinho 18934 LM	PC	2-4	3503	305	4481,4	140,3	3,13	Dario Freire Meirelles
Holambra Emma (H303) HBB/B9	PO	2-6	3592	281	4410,0	183,9	4,17	Coop. Agro - P. Holambra
3187 LM	PD	2-8	3492	305	4142,2	144,9	3,49	Francis S. Dantas Forbes
F. Sucessor Posch (190) 16904 LM	PC	2-10	3502	305	4091,6	155,2	3,79	Dario Freire Meirelles
Hadena S. Martinho 18,696 LM	PO	2-3	3504	305	3959,2	152,5	3,85	Dario Freire Meirelles
S. Martinho Asia J. Roakerco/LM	NR	2-11	3580	278	3765,8	125,1	3,32	Antonio Caio Silva Ramos
Bandeira II (7) LM								
Harmonia S. Martinho (1126)	PC	2-8	3590	288	3750,0	125,3	3,34	Dario Freire Meirelles
18918 LM	NR	2-8	3578	280	3106,3	129,0	4,15	Antonio C. Silva Ramos
Cesarina (13) LM	NR	2-4	3483	305	2851,4	136,0	4,77	Arie de Geus
Dirkje	PC	2-6	3522	305	2681,0	94,4	3,52	Sergio de Lima e Silva
Hasta S. Martinho 18941	PO	2-3	3508	305	2543,1	104,6	4,11	Gerrit Arragon
Emma 2 F6/2591	3/4	2-8	3572	305	2267,7	93,4	4,14	Norremóse & Cia.
Negrinha Oak Colantha								
Classe B — 3 a 4 anos								
B. V. Barreira 12895 1.ºM/RP/	PC	3-3	3471	305	4656,4	170,5	3,66	Carlos A. W. Auerbach
12303 LM	PD	3-10	3714	305	4075,7	140,9	3,45	Fazenda Monte D'Este
Parreira de Paraíba 15906 /LM								
Galharda São Martinho (1029)	PC	3-5	3587	305	4005,3	138,8	3,46	Dario Freire Meirelles
18809 LM	PO	3-11	2340	288	3986,2	125,3	3,14	Francis S. Dantas Forbes
M. Alluvialdalle D.(240)F4/1867	PD	3-4	3453	305	3936,9	128,4	3,26	Agrindus S. A.
Amazonas B 531 LM	PD	3-9	3493	305	3888,1	134,8	3,46	Francis S. Dantas Forbes
F. Sucessor Model (201) 16962 LM	7/8	3-9	3477	305	3852,8	157,8	4,10	Norremóse & Cia.
Cianita Oak Colantha LM								

Nome da vaca	Grau de Sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de Lactação	Produção		%	Proprietário
					Leite kg	Gordura kg		
Galísia S. Martinho (1047) LM 18828	PC	3-5	3589	305	3638,3	120,5	3,31	Dario Freire Meirelles
Madureza 18201 LM	PD	3-8	3485	305	3619,1	129,9	3,59	Herbert Klein
Garrucha U. M. A. 15539	PD	3-11	2205	305	3586,2	115,3	3,21	Refinadora Paulista S. A.
G. Helen Pabst Eva (255) F4/1879	PO	3-10	3496	288	3383,4	110,3	3,26	Francis S. Dantas Forbes
Garça Oak Colantha Casmac Tristram Snow (174) 16896	3/4	3-3	3570	305	3306,2	122,0	3,69	Norremóse & Cia.
Amazonas B 592 17131 LM	PD	3-8	3565	282	3173,9	113,9	3,58	Francis S. Dantas Forbes
Rumba Oak Colantha LM	PD	3-6	2449	305	3087,5	136,3	4,41	Agrindus S. A.
Moortje 6 F5/2017	3/4	3-6	2570	304	3025,4	135,6	4,48	Norremóse & Cia.
Italia 21002	PO	3-5	3497	296	2901,7	121,7	4,19	Willem de Geus
Bettan 164 (1284) F6/2628	3/4	3-8	3612	305	2873,1	93,3	3,24	Refinadora Paulista S. A.
Susana 74 F5/2368	PO	3-10	3701	244	2842,1	110,3	3,88	Dario Freire Meirelles
Arara (556) 2867	PO	3-3	3505	289	2825,0	114,7	4,06	Jan Van der Vinne
Amazonas B (482) 17112	PO	3-11	3558	305	2707,5	100,0	3,69	Ministério da Agricultura
Aaltje 7 F5/2366	PD	-	2436	305	2666,9	89,1	3,33	Agrindus S. A.
Gafanhota S. M. (1023) 18863	PO	3-4	3506	305	2543,4	102,5	4,02	Alberto Boessenkool
	PC	3-11	3857	200	2434,2	82,4	3,38	Dario Freire Meirelles
Classe C — 4 a 5 anos								
Amazonas Média 14957 LM	PD	4-8	3554	305	6125,0	196,4	3,20	Com. Industria São Quirino
Casmac Tristram Boon (170) 16870 LM	PD	4-6	3564	305	4638,7	153,4	3,30	Francis S. Dantas Forbes
Fobes Liberty Ormsby (106) 16958 - LM	PD	4-0	3563	305	4448,7	175,1	3,93	Francis S. Dantas Forbes
C. Lochinvar Maxine (232) F5/2220 LM	PO	4-1	3495	305	4381,0	150,7	3,43	Francis S. Dantas Forbes
V. Brandina Saga Jambo 14859 LM	PC	4-8	3536	305	4259,0	171,4	4,02	Lafayette A. de Souza Ramos
Faença S. Martinho 18882 LM	PC	4-9	2041	303	4180,8	141,5	3,38	Dario Freire Meirelles
Pabst Molly Kerk (236) F4/1853	PO	4-4	3664	243	3902,6	110,1	2,82	Francis S. Dantas Forbes
Amazonas Milagrosa 1503	PD	4-9	2704	273	3878,2	122,6	3,16	Com. Indústria São Quirino
Pinheira Oak Colantha	7/8	4-2	3475	305	3697,5	140,9	3,81	Norremóse & Cia.
Gentiva	3/4	4-10	3481	305	3657,0	138,8	3,79	Norremóse & Cia.
New Center Dominó Rag Apple (180) 16898 - LM	PD	4-5	3566	265	3623,6	141,8	3,91	Francis S. Dantas Forbes
C. Alice Fayne Ormsby (123) LM 16932	PD	4-3	3490	305	3545,3	142,7	4,02	Francis S. Dantas Forbes
Amazonas Mesotipa 15125	PD	4-2	2452	295	3351,5	114,2	3,40	Agrindus S. A.
Repreza 18230	PD	4-3	3569	305	3245,2	115,9	3,57	Herbert Klein
Don Roddie Pietje Lass (238) F4/1858	PO	4-4	3665	254	3182,9	113,8	3,57	Francis S. Dantas Forbes
Burke Edelweiss Colantha (186) 16881	PD	4-2	3567	271	3118,1	125,2	4,01	Francis S. Dantas Forbes
Platina	NR	4-10	3517	305	3012,2	141,5	4,69	Alcino Ribeiro Meirelles
Amazonas Narceja (78) 15295	PO	4-5	2739	200	2996,2	100,0	3,33	Fazenda Monte D'Este
Melody Farm Pabst Chieftain (155) F4/1876	PO	4-3	3937	160	2712,0	92,5	3,41	Francis S. Dantas Forbes
New Center Jackmarf Chief (L28) 16910	PC	4-2	3808	218	2507,0	77,6	3,09	Francis S. Dantas Forbes
Amazonas Marionette 15109	PC	4-4	2434	248	2444,8	76,6	3,13	Agrindus S. A.
Paraíba I 20005	PC	4-3	3815	197	2409,5	94,7	3,90	Cia. Gessy Industrial
Sabiá 15755	PC	4-8	2355	233	1815,5	64,8	3,56	João Pacheco Chaves
Classe D — 5 anos e mais								
Batuira S. Martinho (367) 9968 LM	PC	8-2	1210	305	5256,4	206,8	3,93	Dario Freire Meirelles
Duquesa U. M. A. 13622 LM	PC	7-8	2016	305	5151,5	173,9	3,37	Refinadora Paulista S. A.
Vila Brandina Loanda 13241 LM	PC	5-0	3533	305	5144,4	178,7	3,47	Lafayette A. S. Camargo
Joanita 12.397 LM	PC	6-0	1710	243	4843,7	159,9	3,30	Herbert Klein
Donosa (77) 15940 LM	PC	7-8	3575	305	4345,3	141,2	3,24	Antonio Caio S. Ramos
Bela Rica LM	3/4	5-2	3478	305	4331,9	168,4	3,88	Norremóse & Cia.
Calderita (61) 15938	PC	7-10	3573	273	4168,2	134,3	3,22	Antonio Caio S. Ramos
Benton Ormsby Supreme Nancy (83) 16933	PC	5-3	2397	283	3770,7	132,4	3,51	Francis S. Dantas Forbes
V. Brandina Salambô 11720 LM	PC	6-10	1793	305	3697,5	150,7	4,07	Lafayette A. S. Ramos
V. Brandina Brasa 8931	PC	8-9	2061	251	3678,4	123,0	3,34	Lafayette A. S. Ramos
Farofa (85) 15.945	PC	10-3	3489	297	3622,2	136,6	3,77	Antonio Caio S. Ramos
Amazonas Bambura (40) 11003	PC	7-2	3574	276	3600,7	125,3	3,47	Antonio Caio S. Ramos
Lima	3/4	13-11	3637	305	3420,9	135,7	3,96	Norremóse & Cia.
Fanfara U. N. A. 13643	7/8	5-11	2012	268	3383,8	107,7	3,18	Refinadora Paulista S. A.
Guadiana (70)	NR	-	3652	243	3307,5	101,6	3,07	Francis S. Dantas Forbes
V. B. Bandeira W Vezar XXII-12159	PC	6-9	2499	235	3036,2	106,9	3,52	Lafayette A. S. Camargo
Indústria	NR	7-0	2720	246	2997,8	106,3	3,54	Agrindus S. A.
Maravilha	3/4	5-9	3571	305	2971,6	128,1	4,31	Norremóse & Cia.
Caçamba (18) ARSF/724	PC	6-8	3523	305	2958,2	104,6	3,53	Sergio de Lima e Silva
Alzira R/P 1270	NR	-	3622	305	2938,1	111,3	3,78	Alberto Ferraz
Vanilina Saci 354 St.ª Mônica (494) HBB/B9/2863	PO	5-4	2611	305	2839,6	98,2	3,45	Ministério de Agricultura
Favela 13653	3/4	5-8	2244	301	2833,3	88,5	3,12	Refinadora Paulista S. A.
Balisa 15515	PC	-	1982	281	2632,5	101,4	3,58	João Pacheco Chaves
Clothilde Foesgate Ona 16954	PC	5-9	3809	212	2785,7	102,4	3,67	Francis S. Dantas Forbes
Amazonas B 434	NR	-	3597	305	2740,4	92,1	3,36	Agrindus S. A.
Doçura 13848	PC	6-6	4073	183	2342,4	86,4	3,68	Granja Maristela
Carmen (180)	NR	-	3985	170	2260,7	73,3	3,24	Antonio C. Silva Ramos
Riconada (637)	NR	-	3539	283	2257,2	74,4	3,29	Cia. Agrícola Maristela
Bandeirantes 1949	NR	-	2727	205	2117,7	73,8	3,48	Agrindus S. A.

Nome da vaca	Grau de Sangue	Idade anos e meses	N.º SCL	Dias de Lactação	Leite Produção kg	Gordura kg	%	Proprietário
Andaluza 21688	7/8	5-3	4081	201	2045,2	98,9	4,83	Granja Maristela
Cativa	NR	-	2718	193	2012,0	69,3	3,44	Agrindus S. A.
Alvorada 11549	PC	8-0	4070	147	1808,1	62,6	3,46	Granja Maristela
Blindada 13892	7/8	5-5	4079	146	1638,9	59,4	3,62	Granja Maristela
Boneca da Maristela (777)	NR	-	3538	174	1190,2	44,9	3,77	Cia. Agrícola Maristela

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca

Lactações de 305 dias e menos (I Divisão)

Duas ordenhas (2x)

Classe B — 3 a 4 anos								
Mina 61 292144	PC	3-7	2800	305	2759,3	99,4	3,60	Leonardo de Geus
Classe C — 4 a 5 anos								
Codorna 18702	PC	4-1	3600	266	3577,7	131,1	3,66	Gonçalves & Filho
Leme's Baby 17836	PC	4-4	3486	305	3549,0	125,1	3,52	Jayme da Silveira Leme
Classe D — 5 anos e mais								
La Conga 11307	PC	10-7	2476	278	3843,6	126,5	3,29	Jayme da Silveira Leme

RAÇA JERSEY

Lactações de 305 dias e menos (I Divisão)

Duas ordenhas (2x)

Classe A — até 3 anos								
Snt'Ana Itamar Patton 1254 C	PO	2-10	2258	305	3257,4	180,0	5,52	Olivo Gomes
Ninfa Basil de Canela	PO	2-5	3551	305	2643,4	134,2	5,07	Olivo Gomes
Classe B — 3 a 4 anos								
Maria Basil de Canela 1489 C	PO	3-0	2624	256	2385,4	123,6	5,18	Olivo Gomes
Aglota 19081	7/8	3-3	3687	241	1683,6	81,9	4,86	João Laraya
S. Garça Patrician 1483 - C	PO	3-0	3823	187	1393,5	73,5	5,27	Olivo Gomes
Classe C — 4 a 5 anos								
Abunã	PO	4-7	2607	305	2848,7	126,3	4,43	Minist. da Agricultura
Viola 13692	1/2	4-10	2123	263	2387,5	136,0	5,69	João Laraya
Classe D — 5 anos e mais								
Unida 540 P	PO	6-9	2602	305	3232,7	143,0	4,42	Minist. da Agr. (Juparanã)
S. Heliada Patrician ACGJ/1487C	PO	-	3922	74	499,0	25,6	5,13	Olivo Gomes
Lucrécia Bórgia 2551	PO	-	3448	283	3386,9	179,4	5,29	Olivo Gomes
Hardwick Quiksilver ACGJ/1170 - C	PO	5-11	2260	270	2779,7	129,9	4,67	Olivo Gomes
Passiflora 2587	PO	-	3825	205	1650,7	80,0	4,84	Olivo Gomes
Alegria do Esteio (130)2949	PO	-	3614	198	1554,5	86,9	5,59	Olivo Gomes
Primadona (1361)2909	PO	-	3615	179	1385,6	81,4	5,87	Olivo Gomes
Ofélia Basil de Canela 662 - A	PO	-	3923	154	1205,5	58,1	4,81	Olivo Gomes

RAÇA SCHWYZ

Lactações de 305 dias e menos (I Divisão)

Duas ordenhas (2x)

Classe C — 4 a 5 anos								
Lages 1567	PO	4-4	2523	305	2586,7	101,9	3,93	Ministério da Agricultura
Classe D — 5 anos e mais								
Fábula	NR	9-6	3738	305	3785,0	171,7	4,53	Agrindus S. A.
Bananeira	NR	5-2	3741	305	3644,1	174,5	4,78	Agrindus S. A.
Fruta 18339	NR	6-6	3749	305	3425,5	132,4	3,86	Agrindus S. A.
Creoula	NR	12-0	3740	305	3313,8	138,1	4,16	Agrindus S. A.
Tunisia	NR	11-9	3737	305	3250,4	133,6	4,10	Agrindus S. A.
Ultra 1195	PO	7-1	3557	305	2989,6	114,1	3,81	M.nasterio da Agricultura
Xefia RP/732 - RGS/1452	-	5-1	2637	305	2176,0	97,3	3,56	Ministério da Agricultura

LM — Livro de Mérito.

O último número em seguida ao nome de cada vaca corresponde ao seu número em registro genealógico.

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE

N.º	Nome da vaca	Grau de sangue	Idade anos e meses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
-----	--------------	----------------	--------------------	----------	------------------	----------------	---------	---

RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.

Dr. João de Moraes Barros. Campinas. Est. de S. Paulo. Controle em 19-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

1.032	Bóia Vista Yayá	PCOC	-	1.º	29	11,760	0,378	3,21
1.312	Bóia Vista Bomba	PCOC	7-9	9.º	254	10,810	0,404	3,74
1.374	Bóia Vista Uvaia	PCOC	-	1.º	38	17,140	0,368	2,45
1.377	Amazonas Favorita	PCOD	7-11	2.º	15	15,830	0,549	3,20
1.389	Bóia Vista Kate	PCOC	8-0	4.º	117	10,820	0,371	3,43

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mêses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção	
						Leite	Gordura
1.593	Amazonas Guinada	PCOD	6-2	5.º	146	10,370	0,490
1.594	Amazonas Golondrina	PCOD	-	1.º	16	22,020	0,762
1.616	Amazonas Iugens	PCOD	6-0	5.º	135	13,290	0,473
1.623	Amazonas Grotta	PCOD	6-0	8.º	231	10,310	0,366
1.663	Ariana Maria	7/8	6-9	5.º	116	15,520	0,350
1.685	Marina Maria	1/2	6-5	2.º	56	13,620	0,669
1.717	Amazonas Iomofonia	PCOD	6-2	2.º	58	16,480	0,493
1.718	Amazonas Iejeda	PCOD	-	1.º	8	21,210	0,805
1.744	Amazonas Iolocausta	PCOD	5-11	5.º	153	13,110	0,578
1.759	Florida Maria	1/2	-	1.º	15	18,270	0,392
1.841	Rebeca Maria	PCOD	6-1	2.º	32	10,450	0,314
2.031	Amazonas Iudson	PCOD	6-3	2.º	36	10,450	0,611
2.032	Argentina Maria	PCOD	7-4	3.º	90	12,730	0,487
2.087	Amazonas Iunteriana	PCOD	6-1	5.º	126	12,700	0,476
2.132	Amazonas Iuguenota	PCOD	5-7	11.º	312	10,960	0,340
2.221	Amazonas Iuri	PCOD	6-3	2.º	54	15,360	0,517
2.348	Bôa Vista Gaita	7/8	5-0	2.º	39	15,010	0,446
2.676	Amazonas Iude	PCOD	6-3	2.º	49	16,820	0,535
2.744	Amazonas Impar	PCOD	-	1.º	15	19,060	0,617
2.927	Bôa Vista Amazonas	PCOC	4-1	4.º	111	12,760	0,360
3.259	Bôa Vista Atrevida	PCOC	4-2	2.º	46	10,940	0,409
3.324	Bôa Vista Nativa	PCOC	4-2	2.º	34	13,000	0,503
4.163	Bôa Vista Maringá	PCOC	3-2	4.º	106	13,240	0,449
4.254	Bôa Vista Izabel	PCOD	3-1	3.º	78	11,550	0,297
4.255	Bôa Vista Algebra	PCOC	3-0	3.º	83	11,920	0,423
4.256	Bôa Vista Conga	PCOC	2-9	3.º	64	10,670	0,481
4.325	Bôa Vista Luna	PCOC	5-2	2.º	51	15,550	0,478
4.326	Londiga S. Camkje	PO	6-3	2.º	46	17,810	0,661
4.427	Bôa Vista Ladina	PCOC	-	1.º	15	16,080	0,667
4.428	Bôa Vista Linda Flor	PCOC	-	1.º	8	14,840	0,354
4.429	Bôa Vista Melodia	PCOC	-	1.º	-	-	-

Maria José de Araújo Alcântara. Caçapava, Est. de S. Paulo. Controle em 29-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.426	Ballarina	PCOD	-	1.º	24	15,000	0,499
3.146	Maringá	PCOC	-	2.º	-	13,450	10,378
3.608	Rosa Maria II	PCOD	3-4	10.º	283	10,150	0,344

Dário Freire Meirelles. Campinas. Est. de S. Paulo. Controle em 23-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

717	Willys Monica Imperial						
	Mald	PO	11-1	5.º	139	22,900	0,854
952	S. M. Korndyke Ollie						
	Colanthus	PO	9-9	5.º	146	25,400	0,783
1.265	Vigo Burke Maria	PO	8-3	5.º	148	24,140	0,851
1.899	Eiras	PCOD	8-0	5.º	143	36,170	1,285
2.085	Gelatina	PCOD	6-7	5.º	157	22,460	0,806
3.226	S. M. Mattie Chieftain						
	Roakerco	PCOC	-	1.º	8	32,560	1,241
3.360	Faldrilha São Martinho	PCOC	-	1.º	10	36,260	1,263
4.064	Zwarte Van der Meer	PO	5-7	5.º	148	20,120	0,819
4.186	Hemetia São Martinho	PCOC	3-1	4.º	125	24,900	0,895
4.424	Pigesch 201	PO	-	1.º	8	31,690	1,155

2 ordenhas

1.193	Martona's Posch Cevada	PCOD	10-4	2.º	45	26,030	0,786
1.205	Victoria Maria S. Martinho	PCOC	9-0	5.º	127	17,720	0,618
1.210	Batuíra São Martinho	PCOD	8-3	11.º	314	13,040	0,542
1.243	Rosa São Martinho	PCOD	10-5	9.º	270	13,800	0,408
1.304	Martona's Fobes Divisa	PCOD	8-7	8.º	220	17,700	0,689
1.324	Baldoina São Martinho	PCOD	9-6	9.º	249	14,190	0,568
1.444	Ellade	PCOD	7-9	9.º	263	15,220	0,665
1.496	Emberrada	PCOD	7-2	9.º	270	12,880	0,653
1.779	S. M. Aaltje Ollie Colanthus	PO	5-9	8.º	220	13,750	0,537
2.077	Evidência São Martinho	PCOD	5-8	6.º	159	15,690	0,585
2.078	Extase São Martinho	PCOD	3-8	4.º	119	15,910	0,542
2.080	Exuberante São Martinho	PCOC	5-5	5.º	133	16,300	0,568
2.349	Elala	PCOD	-	1.º	2	16,660	0,672
2.471	Glanca	PCOD	6-0	6.º	198	13,310	0,402
2.648	Enolina	PCOD	7-11	7.º	204	14,720	0,615
2.680	Jullana Maria	PO	-	7.º	213	16,100	0,677
2.828	Parandola São Martinho	PCOC	5-1	4.º	113	21,250	0,797
2.829	S. M. Dina Jetsche Priesma	PO	5-9	5.º	172	19,190	0,653
3.136	Galera São Martinho	PCOD	4-3	2.º	58	22,610	0,690
3.434	Halenia São Martinho	PCOC	2-8	12.º	341	11,640	0,477
3.501	Fleuteria	PCOD	6-4	11.º	327	11,970	0,439
3.503	Helvecia São Martinho	PCOC	2-4	11.º	314	13,270	0,499
3.587	Galharda São Martinho	PCOC	3-5	10.º	299	12,840	0,453
3.589	Galis'a São Martinho	PCOC	3-5	10.º	301	10,600	0,382
3.697	Hara-Quiri São Martinho	PCOC	2-11	9.º	257	11,990	0,540
3.698	Harpista São Martinho	PCOC	2-8	9.º	240	14,320	0,629
3.699	Gaipa São Martinho	PCOC	3-9	9.º	267	13,930	0,473

NOVEMBRO DE 1955

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mês	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		%
						Leite	Gordura	
3.785	Fidalguice São Martinho	PCOC	3-3	8.º	230	13,940	0,663	4,76
3.786	S. M. Colantha H. Roakerco	PO	3-7	8.º	215	10,710	0,453	4,23
3.858	Fachada São Martinho	PCOC	5-1	7.º	208	13,640	0,432	3,17
3.859	Veneza Arlete	PCOD	4-9	7.º	200	15,590	0,570	3,65
3.860	Federada São Martinho	PCOC	4-8	7.º	207	15,990	0,531	3,32
3.862	Galtada São Martinho	PCOC	4-0	7.º	190	11,580	0,376	3,25
3.863	Harmonia São Martinho	PCOC	3-1	7.º	191	14,580	0,495	3,39
3.998	Pernilha 69	PO	4-6	6.º	190	16,270	0,570	3,50
3.999	Decia São Martinho	PCOD	6-4	6.º	179	20,330	0,646	3,18
4.000	Fleira São Martinho	PCOC	4-4	6.º	170	19,830	0,793	4,00
4.001	Flada São Martinho	PCOC	4-8	6.º	164	11,750	0,536	4,56
4.002	Eleita São Martinho	PCOD	5-11	6.º	163	18,610	0,762	4,09
4.058	M's. Forbes Of Cambridge	PCOD	10-1	5.º	126	12,390	0,233	1,88
4.059	Jaan 39	PO	3-1	5.º	126	13,930	0,505	3,63
4.060	Garrida São Martinho	PCOC	3-8	5.º	144	14,640	0,548	3,74
4.061	Elegia São Martinho	PCOD	5-11	5.º	130	15,850	0,595	3,75
4.062	Exedra São Martinho	PCOD	5-8	5.º	134	18,900	0,688	3,64
4.063	Harpaneta São Martinho	PCOC	3-2	5.º	130	15,910	0,622	3,91
4.065	Bella 163	PO	4-2	5.º	133	12,530	0,374	2,99
4.178	Emotiva São Martinho	PCOD	5-7	4.º	111	21,180	0,626	2,95
4.179	S. M. Celeuma I. A. Var	PO	4-10	4.º	119	19,680	0,756	3,84
4.180	Grauna São Martinho	PCOC	3-10	4.º	92	20,230	0,655	3,23
4.181	S. M. Peg Meer Roakerco	PO	3-2	4.º	106	17,120	10,646	3,78
4.182	Havanera São Martinho	PCOC	3-0	4.º	98	13,500	0,483	3,58
4.183	Helicula São Martinho	PCOC	2-11	4.º	113	17,040	0,579	3,40
4.184	Helvetia São Martinho	PCOC	2-10	4.º	109	21,890	0,823	3,76
4.185	Vaidosa	-	-	4.º	115	18,680	0,543	2,90
4.282	S. M. Pabst Lota Var	PO	5-11	3.º	80	21,120	0,861	4,08
4.283	Hevea São Martinho	PCOC	3-2	3.º	83	17,020	0,519	3,05
4.365	Harpia São Martinho	PCOC	3-3	2.º	40	22,990	0,666	2,90
4.366	Hecatombe São Martinho	PCOC	3-2	2.º	53	17,850	0,633	3,54
4.418	Harica São Martinho	PCOD	-	1.º	11	16,510	0,570	3,45
4.419	S. M. Burke Maria Var	PO	-	1.º	3	16,320	0,725	4,44
4.420	São Martinho Dale 1 Gabin	PO	-	1.º	6	19,370	0,859	4,43
4.421	Henriette 162	NR	-	1.º	10	14,460	0,668	4,62
4.422	Herculea São Martinho	NR	-	1.º	2	13,430	0,531	3,95
4.423	Eresma	PCOD	-	1.º	2	20,400	0,631	3,14

Colégio Adventista Brasileiro S.A., Santo Amaro. Est. de S. Paulo. Controle em 15-9-955.
Regime de semi-estabulação, 3 ordenhas.

45	Fortaleza	PCOC	3-3	2.º	64	18,100	0,548	3,03
1.202	Roselra Sentinel	PCOC	9-9	5.º	141	21,400	0,669	3,12
1.386	Balinha Sentinel	PCOC	6-9	3.º	72	25,200	0,699	2,77
1.479	Clarita Sentinel	PCOD	6-8	4.º	109	15,700	0,459	2,92
1.526	Esperança Sentinel	PCOC	9-9	6.º	162	18,000	0,615	3,41
1.559	Linda	PCOD	-	1.º	5	10,200	0,303	2,97
1.735	Surpreza Sentinel	PCOC	5-9	6.º	167	20,400	0,647	3,17
1.872	Annie 17	PO	7-0	4.º	100	12,700	0,465	3,66
1.934	Mina	PCOD	7-2	5.º	138	16,300	0,450	2,76
1.937	Belgreta Sentinel	PCOC	-	1.º	7	29,200	0,896	3,07
1.968	Favorita Sentinel	PCOC	6-5	4.º	97	15,350	0,448	2,92
2.130	Magnolia Sentinel	PCOC	6-0	3.º	89	21,550	0,605	2,80
2.155	Garota Sentinel	PCOC	4-8	7.º	190	15,700	0,483	3,07
2.156	Florinha Sentinel	PO	-	1.º	10	16,130	0,480	2,97
2.157	Famosa Sentinel	PCOC	4-3	7.º	199	20,450	0,594	2,90
2.185	Matilija Poppy Sentinel	PCOC	4-11	4.º	108	21,550	0,653	3,03
2.186	Rolinha Sentinel	PCOC	5-1	3.º	76	23,550	0,653	2,77
2.187	Skylark Fanny Sentinel	PO	4-9	3.º	90	22,000	0,635	2,88
2.394	Frisia Sentinel	PCOC	-	1.º	17	25,150	0,822	3,27
2.395	Holambra Kroontje 8	PO	-	1.º	6	17,300	0,517	2,99
2.662	Colombina Sentinel	PCOC	4-10	7.º	207	19,800	0,654	3,30
2.931	Florita Sentinel	PO	3-5	4.º	93	15,400	0,502	3,26
2.933	Risoleta Sentinel	PCOC	3-9	2.º	38	20,180	0,591	2,92
3.147	Folgada Sentinel	PCOC	-	1.º	2	17,200	0,492	2,86
3.410	Bela Vista Madcap C. A. B.	PCOC	2-11	12.º	354	10,000	0,359	3,59
3.636	Lindoia Sentinel II	PCOC	2-4	9.º	268	13,100	0,397	3,03
3.909	Holambra Erna	PO	-	7.º	193	14,800	0,411	2,77
3.910	Kroontje 9	PO	-	7.º	192	13,100	0,425	3,25
3.911	Bondosa Madcap C. A. B.	PCOC	2-5	7.º	193	15,500	0,559	3,60
4.141	Fibra Madcap C. A. B.	PCOC	2-8	4.º	104	16,700	0,546	3,27
4.213	Manacá Madcap C. A. B.	PCOC	2-3	3.º	75	18,100	0,586	3,23
4.214	Pericia Madcap C. A. B.	PCOC	2-5	3.º	71	15,400	0,488	3,16
4.305	Gallcia Madcap C. A. B.	PCOC	2-5	2.º	59	20,600	0,534	2,59
4.306	Jaçanã Madcap C. A. B.	PCOC	2-5	2.º	49	19,830	0,684	3,45

Refinadora Paulista S.A., Piracicaba. Est. de S. Paulo. Controle em 12-9-955.
Regime de estabulação permanente, 2 ordenhas.

1.847	Eminência U. M. A.	7/8	5-11	10.º	276	10,800	0,413	3,82
1.962	Knoll View Mooie O. Fobes (Linda)	PO	10-4	3.º	83	11,350	0,334	2,94
1.963	Fulla U. M. A.	7/8	5-4	7.º	209	12,750	0,510	4,00
1.990	Grisalla U. M. A.	7/8	5-0	4.º	114	13,740	0,472	3,44
1.991	Galega U. M. A.	PCOD	-	1.º	24	15,130	0,544	3,60

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mêses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção	
						Leite	Gordura
2.013	Gaviola U. M. A.	7/8	4-9	9.º	250	10,720	0,451
2.014	Gardénia U. M. A.	PCOD	-	1.º	2	13,330	0,527
2.015	Dadiva	PCOD	7-11	3.º	81	18,650	0,656
2.016	Duqueza U. M. A.	PCOD	7-8	11.º	302	12,940	0,473
2.065	Fragata U. M. A.	PO	6-6	2.º	46	18,670	0,588
2.066	Favina U. M. A.	PO	6-5	2.º	35	21,000	0,552
2.090	Delta U. M. A.	PCOD	8-0	4.º	92	14,190	0,547
2.127	Farroupilha U. M. A.	3/4	6-4	4.º	92	17,850	0,553
2.128	Miss Sensation Inka	PO	10-2	5.º	147	13,370	0,505
2.168	Granada U. M. A.	PCOD	4-11	3.º	71	14,620	0,493
2.189	Gloria Inka U. M. A.	PCOD	4-11	3.º	65	19,400	0,590
2.204	Fidalga U. M. A.	PCOD	6-3	3.º	83	17,020	0,584
2.208	Campinas U. M. A.	PCOD	9-2	2.º	46	14,770	0,485
2.248	Demerara U. M. A.	PO	8-0	2.º	33	15,180	0,513
2.310	Geladeira U. M. A.	PCOD	-	1.º	21	13,950	0,452
2.311	Boemia U. M. A.	PCOD	10-4	2.º	40	14,250	0,510
2.312	Palência U. M. A.	PCOD	6-3	3.º	81	15,110	0,471
2.356	Prince Inka Homestead Mercedes	PO	-	1.º	1	22,970	0,863
2.358	Guatemala Mardale	PO	-	1.º	12	19,630	0,846
2.359	Ingrata U. M. A.	PCOD	-	1.º	24	16,350	0,626
2.580	Estrela do Mar	PO	6-6	9.º	265	10,920	0,435
2.667	Dansarina U. M. A.	PCOD	7-11	5.º	128	11,780	0,437
2.770	Diana U. M. A.	PO	7-10	5.º	121	14,380	0,491
2.806	Dubia U. M. A.	PO	3-9	6.º	153	19,370	0,634
2.880	Isa Ormsby Johanna	PO	7-6	5.º	123	10,750	0,335
2.881	Granfina U. M. A.	PCOD	5-0	3.º	77	13,500	0,487
2.944	Gilka U. M. A.	PCOD	4-10	5.º	149	11,200	0,486
3.000	Idaé U. M. A.	7/8	3-7	4.º	119	12,070	0,418
3.116	Garapa U. M. A.	PCOD	-	2.º	-	11,490	0,448
3.168	Illiana Linda Lizzie	PO	4-0	3.º	57	13,420	0,491
3.169	Genova U. M. A.	PCOD	4-9	3.º	86	15,200	0,487
3.246	Iva U. M. A.	PCOC	-	1.º	15	13,120	0,534
3.850	Laura U. M. A.	PCOC	2-11	7.º	188	10,170	0,374
4.102	Inka Onda Geleia	PO	3-4	5.º	129	10,950	0,393
4.146	Ilka U. M. A.	PCOD	3-10	4.º	110	12,340	0,397
4.147	Fortuna U. M. A.	PCOD	5-10	4.º	120	11,400	0,417

Jan de Wit. Jaguariuna. Est. de S. Paulo. Controle em 17-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.288	Hendrika 35	PO	3-3	4.º	133	18,850	0,677
4.289	Alida 14	PO	3-4	3.º	87	19,400	0,658

Granja Maristéla. Atibaia. Est. de S. Paulo. Controle em 22-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.071	Alva	PCOD	7-10	5.º	125	14,140	0,471
4.072	Roseira	PCOD	7-9	5.º	125	13,400	0,571
4.074	Damasco	PCOD	6-5	5.º	124	14,350	0,394
4.075	Explosiva	PCOD	6-5	5.º	122	16,200	0,540
4.077	Dançarina	PCOD	6-4	5.º	132	18,800	0,593
4.078	Acetona	PCOD	15-2	5.º	145	12,650	0,410
4.080	Boliviana	PCOD	6-9	5.º	171	13,000	0,376
4.082	Marqueza	PCOD	6-8	5.º	153	14,000	0,610
4.149	Amazonas Lassa	PCOD	6-11	4.º	94	14,800	0,648
4.244	Melada	-	-	3.º	90	17,000	0,595
4.245	Araponga	-	-	3.º	90	15,010	0,474
4.246	Audaciosa	PCOD	8-2	3.º	61	15,740	0,406
4.247	Adlis	3/4	5-3	3.º	74	15,900	0,609
4.248	Pinheirinha	1/2	6-10	3.º	77	19,550	0,682
4.249	Cachoeira	PCOD	8-0	3.º	85	15,200	0,614
4.250	Regina I	7/8	6-10	3.º	88	13,300	0,486
4.251	Binga	7/8	4-0	3.º	65	13,020	0,514
4.252	Alabama	7/8	9-0	3.º	88	19,970	0,737
4.334	Exposição	NR	-	2.º	32	15,600	0,569
4.403	Amada	NR	-	1.º	20	14,810	0,576
4.404	Alinhada	PCOD	-	1.º	18	25,100	0,715
4.405	Alvina	PCOD	-	1.º	5	11,220	0,277

Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio. Itanhandú. Est. de Minas Gerais. Controle em 21-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

1.198	Ilka	PO	11-8	4.º	131	26,170	0,688
1.284	Sietsche LXXXVII	PO	8-0	7.º	204	18,200	0,645
1.384	Jardim Julipa Adema	PO	7-8	8.º	232	19,520	0,606
3.980	Jardim Gravação	PO	2-9	6.º	204	23,470	0,730

2 ordenhas

2.732	Jardim Corbelle	PO	5-7	2.º	42	17,310	0,555
4.050	Jardim Gardenia	PO	2-9	5.º	145	16,760	0,588
4.051	Jardim Eleitora	PO	4-6	5.º	152	13,340	0,465

NOVEMBRO DE 1955

N.º	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção Leite	Gordura	%
Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. Est. de Minas Gerais. Controle em 22-9-955.								
Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.								
2.733	Arlete Liberdade	PO	4-9	4.º	103	35,180	1,204	3,42
2.889	Arlete Silvia	PO	5-9	4.º	108	31,940	1,106	3,74
3.077	Clara Silvia III	PO	4-10	3.º	83	31,090	1,097	3,53
3.791	Arlete Galicia Adema	PO	2-9	8.º	240	22,720	0,736	3,24
3.979	Arlete Nina	PO	2-10	6.º	180	23,330	0,830	3,56

Dr. Sergio de Lima e Silva. Barra do Pirai. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 27-9-955.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
2.538	Mapalldeá	PCOD	-	1.º	6	16,700	0,456	2,73
2.541	Martona's Creator Cauderas	PCOD	10-1	4.º	91	11,500	0,300	2,61
2.544	Amazonas Montanha	PCOD	7-3	2.º	42	14,100	0,361	2,56
2.546	Cachoeira 15	PCOD	7-4	2.º	39	15,250	0,363	2,38
2.550	Amazonas Metana	PCOD	-	1.º	15	15,390	0,464	3,01
2.635	Amazonas Marmonicordia	PCOD	4-3	6.º	176	10,500	0,284	2,71
2.817	Inca Vitória	PO	5-7	7.º	211	10,250	0,351	3,42
2.819	Miuda Juréa	PCOD	4-1	3.º	84	10,100	0,321	3,09
2.899	Ivete Vitória	PCOD	4-9	5.º	139	10,200	0,343	3,37
2.900	Igleza Vitória	PCOD	5-7	4.º	103	17,940	0,471	2,83
2.976	Inger Vitória	PCOD	4-9	6.º	-	-	-	-
3.041	Martona's Fobe Dominatris	PCOD	8-10	5.º	157	12,870	0,413	3,21
3.043	Itaoca Vitória 53	PCOD	5-2	2.º	128	11,770	0,362	3,07
3.339	Amazonas Marmoniosa	PCOD	-	1.º	54	13,500	0,407	3,02
3.340	Garela São Martinho	PCOC	-	1.º	4	16,900	0,590	3,49
3.959	Gazola São Martinho	PCOC	3-4	6.º	17	10,730	0,315	2,93
4.107	Harlina São Martinho	PCOC	3-1	5.º	173	10,500	0,364	3,46
4.110	Ady Juréa	PCOC	3-1	4.º	152	10,920	0,359	3,29
4.111	Aurora Juréa	PCOD	3-4	5.º	133	11,600	0,365	3,15
4.194	Helenia São Martinho	PCOC	3-0	4.º	133	10,500	0,340	3,24
4.196	Hebraista São Martinho	PCOD	3-0	4.º	96	10,820	0,302	2,79
4.284	Galia São Martinho	PCOD	4-1	3.º	94	10,000	0,326	3,26
4.378	Hava São Martinho	PCOC	3-3	2.º	80	10,250	0,337	3,29
4.453	Hastia São Martinho	PCOC	-	1.º	38	13,950	0,386	2,77
					15	13,250	0,423	3,19

Cia. Gessy Industrial. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 3-9-955.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
3.274	Cigan	PCOD	7-5	3.º	64	14,910	0,531	3,56
3.276	Caloteira	3/4	7-8	4.º	109	12,120	0,404	3,34
3.277	Cachoeira	PCOD	-	1.º	23	18,450	0,495	2,68
3.279	Farofa	PCOD	7-3	3.º	78	16,860	0,597	3,54
3.305	Amazonas	PCOD	-	1.º	19	16,650	0,508	3,04
3.380	Mavaldinha	7/8	-	1.º	23	19,440	0,766	3,94
3.978	Amazonas Bonita	PCOD	3-9	6.º	157	10,910	0,363	3,33
4.016	Amazonas 3527 Bamba	PCOD	3-4	5.º	153	11,750	0,446	3,80
4.019	Amazonas 3536 Batalha	PCOD	3-10	5.º	137	13,700	0,463	3,38
4.020	Valdosa	3/4	8-0	5.º	131	11,940	0,476	3,98
4.310	Amazonas Berlinda	PCOD	3-11	2.º	36	16,620	0,554	3,33
4.311	Amazonas Bolacha	PCOD	4-1	2.º	41	15,770	0,477	3,02
4.425	Frans Talsma 18	PO	-	1.º	11	14,120	0,491	3,47
4.426	Lucas Joco 2	PO	-	1.º	1	16,190	0,418	2,58

Arie de Geus. Carambei. Est. do Paraná. Controle em 10-9-955.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
2.798	Marie II	PCOC	-	7.º	-	10,840	0,472	4,36

Antônio Caio da Silva Ramos. Campinas. Est. de S. Paulo. Controle em 9-9-955.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
3.103	Sentinela	PCOD	3-9	4.º	142	14,330	0,494	3,45
3.108	Catita Preta	PCOD	6-11	3.º	70	18,250	0,666	3,65
3.111	Jardineira II	PCOD	5-6	7.º	189	11,040	0,402	3,64
3.113	Jardineira	PCOD	10-1	5.º	124	14,430	0,564	3,91
3.114	Aleluia B	PCOD	-	8.º	213	14,480	0,450	3,10
3.382	Anhumas Bulhosa	PCOD	8-0	2.º	31	21,960	0,735	3,34
3.383	Borboleta II	PCOD	-	1.º	23	15,280	0,557	3,64
3.703	Alteza II	NR	-	9.º	371	12,340	0,536	4,34
3.794	Bocaima	NR	-	8.º	231	15,700	0,634	4,03
3.798	Catita Branca	PCOD	5-4	8.º	228	14,090	0,478	3,39
3.803	Bocaima II	PCOD	2-9	8.º	231	10,780	0,464	4,30
3.804	Anhumas Bahiana II	PCOD	3-0	8.º	218	10,270	0,349	3,39
3.915	Anhumas Caldeirista II	PCOD	3-8	7.º	185	17,990	0,701	3,89
3.983	Anhumas Beleza II	PCOD	3-7	6.º	154	10,520	0,437	4,15
3.984	Clorella	PCOD	7-11	6.º	164	11,550	0,403	3,48
4.038	Fortaleza	PCOD	5-7	5.º	137	17,430	0,670	3,84
4.039	Anhumas Avenida III	PCOD	4-4	5.º	133	21,820	0,763	3,50
4.040	Garradinha	PCOD	6-0	5.º	126	14,980	0,464	3,10
4.043	Aleluia III	PCOD	4-10	5.º	127	20,430	0,724	3,54

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mês	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		%
						Leite	Gordura	
4.044	Anhumas Grecia II	PCOD	2-7	5.º	133	13,520	0,609	4,50
4.045	Colombina II	NR	-	5.º	142	15,150	0,645	4,26
4.046	Anhumas Figueira	PCOD	9-2	5.º	135	11,840	0,378	3,19
4.047	Mochinha Branca	PCOD	5-3	4.º	125	10,690	0,433	4,05
4.048	Paraiba	NR	-	5.º	144	17,570	0,668	3,80
4.049	Felicidade	PCOD	4-11	5.º	126	10,340	0,356	3,45
4.140	Cigarra II	PCOD	8-4	4.º	93	15,180	0,478	3,15
4.215	Anhumas Odalísea II	PCOD	4-0	3.º	78	21,170	0,698	3,29
4.216	Anhumas Sumatra	PCOD	3-10	3.º	73	18,340	0,660	3,60
4.217	Anhumas Airosa III	PCOD	3-1	3.º	69	17,800	0,569	3,20
4.218	Serena	PCOD	4-0	3.º	109	21,520	0,699	3,24
4.327	Iza	NR	-	2.º	65	19,220	0,655	3,40
4.328	Negrinha Creta	NR	-	2.º	56	20,750	0,643	3,10
4.329	Anhumas Borboleta III	PCOD	4-1	2.º	40	21,850	0,808	3,70
4.330	Anhumas Alteza	PCOD	3-9	2.º	74	16,350	0,612	3,74
4.331	Unica III	PCOD	7-4	2.º	57	17,200	0,636	3,70
4.332	Anhumas Bandeira	PCOD	6-9	2.º	73	21,050	0,631	3,00
4.416	Anhumas Babilonia II	PCOD	-	1.º	18	21,650	0,736	3,40
4.417	Anhumas Alabama II	PCOD	-	1.º	18	17,150	0,814	4,75

Dr. Paulo Mibielli de Carvalho, Jundiá, Est. de S. Paulo. Controle em 13-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.467	Risada do Rancho Grande	PCOD	2-8	1.º	7	18,400	0,548	2,97
3.468	Juvenca do Rancho Grande	PCOD	2-9	11.º	332	11,050	0,540	4,89
3.469	Praia do Rancho Grande	PCOD	2-8	11.º	334	14,250	0,492	3,45
3.470	Defesa do Rancho Grande	PCOD	2-8	11.º	330	14,500	0,470	3,24
3.781	Annie	PO	3-8	8.º	-	11,700	0,481	4,11
3.996	Pietje 63	PO	3-4	6.º	179	10,950	0,396	3,62
3.997	Engelina 157	PO	4-0	6.º	173	15,100	0,604	4,00
4.024	V. Brandina Farra Nobre	PCOC	2-8	5.º	143	10,500	0,399	3,80
4.212	Birka	PO	2-7	3.º	63	14,500	0,530	3,65
4.307	Backa	PO	2-6	2.º	51	33,600	1,176	3,50
4.395	Braxna	PO	-	1.º	15	16,600	0,564	3,40

Francis Souza Dantas Forbes, Valinhos, Est. de S. Paulo. Controle em 13-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

2.140	Forsgate S. O. Susie	PCOC	5-3	5.º	134	35,540	0,984	2,77
2.867	Mabel Raymondale Buster	PO	4-3	3.º	70	42,340	1,330	3,14
2.926	New Center P. Dominó	PCOD	4-6	5.º	129	20,430	0,621	3,04
2.928	Four W. D. Fobes Ormsby	PCOD	4-11	5.º	134	12,590	0,386	3,06
2.987	Lochinvar Rag Apple Tensen	PO	4-9	3.º	71	37,410	1,074	2,87
2.990	Bramlaw Edna	PO	4-5	5.º	138	18,680	0,565	3,02
4.035	Sandrahil M. R. Lad	PO	4-6	5.º	133	35,170	1,105	3,14
4037	Calamity O. F. Lass	PCOD	4-1	5.º	126	12,510	0,369	2,95

2 ordenhas

2.293	Sylvia N. Xanguim	PCOD	5-6	1.º	1	18,290	0,566	3,09
2.297	Sandrahil S.Gram Betty	PO	4-8	1.º	27	16,050	0,477	2,97
2.868	G. & B. Dugline Fobes Sensation	PO	5-1	4.º	98	14,010	0,354	2,53
2.869	V. B. Coroadá W. CesarXXII	PO	6-5	5.º	141	11,770	0,437	3,71
2.925	Wanda Tensen Colanthus	PO	4-11	4.º	104	10,000	0,310	3,10
2.988	Maple Lane Blanche Lochinvar	PCOD	5-3	4.º	94	12,430	0,372	3,00
2.989	G. & B. Major Chieftain de Koll	PO	4-7	4.º	117	13,520	0,463	3,42
2.991	Benton Ormsby Violet	PCOD	4-1	3.º	65	16,030	0,496	3,09
3.087	Forsgate Successor Pontiac	PCOD	5-4	2.º	52	15,010	0,333	2,21
3.088	Casmac Torpedo Repeat	PCOD	4-2	4.º	94	12,820	0,427	3,33
3.089	Carloa Texal Adoration Princess	PCOD	4-8	2.º	43	16,700	0,476	2,85
3.093	Maple Lane Lochivar Hazel	PCOD	5-1	2.º	45	14,680	0,467	3,16
3.095	Forsgate Piebe Montvic Fayne	PCOD	4-8	2.º	41	15,940	0,470	2,95
3.096	Bob Mar Inka Judy	PO	5-2	2.º	50	12,980	0,453	3,49
3.153	Raystra P. B. Segis	PCOD	4-7	1.º	36	21,480	0,516	2,40
3.154	Glenodem Marksman Loha	PO	4-6	2.º	37	17,860	0,446	2,50
3.252	River Road P. Pontiac	PCOD	4-9	1.º	29	18,880	0,643	3,40
3.254	G. & B. Pathfinder P Fobes	PO	4-11	1.º	32	12,470	0,342	2,74
3.399	Glenodem M. Simplicity	PO	4-10	1.º	1	19,080	0,715	3,75
3.563	Fobes Liberty Ormsby	PCOD	4-0	10.º	305	11,880	0,515	4,34
3.564	Casmac Tristram Boon	PCOD	4-6	10.º	300	10,440	0,354	3,39
3.662	Mar Dell Rose Lochivar	PO	4-1	9.º	258	10,610	0,338	3,19
3.666	Forsgate L. H. Ona	PCOD	4-3	9.º	266	10,510	0,326	3,10
3.810	Creator Monogram Dewdrop	PO	4-3	8.º	224	11,680	0,401	3,43
3.854	Placid Heilo Crocus	PO	4-0	7.º	201	11,500	0,420	3,65
3.940	Forsgate Successor Jessie	PCOD	5-0	6.º	189	10,780	0,398	3,70
3.941	Raystra Ormsby Wayne Ina (Twin)	PCOD	4-9	6.º	183	12,790	0,435	3,40
3.942	River Road Ormsby Gerben	PCOD	4-0	5.º	164	13,680	0,422	3,08

NOVEMBRO DE 1955

N.º	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		%
SCL						Leite	Gordura	
4.033	Monco Dale Rag Apple Ona	PCOD	4-4	5.º	133	11,650	0,461	3,96
4.034	Hillycrest de Koll Rag Apple	PO	4-1	5.º	128	13,370	0,360	2,69
4.169	Casmac Tristram Alicia	PCOD	4-7	4.º	94	15,690	0,549	3,50
4.170	Glenodem Marksman Candytreft	PCOD	4-8	4.º	115	10,840	0,346	3,19
4.171	Violet Sovereign Tribune	-	-	4.º	110	12,570	0,420	3,34
4.172	De Koll Lochinvar Marline	PO	4-2	4.º	97	11,800	0,359	3,04
4.415	Sylvia Creamelle Nobleman	PCOD	4-7	1.º	2	16,680	0,725	4,35

Berend Willem Bouwman. Castrolanda. Est. do Paraná. Controle em 20-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.646	Jeltje 3	PO	2-10	8.º	245	10,270	0,477	4,65
-------	----------	----	------	-----	-----	--------	-------	------

Cia. Agro-Pecuária Fazenda Monte D'Este Ltda. Campinas. Est. de S. Paulo. Controle em 21-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.209	Amazonas L. Mabilicional	PCOD	4-9	2.º	53	20,890	0,686	3,28
2.210	Amazonas L. Maltera	PCOD	5-1	3.º	83	19,950	0,774	3,88
2.211	Amazonas L. Macera	PCOD	4-8	4.º	124	18,920	0,700	3,70
2.212	Amazonas L. Mabilidora	PCOD	4-6	5.º	142	19,180	0,698	3,64
2.213	Amazonas L. Malografica	PCOD	-	1.º	2	21,230	1,044	4,92
2.214	Amazonas Microcera	PCOD	4-9	2.º	42	17,890	0,715	4,00
2.263	Amazonas Narrativa	PCOD	-	1.º	15	25,590	0,742	2,90
2.264	Amazonas Napeva	PCOD	4-7	5.º	135	19,400	0,641	3,25
2.289	Amazonas Morfológica	PCOD	5-2	3.º	86	17,800	0,641	3,60
2.291	Amazonas L. Malita	PCOD	4-8	5.º	126	17,310	0,614	3,55
2.292	Amazonas Nove	PCOD	-	1.º	24	23,220	0,743	3,29
2.342	Amazonas Magnetica	PCOD	4-10	2.º	38	21,110	0,623	2,95
2.343	Amazonas L. Mafalgésia	PCOD	4-11	3.º	66	19,740	0,665	3,36
2.344	Amazonas L. Malografia	PCOD	5-3	2.º	36	17,950	0,706	3,93
2.684	Falange de Paraíba	PCOD	3-7	8.º	244	10,360	0,460	4,44
2.738	Miss de Paraíba	PCOC	4-0	6.º	166	11,870	0,402	3,39
2.886	Amazonas L. Malogenia	PCOD	4-11	7.º	187	16,890	0,581	3,44
2.947	Amazonas Modesta	PCOD	5-0	6.º	155	14,940	0,470	3,14
2.994	Amazonas L. Mallentica	PCOD	4-8	5.º	144	22,230	0,866	3,90
3.115	Amazonas Monolca	PCOD	5-1	5.º	128	15,420	0,574	3,72
3.134	Cachoeira de Paraíba	PCOC	-	1.º	8	11,560	0,361	3,12
3.192	Zingara d Paraíba	7/8	4-6	4.º	97	17,650	0,583	3,30
3.322	Ballarina de Paraíba	PCOC	-	1.º	19	21,610	0,744	3,44
3.323	Amazonas L. Mabilitada	PCOD	4-8	3.º	86	21,210	0,962	4,53
3.416	S. F. Anilina	PCOD	5-2	4.º	99	18,150	0,640	3,52
3.417	Amazonas Mixaxística	PCOD	4-8	3.º	82	14,750	0,468	3,17
3.886	S. F. Amavel	PCOD	4-10	7.º	196	10,380	0,444	4,28
4.003	S. F. Arapuã	PCOD	5-0	6.º	179	10,240	0,417	4,07
4.008	Antinha de Monte D'Este	7/8	5-2	5.º	155	11,840	0,444	3,75
4.009	Dora de Paraíba	PCOC	3-5	5.º	155	12,400	0,506	4,08
4.010	Antartica de Monte D'Este	PCOD	2-4	5.º	133	17,540	0,640	3,65
4.161	Amazonas L. Maluxa	PCOD	4-11	4.º	104	17,920	0,609	3,40
4.162	Guaraná de Paraíba	7/8	6-1	4.º	94	19,820	0,636	3,21
4.346	Pamplona de Paraíba	PCOC	3-10	2.º	46	17,020	0,579	3,40
4.363	Azeitona de Monte D'Este	PCOC	3-2	2.º	57	20,000	0,772	3,88
4.364	Jurista de Paraíba	PCOC	4-0	2.º	30	14,730	0,674	4,57
4.409	S. F. Ataviada	7/8	-	1.º	25	16,000	0,601	3,75
4.410	Amazonas Monte D'Este	PCOC	-	1.º	5	13,610	0,532	3,91
4.411	S. F. Paricanga	PCOD	-	1.º	2	13,860	0,707	5,10

Dr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo. Campinas. Est. de S. Paulo. Controle em 29-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

1.636	Vila Brandina Camãna	7/8	8-11	6.º	156	23,520	0,838	3,56
1.680	V. B. Gitana Valência Firpo	PCOC	7-5	6.º	175	18,310	0,693	3,78
1.949	Vila Brandina Coliche	PCOC	6-11	10.º	286	16,000	0,648	4,05
4.449	Sfetska XXII	PO	7-4	1.º	29	27,530	1,247	4,53
4.450	Alida	PO	4-7	1.º	28	25,640	0,875	3,80

Norremóse & Cia. Minduri. Est. de Minas Gerais. Controle em 17-9-955.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.700	Belezinha Oak Colantha	3/4	3-9	5.º	150	12,700	0,534	4,21
2.729	Vitamina Colombo Sentinel	3/4	6-10	1.º	30	17,910	0,689	3,85
2.803	Granada Oak Colantha	7/8	4-1	6.º	173	13,130	0,551	4,19
2.804	Riqueza Colombo Sentinel	7/8	5-4	2.º	50	21,180	0,828	3,91
2.805	Beatrix 7	PO	3-1	6.º	183	10,220	0,465	4,54
2.878	Bahiana Colombo Sentinel	15/16	5-1	5.º	156	14,400	0,583	4,04
2.879	Noroeste Colombo Sentinel	15/16	6-0	1.º	7	18,930	0,643	3,40
2.952	Klaske	PO	4-9	1.º	7	16,860	0,656	3,89
2.953	Bontje 42	PO	3-5	2.º	49	11,670	0,551	4,72
3.008	Avenida Colombo Sentinel	15/16	6-4	2.º	53	10,720	0,561	5,23
3.011	Johanna 8	PO	3-1	6.º	162	12,420	0,544	4,38
3.012	Mimosa Colombo Sentinel	15/16	7-2	5.º	134	11,470	0,448	3,00
3.013	Campanha Oak Colantha	3/4	4-10	5.º	142	12,810	0,512	4,00

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mêses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção	
						Leite	Gordura
3.098	Gracinha Oak Colantha	7/8	4-5	2.º	36	19,450	0,787
3.099	Jarrinha Oak Colantha	3/4	4-1	5.º	131	12,420	0,646
3.100	Olinda Oak Colantha	7/8	3-7	5.º	138	12,190	0,591
3.156	Holanda Colombo Sentinel	PCOD	7-1	3.º	96	18,790	0,684
3.160	Estrangeira Oak Colantha	PCOD	4-7	2.º	52	16,040	0,714
3.161	Flora Oak Colantha	7/8	4-9	4.º	102	16,600	0,672
3.265	Campista Oak Colantha	3/4	4-8	4.º	117	17,000	0,679
3.267	Bonitinha Oak Colantha	15/16	4-3	1.º	11	19,550	0,762
3.268	Dora Oak Colantha	7/8	3-11	2.º	53	12,460	0,462
3.421	Argentina 2.a Oak Colantha	3/4	3-7	1.º	16	14,870	0,684
3.640	Rainha Colombo Sentinel	7/8	5-9	9.º	256	12,560	0,489
3.760	Anabella Oak Colantha	NR	2-6	8.º	232	10,030	0,396
3.834	Vila Alegre Oak Colantha	7/8	2-6	7.º	202	11,490	0,412
3.835	Parazita Oak Colantha	7/8	4-3	7.º	197	13,640	0,593
3.837	Faroma Oak Colantha	15/16	3-7	7.º	205	10,560	0,380
3.947	Bella Vista	3/4	-	6.º	179	13,140	0,538
3.949	Anita Oak Colantha	7/8	2-7	6.º	173	14,390	0,520
3.950	Magnólia Oak Colantha	15/16	3-0	6.º	163	13,750	0,556
4.029	Aroma	PO	3-1	5.º	154	12,250	0,564
4.266	Pastora	PCOC	3-8	3.º	97	13,580	0,640
4.267	Noroega Oak Colantha	3/4	3-0	3.º	73	12,860	0,475
4.291	Johanne (B)	PO	3-2	3.º	79	10,500	0,471
4.376	Lindoia Oak Colantha	7/8	2-11	1.º	49	13,840	0,511
4.430	Feie Corrie	PO	3-6	1.º	19	14,500	0,493

Comércio Indústria São Quirino S.A., Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 30-9-955.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.651	Amazonas Missanga	PCOD	4-6	8.º	224	16,220	0,565
2.653	Amazonas Mensal	PCOD	5-5	2.º	50	27,480	0,792
2.709	Amazonas Milonga	PCOD	5-0	6.º	173	17,050	0,568
2.767	Amazonas Miada	PCOD	4-10	8.º	315	14,820	0,471
2.833	Amazonas Mentalidade	PCOD	5-0	7.º	198	13,640	0,469
2.919	Willys Rossana Milady Alegria	PO	3-5	6.º	158	12,120	0,387
3.140	Africana	PO	7-11	4.º	116	19,470	0,710
3.141	Martona's Senator Robert 2	-	-	2.º	47	23,860	0,801
3.554	Amazonas Média	PCOD	4-8	11.º	334	14,430	0,436
3.963	Xeura	-	11-1	6.º	178	18,220	0,555
3.964	São Quirino Alelula	PCOC	2-5	6.º	170	12,280	0,374
3.965	São Quirino Avenca	PCOD	2-6	6.º	165	10,200	0,331
4.066	Atibaia	PCOC	2-5	5.º	146	10,080	0,337
4.067	M's Lochinvar Cascade Madcap	PO	3-2	5.º	131	17,080	0,575
4.187	São Quirino Anchova	PCOD	2-8	4.º	118	11,770	0,346
4.188	S. Thereza W. Juliana W. Adema	PO	2-9	4.º	105	14,010	0,488
4.190	S. Thereza Harmke W. Adema I	PO	2-9	4.º	104	12,540	0,436
4.287	São Quirino Atrevida	PCOD	2-6	3.º	78	11,600	0,393
4.374	Amazonas Merecedora	PCOD	5-5	2.º	41	21,180	0,670
4.375	S. Thereza Dandy W. Adema	-	2-9	2.º	47	14,860	0,488
4.447	São Quirino Arraia	PCOC	2-11	1.º	13	13,390	0,408
4.448	São Quirino Anajá	PCOC	2-10	1.º	4	17,690	0,527

Alberto Ferraz, Agulhas Negras, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 9-9-955.

Regime de semi-estabulação, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

1.723	B. V. Duchess Senator (Bela)	PO	6-0	7.º	190	21,840	0,618
3.260	Reukema 29	PO	3-6	1.º	16	17,750	0,685
4.400	Olga 2 (575)	PO	2-9	1.º	17	19,120	0,690
4.401	Maj (239)	PO	2-5	1.º	6	17,200	0,551

2 ordenhas

2.184	Africana das Agulhas Negras	PCOD	5-8	2.º	38	20,300	0,726
2.242	Alga das Agulhas Negras	PCOD	4-7	2.º	52	17,470	0,602
2.277	Alva das Agulhas Negras	PCOD	5-1	3.º	64	10,600	0,482
2.281	Alemã das Agulhas Negras	PCOD	5-4	2.º	42	16,930	0,696
3.174	Holanda das Agulhas Negras	NR	-	3.º	61	13,140	0,638
3.313	Siboney das Agulhas Negras	PCOD	6-0	3.º	69	14,850	0,475
3.988	Bambina das Agulhas Negras	PCOD	3-2	6.º	159	10,030	0,376
3.989	Ala das Agulhas Negras	PCOD	3-10	6.º	155	10,370	0,366
4.230	Imperatriz das Agulhas Negras	PCOD	5-0	3.º	70	10,250	0,392
4.231	Bateria das Agulhas Negras	PCOD	3-3	3.º	65	14,650	0,529
4.232	Argola das Agulhas Negras	PCOD	5-1	3.º	72	17,830	0,623
4.233	Anizete das Agulhas Negras	PCOD	5-1	3.º	73	14,210	0,471
4.234	Avelã das Agulhas Negras	PCOD	3-10	3.º	90	15,550	0,505
4.235	Ihroy	NR	-	3.º	61	15,410	0,618

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mês	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		%
						Leite	Gordura	
4.356	Fokje 10 (498)	PO	2-10	2.º	27	18,300	0,696	3,80
4.358	Polia das Agulhas Negras	PCOD	5-6	2.º	38	13,180	0,471	3,57
4.359	Boemia das Agulhas Negras	PCOD	3-7	2.º	32	14,570	0,483	3,31
4.360	Roda	NR	-	2.º	37	11,880	0,401	3,38
4.361	Vista Alegre das Agulhas Negras	PCOD	4-6	2.º	39	17,640	0,584	3,31
4.362	Japoneza das Agulhas Negras	NR	5-6	2.º	47	15,940	0,531	3,33
4.367	Faisca	NR	-	2.º	47	13,310	0,401	3,01
4.402	Suriba	NR	-	1.º	-	12,040	0,454	3,77

Francisco Ribeiro Júnior. Bragança. Est. de São Paulo. Controle em 25-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.083	Jaguatirica	3/4	4-5	5.º	146	11,500	0,370	3,21
4.084	Esponja	PCOD	8-0	5.º	123	15,300	0,504	3,29
4.154	Floresta	PCOD	8-7	4.º	97	17,750	0,487	2,74
4.155	Zaza	PCOD	9-5	4.º	113	17,450	0,629	3,60
4.157	Vitoria Régia	PCOD	8-4	4.º	103	17,800	0,538	3,02
4.237	Esperança	PCOD	8-5	3.º	66	27,300	0,815	2,98
4.238	Provincia	PCOD	8-6	3.º	83	26,900	0,807	3,00
4.239	Picara	PCOD	8-5	3.º	66	20,300	0,600	2,95
4.240	Renuncia	PCOD	8-9	3.º	83	17,600	0,560	3,18
4.290	Noiva	-	-	3.º	-	16,400	0,506	3,08
4.343	Copa	PCOD	8-3	2.º	47	21,900	0,712	3,25
4.344	Fortaleza	PCOD	8-7	2.º	30	19,350	0,480	2,48
4.345	Jararaca	PCOD	6-9	2.º	33	25,050	0,755	3,01
4.407	Maricota	PCOD	-	1.º	-	17,800	0,558	3,13

Alcino Ribeiro Meirelles. Ribeirão Preto. Est. de São Paulo. Controle em 21-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.509	Laura	NR	6-8	11.º	93	28,000	0,121	4,32
4.068	Laura II (Bonita)	NR	5-11	5.º	135	12,450	0,388	3,11
4.158	Frigideira	NR	7-0	4.º	100	17,950	0,404	2,25
4.159	Bordada	NR	9-0	4.º	96	14,150	0,517	3,65
4.160	Saudade	NR	9-0	4.º	93	15,700	0,692	4,40
4.261	Uberlândia	NR	6-0	3.º	90	15,700	0,539	3,43
4.377	Centenária	NR	-	2.º	36	18,200	0,473	2,60

Jan Glas. Monte Alegre. Est. do Paraná. Controle em 1-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.899	Elza	NR	2-10	7.º	211	13,220	0,527	3,99
3.900	Anna	NR	2-6	7.º	194	14,850	0,459	3,09
3.901	Juliana	NR	2-7	7.º	186	15,700	0,565	3,60
3.995	Albertje	NR	2-5	6.º	177	10,810	0,501	4,24
4.057	Hette	NR	-	5.º	-	13,350	0,504	3,77
4.132	Jople	NR	-	4.º	-	10,550	0,386	3,34
4.126	Inka	NR	-	4.º	-	17,330	0,586	3,38
4.127	Diana	NR	-	4.º	-	13,150	0,440	3,35
4.128	Martha	NR	-	4.º	-	12,350	0,404	3,27
4.129	Clara	NR	-	4.º	-	17,180	0,601	3,50
4.202	Jannetta	NR	3-3	3.º	82	15,770	0,492	3,12
4.203	Nel	NR	3-0	3.º	90	14,350	0,529	3,69
4.204	Marietje	NR	3-0	3.º	76	13,500	0,442	3,27
4.205	Puck	NR	2-5	3.º	76	17,950	0,512	2,85
4.309	Wilhelmina	NR	2-0	2.º	54	17,450	0,537	3,07
4.380	Janna	NR	1-8	1.º	24	16,850	0,510	3,02
4.381	Andrieske	NR	1-10	1.º	22	14,700	0,433	2,95

Foppe de Jong. Castro. Est. do Paraná. Controle em 14-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.439	Danny	NR	-	12.º	-	10,700	0,534	4,99
-------	-------	----	---	------	---	--------	-------	------

Agrindus S.A. Descalvado. Est. de São Paulo. Controle em 4-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.372	Natada	PCOD	4-3	8.º	221	10,700	0,342	3,20
2.443	Amazonas 8.850	PCOD	4-4	6.º	221	10,550	0,394	3,74
2.444	Amazonas B 317	PCOD	-	3.º	-	10,300	0,311	3,01
2.450	Amazonas Muriçada	PCOD	4-5	6.º	189	14,150	0,406	2,87
2.579	Amazonas B 328	PCOD	4-1	5.º	163	14,000	0,453	3,24
2.719	Neblina	NR	-	2.º	-	13,500	0,499	3,70
2.872	Amazonas C 43	PCOD	-	4.º	-	11,200	0,329	2,94
2.873	Amazonas C 17	PCOD	2-10	2.º	43	10,900	0,382	3,51
2.874	Amazonas B 562	PCOD	4-2	4.º	100	12,500	0,457	3,66
2.954	Roma	NR	-	1.º	16	10,700	0,437	4,08
2.986	Amazonas B 501	PCOD	-	1.º	1	18,700	0,481	2,57
3.068	Amazonas B 498	PCOD	4-2	2.º	51	15,300	0,547	3,57
3.148	Holanda Freia	PO	3-9	1.º	24	13,400	0,485	3,62
3.353	Aaltje 31	PO	-	1.º	-	13,200	0,440	3,33
3.354	Holambra Lolke II	PO	-	1.º	5	11,750	0,385	3,28

N.º	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e meses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção	
						Leite	Gordura
3.819	Theuntje MXI	PO	3-2	7.º	202	14,400	0,515
4.133	Nicoderma	NR	-	4.º	103	11,300	0,433
4.135	Amazonas B 462	NR	-	4.º	-	15,400	0,409
4.139	Schaap	NR	-	4.º	125	13,000	0,478
4.209	Dora 49	NR	-	3.º	90	14,350	0,546
4.211	Fumaça	NR	-	3.º	93	13,700	0,584
4.299	Sietske	NR	-	2.º	43	12,900	0,418
4.300	3.754	NR	-	2.º	41	10,300	0,397
4.301	3.656	NR	-	2.º	36	10,250	0,360
4.385	3.729	NR	-	1.º	5	13,500	0,388
4.386	87.027	NR	-	1.º	6	10,800	0,390
4.408	3.770	NR	-	1.º	-	12,800	0,358

Oscar Reinaldo Muller Caravellas. Riviéra Paulista. Est. de São Paulo. Controle em 19-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.706	Quem Martona's	PCOD	9-4	1.º	16	12,600	0,350
3.708	Dadivosa	PCOD	5-4	1.º	20	20,200	0,800
3.758	Cascade Martona's	PCOD	9-3	1.º	25	14,100	0,614
4.223	Altiva	3/4	5-4	3.º	95	20,300	0,606
4.224	Albaneza	7/8	2-2	3.º	64	15,100	0,619
4.225	Ariana	7/8	5-5	3.º	100	15,900	0,526
4.226	F. T. C. Katia	PO	4-6	3.º	105	26,800	0,846
4.227	Iolanda	PCOC	3-9	3.º	103	15,400	0,527
4.228	Independência	1/2	8-5	3.º	83	13,200	0,428
4.229	Chiquinha	PCOD	3-1	3.º	122	12,900	0,404
4.312	Aaltje 90	PO	3-5	2.º	36	14,800	0,520
4.314	Mascarada	PCOD	C-5	2.º	43	20,200	0,541
4.315	Fagueira	NR	5-1	2.º	33	15,600	0,655

Adrianus Sleutjes. Castro. Est. do Paraná. Controle em 19-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.179	Sjouk XLVIII	PO	6-5	4.º	100	12,750	0,483
3.644	Tietje	PO	7-11	9.º	245	13,550	0,528

Agrindus S.A.. Descalvado. Est. de S. Paulo. Controle em 28-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.372	Natada	PCOD	4-3	9.º	245	10,700	0,397
2.442	Amazonas B 315	PCOD	4-0	8.º	226	10,150	0,385
2.443	Amazonas 8.850	PCOD	4-4	7.º	245	11,500	0,436
2.444	Amazonas B 317	PCOD	-	4.º	-	10,550	0,334
2.450	Amazonas Muriçada	PCOD	4-5	7.º	213	14,680	0,404
2.579	Amazonas B 328	PCOD	4-1	6.º	187	13,000	0,457
2.719	Nebliua	NR	-	3.º	-	12,000	0,479
2.872	Amazonas C 43	PCOD	-	5.º	-	11,800	0,407
2.873	Amazonas C 17	PCOD	2-10	3.º	67	11,000	0,429
2.874	Amazonas B 562	PCOD	4-2	5.º	124	12,150	0,467
2.984	Amazonas Micrópila	PCOD	-	1.º	14	18,900	0,605
2.986	Amazonas B 501	PCOD	-	2.º	25	16,900	0,479
3.068	Amazonas B 498	PCOD	4-2	3.º	75	13,200	0,502
3.148	Holambra Freia	PO	-	2.º	48	13,850	0,494
3.256	Atje 19	PO	3-2	3.º	86	13,700	0,455
3.354	Holambra Lolke II	PO	4-11	2.º	29	14,200	0,440
3.453	Amazonas B 531	PCOD	3-4	12.º	349	10,300	0,395
4.133	Nicoderma	NR	-	5.º	127	11,900	0,455
4.135	Amazonas B 462	NR	-	5.º	-	13,950	0,373
4.139	Schaap	NR	-	5.º	149	16,550	0,488
4.209	Dora 49	NR	-	4.º	114	15,850	0,575
4.211	Fumaça	NR	-	4.º	117	14,500	0,589
4.299	Sietske	NR	-	3.º	67	11,250	0,342
4.300	3.754	NR	-	3.º	65	10,850	0,331
4.385	3.729	NR	-	2.º	29	14,550	0,399
4.386	87.027	NR	-	2.º	30	12,300	0,412
4.408	3.770	NR	-	2.º	-	10,600	0,300

Antônio Coelho Guimarães. Guaratinguetá. Est. de S. Paulo. Controle em 13-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.588	Guará Malaguenha	PCOC	5-8	7.º	201	11,800	0,689
2.661	Mina V	PCOD	8-6	4.º	84	21,600	0,608
2.863	Guará Milonga	PCOC	3-0	7.º	205	18,570	0,692
3.005	Semente	31/32	6-5	6.º	160	15,220	0,555
3.194	Guará Magnólia II	PCOC	-	1.º	-	22,000	0,792
3.195	Guará Maristela II	PCOC	-	1.º	-	22,830	0,825
3.898	Guará Magnólia	PCOC	6-10	7.º	207	18,800	0,726
4.262	Mariaiva II	PCOC	4-8	3.º	126	13,180	0,509

Ministério da Agricultura. Fazenda Experimental de Criação de Juparanã. Marquês de Valença. Est. do de Janeiro. Controle em 24-9-955.

2.613	Hello Nig	PO	8-1	1.º	19	10,660	0,339
3.044	Uberaba	PO	6-11	5.º	162	10,500	0,377
4.264	Cereja	PO	3-5	3.º	76	12,570	0,436
4.464	Clara	PO	3-5	1.º	-	19,750	0,629

NOVEMBRO DE 1955

N. ^o SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mês	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		%
						Leite	Gordura	
Lucila Ferreira Cintra. Bragança. Est. de S. Paulo. Controle em 24-9-955.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
4.090	Avenca	3/4	6-10	5. ^o	205	10,600	0,452	4,27
4.091	Floresta	3/4	9-4	5. ^o	164	13,910	0,462	3,32
4.092	Eva	PCOD	4-4	5. ^o	155	10,240	0,389	3,80
4.150	Santa Cristina Anita	3/4	5-7	4. ^o	113	10,800	0,420	3,89
4.151	Santa Cristina Arlete	3/4	5-11	4. ^o	99	14,600	0,448	3,07
4.241	Bafa	PCOD	8-2	3. ^o	68	14,400	0,471	3,27
4.242	Francesca	1/2	6-6	3. ^o	66	15,600	0,528	3,38
4.243	Friso Faikje X	PO	5-0	3. ^o	80	12,200	0,399	3,27
4.341	Santa Cristina Amazonas	3/4	5-9	2. ^o	32	18,700	0,574	3,06
4.342	Santa Cristina Atenciosa	3/4	4-2	2. ^o	52	14,000	0,494	3,53

Carlos Alberto Willy Auerbach. Mogi das Cruzes. Est. de S. Paulo. Controle em 1-9-955.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

342	B. V. Unica	PCOD	16-4	8. ^o	226	12,300	0,504	4,10
1.092	B. V. Jantje Ceres I	PO	8-8	7. ^o	191	14,460	0,494	3,41
1.587	B. V. Bena 629 LB Ceres III	PO	6-8	6. ^o	154	13,460	0,424	3,15
1.950	B. V. Bena Ceres IV LB.	PO	5-4	7. ^o	188	13,640	0,436	3,20
2.862	Buena Pinta 5330 Max. V	PCOC	4-2	5. ^o	128	14,600	0,438	3,00
3.145	Gorita I Maximum 11.074	PCOC	4-6	5. ^o	32	18,100	0,723	3,99
3.560	Hansa Maximum	7/8	3-10	10. ^o	285	10,300	0,409	3,97

Dr. Hamilcar José do Amaral Beviláqua. Queluz. Est. de S. Paulo. Controle em 22-9-955.
Regime de semi-estabulação, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas								
3.756	St ^a Tereza Dandy Inka Cuba 1. ^a	PO	7-0	8. ^o	241	11,410	0,432	3,78
2 ordenhas								
4.173	Joanita	PCOD	6-3	4. ^o	91	10,400	0,351	3,38
4.347	Panela	NR	-	2. ^o	62	11,200	0,399	3,56
4.349	Princesa	PCOD	4-10	2. ^o	30	11,950	0,440	3,68
4.350	Branda	3/4	5-0	2. ^o	34	10,780	0,333	3,09
4.354	Chibata	NR	-	2. ^o	34	10,700	0,420	3,92

Jacobus Vos. Castrolanda. Est. do Paraná. Controle em 22-9-955.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.683	Anna A 2	PO	3-9	3. ^o	242	11,280	0,496	4,40
3.955	Janke 2	PO	-	3. ^o	-	14,620	0,538	3,68
4.276	Koltje 34	PO	-	3. ^o	-	14,700	0,581	3,95
4.340	Tryntje 57	PO	4-4	2. ^o	41	19,000	0,685	3,60
4.436	Witte Jantje	PO	3-6	1. ^o	30	14,820	0,644	4,35
4.437	Anna 2	PO	4-3	1. ^o	1	19,380	0,688	3,55
4.438	Lutske	PO	3-3	1. ^o	52	14,850	0,496	3,34
4.439	Tjitske 4	PO	3-5	1. ^o	39	17,890	0,644	3,60

Willem Geus. Carambei. Est. do Paraná. Controle em 14-9-955.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.053	Pelota	NR	-	5. ^o	-	12,430	0,493	3,97
3.055	Tina 25	NR	-	5. ^o	-	10,100	0,346	3,43
3.318	Flora	PO	4-3	1. ^o	33	14,100	0,512	3,63

Cia. Agrícola Maristela. Tremembé. Est. de S. Paulo. Controle em 27-9-955.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

1.086	Folla	PCOD	9-11	5. ^o	122	11,000	0,339	3,08
1.874	Gravatal	NR	-	3. ^o	-	16,540	0,457	2,76
4.115	Varezze	PCOD	7-8	5. ^o	137	10,200	0,375	3,68
4.116	Totana	NR	-	5. ^o	132	12,540	0,438	3,49
4.293	Odalisca da Maristela	NR	-	3. ^o	-	12,040	0,412	3,42
4.294	(798)	NR	-	3. ^o	-	17,300	0,508	2,94
4.295	(219)	NR	-	3. ^o	-	15,500	0,527	3,40

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de São Paulo. Controle em 6-9-955.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

1.916	Antje 16	PO	10-4	3. ^o	88	18,750	0,628	3,35
2.094	Wlepkje II	PO	7-4	7. ^o	236	11,100	0,363	3,27
2.284	Julia XI	PO	5-11	4. ^o	115	15,850	0,580	3,66
2.352	Marie XI	PO	-	1. ^o	31	23,700	1,116	4,71
2.400	Ruiter 4	PO	-	1. ^o	-	27,250	0,783	2,87
3.164	Holambra Tietje II	PO	3-11	3. ^o	75	20,300	0,794	3,91
3.971	Holambra Nora	PO	3-8	6. ^o	191	11,550	0,371	3,21
4.021	Holambra Mia	PO	2-7	7. ^o	183	10,950	0,523	4,78
4.053	Holambra Oda	PO	3-4	5. ^o	133	13,700	0,405	2,95
4.056	Holambra Marie	PO	4-6	5. ^o	142	16,300	0,666	4,08
4.167	Anna V	PO	9-1	4. ^o	96	19,750	0,781	3,95

N.º SCI	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mês	Contrôle	Dias de Lactação	Produção	
						Leite	Gordura
4.168	Holambra Griet	PO	2-1	4.º	116	11,150	0,385
4.258	Holambra Agatha	PO	4-7	3.º	80	16,150	0,362
4.259	Holambra Holanda	PO	3-7	3.º	99	18,950	0,557
4.316	Sipke	PO	6-7	2.º	62	18,350	0,572
4.317	Jikke LXI	PO	7-10	2.º	81	13,650	0,497
4.319	Holambra Bernarda	PO	2-6	2.º	55	16,150	0,581
4.321	Mina IV	-	-	2.º	61	15,100	0,558
4.322	Rintjes Adema III	PO	6-6	2.º	71	17,200	0,585
4.324	Holambra Dina II	PO	4-11	2.º	80	10,300	0,366
4.397	Ijbeltje X	PO	8-3	2.º	53	20,450	0,379
4.398	Holambra Neltje	PO	4-7	2.º	54	16,900	0,549
4.399	Holambra Rut	PO	4-8	2.º	62	13,450	0,506
4.431	Holambra Tine	PO	-	1.º	55	15,550	0,518
4.432	Baukje V	PO	-	1.º	70	14,050	0,516
4.435	Jetster Tjerkje C	PO	-	1.º	31	17,100	0,504
4.456	Holambra Reintje XXL	PO	-	1.º	18	27,465	0,961
4.465	Holambra Vera	PO	-	1.º	3	16,350	0,580
4.467	Betsy 6	PO	-	1.º	-	16,550	0,570
4.468	Holambra Sara (188)	NR	-	1.º	-	17,200	0,703

RAÇA HOLANDESA — Variedade vermelha e branca.

Gonçalves & Filho, Pinhal, Est. de São Paulo, Controle em 17-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

3.987	Realeza	PCOD	-	6.º	179	22,740	0,763
	2 ordenhas						
3.599	Caçula	NR	-	10.º	284	11,960	0,356
3.986	Darling de Palmeiras	7/8	5-10	6.º	166	11,660	0,490

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra, Mogi Mirim, Est. de S. Paulo, Controle em 6-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

1.783	Léa XIV	PO	6-9	10.º	285	13,500	0,546
1.845	Roosje II	PO	6-10	9.º	288	14,300	0,581
2.029	Annie	PO	7-7	5.º	154	16,300	0,569
2.092	Jana 5	PO	13-0	6.º	155	13,600	0,501
2.095	Marie IV	PO	6-4	3.º	79	29,500	0,974
3.065	Mina (121)	PO	6-11	4.º	130	13,500	0,520
3.813	Anna	PO	6-8	8.º	237	16,750	0,554
4.054	Philomena 2	PO	6-0	5.º	149	15,760	0,476
4.055	Holambra Jaantje (127)	PO	2-3	4.º	144	18,100	0,510
4.219	Anna XIX	PO	6-5	3.º	74	17,500	0,506
4.320	Grada 18	-	-	2.º	62	18,450	0,519
4.396	Holambra Noldien III	PO	2-5	2.º	51	13,500	0,444
4.433	Alda	PO	-	1.º	29	22,500	0,658
4.434	Roza 8	PO	-	1.º	38	23,200	0,857
4.455	Holambra Els	PO	-	1.º	52	15,700	0,510
4.466	Holambra Anna	PO	-	1.º	10	16,750	0,610

Jayme da Silveira Leme, Pinhal, Est. de S. Paulo, Controle em 16-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.881	Jardineira	PCOD	5-1	7.º	205	10,290	0,384
3.885	Atalaia	PCOD	8-11	7.º	190	11,270	0,319

Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro, Controle 29-9-955.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.533	Zibéria de Pinheiro	PO	5-2	4.º	104	10,550	0,369
2.679	Zameta	PO	-	2.º	-	12,600	0,442

RAÇA SCHWYZ

Alberto Ferraz, Agulhas Negras, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 9-9-955.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.421	Clarinetta	NR	-	9.º	258	12,190	0,490
4.145	Morena	NR	3-6	4.º	146	11,330	0,412
4.357	B. V. Jane Celia	PO	3-0	2.º	27	17,000	0,562

Agrindus S.A., Descalvado, Est. de São Paulo, Controle em 4-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.136	Firmesa	NR	9-11	4.º	127	10,000	0,394
4.137	Alpina	NR	11-9	4.º	97	11,500	0,421
4.304	Borboleta	NR	-	2.º	43	13,600	0,512
4.387	Ninão	-	-	1.º	36	12,050	0,425
4.389	Espanhola	-	-	1.º	25	10,850	0,442
4.390	Padrinha	-	-	1.º	39	10,300	0,403
4.391	Torrinha	-	-	1.º	36	11,500	0,339

NOVEMBRO DE 1955

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mês	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		
						Leite	Gordura	%
Ministério da Agricultura. Fazenda de Criação de Pinheiro, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 29-9-955.								
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.								
2.516	Uganda de Pinheiro	PO	7-9	1.º	26	12,540	0,432	3,45
2.789	Uno	PO	9-4	3.º	86	10,600	0,496	4,68
2.915	Abanadela de Pinheiro	PO	3-6	2.º	52	12,560	0,442	3,52
3.231	abama de Pinheiro	PO	4-4	1.º	1	11,400	0,432	3,79
4.452	Xatista de Pinheiro	PO	6-2	1.º	10	10,300	0,355	3,45

Agrindus S.A.. Descalvado. Est. de S. Paulo. Controle em 28-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.741	Bananeira	NR	5-2	9.º	326	10,300	0,475	4,61
3.953	Vencedora	7/8	5-9	6.º	177	11,700	0,601	5,14
4.041	Duvida	NR	-	1.º	-	12,300	0,519	4,21
4.042	Camurça	NR	-	1.º	15	11,700	0,549	4,70
4.136	Firmesa	NR	9-11	5.º	151	11,400	0,413	3,62
4.137	Alpina	NR	11-9	5.º	121	11,450	0,379	3,31
4.303	Pomba	NR	-	3.º	88	11,600	0,477	4,12
4.304	Borboleta	NR	-	3.º	67	12,500	0,485	3,88
4.387	Ninão	-	-	3.º	60	12,600	0,484	3,84
4.388	Naná	-	-	2.º	53	10,200	0,449	4,40
4.389	Espanhola	-	-	2.º	49	16,600	0,582	3,50
4.390	Padrinha	-	-	2.º	63	13,550	0,552	4,07
4.391	Torrinha	-	-	2.º	60	11,700	0,430	3,67
4.457	Mateira	NR	-	1.º	1	10,000	0,351	3,51

RAÇA JERSEY

Alberto Ferraz. Agulhas Negras. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 9-9-955.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

1.233	Basil Bayleaf (Bonita)	PO	9-4	5.º	134	13,600	0,696	5,12
-------	------------------------	----	-----	-----	-----	--------	-------	------

Dr. João Laraya. Jacareí. Est. de São Paulo. Controle em 7-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.296	Alamanda	PCOD	3-9	2.º	44	10,400	0,519	4,99
4.383	Kay	PCOD	-	1.º	2	7,000	0,242	3,46
4.384	Polónia	PCOD	-	1.º	6	8,370	0,444	5,30

Ministério da Agricultura. Fazenda Experimental de Criação de Juparanã. Marquês de Valença. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 24-9-955.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.609	Namorada	PO	6-7	1.º	1	10,660	0,445	4,18
2.960	Soberana	31/32	8-4	4.º	76	7,030	0,278	3,95

Olivo Gomes. Jacareí. Est. de São Paulo. Controle em 6-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

1.933	Índia VII	PO	-	4.º	-	11,670	0,701	6,01
1.958	Sant'Ana Cançoneta Sonata	PO	6-2	6.º	166	7,450	0,337	4,53
2.002	Índia V	PO	-	4.º	-	13,400	0,525	3,92
2.003	Sant'Ana Hera Magnet	PO	6-7	10.º	289	8,650	0,471	5,44
2.057	Meadw's Magnet Erim	PO	10-8	6.º	151	10,150	0,510	5,03
2.058	Sant'Ana Estrela Bolhayes	PO	6-2	8.º	211	8,000	0,422	5,28
2.060	Sant'Ana Olinda	PO	4-7	9.º	247	12,500	0,697	5,58
2.116	Catita Magnet	PO	-	4.º	-	13,500	0,631	4,68
2.117	Meadw's Magnet Xmas	PO	-	4.º	-	7,450	0,396	5,32
2.118	Sant'Ana Heroína	PO	-	4.º	-	12,600	0,717	5,69
2.121	Buckhurst Paddy	PO	-	4.º	-	11,800	0,491	4,16
2.218	Regência Kingdon	PO	-	1.º	27	15,400	0,733	4,74
2.219	Buckhurst Coral	PO	10-1	2.º	56	13,600	0,695	5,11
2.220	Hautville D. Belle	PO	6-11	3.º	86	9,530	0,649	6,81
2.257	Buckhurst Dairymistress	PO	9-7	9.º	236	13,000	0,780	6,00
2.358	Sant'Ana Itamar Patton	PO	2-10	11.º	307	7,000	0,424	6,06
2.275	Sant'Ana Delata Bolhayes	PO	5-10	2.º	36	18,650	1,147	6,15
2.276	Sant'Ana Cristal II Magnet	PO	6-2	6.º	168	12,250	0,691	5,64
2.362	Sant'Ana Malta Bolhayes	PO	-	1.º	1	17,440	0,854	4,90
2.627	Nora Basil de Canela	PO	3-2	6.º	162	8,880	0,416	4,69
2.896	Sant'Ana Figurita II	PO	5-9	6.º	164	7,900	0,334	4,23
2.964	Sant'Ana Raquel	PO	-	1.º	7	16,190	0,879	5,43
3.219	Grinalda Sultã de Canela	PO	-	1.º	14	13,650	0,603	4,41
3.344	Sant'Ana Canela Patrician	PO	-	1.º	8	13,700	0,549	4,01
3.613	Gratna	PO	-	10.º	266	7,500	0,472	6,30
3.831	Sant'Ana Paulicéa Patrician	PCOC	2-10	7.º	184	8,350	0,486	5,82
4.131	Novata Basil de Canela	PO	2-8	4.º	106	7,470	0,325	4,35
4.265	Sant'Ana Esperança Patrician	PO	2-5	3.º	85	10,800	0,596	5,52

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu de sangue	Idade anos e mêses	Contrôle	Dias de Lactação	Produção		%
						Leite	Gordura	
4.298	Sant'Ana Itapema Patrician	PO	2-1	2.º	58	7,970	0,374	4,69
4.392	Sant'Ana Harmonia Patton	-	-	1.º	1	14,870	0,590	3,97
4.393	Sant'Ana Xalmas Patrician	PO	-	1.º	35	7,550	0,343	4,55
4.394	Valeria Victrix	PO	-	1.º	5	7,850	0,440	5,60

RAÇA GUERNSEY

Alberto Ferraz. Agulhas Negras. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 9-9-955.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas								
3.172	Gerar Fifi	PO	4-4	3.º	58	19,950	0,791	3,96
2 ordenhas.								
2.154	Coldspring's Noble Labell	PO	4-7	5.º	150	10,150	0,528	5,20

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandêsa; pb. — preta e branca; vb. — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — pura por cruz de origem conhecida; PCOD — pura por cruz de origem desconhecida; PO — pura de origem; RP — registro provisório.

S. Paulo, setembro de 1955

Dr. FIDELIS ALVES NETTO

Chefe do S.C.L.

A CRIAÇÃO NO BRASIL E NA SUÉCIA

O professor Thure Swensson, chefe do Centro de Inseminação Artificial de Gado Bovino da cidade de Enköping, ex-assistente do professor Lagerlof, no Departamento de Obstetrícia e Ginecologia Animal da Faculdade Real de Medicina Veterinária de Estocolmo, em recente visita ao nosso País, declarou o seguinte:

— “Os problemas da inseminação artificial e da esterilidade no Brasil, por incrível que pareça, são semelhantes aos nossos.”

E como exemplo lembrou que na Suécia é necessário proteger o gado contra o frio, enquanto no Brasil ele deve ser protegido contra o calor. Em ambos os casos, surge o problema da alimentação. Durante o longo inverno, quando as vacas estão estabuladas, um dos grandes problemas é justamente a alimentação. No Brasil, o gado sofre com a seca que queima a forragem natural. E o baixo valor nutritivo do alimento é uma das razões da esterilidade.

Comentando alguns outros problemas do gado, o professor Swensson declarou que na Suécia não mais existem brucelose e tuberculose do gado, sendo ela um dos poucos países do mundo, que conseguiu eliminá-las.

— E como conseguiram isso?

— Principalmente com o “contrôle” absoluto das

compras e vendas do gado, trabalho feito pelo governo e pelas cooperativas agrícolas.

Sobre o Centro de Inseminação Artificial de que é chefe, o Dr. Swensson deu interessantes informes. Esse estabelecimento insemina 17 mil vacas por ano, das quais mantém rigoroso controle de sanidade genital. Possui 20 reprodutores da mais alta qualidade.

O Centro pertence a uma sociedade de criadores. Em vez de cada criador comprar um reprodutor menos qualificado (o contrário seria demasiado dispendioso), os criadores reúnem-se para a compra de reprodutores perfeitos para a inseminação artificial. Estes servem as vacas na redondeza de Enköping por 20 a 25 coroas (cerca de 250 cruzeiros). Como este centro, existem mais de trinta na Suécia.

O professor Swensson ficou profundamente impressionado com a magnificência da Universidade Rural. “Por algum motivo será — disse ele com um de seus raríssimos sorrisos — que, apesar de possuir uma das mais bem equipadas universidades rurais do mundo, o índice do interesse pela veterinária é baixo no Brasil.

— E' maior na Suécia? — perguntamos. Ele riu.

— Na Suécia, há mais pessoas que querem estudar veterinária do que ocupação para veterinários. Lá existem dois milhões e meio de cabeças de gado e nada menos do que setecentos veterinários.” — (BISI)

ANUNCIOS CLASSIFICADOS DA REVISTA DOS CRIADORES

ALIMENTOS



REFINAZIL
O AMIGO DA CRIAÇÃO
FARELO COM 28% DE
PROTEINA
A BASE DAS BOAS
RAÇÕES BALANCEADAS

AUTOMOVEIS E ACCESSÓRIOS



Capotas para Jeep "TRIUNFO"

- Meio porta com cortinas de molas automáticas.
- Hermeticamente impermeável à chuva e ao pó.
- Inteira e desmontável.
- Lona locomotiva.
- Torniquetes e fivelas inoxidáveis.
- Visores plásticos que não amarelam.

TEMOS PARA PRONTO EMBARQUE

Pedidos à:

Associação dos Criadores
Rua Frederico Abranches, 37
São Paulo

INSETICIDAS

Não permita que o caruncho leve
75% de sua colheita.
Use GESAROL 33.
GEIGY DO BRASIL S. A.
Caixa Postal, 2544 - São Paulo

COALHO

COALHO FRISIA

EM LIQUIDO E EM PÓ
1.ª Fábrica de coalho no Brasil

Único premiado com 10 medalhas
de ouro

Fabricado por
KINGMA & CIA. LTDA.

Mantiqueira - E.F.C.B.
Minas Gerais

★

À VENDA EM TODA PARTE
Peçam amostras grátis aos
representantes ou direta-
mente aos fabricantes.

**CRIADORES DE BOVINOS DA
RAÇA HOLANDESA**

Vendemos ótimos animais puros
de pedigree, puros por
cruza, etc.

★

Representantes:

CAIXA POSTAL, 342
Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL, 26
Santos Dumont - E.F.C.B. - Minas

CAIXA POSTAL, 3191
São Paulo

CAIXA POSTAL, 397
Porto Alegre
Rio Grande do Sul

PORCOS E PINTOS

SUINOS

Reprodutores Puros. Ternos des-
mamados e adultos: Duroc -
Jersey - Hampshire - Nilo - Co-
nastra e Caruncho.

PINTOS DE 1 DIA

ALTA SELEÇÃO E POSTURA
RAÇAS: New Hampshire e Le-
ghorn Branca. Sob inspeção per-
manente do Instituto Biológico.
Isento de Pulrose e Neuroinfo-
matose.

GRANJA DUDÚ

ATIBAIA - S. PAULO

Escrit. S. Paulo:

Rua Xavantes 176 - Fone 9-6884
Caixa Postal 7917 - End. Telegr.:
"Castor"

PORCOS

CARUNCHINHO

Disponos de reprodutores
machos e fêmeas desmama-
dos. Pedidos e informações
com Orlando de Barros Pe-
reira, Fazenda Santa Filome-
na, Caixa Postal, 187, Rio
Claro, Estado de São Paulo.

REVISTAS



Assin. - p. simples \$ 100,00
Assin. - registrada \$ 120,00
Pedidos à Revista

ÇAÇA E PESCA

Av. Casper Líbero, 58 - 5.ª -
sala 502 — SÃO PAULO

REVISTA DOS CRIA-
DORES — COLEÇÕES
finamente encaderna-
das, dos anos de:
1951, 2, 3 e 4 - Cada
volume Cr\$ 220,00.
Pedidos a esta redação.

CAXAMBU — GRANDE HOTEL

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

COLONAS DE 43 MM.

Cada centímetro por coluna comporta no máxi-
mo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 50,00 por centímetro
e por publicação

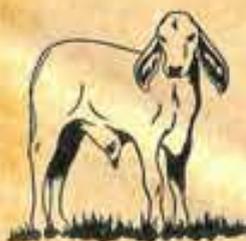
Otima oportunidade para os senhores fazendeiros,
criadores, comerciantes, etc. fazerem suas ofertas
para 6 publicações 10% de desconto
para 12 publicações 20% de desconto

Todo pedido de publicação deverá vir acompanha-
do da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES
Rua Frederico Abranches, 37 - São Paulo

FLAMULAS

Disponos para venda flamulas da
Primeira Leilão das Raças In-
dianas e Primeira Exposição-Feira
de Gado Leiteiro. Preço cada Cr\$
55,00, inclusive porte. Pedidos à
Associação dos Criadores — Rua
Frederico Abranches, 37 - S. Paulo



ULTRADINA VETERINÁRIA

protege
a criação

Dá gosto ver como sara uma criação atacada de diarreia e tratada com Ultradina Vet. Na fazenda, o Anti-Disintérico Ultradina Vet. facilita o trabalho de todos, curando logo e salvando tempo para outros serviços. Se aplica tanto em leitão como em galinha, tanto em bozerro como gado grande. Fácil de dar por bôca, nunca faz mal, sai barato e, além de curar, desinfeta as fezes, evitando novos contágios.

• O Anti-Disintérico Nitradina Vet. é dado por bôca, em qualquer estado, idade ou espécie de animal — não tem contra-indicações; pode ser guardado muito tempo, nunca se estroga. • Prefira o Concentrado para um litro, que sai ainda mais barato. • Os maiores criadores do Brasil afirmam as vantagens da Ultradina Veterinária.

Produtos de prata que valem ouro! Ultradina Veterinária é irmã do afamado pé Dinocargem à base de prata esponjosa

Pedidos à A. P. C. B., rua Frederico Abranches, 37 ou à Multifarma, à rua Direita, 191, 6.ª, SÃO PAULO



*com fome de sais minerais...
não se alcança lucro nem rebanho sadío*

Exija os SAIS MINERAIS IODADOS SIVAM - TIPO EXTRA

TIPO EXTRA B - para Bovinos e Ovinos - **TIPO EXTRA G** - para Aves
TIPO EXTRA M - para Suínos - **TIPO EXTRA E** - para Equinos

SIVAM - um nome - uma garantia - uma tradição de um quarto de século

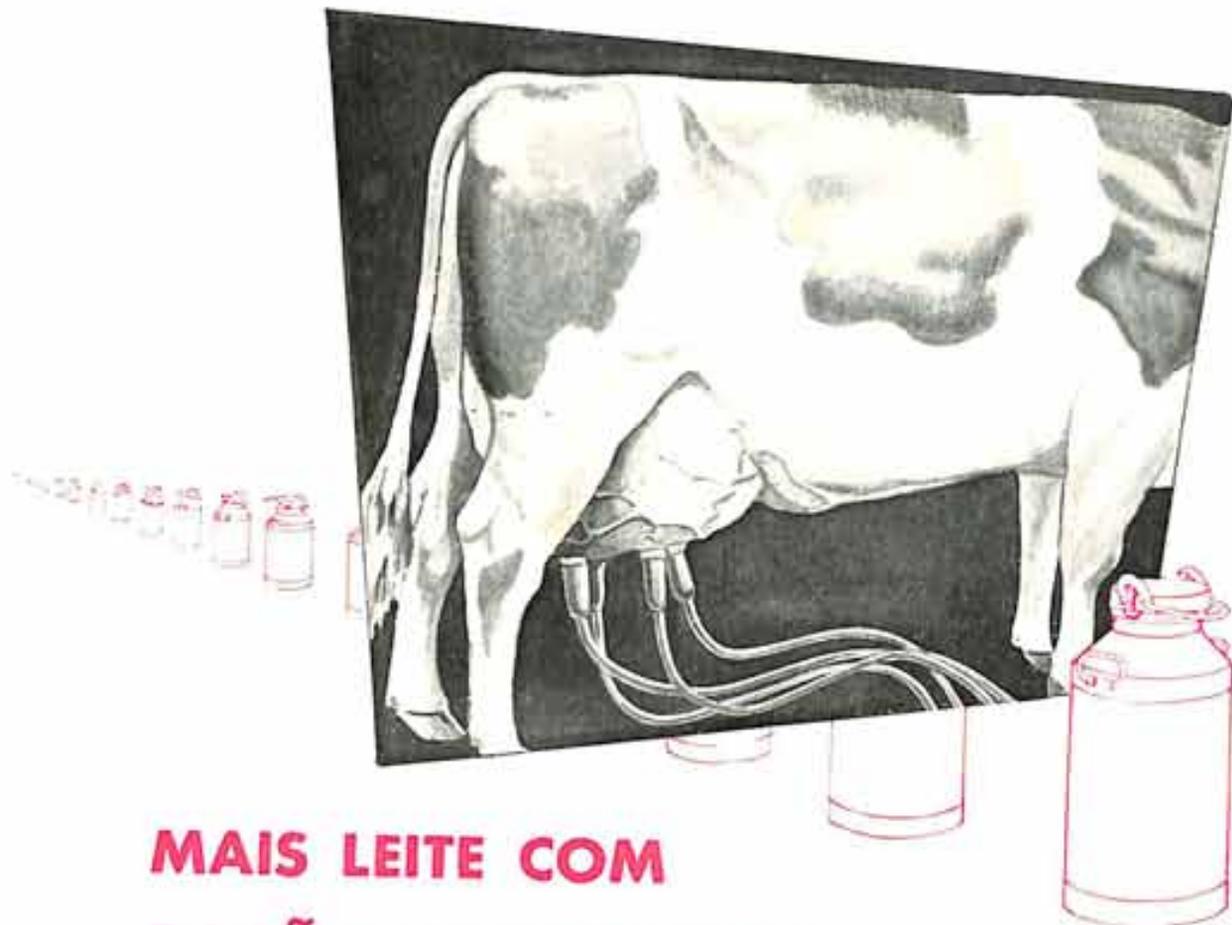


SIVAM COMPANHIA DE PRODUTOS PARA FOMENTO AGRO-PECUÁRIO

MILÃO - SÃO PAULO - HAM SUR HEURE - MADRID

SÃO PAULO - RUA 7 DE ABRIL N.º 105
CAIXA POSTAL, 9054 - FONES: 35-0921 - 35-7237

PORTO ALEGRE - RUA PINTO BANDEIRA N.º 357 - 2.º ANDAR
CX. POSTAL, 2521 - FONES: 4040 - 5414 - 91503 - RAMAL, 27



MAIS LEITE COM RAÇÕES MELAÇADAS

AGORA



VOCÊ pode produzir mais leite
com menos alimento.

Esta possibilidade lhe garantem
as novas **RAÇÕES MELAÇADAS**
da **SOCIL**, porque são:

- Mais nutritivas
- Mais saborosas
- Melhor digeridas



A Nova Fábrica

SOCIL PRO-PECUÁRIA S.A.

R. Ministro Campos Vergueiro, 85 (esquina da Avenida Speers)
Telefones: 5-0211 e 5-0298 — Caixa Postal 7.211 — São Paulo



REVISTA DOS CRIADORES



NESTE NUMERO

- 1955 — UM ANO DE IMPORTANTES REALIZAÇÕES PARA OS CRIADORES
- BONS OS RESULTADOS DO III LEILÃO DE GADO LEITEIRO E II DE GADO INDIANO
- VIII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE CAXAMBU
- A PLANTAÇÃO DO CAFEIEIRO EM RENQUES DE NIVEL E A MECANIZAÇÃO DA CULTURA
- A CRIAÇÃO DE BÚFALOS
- O CUSTO DE PRODUÇÃO DE NOVILHOS LEVES E PESADOS
- MERCADO DE LATICÍNIOS E DE CARNES